



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**TESTEMUNHO DO COTIDIANO: OS DIÁRIOS DE VICTOR KLEMPERER E O
ANTISSEMITISMO NA ALEMANHA NAZISTA**

GUSTAVO FEITAL MONTEIRO

Brasília - DF

2016

Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em História

**TESTEMUNHO DO COTIDIANO: OS DIÁRIOS DE VICTOR KLEMPERER E O
ANTISSEMITISMO NA ALEMANHA NAZISTA**

GUSTAVO FEITAL MONTEIRO

Orientador: Prof. Dr. Wolfgang Döpcke

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ione de Fátima Oliveira

Prof. Dr. Antônio José Barbosa

Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História como requisito para
obtenção do título de Mestre em História.

Brasília, dezembro de 2016.

GUSTAVO FEITAL MONTEIRO

**TESTEMUNHO DO COTIDIANO: OS DIÁRIOS DE VICTOR KLEMPERER E O
ANTISSEMITISMO NA ALEMANHA NAZISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História como requisito para
obtenção do título de Mestre em História.

Banca Examinadora

(Assinatura)_____

(Prof. Dr. Wolfgang Döpcke)

(Assinatura)_____

(Prof^a. Dr^a. Ione de Fátima Oliveira)

(Assinatura)_____

(Prof. Dr. Antônio José Barbosa)

(Assinatura)_____

(Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis)

Brasília, ____de_____ de_____

Os membros da Banca Examinadora consideraram o candidato

_____.

“One day when I was able to get up, I decided to look at myself in the mirror on the opposite wall. I had not seen myself since the ghetto. From the depths of the mirror, a corpse was contemplating me.” (WIESEL, 2006, p. 115).

RESUMO

A vida cotidiana na Alemanha durante o governo Nacional-Socialista foi constituída de uma união entre a permanência das estruturas sociais com a radicalidade política. Para os judeus, foi somado ainda a perseguição antissemita com sustentação ideológica oriunda do governo, o qual se demonstrou ativo na aplicação de suas crenças desde o primeiro ano no poder. Klemperer, considerado judeu pelas leis nazistas, registrou a sua experiência nesse período em seus diários, relatando a rotina marcada pela incerteza e pelo medo. A sua narrativa demonstra os efeitos da política opressora sobre a sociedade e as reações da aplicação das medidas antissemitas, dos quais sofreu diretamente, além de ressaltar como o medo coexistiu com a normalidade social. Com base nas descrições realizadas, é apontado como Klemperer procurou compreender o seu contexto, formando perguntas e buscando respostas utilizando as informações disponíveis, juntamente com a elaboração de interpretações sobre o antissemitismo social e a opinião popular. Focalizando na experiência cotidiana, é observado como a perseguição influenciou a sua percepção e contribuiu para a formação de sentido dos acontecimentos vivenciados.

Palavras-chave: Nazismo. Klemperer. Antissemitismo.

ABSTRACT

The everyday life in Germany during the National-Socialist government consisted of a confluence between the conservation of social structures with political radicalism. For the Jews, is added the anti-Semitic persecution with ideological support from the government, which proved to be active in the implementation of their beliefs since the first year in power. Klemperer, considered Jewish by Nazi laws, recorded his experience in this period in his diaries, reporting his routine marked by uncertainty and fear. His narrative demonstrates the effects of oppressive policy on society and the reactions of the application of anti-Semitic measures, from which he suffered directly, and to emphasize how fear coexisted with social normality. Based on the descriptions made, it is pointed how Klemperer tried to understand his context, forming questions and seeking answers using the available information, along with the development of interpretations about social anti-Semitism and popular opinion. Focusing on everyday experience, it is observed how the persecution influenced his perception and contributed to the formation of meaning on the experienced events.

Keywords: Nazism. Klemperer. Anti-Semitism.

NOTAS DE ESCLARECIMENTO

As referências bibliográficas utilizadas neste trabalho incorporam, quando possível, trechos das obras originais que são citados nos textos complementares. Tendo em mente a difícil acessibilidade a alguns livros, foi considerado adequado transcrever as palavras dos autores utilizados para melhor visualização das ideias que este estudo discute e se fundamenta.

As referências aos diários de Klemperer foram modificadas para evitar a excessiva repetição do padrão estabelecido e também para incluir a data na qual o registro foi realizado. Dessa forma, elas apresentar-se-ão como, por exemplo: registro feito no dia 14 de janeiro de 1933, em KLEMPERER, p. 11.

Para maior facilidade da leitura, foi dada preferência às citações dos diários de Klemperer na sua tradução para o português. Quando necessário, com o objetivo de observar os termos originais, foram incorporadas as maneiras pelas quais estas passagens se apresentam na edição alemã. Nesses momentos, foi utilizado o estilo padrão de citação bibliográfica.

Devido à predominância de obras em língua estrangeira na bibliografia, não foi realizada a tradução das citações feitas em inglês ou alemão. Esta medida busca evitar a maior extensão do texto deste trabalho.

A publicação alemã dos diários é apresentada como uma série de livros divididos em períodos de anos específicos, mas sendo todos pertencentes à mesma edição. Embora a coletânea tenha sido publicada como KLEMPERER, Victor. **Tagebücher**. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, na verdade ela divide-se em oito livros separados, sendo eles: **Tagebücher: 1933 – 1934**, **Tagebücher: 1935 – 1936**, **Tagebücher: 1937 – 1939**, **Tagebücher: 1940 – 1941**, **Tagebücher: 1942**, **Tagebücher: 1943**, **Tagebücher: 1944** e **Tagebücher: 1945**. Para que seja possível a identificação das obras, optou-se pela realização da citação completa quando necessário.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 PROBLEMAS DA HISTORICIZAÇÃO	20
1.2 TESTEMUNHO E ESCRITA.....	23
2 DRAMATIS PERSONAE	35
3 MEDO, APOIO E INCOERÊNCIA: RESPOSTAS DOS ANOS 1933 – 1935.	45
3.1 PRIMEIRA RESPOSTA: MEDO	47
3.2 SEGUNDA RESPOSTA: PROPAGANDA	53
3.3 UMA TERCEIRA RESPOSTA: INCOERÊNCIA OU COEXISTÊNCIA?	58
4 A BUSCA PELA NORMALIDADE E A REALIDADE COTIDIANA: 1936 – 1938.....	64
4.1 PROBLEMAS E DISTRAÇÕES DO COTIDIANO: CARRO, CASA E O ANTISSEMITISMO	68
4.2 EMIGRAÇÃO E IDENTIDADE PESSOAL, DISCURSO OFICIAL E REALIDADE SOCIAL	73
4.3 <i>ANSCHLUSS</i> E <i>KRISTALLNACHT</i>	79
4.4 O ESTADO DE APARÊNCIAS	84
5 NA SOMBRA DA GUERRA: 1939 – 1941	86
5.1 DISCURSO PELA PAZ, PREPARAÇÃO PARA A GUERRA	88
5.2 CONFLITO CONTRA A EUROPA	95
5.3 O JUDEU NA GUERRA E A GUERRA DO JUDEU	102
5.4 PERDENDO A CASA E OS BENS MATERIAIS.....	109
5.5 A ESTRELA AMARELA: PERDENDO A LIBERDADE E A DIGNIDADE.	116
5.6 O PRINCÍPIO DO FIM	121
6 O DESESPERO DO SOBREVIVENTE: 1942 – 1945.....	126
6.1 <i>GEHEIME STAATSPOLIZEI</i>	129
6.2 TESTEMUNHO	142
6.3 INTERPRETANDO COMPORTAMENTOS CONTRADITÓRIOS	147
6.4 NA INEVITABILIDADE DO FIM	157
6.5 A MORTE DE OUTROS	163
6.6 O ÚLTIMO INSTANTE.....	167
7 CONCLUSÃO: ENTRE PALAVRAS E EXPERIÊNCIAS	172
FONTES E REFERÊNCIAS	180

1 INTRODUÇÃO

Victor Klemperer não foi uma pessoa comum. Curiosamente, no decorrer de sua vida, diversas características de seu comportamento fornecem a percepção de uma personalidade pouco notável. A sua teimosia, o seu excessivo apego a determinados bens, suas variações de humor e a preocupação com a saúde podem ser apontados como elementos de sua frivolidade, dentre outros atributos que possuía. Ainda assim, é possível afirmar que Klemperer era uma pessoa extraordinária.

O contexto no qual viveu, apesar de ter sido excepcional, não foi o fator determinante para o seu destaque individual. Assim como várias pessoas, ele era filho de judeus vivendo na Alemanha nazista e considerava-se mais um alemão nacionalista do que um seguidor da fé judaica, buscando a conversão para a religião protestante por duas vezes como reflexo de sua assimilação pessoal e identidade alemã. Até mesmo a sobrevivência à humilhação, perseguição e extermínio que atingiu milhões de vidas em toda a Europa também é algo compartilhado com outros que, de formas diferenciadas, foram distintos na história contemporânea. Mesmo com todos esses elementos, é possível determinar que a extraordinariedade de Klemperer é devido, principalmente, à sua procura de compreensão racional.

Embora ele não possuísse conhecimento ou percepção além do que conseguia observar, aquilo que vivenciou foi escrito em seus diários de acordo com a sua análise e reflexão, desde o início do governo Nacional-Socialista até o fim da Segunda Guerra Mundial. Tal atividade não somente foi difícil, perigosa e desgastante, mas também encontrou obstáculos devido à incapacidade de conseguir transmitir sua experiência à escrita da forma que considerasse apropriada. Klemperer, mesmo ao presenciar aquilo que desafiava suas capacidades de compreensão, esforçou-se para estabelecer sentido ao que, até hoje, aproxima-se dos limites da credibilidade.

Talvez Klemperer seja mais conhecido pelo seu livro *LTI*,¹ o qual foi publicado inicialmente em 1947 e é um dos estudos iniciais mais relevantes sobre o período nazista, mas *Os diários de Victor Klemperer* também é uma obra indispensável para uma compreensão

¹ Possuindo o título original *LTI: Notizbuch eines Philologen*, a obra adquiriu o nome de *LTI: a linguagem do terceiro Reich* em sua tradução para o português. A sigla LTI é uma referência ao costume do partido Nacional-Socialista de utilizar abreviações em suas nomenclaturas oficiais e significa, em latim, *Lingua Tertii Imperii*. (KLEMPERER, 1998; KLEMPERER, 2009).

aprofundada sobre este tema.² Foi somente em 1995, cerca de 35 anos após a sua morte, que *Os diários* foram divulgados, recebendo publicações tanto na língua alemã original quanto no português e revelando suas anotações pessoais realizadas entre 1933 e 1945. Em sua versão alemã, os diários receberam o simples nome de *Tagebücher*, e tiveram que sofrer cortes em seu conteúdo devido ao volume do texto original. Já a versão em português, denominada de *Os diários de Victor Klemperer*, sofreu cortes ainda maiores e, de acordo com a nota do editor: “[...] parte das repetições foi eliminada (elas eram frequentes, num diário que não foi escrito com vistas a publicação); também foram abreviados, ou eliminados, incidentes e reminiscências sem maior importância na vida de Victor Klemperer no período nazista.” (KLEMPERER, 1999, p. 8). Uma comparação entre as duas edições possibilitou a verificação de que, para este estudo, o conteúdo retirado da publicação em alemão não foi relevante a ponto de gerar prejuízo na análise de seus registros (KLEMPERER, 1998).

Outros escritos, realizados por sobreviventes e vítimas que pereceram, também possuem a mesma intenção de narrar a experiência individual naquele período. Dentre as várias publicações conhecidas de memórias e diários, alguns autores são mais reconhecidos, como Primo Levi, Elie Wiesel, Anne Frank e Hélène Berr. Suas obras demonstram diferentes perspectivas dos acontecimentos e formas próprias de narração da experiência individual, mas todas compartilham a procura de descrever e compreender aquilo que foi observado (LEVI, 2013; WIESEL, 2006; FRANK, 2015; BERR, 2008). Esses autores foram confrontados com os mesmos questionamentos que incomodam os historiadores e demais estudiosos, podendo-se mencionar, entre os mais relevantes, a dificuldade na transmissão da dimensão da experiência pessoal para a escrita narrativa. Essa questão adquire proporções diferenciadas quando a experiência não se enquadra em outro modelo cognitivo previamente estabelecido. Em outras palavras, não se trata somente de como descrever o inacreditável, mas sim de como transmitir à narrativa a complexidade da experiência do inconcebível.

Enquanto que cada indivíduo procurou construir métodos próprios de racionalização do Nacional-Socialismo e do genocídio, a historiografia também incorporou outras questões que contribuíram para o direcionamento teórico e metodológico de sua abordagem, algumas dessas sendo mais recentes do que outras. As diferenças nos estudos do Nacional-Socialismo e do Holocausto pela história possuem variações derivadas do contexto sócio-político da Europa pós-1945 juntamente com a relação dos alemães com o seu próprio passado e

² Klemperer possuía o costume de escrever diários desde a juventude, e permaneceu com a escrita até perto de seu falecimento. Os diários datados de antes da chegada dos nazistas ao poder, assim como também aqueles referentes ao período posterior à Segunda Guerra, não chegaram a ser traduzidos para o português, apesar de existirem em outras línguas como o inglês e o original em alemão.

memória, os quais contribuíram para direcionar a análise em determinadas linhas de pesquisa. Segundo Friedländer:

Studies abound concerning the repression of the Nazi epoch in the German public sphere, including the early phases of history writing. Massive denial was blatant in the historical work of the late forties and fifties. In the early sixties signs of a transformation appeared, and that new approach dominated the late sixties and seventies. From then on various forms of denial and defensive reactions surfaced in a new guise. [...] In short, the burden of the past, both at the individual and the generational level, weighed and weighs as much on the historical discourse in Germany as among the community of the victims. (FRIEDLÄNDER, 1992, p. 46).

O estudo do Holocausto busca compreender a morte de aproximadamente seis milhões de seres humanos, fazendo com que as observações levantadas no debate acadêmico salientam a dimensão dessa atividade. A abstração inicial de determinadas interferências na busca pela objetividade epistemológica por meio da análise histórica, como foi realizado em diversas pesquisas, pode resultar na incapacidade de abranger o extermínio dos judeus em sua complexidade mais relevante: a sua perspectiva humana. Friedländer, em vários trabalhos, salienta as tendências historiográficas que evitam a abordagem subjetiva do Holocausto, focando nos diversos processos burocráticos e organizacionais do governo Nacional-Socialista. Segundo ele:

Historical writing about the Holocaust has increasingly attempted to circumvent such problems by focusing on the mechanisms that led to the “Final Solution” within Nazism itself, or on the logistics, the technology and the bureaucratic processes of its implementation, on the agencies of extermination and the behavior of the perpetrators. (FRIEDLÄNDER, 2000, p. 12).

Outras indagações, portanto, são adicionadas àquelas iniciais referentes à incapacidade da narrativa de reproduzir a experiência, na medida em que são considerados os limites do estudo baseado em tais registros pessoais. A análise da experiência individual como principal fonte do conhecimento histórico requer a focalização na complexidade dos sujeitos, ao mesmo tempo em que aborda a dimensão dos eventos. Ao enfatizar as amplas concepções, os vastos números e os diferenciados métodos de execução, deixa-se de levar em consideração os reflexos sobre aqueles que vivenciaram o período analisado e a sua capacidade de entender o que estavam observando.

Tais adversidades, que compõem parte da complexidade do estudo, surgiram nas fases iniciais desta pesquisa. Os diários de Klemperer são mais do que um relato da vida cotidiana de alguém considerado judeu na Alemanha nazista. São um registro da sua procura pela compreensão dos eventos enquanto ainda inserido no contexto de seu acontecimento. O estudo dessa obra fornece mais do que o seu valor descritivo, constituindo-se em algo que

aborda e desenvolve elementos dos princípios básicos da teoria e metodologia histórica e a possibilidade de uma perspectiva diferenciada por meio de uma aproximação subjetiva em seu nível empírico. Não se procura observar somente a descrição de Klemperer do governo nazista, mas sim identifica e interpretar a construção, por ele, de sentido àquilo que vivenciava.

Portanto, antes da análise dos diários, primeiramente este estudo focalizará na natureza da fonte selecionada. Determinar as suas características inerentes e demonstrar os métodos de abordagem empírica são os fundamentos sobre os quais será possível estabelecer uma observação mais apropriada da narrativa de Klemperer. Em seguida, os atributos pertencentes e formadores da sua subjetividade serão aprofundados, partindo de uma breve história dos judeus na Europa até a sua busca por assimilação na Alemanha. Com isso, será esclarecida a constituição de sua identidade nacionalista e de seus valores pessoais, que são afirmados constantemente e entram em choque com a realidade observada sobre as políticas nazistas. Sua formação acadêmica, seus estudos de linguística e até mesmo seus conflitos familiares são elementos que possibilitam a melhor compreensão de suas reações, opiniões e escolhas quando confrontado com determinadas situações extremas.

Após tal exercício, passar-se-á ao estudo dos diários, dividindo a obra de acordo com a sua estrutura narrativa em quatro diferentes períodos. O tema principal a ser desenvolvido se encontra na experiência pessoal de Klemperer e na sua tentativa de compreender racionalmente os eventos que vivenciou. Ou seja, serão abordadas as perguntas feitas e as respostas encontradas por ele na formação de sua explicação e interpretação social do contexto que o cercava. Cada período estabelecido possui questionamentos específicos de acordo com as mudanças e com os acontecimentos que ocorriam, afetando-o diretamente ou não. Por meio da análise segregada de cada divisão periódica, serão identificados os aspectos mais relevantes abordados por ele e suas interpretações dos acontecimentos.

O questionamento central que direcionará o estudo de sua experiência pode ser identificado através da influência do antissemitismo na formação da perspectiva de Klemperer. Apesar da grande relevância das demais observações na sua interpretação, as ações contra os judeus ainda se constituem no principal elemento do qual os outros são derivados ou ao qual são conectados nos seus diários. O antissemitismo não foi descrito somente como presente, mas sim como sendo essencial na influência sobre a vida e na compreensão de seu contexto. A indagação que guia a abordagem da experiência de Klemperer é apresentada como: de quais formas o antissemitismo do Nacional-Socialismo foi sentido e compreendido por Klemperer?

As práticas contra os judeus, no entanto, foram realizadas de diversas formas durante o governo Nacional-Socialista. As medidas oficiais podem ser observadas por meio da propaganda do partido nazista e das leis implementadas, as quais ocasionaram ações efetivas das forças policiais sobre os judeus. Já os reflexos dessas iniciativas sobre a população, por sua vez, também foram variados de acordo com o momento de efetivação das políticas antissemitas, alternando entre ignorância e manifestações públicas tanto de apoio quanto de críticas, dependendo do contexto.

Devido, em grande parte, à heterogeneidade da aplicação da política antissemita, Klemperer registra reações igualmente distintas. Apesar da variedade de opinião, ainda é possível estabelecer determinados períodos nos quais o seu comportamento apresentou características constantes de acordo com a permanência de elementos específicos de seu contexto. Enquanto que, aparentemente, possa existir uma frequente alteração na expressão das opiniões de Klemperer, somente em determinados acontecimentos houve a motivação para a formação de novas fundamentações da sua percepção. Em outras palavras, acontecimentos cotidianos contribuíam para que ele registrasse posicionamentos distintos em curtos períodos, porém foram poucos os momentos nos quais os diários mudam a sua fundamentação analítica na construção da compreensão racional.

No primeiro período, de 1933 a 1935, o estudo aborda os registros iniciais nos diários de Klemperer e a chegada do partido nazista ao poder, indo até a perda do seu emprego pouco antes das Leis de Nuremberg. Este recorte temporal é feito tendo em mente a fase inicial da aplicação do antissemitismo, a qual Klemperer descreve juntamente com a política e as reações sociais na Alemanha. Enquanto que o antissemitismo foi logo colocado em exercício com um boicote, ele procurava compreender como o Nacional-Socialismo mantinha-se no poder com tantas demonstrações de violência. Os questionamentos presentes nos diários são voltados para a identificação dos motivos para o apoio ao partido e a falta de oposição social.

A intenção neste trecho é estudar a presença do medo da repressão e a reação da população à propaganda ideológica mais extravagante do partido, principalmente a antissemita. O objetivo é identificar o impacto do antissemitismo e a relevância desta ideologia na sociedade e no cotidiano de Klemperer ao mesmo tempo em que os nazistas se consolidavam no poder. Mais especificamente, como Klemperer interpreta a permanência do nazismo ao observar a reação popular à violência e à prática aberta da agressividade contra os judeus?

Já o segundo período, de 1936 a 1938, parte das Leis de Nuremberg implementadas no ano anterior e aborda os acontecimentos até a Noite dos Cristais, ao final de 1938. Nesses

anos, Klemperer observa ondas de maior intensidade na expressão do antissemitismo ao final de 1935 e durante 1938, sendo intercaladas por intervalos de relativa calma. Dessa forma, a seleção foi realizada de acordo com a implementação legal das medidas antissemitas juntamente com a intensificação da propaganda que procurava justificar tais atos. O evidente contraste entre o início e o final dos anos selecionados estabelecem a mudança na sua percepção que, comparando com o período anterior, passa a se fundamentar em bases diferenciadas. Os questionamentos entre 1933 e 1935 eram voltados às origens do apoio popular, mas, após três anos de governo nacional-socialista, Klemperer se concentra em outras indagações na compreensão do seu contexto e da descontinuidade do antissemitismo nazista.

Devido à irregularidade dessas práticas, ele busca realizar atividades independentes e continuar seus estudos, mesmo após a perda de seu emprego, na tentativa de abstrair-se dos seus problemas e da sua situação pessoal. Esse aspecto será central nesse período, uma vez que Klemperer destina grande parte de sua atenção e de seus recursos na manutenção de sua casa e de seu carro, ao mesmo tempo em que nega a possibilidade de emigração. Suas preocupações são mais voltadas à procura por manter a sua propriedade e a normalidade de sua vida. A quase ausência do antissemitismo nos registros e a afirmação de constantes incertezas o incentivam a ser descuidado com seus gastos pessoais e fazem com que se mantenha afastado de qualquer reflexão do futuro. Tal perspectiva foi alterada com o retorno da propaganda antissemita e com o estímulo pela violência contra os judeus, contribuindo para que ele volte a sua atenção ao desenvolvimento do antissemitismo pelo Nacional-Socialismo.

Partindo destes pontos, o objetivo nessa divisão é examinar como, apesar do antissemitismo do governo Nacional-Socialista, ainda havia a normalidade na vida social e a reafirmação de Klemperer de sua vontade de permanecer na Alemanha, defendendo a sua identidade pessoal com maior determinação contra a emigração. Também se procura evidenciar como a sua interpretação do nazismo foi alterada pela Noite dos Cristais, demonstrando para ele o que o governo estaria disposto a fazer com os judeus. Mais do que a sustentação ou o declínio do partido, este período é demarcado pela coexistência da normalidade da vida com a agressividade antissemita. Isto é, como Klemperer observou o aumento da radicalidade na sociedade e tentou manter a sua vida distante da agressividade nazista?

O terceiro período, de 1939 a 1941, inclui o começo da Segunda Guerra até a invasão da Rússia e o início das derrotas alemãs. Nesse trecho há grande quantidade de conteúdo,

quase todo voltado à guerra e ao seu reflexo na sociedade. O impacto social dos conflitos e a predominância do discurso vitorioso confrontavam a realidade das consequências sobre a população. Primeiramente, Klemperer demonstrou preocupação quase exclusivamente com guerra, buscando quaisquer informações que pudessem esclarecer-lhe sobre o seu andamento. Através desta atividade, ele identificou a inconsistência da imprensa e da propaganda Nacional-Socialista, uma vez que não havia relação dos discursos oficiais com a realidade por ele observada. As medidas restritivas, a falta de produtos e a longa duração do conflito geraram reações que, segundo Klemperer interpreta, apontam para a impopularidade do governo e da guerra.

Já o antissemitismo foi exercido mais explicitamente, com leis mais rígidas para os judeus, seu quase total isolamento social e a constante opressão. A guerra possibilitaria a criação de guetos e de casas de judeus, assim como o estabelecimento da estrela amarela que os identificaria em público a qualquer momento. Para Klemperer, essas medidas seriam as mais intensas de todas as práticas do antissemitismo nazista e influenciariam para moldar o seu comportamento e a sua interpretação.

Os objetivos nesta seção são focalizados na observação de alguns pontos específicos: inicialmente, como Klemperer percebeu a opinião popular voltada para a guerra e reagiu ao desenvolvimento do conflito na Europa. Em seguida, no impacto das medidas antissemitas sobre ele e em como buscou adequar-se às novas determinações do partido. Suas reflexões individuais e reações apontam para a percepção do grande desespero no qual ele encontrava-se nesse período, mas ainda demonstrando a manutenção da continuidade e a intenção de evitar pensar em seus problemas.

Dessa forma, o interesse que a população demonstrava pelos judeus é visto a partir da presença que a guerra possuía na sociedade alemã. A maior agressividade da propaganda e das atitudes contra os judeus ocorreu paralelamente ao desenvolvimento da guerra, e as reações populares ao conflito e ao antissemitismo foram registradas por Klemperer na sua procura pela compreensão da fundamentação social de ambos elementos. Ou seja, como ele compreende o início da guerra e reage à violência do antissemitismo?

O último período, de 1942 a 1945, inicia com o aumento da perseguição da Gestapo, passando pela intensificação das deportações e as derrotas alemãs, até o final da guerra. Esses anos finais serão caracterizados pelo extermínio dos judeus, cuja realização, apesar de feita em segredo, era conhecida por Klemperer e interpretada como consequência das deportações. Em meio às buscas domiciliares e ao trabalho obrigatório para o qual é convocado, ele afirma um novo propósito na sua escrita, passando a realizar por meio dela um testemunho que

registra o seu sofrimento pessoal. Essa última mudança em sua perspectiva, derivada da possibilidade real de morte, ocorre juntamente com a fundamentação do objetivo de descrever a sua experiência a qualquer custo e sob quaisquer riscos.

No início de 1945, quando estava próximo de sua própria deportação, Klemperer foi salvo pelo grande bombardeio de Dresden, no qual ele removeu a estrela costurada em suas roupas e, assumindo uma nova identidade, conseguiu fugir em meio aos refugiados juntamente com sua esposa. Sofrendo diversos ataques intensos por aeronaves durante um período de poucos dias, uma grande parte da cidade foi destruída com altos números de baixas civis, possibilitando-o escapar no dia 14 de fevereiro, no bombardeio que mais atingiu a área residencial e comercial onde os civis estavam concentrados.

Seus questionamentos levam-no a ressaltar a presença de poucas informações do desenvolvimento da guerra. Nesses anos, Klemperer observa a alteração no discurso oficial do Nacional-Socialismo e a nova presença da propaganda na manutenção da opinião e do moral popular. Outro ponto presente nos seus registros se refere à falta de recursos básicos para a sociedade e ao aumento da repressão das forças policiais, principalmente a Gestapo, na manutenção da ordem através do uso da ameaça e do medo. Klemperer percebeu que, devido à gravidade crescente das situações militar e social na Alemanha, poucos ousaram manifestar críticas que eram compartilhadas por muitos e todos apenas procuravam sobreviver até o fim da guerra.

Com relação ao antissemitismo, Klemperer voltou a sua atenção para a irregularidade das deportações. Os decretos que limitavam a sua liberdade o motivaram para alterar o seu comportamento, de forma que o medo ditou toda e qualquer ação por ele realizada em seu cotidiano. Seu desespero era visível principalmente quando se encontrava fora de sua residência, onde estava exposto e sujeito a sofrer qualquer ação antissemita da polícia ou até mesmo da população. As passagens presentes nesse período demonstram visivelmente a influência que esses fatores geraram na sua compreensão.

Um dos objetivos principais nesse último trecho é ressaltar como, até nos anos finais do governo Nacional-Socialista, os judeus ainda encontravam com alemães dispostos a arriscarem-se para oferecer um tratamento gentil. Explorando discursos oficiais, é perceptível como a radicalidade aumentou com a derrota iminente, e que o Nacional-Socialismo procurou manter o controle social por meio da propaganda e de ameaças, mesmo quando já era claro o desfecho da guerra. Através da análise dos registros, são identificados os reflexos sociais à intensa propaganda ideológica do nazismo segundo as observações de Klemperer, sendo que, em vários casos, ele presenciou aberta oposição ao partido. Por mais simples que tenha sido,

esse comportamento social identificado por ele demonstra tendências que possibilitam a formação de questionamentos sobre o reflexo do antissemitismo na população em seu período de maior atuação e opressão política. Ou melhor, tendo em mente a possibilidade de punição do partido NSDAP, como Klemperer descreve as reações das pessoas quando confrontadas com o antissemitismo ao final da guerra?

Outro objetivo essencial é relacionado ao extermínio. As mortes dos judeus foram conhecidas por Klemperer ainda em 1942 e, tão relevante quanto aprofundar o estudo nas informações sobre o Holocausto que ele tinha acesso, é preciso observar os efeitos que esse conhecimento gerou em sua vida e em suas atitudes. A percepção da proximidade de seu próprio fim foi o momento no qual houve a alteração em sua escrita e na intenção de realizar o registro como um testemunho. Dessa forma, procura-se identificar a disponibilidade do conhecimento das deportações e das mortes para a população, assim como a influência que essa informação tinha no estabelecimento do comportamento da sociedade e, principalmente, de Klemperer. Em outras palavras, como Klemperer interpretava e quais as suas reações às deportações e às mortes dos judeus?

Percebe-se que este trabalho adquire maior extensão na análise dos anos finais da Segunda Guerra. Essa característica é derivada da relevância que os assuntos abordados nessas últimas divisões possuem, assim como também são um reflexo do tamanho dos registros de Klemperer, principalmente a partir de 1942. Devido a isso, os dois últimos capítulos são não somente maiores do que os demais, mas também apresentam uma quantidade mais elevada de citações realizadas neste período.

As denominações de cada capítulo refletem os aspectos que serão ressaltados nos seus respectivos trechos. Enquanto que alguns fazem referência às percepções ou conclusões derivadas da compreensão de Klemperer, outros títulos são derivados de acontecimentos políticos ou do sistema organizacional do partido nazista e de sua estrutura. A variedade não se constitui em alterações de metodologia analítica da pesquisa ou modificação no objeto central a ser estudado, apenas são relacionados com os principais elementos presentes nas observações de Klemperer e que influenciaram, de uma forma ou de outra, na composição de sua compreensão.

Deriva-se destes pontos a conclusão geral do trabalho. Enquanto que o antissemitismo foi exercido pelo nazismo e refletiu na sociedade de diversas maneiras, Klemperer observou a todos os acontecimentos criticamente, mesmo sendo afetado pessoalmente por eles. Devido a esta prática, ele aponta a existência de questões de análise histórica que este trabalho ressalta,

como o impacto social da ideologia antissemita, as alterações no comportamento individual dos alemães e a diversidade do tratamento destinado aos judeus.

Ao mesmo tempo em que essas observações são levantadas, este trabalho responde à sua proposta principal feita por meio da heterogeneidade e da irregularidade do antissemitismo nos doze anos de Nacional-Socialismo. Juntamente com as variadas maneiras da prática antissemita, é notável como cada iniciativa afetou a vida de Klemperer individualmente, gerando interpretações e reações que variavam de acordo com o contexto. Inicialmente, Klemperer não tinha conhecimento da dimensão que as políticas raciais poderiam adquirir, resultando em interpretações otimistas sobre a permanência do governo e de sua capacidade de exercer o antissemitismo. Quando a extensão da violência lhe foi perceptível, outras preocupações mais urgentes ocorreram com o início da guerra, deixando-o sem possibilidade de ação além da espera e da esperança pela sobrevivência.

A resposta atingida por ele pode ser apontada através da adaptação. Na busca pela sobrevivência, Klemperer alterou o seu comportamento de acordo com a sua compreensão dos acontecimentos e com a compreensão do antissemitismo. Pelos diários, é visto como o nazismo, até o final de seu governo, afirmou o seu princípio ideológico e praticou a perseguição e o extermínio dos judeus. A sobrevivência de Klemperer pode ser atribuída, além da sua sorte, ao exercício de interpretação e à modificação do seu comportamento de acordo com as respostas encontradas.

A sua esposa, Eva, também deve ser reconhecida por contribuir para a sobrevivência de Klemperer. Enquanto “ariana”, o seu casamento protegia e atribuía a ele determinados benefícios que eram inacessíveis a judeus solteiros ou a casamentos nos quais ambos os cônjuges eram judeus. Compartilhando das dificuldades enfrentadas e recusando-se a recorrer ao divórcio, ela possibilitou que Klemperer tivesse maior acesso à comida, fosse protegido de deportação e até mesmo que conseguisse esconder as páginas escritas dos diários. Infelizmente, a sua presença nos registros não é frequentemente associada às medidas antissemitas que constituem no objeto central deste estudo. Apesar da relevância de Eva para a sobrevivência de Klemperer, a análise dos diários será direcionada à compreensão que ele formava de seu contexto, abordando a presença dela nos momentos em que são referentes a esse propósito.

Esta análise finaliza ressaltando que as respostas atingidas, por mais específicas à cada período que possam ser, são provenientes da questão principal apresentada. A experiência de Klemperer, documentada em um longo período no qual são registrados diversos acontecimentos impactantes a ele, não demonstra homogeneidade assim como também não

possuía a manutenção de uma compreensão concisa e imutável. As alterações das suas reflexões, percebidas pela leitura de seus registros, podem significar a inconsistente e contraditória natureza de sua personalidade, mas também apontam para a sua procura de reavaliação e reinterpretação derivadas do constante questionamento de seu contexto, o qual era, por si só, bastante instável.

Com este estudo, é realizada uma análise histórica do período Nacional-Socialista alemão partindo de uma perspectiva individual, cuja subjetividade é ressaltada na procura de evidenciar a forma pela qual o antissemitismo nazista, tanto na propaganda quanto na sua prática, afetou a vida cotidiana de uma de suas vítimas. Enquanto que alguns historiadores procuraram identificar a opinião popular ou as formas pelas quais os cidadãos alemães tendiam a agir com relação aos judeus, os diários de Klemperer contribuem para o debate acadêmico por meio da visualização de como esse comportamento, seja ele hostil ou não, o afetou pessoalmente e influenciava a sua interpretação daquilo que procurava compreender.

Mais do que a identificação de uma nação formada por antissemitas, ou cuja população apoiava o antissemitismo em certas medidas, os diários de Klemperer tangem a possibilidade de que os alemães eram indivíduos cujas atitudes referentes aos judeus não eram nem homogêneas e nem facilmente perceptíveis, sendo raramente expressadas em um ambiente que era vigilante, repressivo e violento com qualquer manifestação de oposição ideológica ou crítica política. Pode-se afirmar que estudos sobre a opinião popular realizados por diversos historiadores utilizam determinadas fontes específicas, como os relatórios SD (*Sicherheitsdienst*) elaborados pela SS, ou os relatórios feitos pelo Partido Socialista Alemão no exílio (*Sopade*). Juntamente com jornais e publicações da propaganda, a maioria destes documentos foi elaborada pelo próprio partido NSDAP. Várias agências pertencentes ao partido nazista procuravam identificar respostas da população referentes à determinados temas ou situações nas quais a Alemanha encontrava-se, dentre eles o antissemitismo. Embora os historiadores percebem suas limitações empíricas, ainda se mantêm restritos a elas e à sua interpretação. Bankier, por exemplo, aborda como realizou a metodologia de análise e a seleção do material estudado, afirmando que:

What problems does the use of this material pose? The major difficulty that arises is how to assess the influence of public opinion when drawing on sources which, by their very nature, do not reflect 'public opinion' in the conventional sense of the term, but rather the moods and attitudes of a population subject to state coercion. (BANKIER, 1996, p. 9).

Porém, mesmo com a percepção desses elementos, o excessivo foco em tais documentos interfere na profundidade da capacidade interpretativa, uma vez que, como

observa Unger: “[...] *it may be assumed that the readiness with which people volunteer information on their true beliefs and sentiments decreases in inverse ratio to the scope of official doctrine and the rigor with which deviations from it are persecuted.*” (1966, p. 565). E continua:

[...] it is clear, as much from the kind of information included in the reports as from that not included, that the party rarely overcame the fundamental handicap inherent in the fact that people living in a totalitarian state do not as a rule air their doubts and criticisms of the regime in the presence of its representatives. (UNGER, 1966, p. 570).

À vista disso, este estudo questiona os limites de aplicação de algumas afirmações realizadas por outros estudiosos, na medida em que Klemperer fornece uma perspectiva a qual, por mais que seja limitada, não reflete inteiramente os demais modelos explicativos previamente defendidos. Ao mesmo tempo, o diálogo com a historiografia permite uma análise que faz a estrutura social e a dimensão dos acontecimentos políticos coexistirem com a singularidade do sujeito, evidenciando a sua relação e esclarecendo as influências de um sobre o outro.

Klemperer não foi deportado, assim como também não chegou a entrar em um campo de concentração. Durante todo o governo Nacional-Socialista ele ficou em território alemão, estando submetido à legislação antissemita, sendo vítima das arbitrariedades burocráticas e, durante doze anos, temendo por sua vida. Ele conviveu com o nazismo durante todos os dias do regime, chegando a acreditar, em vários momentos, que não sobreviveria para ver seu fim. Klemperer procurou escrever para narrar a sua experiência, testemunhar o vivido e mostrar, como ele mesmo afirma, que:

Cada dia que passa reafirma novamente que esta guerra é de fato a *guerra judia* para o Terceiro Reich, que ninguém pode vivenciá-la de maneira mais central e trágica do que o judeu, segundo sua educação, formação e sentimento, o judeu alemão estrelado, mantido encurralado na Alemanha, portanto, cada dia que passa isso homologa o meu trabalho.³

1.1 PROBLEMAS DA HISTORICIZAÇÃO⁴

A complexidade dos eventos, o impacto das políticas e os reflexos dos discursos oficiais sobre os sujeitos, juntamente com a singularidade da experiência, não estão presentes

³ Anotação realizada em 14 de janeiro de 1945, em KLEMPERER, p. 748.

⁴ Neste trabalho, considera-se “historicização” como o processo de analisar determinado tema como objeto de estudo histórico. Este título é derivado do artigo de Rüsen no qual há a observação do debate realizado entre Friedländer e Broszat sobre as formas apropriadas de se estudar o nazismo e o Holocausto (RÜSEN, 1997).

com frequência na escrita da história do Nacional-Socialismo.⁵ A ausência de tal metodologia é derivada da aproximação objetiva com o passado que mantém o distanciamento emotivo, pela qual os historiadores procuram evitar que conflitos com a memória interfiram no estudo racional. Porém, ao invés de balancear ambos os elementos, a diminuição da subjetividade na história gera, de acordo com Friedländer, uma “cautela paralisante” (FRIEDLÄNDER, 2000, p. 11).

A existência de estudos que procuram desenvolver fundamentos teóricos dessa abordagem pode ser encontrada desde a década de 1970, quando Lüdtke aprofundou pesquisas que estabeleceram uma perspectiva da história do cotidiano. *Alltagsgeschichte*, como denominada em alemão, possibilita a abordagem de uma concepção subjetiva do indivíduo enquanto inserido no seu contexto, constituindo-se como uma forma de estudo histórico que é mais observadora de sua particularidade. Embora seja similar à história da vida privada,⁶ ela possui objetivos diferenciados ao focalizar a vida cotidiana e as características que constituem as atitudes individuais de pessoas comuns, relacionando-as aos eventos políticos, sociais e culturais externos a elas.⁷

Duas características principais são identificadas por Lüdtke na percepção do “cotidiano” como objeto de estudo. A primeira delas se refere ao conceito de “normalidade”, por meio do qual a vida social é organizada e procura a estabilidade através da repetição de ações rotineiras. Já a segunda característica observa que os indivíduos são objetos de estudo tanto quanto são sujeitos históricos. Ou seja, suas atitudes refletem o seu contexto político, social e cultural, e são ativos participantes das práticas sociais, seja reforçando-as ou opondo-se a elas. Nas palavras do autor: “[...] *the focus is on the forms in which people have “appropriated” – while simultaneously transforming – “their” world.*” (LÜDTKE, 1995, p. 7).

Com relação à Alemanha durante o Nacional-Socialismo, ao invés de abordar a burocracia mecanizada do Estado, a história do cotidiano daria “rostos” aos indivíduos, percebendo as suas particularidades e possibilitando a observação de uma realidade mais complexa, na qual “[...] *historical actors were (and are) more than mere blind puppets or*

⁵ Segundo Friedländer: “A closer look indicates that after the initial period of silence, and with the exclusion of ideologically dominated historiography, most historians approaching the subject have dealt either with descriptions of the background or with narrations of the Shoah, never, to my knowledge, with an integrated approach to both.” (FRIEDLÄNDER, 1992, p. 50).

⁶ Vários pontos abordados na coleção História da Vida Privada podem ser caracterizados como congruentes com aqueles que a história do cotidiano procura focalizar, evidenciando a porosidade das limitações de abrangência dos ramos historiográficos. (PROST; VINCENT, 2009).

⁷ Segundo Lüdtke, “*It studies the everyday toil and festive joys of men and women, the young and the old, individuals emerge as actors on the social stage.*” (LÜDTKE, 1995, p. 4).

helpless victims.” (LÜDTKE, 1995, p. 5). Lüdtke enfatiza que a *Alltagsgeschichte* não procura minimizar a culpa dos perpetradores ou o sofrimento das vítimas, mas sim demonstrar como aqueles estavam pessoalmente envolvidos viam a sua participação no processo, assim como as vítimas, por sua vez, procuravam reagir e adaptar-se às pressões na sua busca pela sobrevivência.

A história do cotidiano pode gerar a interpretação de que a normalidade e a estrutura social permaneceram mesmo no período nazista, o que retiraria parte dos elementos que torna esse tema único. Rüsen, em uma análise do debate entre Friedländer e Broszat, ressalta que um dos pontos discutidos entre ambos os historiadores se caracteriza pela procura, do primeiro, de salientar os elementos tais quais a violência e o genocídio que estiveram presentes e que destacam este período, enquanto que, de acordo com Broszat, a abordagem histórica possibilitaria a formação de uma continuidade que se ligaria ao passado alemão.⁸

A análise, assim como defendido por Revel, permite abordar a perspectiva do indivíduo como experiência histórica singular, uma vez que o nível de observação mostra uma realidade mais complexa, móvel e pouco homogênea (REVEL, 1998, p. 23). Young também defende uma narrativa histórica que integre a memória individual com a historiografia, o que esclareceria a normalidade percebida pela história do cotidiano. Segundo o autor: “*Such interruptions would remind readers that this history is being told and remembered by someone in a particular time and place, that it is the product of human hands and minds.*” (YOUNG, 1997, p. 38).

No entanto, ainda se observa a necessidade de fundamentação empírica na sua realização. As fontes nas quais os sujeitos registraram acontecimentos cotidianos e sua participação individual dentro de seu contexto específico não são abundantes, e principalmente são estabelecidas em cartas, memórias pessoais e diários. Mesmo sendo escritos particulares, ou seja, em que o sujeito fala de si e da realidade que vive, ainda são observadas grandes diferenças entre a narrativa de memórias, cartas e diários, o que dificulta quaisquer classificações mais abrangentes.⁹

Devido à característica subjetiva da memória e da escrita pessoal, tais fontes não foram incorporadas ao estudo histórico do nazismo e do Holocausto como objeto central. A

⁸ Rüsen não vê contradições em ambas formas, e defende que podem ser conciliadas dependendo da escolha da delimitação na perspectiva de estudo. De acordo com o autor, “*The historicization of National Socialism acts as a prism, bringing into sharper analytical focus diverse features of the tasks, achievements and limits of historical thought at the end of our century.*” (RÜSEN, 1997, p. 114).

⁹ Até mesmo as denominações de tais fontes constituem formas diversas, sendo que a mais aplicada pela historiografia alemã apresenta-se como *Ego-Dokument*. Em português, observa-se a obra de Castro Gomes que as classificam como *escritas de si* (GOMES, 2004).

história e memória podem ser distinguidas pela caracterização da primeira como estudo dos acontecimentos, enquanto que a segunda pode ser descrita através da forma pela qual tais acontecimentos foram percebidos. A busca pela objetividade contribui para que essa diferenciação direcione os historiadores a deixar de abordar as memórias em suas análises do passado. Young aponta que tal distinção não somente aumenta uma distância artificial entre ambos, mas faz com que o historiador perca o valor do testemunho do sobrevivente na pesquisa histórica (YOUNG, 1997, p. 50).

O autor também defende que a incorporação da memória dos sobreviventes aos estudos históricos permite a observação de como tais eventos foram percebidos enquanto se desenvolviam, uma vez que a narrativa das reflexões dos acontecimentos, juntamente com a descrição em seus escritos daquilo que viram e presenciaram, faz parte da realidade histórica. Dessa forma, para Young:

This is why we need to find a middle road by which the living memory of the eye-witness might be assimilated to the historical record without using it only rhetorically to authenticate any given narrative, without allowing it to endow the surrounding narrative with the seeming naturalness of the survivor's voice. (YOUNG, 1997, p. 52).¹⁰

O estudo que propõe abordar a perspectiva individual não intenciona relativizar o conhecimento histórico, ou servir somente de comprovação descritiva dos eventos. A percepção e descrição dos acontecimentos, por meio dessa metodologia, não considera os “fatos” mais relevantes do que seu impacto ou reflexo sobre os sujeitos. Pelo contrário, a inserção do indivíduo na análise histórica ocorre através do estudo de sua compreensão e no enfoque da sua concepção refletida sobre o contexto no qual vive. O objetivo principal é identificar a realidade histórica tal qual foi percebida e transformada em narrativa da experiência. Assim como Young afirma em *“In this sense, the diaries assume importance far beyond whatever ‘facts’ they could possibly deliver, for the interpretive truths reflected and constructed within these narratives may ultimately have constituted the bases for action taken by the writer and his community.”* (YOUNG, 1987, p. 419).

1.2 TESTEMUNHO E ESCRITA

O estabelecimento de categorias analíticas e parâmetros metodológicos para o estudo de diários como o de Klemperer encontra dificuldades devido às similaridades que podem ser

¹⁰ Diferentes narrativas da experiência não significam formas conflitantes ou, partindo de uma maior ou menor proximidade com os eventos, que uma experiência se torna mais autêntica devido a sua “factualidade”. Pelo contrário, significam que o mesmo evento pode ser vivenciado e descrito de diferentes maneiras, devido às formas individuais de atribuir sentido à elas (YOUNG, 1997, p. 56).

identificadas com outros escritos da experiência pessoal e à grande diversidade de formas nas quais tal prática pode ser realizada. Cartas e memórias, tanto orais quanto escritas, também podem ser inseridas em uma classificação de escrita subjetiva na qual o indivíduo narra sobre si, assim como os diários. Porém, cada um possui elementos específicos e objetivos distintos que os tornam únicos em sua narrativa.

Aliado a isso, diversas questões envolvendo a escrita são observadas, tais quais a individualidade, a subjetividade, o testemunho e a privacidade que direcionam a prática em cada caso específico. A análise desses pontos explora alguns dos elementos particulares que constituem os diários. Vários artigos ressaltam a dificuldade de estabelecer padrões que determinem a estrutura de uma escrita pessoal, e, devido a isso, não se torna possível fundamentar uma classificação derivada de sua forma. Pode-se apontar, em primeiro lugar, a afirmação de Paperno *“Diaries seem to present more of a difficulty. Many scholars have commented on the uncertain situation of the diary.”* (PAPERNO, 2004, p. 561). Já Hellbeck aponta que *“Its ‘uncertain’ nature between literary and historical writing, between fictional and documentary, spontaneous and reflected narrative, has frustrated many a literary specialist in search for canonical clarity.”* (HELLBECK, 2004, p. 621). Por último, Kuhn-Osius defende que: *“It is very difficult to say anything about diaries which is true for all of them.”* (KUHN-OSIUS, 1981, p. 166). É oportuno, neste momento, estabelecer critérios de observação de narrativas pessoais, identificando elementos relevantes e aprofundando na estrutura dos textos escritos para uma melhor abordagem analítica.

Tozzi procura estabelecer a escrita da experiência pessoal em uma “epistemologia do testemunho”, na qual essas obras, assim como outras similares, não podem cair no “fundacionalismo empiricista”. Ou seja, os testemunhos não devem ser observados para servir como comprovação de acontecimentos através de sua relação com outras documentações. Segundo ela, esses documentos são, em si, formas de transmissão do conhecimento, que contribuem para a constituição dos eventos como acontecimentos históricos (TOZZI, 2012).

Embora Tozzi não cite, Young já tinha realizado afirmações semelhantes anteriormente, aprofundando e elaborando de forma mais clara o estabelecimento de tais narrativas como reconstrução da experiência, em *“Rather than coming to Holocaust diaries and memoirs for indisputable ‘factual’ testimony, however, the critical reader might now turn to the manner in which these ‘facts’ have been understood and reconstructed in narrative.”* (YOUNG, 1987, p. 406).

Seguindo essa análise, é possível considerar que a presença do indivíduo em determinados contextos, a sua observação dos eventos e a narração de sua experiência

constituem-se em elementos distintos no estudo histórico. Tendo em mente estes elementos, é necessário observar a forma pela qual esses três pontos conectam-se, ou seja, como a experiência é transformada em narrativa e como os diários pessoais podem ser abordados na observação do registro que atribuiu significado ao vivido.

1.2.1 Individualidade, subjetividade e testemunho na escrita

Gomes considera a escrita de diários, cartas e memórias como gêneros textuais que possuem as mesmas características derivadas da intimidade do autor, cuja escrita forneceria embasamento empírico que permitiria a observação da personalidade dos sujeitos. Embora ela reconheça a existência de diferenças, tanto no conteúdo quanto na forma, tais gêneros textuais seriam inseridos em uma mesma categoria por serem reflexos da vida individual e por demonstrarem aspectos subjetivos, como emoções e opiniões pessoais. A autora procura estabelecer tais escritos como derivados de uma construção social da intimidade, e nas formas pelas quais os relacionamentos íntimos foram reproduzidos em tais textos (GOMES, 2004, p. 19).

Não se pode negar que cartas são, assim como diários, escritos que atribuem sentido à experiência, mas seria equivocado considerar que tal forma subjetiva de expressão é realizada homogeneamente em todas as suas práticas. Embora a presença de um destinatário seja reconhecida, as cartas expressam-se de forma objetiva, transmitindo uma mensagem previamente cogitada e que não necessariamente constitui um reflexo da vida pessoal.

A intimidade nas correspondências é limitada pelo diálogo existente, pelas relações entre os envolvidos e pelo nível social dos seus autores, entre outros aspectos que possam interferir na narrativa. O objetivo de sua escrita é derivado de tais elementos e a sua influência sobre a subjetividade, assim como sobre a formação de sentido da experiência, é limitado de acordo com eles. Essa característica faz com que os motivos pelos quais o autor escreve sejam um dos elementos centrais que direciona a narrativa, seja ela em cartas ou em diários.

Enquanto que o objetivo das cartas é o diálogo, o das memórias assemelha-se mais com os dos diários, uma vez que ambos os gêneros partem do princípio da busca pela transmissão da experiência. Porém, diferentemente de diários que podem ou não estar destinados a leituras posteriores, memórias e testemunhos orais são feitos tendo a divulgação como seu objetivo inicial. A percepção de futuros leitores interfere na escrita e influencia a

narrativa de memórias em uma intensidade mais marcante do que observada em diários.¹¹ A intimidade do autor com o texto escrito é proveniente e modificada pela sua noção de privacidade, mesmo que sendo imaginada. É relevante ressaltar que o conceito de privacidade possui aplicação limitada, podendo ser também enganador, uma vez que, como afirma Moore: “‘Privacy’, in addition to being illusory, is thus also somewhat dangerous, because our belief in its existence obfuscates the process by which we come to know ourselves, and how much that process is influenced by institutions such as the state and mass media.” (MOORE, 2009, p. 169).

Assmann, na sua observação das características individuais que diferenciam memórias de testemunhos orais, identifica alguns pontos relevantes derivados da intenção do autor em sua prática. Enquanto que as memórias e autobiografias são escritas por iniciativa própria, abordando aquilo que o escritor julgar mais relevante, os testemunhos orais necessitam de um chamado externo, que incentive o sujeito a realizar o seu relato sobre determinado assunto em específico, e possuem outros elementos além da fala que são passíveis de análise. Dessa forma, tão relevante quanto a narrativa em si, o testemunho oral gravado possibilita a visualização da forma pela qual o sujeito descreve sua experiência, como a tonalidade da voz, a velocidade da fala e o entusiasmo exibido por demais reações físicas que podem ser imperceptíveis na sua forma escrita. Segundo a autora:

The autobiography is a written document that, more often than not, starts from an internal impulse and is composed in a formally coherent and monologic form. The video testimony may also have an internal impulse, but this depends on an external call, together with a framework of technical support. It has a less elaborated form that also leaves room for open-ended passages, such as pauses, periods of silence, uncompleted sentences, innuendo. It is dialogic rather than monologic; it depends for its process on the continuous guidance of another person, who asks questions and supplies some response. (ASSMAN, 2006, p. 265).

As perguntas realizadas direcionam o testemunho oral, sendo derivadas da intenção do entrevistador em abordar determinados pontos específicos na experiência do entrevistado. Mesmo na sua procura de limitar a sua participação, a interferência aparece em diferentes

¹¹ Pode-se mencionar o diário de Anne Frank como exemplo dessa interferência. Ainda em seu esconderijo, Anne refletiu sobre a possibilidade de publicação do seu diário, e realizou modificações no texto já escrito para retirar passagens muito pessoais ou que poderiam ser constrangedoras. As publicações iniciais, organizadas pelo seu pai após o conflito, também sofreram alterações para a escrita adequar-se ao modelo narrativo da literatura da época (FRANK, 2015, p. 8).

formas no método de realização do testemunho.¹² As memórias, por sua vez, embora direcionadas a um público e destinadas à leitura e divulgação, são formadas a partir do interesse particular do autor e em sua busca pessoal de transmitir o conhecimento de sua experiência, sem um interlocutor presente no momento da narrativa para direcioná-la ou questioná-la.

Tal elemento fica bastante claro tanto em Levi quanto em Wiesel. Ambos refletem, logo no início de suas obras, sobre o principal motivo de sua escrita, o elemento impulsionador de transmitir a sua experiência. Levi, em *É isto um homem?*, afirma que: “Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares.” (LEVI, 2013, p. 8). Já Wiesel apresenta como:

Did I write it so as not to go mad or, on the contrary, to go mad in order to understand the nature of madness, the immense, terrifying madness that had erupted in history and in the conscience of mankind? Was it to leave behind a legacy of words, of memories, to help prevent history from repeating itself? Or was it simply to preserve a record of the ordeal I endured as an adolescent, at an age when one's knowledge of death and evil should be limited to what one discovers in literature? [...] However, having survived, I needed to give some meaning to my survival. (WIESEL, 2006, p. i).

Portanto, é evidente a procura de autores de memórias em realizar, através de suas obras, testemunho do ocorrido, da forma que lhes foi percebido. Sua metodologia narrativa e o gênero textual escolhido para esta atividade não são pontos sobre os quais se pode desconsiderar a escrita como testemunho da experiência vivida. Ao contrário dos testemunhos orais, esses sobreviventes procuraram relatar por iniciativa própria, atribuindo sentido de acordo com a sua organização e metodologia narrativa, levantando seus questionamentos particulares e respostas individuais.

Porém, uma das diferenças principais entre as memórias e os diários é relacionada à temporalidade e ao distanciamento do autor com os acontecimentos narrados. Embora seja possível afirmar que a escrita da memória em um período posterior ao acontecimento seja a

¹² Ao refletir sobre elementos da prática do testemunho, Felman e Laub focam nas dificuldades de transmissão da experiência e na procura de compreensão do passado pessoal (FELMAN; LAUB, 1992). Apesar da relevância dos pontos abordados, várias questões da metodologia histórica não foram exploradas nesta obra devido à evidência dos autores na psicanálise. Críticas que apontam falhas metodológicas e analíticas do estudo se encontram no artigo de Trezise, onde o autor afirma que: “*The general lesson Laub draws from his intervention is that the listener actively contributes, for better or for worse, to the construction of testimonial narrative, that the receiving is analogous to the giving of testimony precisely insofar as it involves a process of selection and omission, attention and inattention, highlighting and overshadowing, for which the listener remains responsible.*” (TREZISE, 2008, p. 19). Laub tenta responder estes questionamentos em um artigo subsequente, mas mantém algumas questões ainda abertas (LAUB, 2009).

característica mais evidente, em diários observam-se também passagens que remetem a períodos anteriores, não se estruturando, dessa forma, em uma escrita realizada diariamente. Os limites temporais não podem ser estabelecidos como parâmetros diferenciais entre memórias e diários na atribuição de significado ao vivido, uma vez que a narrativa não é derivada isoladamente do tempo existente entre o sujeito e sua experiência.

O distanciamento, assim como a diferença principal entre os gêneros, ocorre de acordo com outros paradigmas. Tanto em memórias quanto nas autobiografias, o significado atribuído ao passado é realizado a partir de uma perspectiva localizada em um momento distante dos eventos ocorridos, atribuindo a eles uma reflexão que poderia não estar presente no instante de sua vivência. O sentido construído é determinado pela perspectiva utilizada para observá-lo, sendo esta influenciada não pelo distanciamento temporal, mas sim pela mudança contextual e da reconstrução dos eventos pela memória em uma ordem coerente, a qual é transmitida para a narrativa.

O conhecimento do fim, a presença de encerramento e a alteração do contexto no qual o sujeito está presente são elementos ausentes nos diários, onde o autor se encontra inserido na circunstância que descreve. “Diariidade” seria, como aponta Sinor, o termo que melhor conceitua essa característica, na qual as narrativas não são organizadas em torno de eventos específicos da mesma forma como ocorre nas memórias. De acordo com o autor:

Dailiness, the act of writing in the days rather than of the days, is the single quality that marks the diary as a distinct form of writing. It is what prevents the diary from being reflective and forces both writer and reader into the immediate present, a place from which the critical distance a reader/writer is typically taught to obtain and value is impossible. Dailiness means that the diary does not cohere around an organizing event or principle, but by documenting the every-day, makes these measured (and typically unmarked) moments available for the diarist's use. Dailiness also prevents the privileging of some events over others - instead always resting in the middle. (SINOR, 2002, p. 123).

Dessa forma, ações e reflexões são baseadas no conhecimento que se possuía no presente descrito. A percepção dos acontecimentos vivenciados é diferenciada e altera não somente o estilo narrativo, mas principalmente o significado dado à experiência. Como observa Young:

In close readings of diaries from the Warsaw Ghetto, for example, I found that just because narrative shapes the reality as it represents it does not mean narrative is therefore removed from reality; on the contrary, it became painfully apparent that the meanings generated by ghetto scribes like Chaim A. Kaplan or Adam Czerniakow in their diaries were those by which they lived every day, by which they and other victims of the Holocaust judged and then acted on events as they unfolded. (YOUNG, 1997, p. 32).

Sinor também providencia uma análise sobre a narrativa do cotidiano, na qual os diários são compostos por registros sobre períodos de tempo repetitivo e sem a presença de eventos que centralizam a escrita. Em seu trabalho, a autora observa que as estruturas narrativas literárias são organizadas a partir de uma sucessão de eventos de forma linear ou sequencial, assim como memórias. Já em diários, existe a repetição da mesma estrutura a cada passagem, que ela denomina como partes iguais de tempo a serem preenchidas pela narrativa (SINOR, 2002, p. 125).

Os diários mostram a vida cotidiana por meio do registro em seu momento vivido, sem a ordenação de uma perspectiva distanciada ou fora do contexto da experiência, o que os identifica como dentro de uma parataxe narrativa.¹³ A ausência de elementos principais de sua experiência faz com que o autor não estabeleça prevalência entre seus registros, mesmo havendo determinados eventos que contribuam para um impacto maior do que outros.

Enquanto que memórias giram em torno de um assunto específico, assim como os testemunhos são orientados pela entrevista, o diário não possui centralidade temática. Os acontecimentos registrados são referentes àqueles que o autor considerou relevantes nos dias observados. Levando tal ponto em consideração, a ligação do diário com o calendário não somente se encontra na narrativa, mas também em um sentido temporal. Uma vez que os diários são organizados em entradas baseadas na data de sua escrita, é possível realizar a conexão do indivíduo com o seu tempo histórico, ou seja, relacionar o contexto com o sujeito e observar o impacto dos acontecimentos externos na perspectiva do autor. Em outras palavras: “[...] a date relates an entry in the private diary to history, inviting comparison between the writer's life and the social world outside. The diary allows the linking of the self to historical time.” (PAPERNO, 2004, p. 572).

Ao mesmo tempo, portanto, que o diário possui registros de eventos determinantes e de grande relevância para a vida de seus autores, tais acontecimentos não compõem a centralidade da escrita, coexistindo com demais narrativas que contribuem para formar a totalidade e a demonstrar a amplitude da experiência. Através da percepção das formas pelas quais ambos estão presentes na narrativa, é possível um estudo mais aprofundado no discernimento individual e na construção de sentido a eles pelos autores, evidenciando não o contraste, mas a complexidade da vida dos sujeitos históricos.

¹³ Parataxe significa a justaposição de frases curtas e, segundo as palavras da autora: “As a rhetorical strategy, it denies privilege and hierarchy because there is no subordination within the phrases, clauses, sentences, or paragraphs. The reader cannot tell which event within the sentence or the paragraph was the most significant and, therefore, must grant equal weight to all parts.” (SINOR, 2002, p. 132).

1.2.2 Os diários como documento histórico

Enquanto que os diários compartilham semelhanças e demonstram diferenças em comparação com os diversos gêneros de narrativa pessoal, eles possuem elementos próprios e particularidades que são específicas de cada escrita. Singularidades quanto a sua natureza são evidentes na medida em que a abordagem empírica questiona tais fontes, principalmente quanto à sua subjetividade. A aparente dualidade entre vários conceitos que caracterizam os diários é, por si, suficiente para a elaboração de reflexões complexas que envolvem, por exemplo, a escrita subjetiva de acontecimentos factuais, a narrativa espontânea coexistindo com reflexões aprofundadas do contexto, o texto privado que retrata o espaço público, a linguagem descritiva de experiências traumáticas e a procura de compreender acontecimentos que ultrapassam os limites da percepção dos autores.¹⁴

Apesar de que tais elementos possam ser referentes também aos demais gêneros previamente abordados, em diários eles são mais evidentes. Ao mesmo tempo, sua exploração pode contribuir para a melhor compreensão empírica e o estabelecimento de bases analíticas próprias a este estudo.¹⁵ Assim como um indivíduo não vivenciou determinados eventos da mesma forma que outro, não há duas narrativas similares, seja em sua estrutura ou formação de sentido, sendo que cada uma é destacada pela sua originalidade, individualidade e particularidade. Garbarini aponta, em seu estudo, a heterogeneidade dos diários, mesmo aqueles pertencentes aos judeus durante a Segunda Guerra e que registraram acontecimentos semelhantes. Mais do que “uma resposta”, a autora salienta a multiplicidade das formas pelos quais os judeus registraram seus escritos, em:

Looking at the variety of ways in which diarists attempted to make sense of the catastrophe gives us an alternative means of categorizing Jewish experiences from this period, one which highlights both the shared experience of being a Jew under German occupation – as meaning-makers rather than passive victims – and the diversity of modern European Jewry in the mid-twentieth century. Even diary writing did not mean one thing or function in a single way for Jews. (GARBARINI, 2006, p. 3).

¹⁴ Vários estudos reconhecem tais elementos, mas pode-se citar Paperno, que afirma: “*On this basis, the diary has been both condemned to exclusion from analysis as a specific genre and privileged for its ability to reveal the tension between the opposites and to highlight marginality.*” (PAPERNO, 2004, p. 561).

¹⁵ De acordo com Hellbeck: “*These questions are formulated in such ways that they cannot be conclusively answered, as they produce residues of uncertainty, openness, and indeterminacy. However, if we shift the question toward an interrogation of the very categories grounding our understanding of diaries and motivating our questions on them, we gain firmer ground. A cultural historical approach to the subject could demonstrate how categories such as history, self, and privacy, often accepted as an unquestioned syntax of the diary across time and space, are constructions of an age, highly malleable in meaning and identifiable only through careful contextualized analysis.*” (HELLBECK, 2004, p. 621).

Talvez a subjetividade do autor pode ser apontada como principal elemento diferencial de cada diário. Ela não somente é expressada de diversas formas, mas também afeta outras questões, como o objetivo da escrita, a privacidade imaginada e para quem o escritor dirige-se por meio da narrativa. Considerando esses pontos, é possível considerar que a subjetividade não se limita somente às características da personalidade, suas emoções ou formação pessoal, seja ela profissional ou familiar. Por mais relevantes que sejam na composição da escrita, existem intervenções em outros campos da descrição, mesmo que realizadas inconscientemente.

Primeiramente, o objetivo da escrita dos diários nem sempre é claro ou explícito pelo autor, assim como também não se mantém imutável durante todo o período registrado. Vários motivos podem ser identificados para o início e a manutenção dos diários dos judeus durante o Nacional-Socialismo, tal como o desejo de relatar os eventos, por meio da descrição dos acontecimentos para possíveis futuros leitores, ou até mesmo a intenção de manter determinada individualidade, um espaço reservado no qual as autoridades nazistas não tinham como atingir.

Cada autor, além de possuir um objetivo próprio, também é influenciado pelos acontecimentos na alteração desse objetivo para outros. Embora alguns tenham iniciado a prática sem o conhecimento da dimensão desta atividade, aos poucos o significado individual é alterado pela percepção da sua relevância. Com o aumento dos riscos e o crescente agravamento de suas situações, a escrita tornou-se uma forma de resistência pessoal, na qual o indivíduo desafia não somente o antissemitismo, mas todo o seu contexto de repressão, precariedade e perseguição. Nas palavras de Garbarini:

Thus, in addition to writing diaries to resist German oppression, Jewish diarists wrote for many other reasons, in part depending on their religious, cultural, national, political, and familial backgrounds, and in part depending on the period of the war and their experiences of Nazi persecution. (GARBARINI, 2006, p. 9).

Já a privacidade do diário adquire definições conflituosas de acordo com cada intenção inicial. Paperno, ao identificar determinadas características dos diários, refere-se à escrita como sendo uma narrativa em primeira pessoa com a ausência de um interlocutor (PAPERNO, 2004, p. 562). Dessa forma, segundo a autora, o grau de intimidade entre um escritor e seu diário pode ser maior do que com qualquer outra pessoa com a qual o autor está envolvido. Essa intimidade permite a revelação de informações e a expressão de sentimentos que não foram expostos publicamente, caracterizando uma forma de subjetividade pouco presente em outros gêneros textuais.

Entretanto, ao questionar para quem o escritor de um diário escreve e com quem ele procura comunicar-se, é identificado que, mesmo com a ausência de um interlocutor explícito, os diários ainda mantêm determinado direcionamento ligado ao seu objetivo. Determinar a audiência pretendida não é somente com o propósito de estabelecer o seu grau de intimidade, observar a linguagem da escrita ou até mesmo construir as relações sociais existentes. Além destes pontos, o propósito principal do diário é influenciado a partir desta caracterização, moldando a narrativa e direcionando a interpretação.¹⁶

Além dos elementos apontados, o objetivo pode ser influenciado pelo destinatário da mensagem, contribuindo para que o registro pessoal possa seguir por determinadas tendências narrativas, sejam elas intencionais ou feitas de forma inconsciente. Mesmo sem afirmar para quem escreve, não se exclui uma escrita voltada para si, através de reflexões pessoais do seu contexto.¹⁷ Estando o interlocutor presente ou não, o escritor do diário, assim como o de memórias ou de testemunho, procura narrar a experiência e atribuir sentido ao seu passado pessoal. Ligada a este ponto, outra característica observada nos diários que se distingue dos outros gêneros é a noção de privacidade e intimidade do autor, que influencia a linguagem narrativa, possibilitando que o seu estudo gere interpretações nas quais o registro reflete a “experiência autêntica” do vivido. Como afirma Kuhn-Osius:

In light of the common belief that the diarist speaks only to himself, of himself, for himself (at least under ideal circumstances), that he gives authentic expression to experience, let it be stressed that the experience itself in its privacy is speechless. As soon as something can be verbalized, it has found its place in the cognitive universe of all language users. The diarist must entrust his experience to all the shortcomings of a public language which have been so keenly felt in this century. And there is no way of avoiding this, since the very act of naming an experience drags it into the public realm. (KUHN-OSIUS, 1981, p. 169).

A linguagem, no caso dos diários relacionados ao Nacional-Socialismo e ao Holocausto, é um elemento de grande relevância devido à dificuldade encontrada na descrição dos eventos de forma adequada. Uma vez que a atribuição de linguagem à experiência pode ser uma simplificação do vivido, os autores não se consideram capazes de abordar a experiência em toda a sua complexidade. Garbarini identifica, nestes indivíduos, a dificuldade

¹⁶ Moore observa esse questionamento, apontando a dificuldade de se identificar a quem a escrita dos diários se direciona: “*The first theoretical bugbear inherent in the study of personal documents is that of ‘intended audience’; perceptions of intended audience often inform our beliefs about the degree of ‘reliability’ a text might enjoy, but diaries are very unstable documents and thus defy some of the tools used by textual analysts. First, authorial ‘intention’, if defined as a mental event, is mostly unknowable. Second, even when it is defined generically (such as when authors use epistolary address: ‘My son, I will see you soon’), the ‘intended audience’ of a personal document is extremely difficult to pin down.*” (MOORE, 2009, p. 173).

¹⁷ Paperno reforça essa ideia e defende que, mesmo com a escrita sendo destinada e orientada para leitura de um ou vários indivíduos posteriormente, o autor do diário, no ato de sua escrita, encontra-se em um momento de comunicação consigo próprio, em um ato de intimidade, privacidade e sigilo (PAPERNO, 2004, p. 564).

de realizar um testemunho daquilo que não é, para eles, possível de ser escrito de uma forma que fosse compreendida ou sequer acreditada por outros que não estariam inseridos naquele contexto: *“Diarists wondered if it was possible to represent their experiences in language, and what the implications were of the representation they were in the process of creating.”* (GARBARINI, 2006, p. 12). A mesma conclusão pode ser observada em outros estudiosos, como James Young, onde se afirma que *“[...] beginning with the First World War and culminating in Auschwitz, reality itself became so extreme as to outstrip language’s capacity to represent it altogether.”* (YOUNG, 1987, p. 405).

Mesmo com a procura dos escritores de basearem na realidade observada, mantendo a busca da objetividade impessoal na sua descrição, a escrita ainda esbarra na reconstrução através da linguagem, que atribui sentido e limita a sua relação com a experiência vivida. Através da análise de uma narrativa subjetiva que é incapaz de abranger e refletir tanto os acontecimentos quanto a experiência individual, este estudo não é baseado na “factualidade” nos diários, e sim a forma pela qual tal narrativa foi construída pelo autor.

A construção de uma memória da experiência, como é a narração em diários, é, acima de tudo, a procura do sujeito de atribuir sentido a sua vida cotidiana e à sua experiência imediata. Este sentido é particular, subjetivo e, principalmente, originado de uma perspectiva individual e também individualista. Por meio dessa perspectiva, o indivíduo não é somente narrador dos acontecimentos, mas ao mesmo tempo reflete sobre suas ações e sobre os efeitos do seu contexto.

Portanto, não se deve ignorar a individualidade no estudo de diários, uma vez que ela é a característica principal na abordagem histórica de representação subjetiva. A ligação do sujeito com a sua experiência é feita através de seus escritos, onde a subjetividade da linguagem e a objetividade dos fatos mesclam-se na narrativa. Young abrange o registro pessoal característico de um testemunho narrativo, de uma escrita que, embora de si, sobre si e para si, possua grande relevância para a visualização das diferentes formas pelas quais os sujeitos atribuíam significado ao seu contexto e ao seu próprio passado:

As most historical theorists now acknowledge, the legitimacy and value of historical sources cannot rest solely on their factual element, in which case readers would be endlessly troubled by conflicting versions. Instead of disqualifying competing accounts, the critical reader accepts that every Holocaust writer has a different story to tell, not because what happened to so many others was intrinsically different, but because how victims and survivors have grasped and related their experiences comprises the actual core of their story. In this view, it is not a matter of whether one set of facts is more veracious than another, or whether the facts have been transformed in narrative at all. The aim of an inquiry into literary testimony is rather to determine how writers’ experiences have been shaped both in and out of narrative. Once we recognize that the “facts” of history are not distinct from their

reflexive interpretation in narrative, and that the “facts” of the Holocaust and their interpretation may even have been fatally interdependent, we are able to look beyond both the facts and the poetics of literary testimony to their consequences. (YOUNG, 1987, p. 421).

2 *DRAMATIS PERSONAE*

Para melhor compreender a personalidade de Klemperer, é necessário observar a sua vida anterior a 1933 juntamente com as principais características que formavam a cultura judaica do século XIX na Alemanha e na Europa. O relacionamento dele com o judaísmo era, no mínimo, conflituoso, e para identificar os possíveis motivos serão abordados, brevemente, a história dos judeus e a sua assimilação nos países europeus onde habitavam. Sua família, estando inserida nesse mesmo processo, refletiu a mentalidade que prevalecia na sua identificação com a Alemanha e na formação da sua própria identidade.

Será observada a sua vida pessoal, desde a formação acadêmica, até o seu estabelecimento como professor em Dresden, incluindo o seu serviço militar na Primeira Guerra. Os conflitos familiares, as dificuldades de completar seus estudos e a procura por uma função adequada formaram a sua história pessoal antes de 1933, contribuindo para que, nos anos do Nacional-Socialismo, ele se sentisse apegado a seus bens, os quais foram conquistados com muito esforço, e se recusasse a sair do país logo após ter construído a sua estabilidade. Alguns estudos exploram com maior profundidade a vida de Klemperer, como o realizado por Jacobs (JACOBS, 2000), e não é o objetivo da presente análise de reproduzir ou seguir esse mesmo percurso. Apenas serão apontados determinados elementos que contribuem na observação do comportamento de Klemperer nos anos do Nacional-Socialismo, assim como serão salientadas as possíveis influências de sua vida sobre o seu comportamento.

Alguns historiadores defendem que a população alemã tinha a pré-disposição ao antissemitismo devido à uma histórica prática de discriminação. A existência anterior de uma ideologia que foi explorada, modificada e direcionada pelo Nacional-Socialismo é um argumento que fundamenta interpretações sobre a facilidade de aceitação das ideias radicais do partido. Mesmo que outros países demonstrassem igual ou pior presença desse preconceito, incluindo aqueles na Europa Oriental nos anos anteriores a 1900, a Alemanha ainda é identificada pelos acadêmicos como principal nação a praticá-lo.

Dentre aqueles que apontam para esses fatores, Goldhagen é destacado pela conexão feita entre as práticas antissemitas na Alemanha durante a idade média e moderna com aquelas presentes no governo nazista. Amplamente criticado por suas metodologias e conclusões, o autor inicia a sua obra ressaltando a radicalidade do antissemitismo derivado do cristianismo na Idade Média, e em como essas ideias puderam influenciar o governo de Hitler séculos depois. Segundo o autor: “Essas visões sobre os judeus, fundamentais para a teologia e os ensinamentos cristãos até a Era Moderna, já estavam enormemente articuladas no quarto

século, quando a Igreja estabeleceu sua suserania sobre o mundo romano.” (GOLDHAGEN, 1997, p. 61).

Numerosos estudos se seguiram ao seu livro, utilizando os pontos levantados para debater as questões referentes ao apoio social e a presença do antissemitismo na mentalidade alemã. Uma das obras que são diretamente derivadas dessa discussão foi escrita por Browning, o qual utiliza os mesmos embasamentos empíricos para formar outra interpretação. Segundo ele:

My objections to the design of Goldhagen's argument do not disprove his interpretation as such. They merely demonstrate that he has not met the standard of proof of rigorous social science that he has not only set for himself but also repeatedly claimed that others have so ignominiously failed even to understand. (BROWNING, 1998, p. 209).

As críticas feitas são centradas na análise de Goldhagen sobre a motivação para o extermínio, sendo que o autor utilizou as operações de fuzilamento de um batalhão policial específico como principal embasamento empírico.¹⁸ As reflexões abordadas no início do seu estudo também apresentam insustentabilidade, mesmo sendo pouco mencionadas nas discussões envolvendo essa obra.

Não é possível desconsiderar que os judeus têm um passado de perseguição e preconceito na Europa. Com variações de acordo com o local e a época, o antissemitismo esteve presente em quase todos os lugares do continente, desde a Inquisição Espanhola, no final do século XV, até os *pogroms* no sudoeste da Rússia Imperial, na década de 1880. A Alemanha, no entanto, não se enquadra como um dos locais que, ao menos em comparação, apresentava frequentes ou intensas atitudes contra os judeus na Idade Moderna.¹⁹

¹⁸ Outros estudos publicados abordam pontos diferentes na crítica da obra *Os Carrascos Voluntários*, como o feito por Hilberg, o qual afirma que: “Goldhagen does not preoccupy himself with the countless laws, decrees, and decisions that the perpetrators fashioned, or the obstacles with which they constantly struggled. He does not observe the routines, those everyday ingredients of the whole development. They do not concern him. He does not delve into administrative structure or the bureaucratic pulsations that coursed through this machine, which grew in potency as the process reached the height of its enormity. Instead, he shrank the Holocaust, replacing its intricate apparatus with rifles, whips, and fists.” (HILBERG, 1997, p. 727). Já Birn salienta que: “Goldhagen's book is not driven by sources, be they primary or secondary ones. He does not allow the witness statements he uses to speak for themselves. He uses material as an underpinning for his pre-conceived theory. The book is driven by the author's choice of language, and it can only be understood by analyzing these choices and his generally argumentative style. Verbosity and repetitiveness are the most striking features of the book.” (BIRN, 1997, p. 199).

¹⁹ Durante a Idade Média, as cidades localizadas no território alemão tinham uma relação complexa com os judeus, inclusive com demonstrações de antissemitismo. Pelas variadas formas de abordagem e pela quantidade de diferentes aspectos presentes sobre a perseguição neste período, não cabe neste espaço identificar quais eram os métodos de prática do pensamento antissemita ou os elementos que promulgavam o preconceito. No entanto, pode-se apontar a obra *In and out of the Ghetto* como referência no aprofundamento dos diversos pontos envolvendo a relação entre judeus e alemães durante o fim da Idade Média e início da Moderna (HSIA; HARTMUT, 1995).

Sendo considerado o centro do pensamento iluminista e representante das ideologias liberal e burguesa no início do século, a região da Alemanha era vista por muitos judeus como símbolo de segurança dentre os demais países europeus. A crença no progresso e no racionalismo transmitia a confiança de que haveria estabilidade social e jurídica, o que controlaria a perseguição e o preconceito antissemitas. Nas palavras de Reinhartz e Shavit:

The longing for Europe's firm embrace originated in the perception that the European spirit (often represented, as we have seen, by the German spirit) was the pinnacle of humanity: a blessed and welcome combination of reason, intellectual achievement, education (Bildung), and aesthetic sensitivity. (REINHARTZ; SHAVIT, 2010, p. 25).

Com a unificação das regiões em 1871, o Império Alemão estabeleceu a igualdade legal dos judeus juntamente com a sua constituição. Enquanto que outros países ainda demonstravam ocasionais comportamentos antissemitas em suas populações, na Alemanha, ao menos legalmente, os judeus eram considerados iguais (REINHARTZ; SHAVIT, 2010, p. 31). No entanto, essa conquista não significou o fim do processo da aceitação e incorporação das minorias judaicas na sociedade germânica, apenas o fim de suas restrições jurídicas. Ou seja, a emancipação pode ser considerada como reflexo da maior aceitação e tolerância que os judeus adquiriram, mas ainda não significa a sua inclusão social.

A partir desse momento, os judeus procuraram associar-se com a mentalidade europeia expressada pela cultura burguesa. Para serem assimilados e vistos como cidadãos alemães, teriam que, inicialmente, desfazer-se de sua cultura judaica e das características que os diferenciavam e destacavam na Europa moderna. Dessa forma, eles alteraram sua aparência e comportamento, adotando vestimentas, hábitos e incorporando a cultura alemã como um todo. A sua busca por aceitação exigiu que eles alterassem a sua própria identidade, com o afastamento do judaísmo e a aproximação do modelo europeu, o qual era considerado por eles mesmos como ideal.²⁰

Mesmo considerando-se alemães e próximos de atingir essa imagem idealizada, os judeus perceberam que a sociedade na qual estavam inseridos ainda os tinha que aceitar. Os esforços realizados na formação dessa nova identidade e na procura de acolhimento confrontaram com novas abordagens da ideologia antissemita, a qual foi modificada e influenciada pelo mesmo racionalismo que os judeus valorizavam. O antissemitismo moderno, de forma mais complexa e refletida do que o cristianismo medieval, iria embasar as

²⁰ “Modern Jews wished to integrate into the nationalist society represented, in their opinion, by the urban, bourgeois, and intellectual classes, depicted as rational and ‘aesthetically refined.’ They wished to integrate into the Europe that was a product of ‘science and reason’ and thus enlightened and tolerant.” (REINHARTZ; SHAVIT, 2010, p. 65).

perseguições aos judeus que ocorreriam na modernidade. Segundo Reinharz e Shavit, o antissemitismo moderno seria uma mistura entre a ideologia anterior oriunda do preconceito religioso com o pensamento científico e racional, o qual marcaria a Europa como um todo a partir do século XIX:

This future would be shaped primarily by modern antisemitism; indeed, it became clear in the mid-nineteenth century that not only had enlightenment and progress not cured Europe of this affliction, but modern antisemitism was more dangerous than its previous incarnations, combining as it did Christian theological and popular hatred of Jews with neopagan and pseudoscientific hatred. (REINHARZ; SHAVIT, 2010, p. 86).

O fortalecimento do nacionalismo no fim do século XIX e início do XX apenas contribuiu para que os judeus fossem considerados como indivíduos não pertencentes ao país, tidos como forasteiros e estrangeiros que não poderiam ser declarados cidadãos. Mais do que uma prática religiosa ou uma cultura, os judeus foram classificados por termos raciais, os quais não poderiam ser modificados com assimilação ou aculturação. Ao invés de minimizar, o racionalismo e o pensamento científico apenas formaram bases diferentes para a sustentação das práticas antigas, inclusive na Alemanha.²¹

Esse antissemitismo, portanto, incluía tanto os assimilados quanto aqueles ainda localizados no leste europeu e pertencentes à cultura judaica tradicional. A divisão existente entre ambos era desconsiderada no fundamento do antissemitismo moderno. A aparência e a cultura eram manifestações de uma característica interna imutável, como afirma Aschheim:

While it is true that ultimately the Volkish representation of "the Jew" was used to describe both the emancipated and the ghetto Jew – they were linked in this description by a common grasping materialism, lack of ethics, and lack of creativity – there were important differences in the stereotypes. While the caftan Jew embodied a mysterious past, the cravat Jew symbolized a frightening present. The Ostjude was too primitive, the Western Jew too modern. It was the function of racism to resolve this apparent dichotomy by uniting the two Jewries in an indivisible fashion. (ASCHHEIM, 1982, p. 76).

Os judeus alemães, assimilados e pertencentes à identidade de seu país, também compartilhavam determinada aversão aos judeus do leste europeu, os quais eram considerados ultrapassados e pouco desenvolvidos.²² Devido às diferenças culturais, ambos os lados

²¹ Desconsiderando os elementos que apontam para a maior tolerância da sociedade alemã, assim como ignorando os diversos casos de práticas antissemitas em toda Europa, Reinharz e Shavit defendem que a Alemanha foi o principal centro do antissemitismo moderno e origem do seu desenvolvimento intelectual mais radical. Segundo os autores, a profundidade da assimilação que ocorreu neste local teria sido o principal fator que contribuiu para o surgimento e o fortalecimento do antissemitismo moderno em proporção maior do que nos demais países (REINHARZ; SHAVIT, 2010, p. 92).

²² Os princípios iluministas e a racionalidade do liberalismo presente nos judeus alemães não alteraram a sua perspectiva dos judeus do leste europeu, que não eram inclusos nestes ideais (ASCHHEIM, 1982, p. 228).

contribuíam para esse afastamento, mas sem modificar a ideologia antissemita que os via como semelhantes e unidos. Pelo contrário, são identificadas maiores e mais extensas provocações e hostilidades na Alemanha após a Grande Guerra, tanto contra os judeus assimilados quanto contra os outros.²³

Essas observações, apesar de breves, ilustram determinados aspectos presentes no contexto de Klemperer e de sua família. Por mais que os judeus tentassem, ainda havia a tensão aparente entre as suas identidades judaica e alemã, existente tanto na sociedade quanto percebida por eles mesmos. A igualdade jurídica não impediu que eles fossem discriminados pela sua religião ou origem, o que apenas confrontava com o seu próprio sentimento de pertencimento à Alemanha. A noção de progresso contínuo, estabelecida pela intelectualidade e embasada no racionalismo, também gerou fundamentos para a perseguição antissemita com preceitos raciais, possibilitando a coexistência entre a modernidade e a intolerância.

Victor Klemperer nasceu em 9 de outubro de 1881, na cidade de Landsberg an der Warthe,²⁴ dentro do *Deutsches Kaiserreich* formado por Guilherme I. Apenas dez anos após a unificação do país, o pai de Victor, que era rabino, já reforçava o distanciamento existente com a cultura judaica tradicional. Suas pregações refletiam a assimilação cultural, não demonstrando rigidez ideológica e evitando o seguimento de determinadas práticas do judaísmo que diferenciavam com o comportamento social costumeiro na Alemanha. Como descrito por Nowojski: “*Von orthodoxer Lebensweise kann im Hause Klemperer allerdings keine Rede sein. Die religiösen Gesetze und Riten, für die der Vater in seiner Gemeinde zuständig ist, werden zuhaus weitgehend vernachlässigt.*” (NOWOJSKI, 2004, p. 8).

O judaísmo foi logo rejeitado por Klemperer e pelos seus irmãos. Ele converteu-se ao protestantismo em 1903, com pouco mais de vinte anos de idade, não somente devido à pouca proximidade que ele tinha com a religião judaica, mas também como uma forma de aproximar-se ainda mais da identidade alemã. Desde o início de sua vida demonstrou o forte nacionalismo e inclinação literária. Ele manteria a prática da escrita dos diários desde os 16 anos até a sua morte em 1960, em passagens cuja frequência aproximar-se-ia da obsessão (MIEDER, 2000).

Já sua formação acadêmica foi marcada pela tensão familiar e pela frustração de sua falta de êxito. Seus três irmãos mais velhos eram bem-sucedidos em suas profissões, sendo

²³ “*The shock of defeat, fear of revolution, unparalleled economic collapse, and brutalization of political life were inescapable realities in the Weimar Republic between 1918 and 1923. The accompanying anti-Semitism was both an expression of the general crisis and an opportunity for previously outlawed sentiments to surface publicly. For the first time in twentieth-century Germany, anti-Semitism gained political respectability and mass support.*” (ASCHHEIM, 1982, p. 215).

²⁴ Atualmente esta cidade é denominada Gorzów Wielkopolski, e se encontra em território polonês.

dois médicos e um advogado, enquanto Klemperer tinha dificuldades em desenvolver seus estudos sobre as literaturas alemã e francesa. Durante vários anos, ele residiu em diferentes cidades, como Munique e Paris, buscando uma carreira no campo jornalístico ou docente. Conseguindo apenas trabalhos temporários, Klemperer não se estabeleceu estavelmente e nem conseguiu dar prosseguimento aos seus estudos (REISS, 1998, p. 68).

Mesmo com pouco desenvolvimento profissional, ele se casa com Eva Schlemmer, pianista e compositora que, devido a razões médicas, não pôde continuar com a sua carreira musical. Eva sofre com constante depressão, apontando a sua moradia como principal motivo para o seu sofrimento. Segundo os registros de Klemperer desta época, ela afirma somente se satisfazer com uma casa, a qual ele não é capaz de adquirir devido à sua situação financeira (REISS, 1998, p. 73). Seu casamento, no entanto, foi feliz e com ambos amando-se profundamente, a ponto de que Eva, compartilhando do sofrimento de seu marido durante o Nacional-Socialismo, recusou a divorciar-se.

Foi somente após a morte de seu pai, em 1912, que Klemperer inicia a busca por uma carreira mais estável.²⁵ Além da sua situação oscilante, seus irmãos o pressionaram para que ele construísse uma carreira sólida, possivelmente a de professor universitário, fazendo-o retomar a pesquisa da literatura francesa. Com afirmações de que seria melhor ter um acadêmico na família do que um “jornalista inferior”, é visível que Victor sofria pressão para buscar formações melhores e equiparar-se profissionalmente aos seus irmãos já estabelecidos, o que pode ter contribuído para formar o seu ressentimento e aversão aos seus parentes (JACOBS, 2000, p. 56). Pouco tempo depois, completou o seu doutorado com uma tese sobre Montesquieu e entrou em contato com Karl Vossler, que iria supervisioná-lo e direcionar sua carreira acadêmica.

No momento em que ele estaria demonstrando progresso, no entanto, a Grande Guerra é iniciada, fazendo com que Klemperer deixe uma função temporária de professor em Nápoles para alistar-se como voluntário no exército alemão. Movido pelo seu sentimento nacionalista, é enviado para o *front* francês durante poucos meses, entre o fim de 1915 e o início de 1916. Conduzido para o hospital para tratamento de lesões, Klemperer não entrou mais em contato direto com a guerra pois, ao sair do tratamento, foi destinado a trabalhar como censor, atividade que realiza com dedicação até o fim dos conflitos.

²⁵ Klemperer realizou as orações judaicas para o funeral de seu pai, que não havia se convertido. Após os serviços fúnebres, ele sente a necessidade de realizar a conversão novamente para a religião protestante no ano seguinte. Esta curiosa atitude demonstra que ainda havia a preocupação de reforçar a sua identidade alemã e se distanciar do judaísmo, fortalecendo ainda mais a sua assimilação.

Retornando à sua carreira acadêmica, candidata-se a diversas universidades, mas todas lhe recusam as propostas. Somente após alguma insistência, e auxílio de Vossler, que a Universidade Técnica de Dresden²⁶ lhe concede a cadeira de professor de literatura (JACOBS, 2000, p. 101). As dificuldades encontradas por ele na República de Weimar são derivadas, em parte, pela agitação alemã que ocorreu após o fim da guerra e, em parte, ao antissemitismo. Aos judeus não eram concedidos cargos universitários, e o seu emprego não se configurava como uma alta posição acadêmica (REISS, 1998, p. 70).

Por ser um estudioso de literatura e linguística, seus diários possuem várias referências a obras clássicas, expressões literárias em diferentes idiomas e análises de vários termos que compõe a essência de sua formação. A presença desses registros indica a relevância dada a ele para a sua função e seu trabalho, ocupando não somente partes significativas das passagens escritas, mas também se constituindo no principal centro narrativo em determinados momentos. Seu estudo acadêmico é estendido ao contexto observado, na realização de uma análise sociolinguística daquilo que vivencia (MIEDER, 2000, p. 8).

Klemperer ainda estava neste cargo quando o partido Nacional-Socialista chegou ao poder na Alemanha. Finalmente bem-estabelecido, ele havia acabado de adquirir os recursos suficientes para construir a vida que queria para si. A partir de 1933, tudo seria retirado dele aos poucos, menos a sua identidade alemã e o seu nacionalismo que, mesmo sendo questionado, permaneceriam sendo suas bases de sustentação até o fim da Segunda Guerra.

Após 1945, Klemperer escolhe morar na Alemanha Oriental e filia-se ao partido comunista. Através da leitura dos diários, é notado como a escolha de Klemperer pelo comunismo foi estranha devido às constantes críticas feitas por ele a essa ideologia. Segundo seus registros, o governo soviético teria a limitação intelectual e a radicalidade ideológica semelhantes ao nazista. Aschheim aponta que Klemperer escolheu a Alemanha Oriental por uma série de motivos, muitos dos quais estavam relacionados à sua perspectiva de futuro e melhores condições de prosseguir com a sua carreira acadêmica: *“It is clear that these moves were based upon a complex of considerations in which self-interest, sheer opportunism, and a certain residual idealism all played an intermingled and complex role.”* (ASCHHEIM, 2001, p. 329).

Sob este regime, ele finalmente recebe um cargo de professor universitário e torna-se um reconhecido acadêmico, publicando um dos primeiros livros analíticos sobre o nazismo:

²⁶ Se denominado de *Technische Hochschule*, pode ser traduzido como Escola Técnica Superior, não possuindo os mesmos atributos de uma universidade.

LTI.²⁷ Nesse estudo, o autor baseia-se nas anotações realizadas durante o governo nazista para escrever uma análise da linguagem utilizada pela propaganda e em como ela conseguiu ser inserida na mentalidade dos alemães de forma inconsciente, até mesmo naqueles que não eram, inicialmente, Nacional-Socialistas. Em outras palavras:

In fact, LTI remains one of the most vivid, incisive, and, indeed, authoritative accounts of Nazi linguistic and cultural life, admirably lucid in its presentation and still suggestive in its implications. On the one hand, Klemperer focuses closely on Nazi vocabulary, expressions, and jokes, Nazi punctuation, and the way the Nazi propaganda organs create new categories of words and thus new moral attitudes. (TRUMPENER, 2000, p. 494).

Seus diários, por sua vez, permaneceriam sendo escritos e, após 1945, apresentariam passagens sobre a forma de linguagem presente na República Democrática Alemã, apontando semelhanças e diferenças entre esta e a oratória do nazismo. Em 1951 ocorre o falecimento de Eva, o que lhe causou bastante sofrimento pois havia se separado da pessoa que ficou ao seu lado durante os piores anos de sua experiência. No entanto, no ano seguinte ele casou-se com Hadwig Kirchner, uma mulher cerca de 40 anos mais nova. Permanecendo juntos até a sua morte em 1960, quando ele tinha 78 anos, Klemperer confia a ela os seus diários, que foram entregues ao arquivo de Dresden e lá armazenados até a sua recuperação e publicação. Hadwig morreu em 2010, na cidade de Dresden.

Sendo publicados somente 35 anos após a sua morte, os seus escritos ainda são uma fonte empírica relativamente pouco explorada, não havendo muitos livros abordando especificamente a sua experiência.²⁸ Uma quantidade pequena de acadêmicos analisou os diários como objetos centrais de suas pesquisas, sendo que, em alguns casos, suas passagens foram utilizadas como exemplos ilustrativos de argumentações e defesas de conclusões em estudos mais abrangentes. Friedländer é um dos que mencionam frequentemente passagens dos diários de Klemperer, assim como de outros diários e memórias, em suas obras *The Years of Persecution* e *The Years of Extermination*. Gellately, por outro lado, também realiza algumas citações dos diários, mas chega a desconsiderar outras passagens que contradiriam as suas afirmações.²⁹

Diversos artigos, muitos dos quais já citados, descrevem superficialmente a experiência de Klemperer e ressaltam aspectos específicos da escrita desses registros. Salientando a sua afirmação de testemunho, o conflito com a sua identidade alemã ou as observações realizadas

²⁷ Esta obra foi publicada inicialmente em 1947, recebendo várias edições ao longo dos anos.

²⁸ Além dos que já foram mencionados, pode-se apontar também *Im Herzen der Finsternis: Victor Klemperer als Chronist der NS-Zeit* (HEER, 1997).

²⁹ Ao afirmar que Hitler tinha amplo e crescente apoio na população alemã, por exemplo, o autor ignora registros de Klemperer que ressaltam o medo e a intimidação presentes na sociedade (GELLATELY, 2011, p. 67).

por ele da linguagem Nacional-Socialista, esses trabalhos não abordam a experiência cotidiana de Klemperer como elemento central. Até mesmo as obras mais volumosas de Heer e Jacobs possuem profundas e detalhadas observações da sua experiência e de seu contexto desde a sua juventude, mas apontam poucas abordagens da vida de Klemperer durante o governo nazista como uma narrativa subjetiva da experiência.

Mais especificamente, tais obras possuem a tendência de evidenciar pontos específicos, como as leis antissemitas, ou elementos constantes, como a limitação da liberdade. Esse exercício, por mais relevante que seja, não incorpora a perspectiva de sua escrita como derivada da incerteza e influenciada pelas constantes alterações de seu contexto. A subjetividade de sua narrativa é composta por mais do que o reconhecimento das limitações e das características empíricas dos diários. Para a análise histórica, ela é o princípio do qual os questionamentos são derivados e através da qual a perspectiva e o foco de análise são direcionados.

Aschheim pode ser apontado como um dos que possuem uma proximidade maior com Klemperer, estudando-o nos princípios formadores de sua identidade subjetiva. Em sua obra *Scholem, Arendt, Klemperer* (ASCHHEIM, 2001), o autor procura aprofundar e comparar os diferentes elementos formadores da personalidade de cada indivíduo, sendo eles Gershom Scholem, Hannah Arendt e Victor Klemperer. Cada um apresentaria elementos diferentes em sua formação, expressando reações particulares e respostas específicas quando confrontados com a sua vida na Alemanha e a experiência do Nacional-Socialismo. Segundo ele:

Klemperer, after all, was indelibly, and conspicuously, a creature of the Wilhelminian empire, steeped in its staid prejudices, preferences, and predilections. Born in 1881, a generational divide clearly separated his mental and political world, his patriotism and redemptive faith in the German spirit, from that of the more rebellious Scholem (born 1898) and Arendt (born 1906). While Arendt and Scholem were, indeed, Wilhelminian children, their sensibilities and sensitivities were associated with crisis and rupture: their formative moments revolved around World War I and the radical intellectualism of the Weimar Republic, respectively. It is this subversive, quintessentially Weimarian impulse that must account, at least in part, for their present resonance and Klemperer's doggedly old-fashioned Wilhelmianism, which renders him both extremely attractive and yet somehow attitudinally remote. Yet, for Scholem and Arendt, too, it was ultimately their differences that seemed to be definitive. Their relationship was a stormy one that moved from admiration and friendship to overt hostility. (ASCHHEIM, 2001, p. 2).

A sua percepção de tais elementos constituintes das características singulares permite com que ele realize um diálogo elaborado em forma de carta, através da qual Klemperer apresentaria suas opiniões pessoais sobre as diferenças de reações entre os três (ASCHHEIM, 2012). Nesta carta, Aschheim demonstra as principais incompatibilidades entre estes

indivíduos em um tom reconciliatório, cujo reconhecimento seria derivado de uma profunda análise e compreensão de suas particularidades.

Todas estas considerações tinham o objetivo de abordar e explorar algumas características pertencentes e formadoras da subjetividade de Klemperer. Enquanto que a natureza de sua personalidade é pouco delimitada, ela será melhor identificada na análise dos diários do período Nacional-Socialista. Sua vida e formação anterior estabeleceram aspectos de sua subjetividade que foram evidentes com o seu comportamento a partir de 1933. Sua identidade alemã, a sua mentalidade iluminista e a cultura burguesa contribuem para compreender os motivos pelos quais ele respondeu de determinadas formas e registrou interpretações específicas sobre o seu contexto. Até mesmo o seu relacionamento familiar, como observado, auxiliou para que ele procurasse permanecer na Alemanha, sendo preferível do que viver humilhado no exterior.

A humilhação e o ressentimento eram dois dos principais efeitos sentidos por ele pelos anos vividos sendo tratado com inferioridade pelos seus familiares e pelos seus constantes fracassos. A sua origem judaica contribuiria para que encontrasse dificuldades ainda maiores em seu sucesso profissional, além de representar um contraste com a sua própria identidade alemã. Klemperer já possuía diversas frustrações e problemas antes mesmo do antissemitismo nazista, mas não foi desmotivado ou restringido por eles em sua obstinação. Pelo contrário, mesmo desafiado e atingido, ele persistentemente mantém a perspectiva do retorno à normalidade e manutenção da vida cotidiana, sendo essa, talvez, a principal característica de sua subjetividade.

3 MEDO, APOIO E INCOERÊNCIA: RESPOSTAS DOS ANOS 1933 – 1935.

Poucos dos acontecimentos políticos que ocorreram no início do governo Nacional-Socialista foram perceptíveis para Klemperer. Iniciando em 1933 com a maioria eleita no parlamento, juntamente com a nomeação de Hitler ao cargo de chanceler, o governo nazista foi marcado, logo em seu primeiro ano, pela instabilidade, falta de planejamento e divergência nos objetivos de seus diferentes setores.³⁰ Enquanto que historiadores analisam este período através da tentativa do partido em estabelecer e consolidar seu poder, a população alemã não tinha meios de identificar as disputas internas da política, sendo que elas se encontram ausentes nos diários de Klemperer. Ele não demonstra ter conhecimento das dinâmicas internas, seja do partido Nacional-Socialista ou da política como um todo, uma vez que esse campo era situado fora de sua capacidade de observação. As poucas passagens que são referentes à situação política da Alemanha não são detalhadas, sugerindo que pouco era visível ou que Klemperer não se interessava a ponto de buscar mais informações. Devido a isso, o ano de 1933 foi iniciado em seus diários com preocupações sobre seus problemas pessoais, e só menciona a política na medida em que os eventos ocorridos refletem na sociedade. Como ele mesmo descreve: “O que mais me perturba é nossa cegueira diante dos acontecimentos, e como ninguém tem noção da verdadeira divisão do poder [...] Ninguém é capaz de fazer uma previsão.”³¹

Tendo em vista as eleições marcadas para março, os dois primeiros meses foram essenciais para o partido NSDAP remover a oposição e estabelecer o apoio popular, utilizando a violência e a propaganda para esses fins. Porém, ao mesmo tempo em que a autoridade nazista era consolidada, principalmente pela perseguição aos comunistas, houve também a permanência da incerteza, a radicalidade do movimento e a falta de clareza em seus objetivos práticos contribuindo para a instabilidade de seu governo.

Para Klemperer, o primeiro e principal efeito da chegada dos nazistas foi demonstrado pela violência. O incêndio do Reichstag, os decretos que removeram as liberdades civis, as prisões arbitrárias e o boicote contra estabelecimentos pertencentes a judeus foram alguns dos mais marcantes acontecimentos que estiveram presentes no primeiro ano de governo. Esses acontecimentos geraram, conseqüentemente, impacto na população e na percepção dela sobre

³⁰ Hitler precisava satisfazer, além da população alemã, os setores conservadores do governo e outros membros mais tradicionais. Segundo Schleunes: “*The aging President von Hindenburg disliked and distrusted his new chancellor. The army viewed him, at best, with suspicion. Hitler had been handed the reins of a government paralyzed by depression. [...] If Hitler succeeded in reviving Germany, the plan went, his partners would check the excesses; if he failed, he would be discredited and cast aside.*” (SCHLEUNES, 1990, p. 64).

³¹ Registro feito em 21 de fevereiro de 1933, em KLEMPERER, p. 12.

o nazismo poucos meses após a sua chegada ao poder. Em um contexto no qual a crise econômica e o desemprego eram dois dos problemas mais visíveis pela sociedade, o Nacional-Socialismo dedicou-se inicialmente à remoção dos comunistas e de qualquer outra oposição política, assim como também iniciou a sua procura de isolar os judeus socialmente e prejudicá-los em sua economia.

Devido à inexistência de identificação dos setores internos do NSDAP, Klemperer considerava todas as atitudes realizadas pelo governo, sejam através das leis oficiais ou de iniciativas de líderes locais, como práticas derivadas da mesma origem e que refletiam as características inerentes do nazismo como um todo. A agressividade que marcou o início do governo foi determinante para que ele logo percebesse o partido como violento e repressivo, sendo Hitler descrito como um “fanático religioso”.³² Tamanho foi o impacto da agressividade que Klemperer, mesmo sem estar ligado a movimentos políticos, percebeu os reflexos sociais de forma ampla e constante em seu cotidiano. Várias fontes, como as reportagens na imprensa ou em boatos e conversas com amigos, forneceram informações que contribuíram para que percebesse alterações no comportamento social, sem que ele tivesse sofrido diretamente da hostilidade.

Embora a sua perspectiva dos acontecimentos seja limitada, Klemperer procura compreender e questiona o seu contexto na busca por respostas que expliquem melhor os eventos que observa. Ao perceber a constante e aberta presença da violência originada do partido Nacional-Socialista, ele inicialmente tenta identificar a origem do seu apoio na população e os motivos de sua permanência. As respostas encontradas refletem como ele percebia a situação analisada e, portanto, sofriam variações de acordo com as mudanças de sua própria compreensão e das interferências externas que o atingiam. Enquanto persiste em questionar, Klemperer registra posicionamentos que aparentam contradição, mas que somente são derivados da complexidade social que ele observava.

³² Registro feito em 10 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 13. Desde o início das disputas eleitorais do NSDAP na década de 1920, a imagem de Hitler já era construída tendo por base o seu destaque e proeminência dentro de seu próprio partido, como afirma Luckert e Bachrach: “*The Nazi Party, its posters showed, was the ‘Hitler Movement.’ Its propagandists carefully crafted images of the Führer that emphasized his charisma, his roots in the common people, his heroism as a soldier in World War I, his quasi-messianic status as savior, and his respectability.*” (LUCKERT; BACHRACH, 2011, p. 39). Enquanto que a propaganda procurava enfatizar na figura de Hitler como alguém acima dos problemas do partido ou que não estivesse envolvido, principalmente por desconhecimento, naquilo que fosse considerado excesso de agentes específicos, Klemperer não realiza tal distinção, e considera que Hitler, juntamente com qualquer outro membro nazista, defende a ideologia agressiva e pratica a violência como política oficial.

3.1 PRIMEIRA RESPOSTA: MEDO

O ano de 1933 iniciou com visível pessimismo para Klemperer, que já registrava adversidades pessoais relacionados, entre outras coisas, à falta de dinheiro e à procura de construção de uma nova casa para ele e sua esposa.³³ Esse aspecto mostra que problemas ou até mesmo pequenos incômodos são descritos com grande ênfase, em um tom quase fatalista. Enquanto tarefas domésticas o cansam e o afastam do seu estudo, piorando o seu humor, outros acontecimentos são descritos com normalidade, demonstrando a continuidade da rotina em visitas de amigos, passeios com a esposa ou dedicação ao trabalho.³⁴ Vários problemas já existentes ocupam a sua atenção e estão presentes em seus registros, dando a ele uma aparência pessimista ou excessivamente preocupada. A partir da nomeação de Hitler ao cargo de chanceler no final de janeiro até as eleições realizadas no início de março para o parlamento em 1933, Klemperer ficou mais preocupado com a política e com os seus efeitos sobre a sociedade alemã. Ele percebeu a agressividade do partido Nacional-Socialista nestes poucos meses iniciais, afirmando que:

Há mais ou menos três semanas, depressão devido ao regime reacionário. Não escrevo aqui história contemporânea. Porém, minha amargura, mais profunda do que jamais poderia imaginar senti-la, esta sim quero deixar anotada. É uma vergonha que a cada dia se torna pior. E todos se calam e baixam a cabeça [...].³⁵

O incêndio do parlamento no dia 27 de fevereiro, cerca de uma semana antes das eleições, gerou um decreto emergencial que limitou as liberdades civis e foi utilizado para os nazistas aprisionarem qualquer um que fosse membro da oposição, principalmente

³³ Para Klemperer, a construção de uma nova casa foi uma pressão maior de sua esposa, Eva. Mesmo já tendo adquirido o terreno, ele afirmava que não possuía recursos suficientes para tal iniciativa, mas mesmo assim consegue realizar alguns sacrifícios e gastar economias importantes nessa construção. Tal dinheiro era necessário ser economizado, segundo ele, principalmente levando em consideração a incerteza do futuro, como aponta o seu primeiro registro: “As angústias do novo ano, as mesmas de antes: a casa, temperaturas abaixo de zero, perda de tempo, perda de dinheiro, nenhuma possibilidade de crédito, a teimosia de Eva em relação à casa e seu desespero crescente. Ainda vamos afundar com essa história. Já pressinto isso, e sinto-me desamparado.” Registro feito em 14 de janeiro de 1933, em KLEMPERER, p. 11.

³⁴ Ao continuar indo ao cinema, uma de suas atividades favoritas, Klemperer descreve os filmes e as atividades que o distraem e alegam, mesmo que em poucas passagens: “Gosto tanto de ir ao cinema! Acho fascinante. Mas é tão difícil convencer Eva a me acompanhar. Quando ela não gosta do filme e fica ali sentada, infeliz, perco toda a vontade. Desta vez correu tudo bem, embora ela esteja sofrendo de dores nevrálgicas e musculares.” Registro feito em 20 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 16.

³⁵ Registro feito em 21 de fevereiro de 1933, em KLEMPERER, p. 12.

comunistas, os quais foram responsabilizados pelo ato criminoso.³⁶ Com tal ferramenta, foi formado um cenário favorável aos nazistas para fortalecerem sua posição e consolidar maior presença no governo. Porém, Klemperer mostrou ceticismo com relação à participação comunista nesse atentado, observando esse evento inserido no contexto maior da violência nazista, e conclui que “[...] não consigo imaginar que *alguém* realmente acredite em autoria comunista em vez de trabalho encomendado pela SS. Logo em seguida, a selvageria das proibições e agressões.”³⁷

O primeiro questionamento realizado por ele é derivado da tentativa de explicar como a violência explícita de um partido político sobre a sociedade alemã pôde permanecer sem reação. Ou seja, pela identificação do comportamento da população à hostilidade, Klemperer tenta entender como a agressividade constante, que possuía seu ponto de origem centralizado nos nazistas, não gerou oposição popular ou manifestações de críticas derivadas de outros políticos. Várias passagens apontam para a visualização de atos do partido que ele considera como “selvagens”³⁸, chegando a reconhecer que “O que denominei terror até o domingo da eleição, 5 de março, foi um *prélude* suave”.³⁹

De acordo com Gellately, a violência exercida neste momento inicial foi direcionada aos grupos de oposição e aos demais “indesejados” pela sociedade, tais como criminosos, ciganos e outros semelhantes (GELLATELY, 2008, p. 57). Segundo o autor, os alemães que compunham a maior parte da sociedade pouco tinham o que temer da agressividade do Nacional-Socialismo que caracterizou os anos iniciais do governo. Ao buscar uma “ditadura consensual”⁴⁰, terror foi utilizado de forma seletiva, pois, como aponta:

³⁶ Chamado de *Verordnung des Reichspräsidenten zum Schutz von Volk und Staat*, ele foi emitido no dia seguinte ao incêndio pelo presidente Hindenburg. A sua capacidade repressiva é descrita por Gellately como “O decreto suspendia “até nova ordem” as garantias constitucionais de liberdades pessoais; possibilitava à política prender e deter quem achasse necessário; e impunha restrições à liberdade de expressão, reunião e associação. A polícia tinha permissão para exceder todos os limites legais prévios acerca de buscas em residências e podia interceptar cartas e fazer escutas telefônicas. Quem fosse julgado culpado de crimes relacionados com tentativas de promover revolução ou agitação social estaria sujeito a pesadas sentenças de prisão ou até mesmo pena de morte.” (GELLATELY, 2011, p. 47).

³⁷ Registro feito em 10 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 13. Na edição em alemão, Klemperer não menciona a SS, e sim apenas desenha a suástica para representar o partido nazista como um todo, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1933 - 1934*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 8.

³⁸ “É desalentador como a cada dia aparecem abertamente, como decretos, atos de pura selvageria, desrespeito a direitos, a mais terrível hipocrisia.” Registro feito em 17 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 15. Em alemão, os termos utilizados por Klemperer para descrever se apresentam como: “*Es ist erschütternd, wie Tag für Tag nackte Gewalttat, Rechtsbruch, schrecklichste Heuchelei, barbarische Gesinnung ganz unverhüllt als Dekret hervortritt.*” Em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1933 - 1934*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 11.

³⁹ Registro realizado em 10 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 13.

⁴⁰ “Hitler was convinced that the ‘first foundation for forming authority is always popularity’. However, he also wanted an authoritarian regime and was more than prepared to use force. He strove to combine popularity and force and emerged a hybrid regime best described as a ‘consensus dictatorship’”. (GELLATELY, 2008, p. 57).

Given the importance Hitler attributed to popular opinion, it is not surprising that he began by singling out individuals and groups already hated or feared. The first and most obvious target was the KPD, and actions against its militants were widely applauded by a nation of property owners. The first concentration camps were opened in march 1933 onwards and hailed in the press as places to send communists. (GELLATELY, 2008, p. 59).⁴¹

Através dos diários de Klemperer, é notado que a ausência de reações da sociedade indica, ao invés da aceitação defendida por Gellately, que a presença da repressão possui efeitos muito maiores do que somente sobre um pequeno grupo. Uma vez que é registrado de maneira constante o receio da arbitrariedade e da violência, tanto na legislação quanto na atuação da SA, não é possível delimitar até que ponto os reflexos das abordagens iniciais não foram sentidos ou, ao menos, percebidos pela população.

Mesmo que apenas uma pequena parcela da sociedade tenha sofrido com as prisões nesses primeiros meses, a nova legislação possuiu um efeito mais amplo, uma vez que permitia o uso indiscriminado da força pelos nazistas. Os diários não apresentam informações ou indícios de ter conhecimento, mas nos dois primeiros meses após o decreto emergencial, cerca de 40.000 a 50.000 pessoas foram presas sem julgamento em toda a Alemanha por serem consideradas opositores políticos e enviadas aos recém-estabelecidos campos de concentração. Apesar de, numericamente, tal quantidade representar uma pequena fração da população alemã, é necessário levar em consideração que tais prisões resultaram, somente entre 1933 e 1934, na construção de mais de setenta campos em território alemão, juntamente com outros centros de detenção e prisões regulares, sobre os quais a SS e a SA detinham total autoridade e jurisdição. De acordo com Caplan, a expressão desses campos na sociedade alemã era forte o suficiente para formar “[...] *a grim backdrop to virtually every department of public life in Nazi Germany.*” (CAPLAN, 2008, p. 25). Enquanto poucos eram detidos, muitos passam a ter receio e procuraram adequar-se às novas circunstâncias para evitar complicações. Levando em consideração a forma pela qual o comportamento social foi alterado e moldado pela percepção da violência, Klemperer identifica a extensa repercussão nas atitudes dos indivíduos, uma vez que:

Ninguém ousa escrever uma carta, ninguém ousa telefonar, fazemos visitas e analisamos o que vai nos acontecer. Um funcionário do ministério disse isso, aquele outro, aquilo – que poderia ser favorável. Mas nunca se sabe se o sujeito com

⁴¹A mesma afirmação é realizada por Eric A. Johnson, o qual compartilha da opinião de Gellately de que a conformidade e a colaboração eram características presentes na população, sem que ela sofresse punições com a prática de pequenas infrações e desvios. De acordo com o autor: “*Many, probably most, still believed that the police and the laws were there to protect them, Nazi terror posed no real threat to most ordinary Germans.*” (JOHNSON, 2000, p. 253).

opinião favorável vai permanecer no comando, ou até que ponto ele está “no comando” etc. etc. Um animal possui mais direitos e é menos perseguido.⁴²

Assim sendo, uma das respostas encontradas por Klemperer à tolerância da população e à ausência de oposição social, já percebida de forma evidente nesses meses iniciais, é o medo. Derivado da violência e da arbitrariedade das medidas de repressão, uma vez que a população possuía limitada percepção da situação interna da política do partido nazista, Klemperer o define como essencial para que houvesse pouca reação. O medo é demonstrado em várias outras passagens, nas quais ele sentia e que também observava em seu contexto,⁴³ chegando ao ponto de que, ao narrar uma visita a amigos, ele escreva: “Conversamos sobre política – com cautela, pois as janelas estavam abertas”.⁴⁴

A continuidade da violência, mesmo depois das eleições de março atribuírem mais uma vitória para o partido Nacional-Socialista, contribuiu para que o medo também persistisse. Após a onda inicial de prisões e repressão que resultou no encarceramento dos comunistas e da oposição, os grupos radicais do partido procuraram seguir a ideologia nazista e continuar com a agressão contra os seus inimigos, focalizando nos judeus. Devido à falta de direcionamento do governo central, a SA, cujo objetivo principal era a agitação, realizou diversos atos antissemitas sem a autorização ou suporte do partido e de Hitler.⁴⁵

Klemperer nota a alteração na política Nacional-Socialista, e percebe que não somente a população reagia negativamente a essa demonstração de agressividade, mas também a imprensa internacional observou e divulgou notícias a respeito da instabilidade social alemã. A repercussão ameaçava o governo de Hitler, tanto nacional quanto internacionalmente, e segundo ele:

⁴² Registro feito em 7 de abril de 1933, em KLEMPERER, p. 20.

⁴³ Somente nos três primeiros meses, Klemperer realiza uma grande variedade de afirmações sobre a presença do medo na população alemã. Como exemplos, podem ser mencionados “[...] política em todo lugar e em todo lugar terror da direita.” Registro feito em 21 de fevereiro de 1933, em KLEMPERER, p. 13, “E ninguém se mexe; todos tremem, escondem-se.” Registro feito em 17 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 15, e “Ainda não tememos pela vida – só por pão e liberdade.” Registro feito em 22 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 17.

⁴⁴ Registro feito em 17 de março de 1933, em KLEMPERER, p.14.

⁴⁵ Com a consolidação do poder, setores radicais do partido imaginaram possuir bases estáveis suficientes para prosseguir com a radicalização do movimento, e, com isso, passaram a visar os demais inimigos do partido, principalmente os judeus (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 18). Nesse ponto, Schleunes também aponta a dificuldade dos nazistas de planejar e colocar em prática políticas derivadas de uma ideologia abstrata que não tinha, a princípio, uma solução real, e cuja base se consistia na propaganda construída nos anos anteriores. O autor defende a ideia de que o antissemitismo nazista era formado por uma ideologia sem fundamentação prática, cuja abstração era baseada em fantasias defendidas pela propaganda do partido na década de 1920 e que, uma vez no poder, tal ideologia possuía pouca consistência para ser efetivada. Segundo o autor: “*Promises of utopia are seldom rooted in practical considerations of reality, but rarely has that truism been more applicable than to the Nazi promise of a judenrein Germany.*” (SCHLEUNES, 1990, p. 62).

O governo está em maus lençóis. Do exterior, “propaganda de atrocidades” devido a sua campanha contra os judeus. O governo omite desmentidos constantes, não há *pogroms*, e manda associações judaicas divulgarem negativas. Por outro lado, ameaça abertamente agir contra os judeus alemães caso a agitação subversiva do judaísmo internacional não pare. Nesse ínterim, no país não há derramamento de sangue, apenas opressão, opressão, opressão. Ninguém mais respira livremente, não há liberdade de palavra, nem impressa, nem falada.⁴⁶

Como consequência da impopularidade das agressões, Hitler estabeleceu diretrizes para a implementação do primeiro ato antissemita organizado oficialmente pelo partido, realizando um boicote a todos os estabelecimentos pertencentes aos judeus. Por meio dessa orientação, ele esperava focalizar e delimitar a atitude da SA, controlando-a e cumprindo seu objetivo ao mesmo tempo em que respondia às pressões internas e à opinião popular.⁴⁷ Programado para ter início no dia 1º de abril, o boicote aos judeus teve pouco tempo para ser organizado e vários elementos referentes aos seus efeitos não foram levados em consideração pelo comitê de planejamento.⁴⁸

Klemperer somente tomou conhecimento do boicote através da propaganda e anúncios oficiais do governo nacional-socialista, nos quais foi apresentado como medida de resposta do partido à imprensa internacional e, ao mesmo tempo, como um ato espontâneo da população. Para ele, tal medida não consistia na contenção ou no direcionamento de um movimento radical, demonstrando apenas a continuidade do que já era realizado anteriormente. Anunciado nos últimos dias de março, o boicote gerou repercussões imediatas, e Klemperer registra que essa medida apenas prejudicava o próprio governo, tornando ainda mais evidente a violência contra a população.

A consequência maior, contudo, seria a sua observação de uma crescente tensão na Alemanha causada pelos nazistas, o que estabeleceu uma incerteza do futuro e a possibilidade de um desfecho ainda mais desastroso. Segundo ele: “Durante o dia, a proclamação dos nacional-socialistas a favor do boicote é divulgada. Somos reféns. Predomina a sensação [...]

⁴⁶ Registro feito em 27 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 17.

⁴⁷ Friedländer argumenta que o boicote, apesar de já fundamentado na ideologia nazista de exclusão dos judeus da vida social, foi realizado principalmente como resposta às pressões internas (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 19). Já Scheunes aponta o fato de que as tentativas de conter a SA foram ineficazes, e que, através do boicote, se procurava encontrar uma atividade através da qual as ações do radicalismo nazista não prejudicassem mais a estabilidade do governo (SCHLEUNES, 1990, p. 74).

⁴⁸ Entre os pontos desconsiderados, não houve reflexões sobre os efeitos sobre a economia alemã, os fundamentos que estabeleceriam a definição de propriedades comerciais de judeus e nem sobre a reação internacional ao boicote. O comitê procurou iniciar o boicote com o estabelecimento de duração indefinida até que os judeus estivessem removidos da economia alemã, mas sem considerações de demais reflexos sociais (SCHLEUNES, 1990, p. 76). Foi necessária a intervenção de Hindenburg e de Neurath, sendo este o ministro das relações exteriores, para que Hitler alterasse o planejamento por receio de represálias de outros países que prejudicariam ainda mais a economia interna e as relações internacionais (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 20).

de que este regime de terror não pode durar muito, mas de que, quando ele cair, vai nos enterrar a todos.”⁴⁹

Juntamente com os demais acontecimentos ocorridos, principalmente a violência oficial dos meses anteriores e a propaganda antissemita, o boicote seria uma demonstração de barbaridade semelhante à Idade Média da Europa Oriental,⁵⁰ e estaria em conflito com a estabilidade e o apoio popular buscados pelos nazistas. Klemperer registra o predomínio da incerteza, uma vez que a demonstração aberta do antissemitismo violento não seria possível ocorrer sem gerar a impopularidade e a instabilidade do governo.⁵¹

No dia 1º de abril, o fracasso do boicote é evidente, contribuindo ainda mais para a percepção de fraqueza do governo. Por não possuir estabelecimentos comerciais, Klemperer não sofreu intervenções do partido, mas os efeitos do boicote foram mais duradouros e profundos do que o impacto econômico sobre as lojas. Ao mesmo tempo em que os civis não demonstravam a radicalidade ou o entusiasmo tal qual era esperado pelos nazistas, os membros da SA que estavam participando logo ultrapassaram aquilo que foi determinado pelo comitê de organização.⁵² A falta de disciplina dos agentes e os efeitos inexpressivos sobre a população forçaram o partido a cancelar a iniciativa no mesmo dia e a suspender, por tempo indeterminado, qualquer outro planejamento de atividade semelhante.⁵³

A facilidade com a qual essas observações foram realizadas apontam para a fragilidade que a propaganda Nacional-Socialista tinha em estimular o exercício de sua ideologia. Também foi perceptível, para Klemperer, a incapacidade de construir uma explicação coerente dos acontecimentos, sendo facilmente identificadas as falhas argumentativas na descrição do boicote. De acordo com ele:

⁴⁹ Registro feito em 30 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 18.

⁵⁰ “Sempre imaginei: século XX e Europa Central são coisas diferentes de século XIV e Romênia. Errado.” Registro feito em 30 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 18.

⁵¹ Observar o registro feito em 31 de março, em KLEMPERER, pág. 19.

⁵² De acordo com o planejamento, membros da SA deveriam se posicionar em frente a lojas de judeus e alertar os consumidores da propriedade judaica, mas os oficiais não iriam barrar a entrada de ninguém. Porém, a SA realizou, entre outras atitudes, vários atos não programados como desfiles, agressões e até mesmo com a invasão da Universidade de Frankfurt para a expulsão dos judeus e marxistas. Para Schleunes, tais demonstrações revelam que os radicais não seriam contidos pelos limites estabelecidos pela liderança do partido, e que continuariam a buscar seus objetivos por meios próprios (SCHLEUNES, 1990, p. 86).

⁵³ A propaganda justificou o cancelamento como sendo devido ao seu sucesso em impedir as notícias da imprensa internacional. De acordo com Schleunes: “*The official reason given for cancelling the boycott was that its aims has been realized. In a classic example of Orwellian double-think, Goebbel’s Propaganda Ministry announced: ‘The Reich government is pleased to announce that the counterboycott against the agitation of Germany’s enemies has been a success. With only a few exceptions this outrageous foreign propaganda has been stopped. The government takes the position that it would serve no purpose to continue the counterboycott since now such outside agitation stems only from the communists.’*” (SCHLEUNES, 1990, p. 87).

Suspenso depois de um dia – foi um sucesso e a Alemanha é “magnânima” [*großmütig*]. Na verdade uma manobra absurda. Evidentemente, resistência dentro e fora da Alemanha e evidentemente, pelo outro lado, pressão da massa nacional-socialista. Tenho a impressão de que vamos rapidamente rumo à catástrofe. [...] Haverá uma explosão – mas talvez *nós* paguemos com a vida, nós judeus. [...] Tudo o que eu considerava não alemão – brutalidade, injustiça, hipocrisia, manipulação da opinião das massas até a embriaguez –, tudo isso floresce aqui.⁵⁴

Mais do que uma expressão da força do NSDAP, o boicote mostrou sua fragilidade e a falta de apoio ideológico que detinha na população. Todos esses elementos eram perceptíveis para Klemperer e descritos em várias passagens, contribuindo para que ele decidisse aguardar o desenvolvimento da política ao mesmo tempo em que se adequava à nova situação, acostumando-se com as medidas repressoras e com a presença da agressividade. Assim como a maioria dos demais judeus na Alemanha, Klemperer não foi afetado diretamente pelas medidas antissemitas em sua totalidade, sendo que, em seu caso, elas estavam presentes em seu contexto sem o atingir, apesar de serem percebidas por ele como uma ameaça crescente.⁵⁵

3.2 SEGUNDA RESPOSTA: PROPAGANDA

Com o estabelecimento da primeira lei antissemita, Klemperer busca analisar um elemento que, até aquele momento, foi desconsiderado em suas reflexões. Na medida em que percebia a repressão, identificando o medo como o seu reflexo sobre a população, ele ignorava a presença da propaganda juntamente com os possíveis efeitos que ela possuiu sobre a sociedade. A partir desse momento, ela é somada à violência na sua caracterização do NSDAP, e incorporada nos elementos de observação presentes na procura de determinar o apoio e a opinião da população com relação ao nazismo.

Em vigor a partir do dia 7 de abril, apenas uma semana depois do boicote, a Lei para a Restauração do Serviço Público Profissional determinava que os servidores públicos que fossem considerados politicamente “não confiáveis” seriam retirados de seus cargos e

⁵⁴ Registro feito em 3 de abril de 1933, em KLEMPERER, p. 19. Klemperer utiliza a expressão “*undeutsch*” para representar aquilo que seriam os valores opostos aos presentes na civilização alemã, termo que será repetido por ele quando se referir aos nazistas e suas atitudes em geral, como visto na edição em alemão da passagem citada: “*Alles, was ich für undeutsch gehalten habe, Brutalität, Ungerechtigkeit, Heuchelei, Massensuggestion bis zur Besoffenheit, alles das floriert hier.*” Em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1933 – 1934*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 18.

⁵⁵ Kaplan defende que a irregularidade das práticas antissemitas, juntamente com a falta de clareza nos objetivos do partido com relação aos judeus, fez com que muitos deles continuassem a viver normalmente na Alemanha, mesmo com a aparente perseguição e agressividade. Segundo a autora: “*Still, for most Jews daily life consisted of the common-place – trying to make a living, nurturing their families, and achieving at school – activities that continued at least until November 1938. They tried to lead ‘normal’ lives while experiencing outward oppression and inward disorientation, tension, and frustration.*” (KAPLAN, 2001, p. 66).

substituídos por outros que apoiassem o regime.⁵⁶ De forma pouco definida, ao afirmar que todos aqueles que não eram “arianos” também estariam incluídos na abrangência da aplicabilidade da lei, englobou não somente os judeus, mas qualquer outro que não possuísse ancestralidade alemã. Porém, por mais abstrata que a lei possa ter sido, ela contribuiu para estabelecer parte dos fundamentos legais de demais atitudes e legislações que a seguiriam no futuro. Segundo Friedländer:

For the first time since completion of the emancipation of the German Jews in 1871, a government, by law, had reintroduced discrimination against the Jews. Up to this point the Nazis had unleashed the most extreme anti-Jewish propaganda and brutalized, boycotted, or killed Jews on the assumption that they could somehow be identified as Jews, but no formal disenfranchisement based on an exclusionary definition had yet been initiated. The definition as such – whatever its precise terms were to be in the future – was the necessary initial basis of all the persecution that were to follow.⁵⁷

Com a isenção dos veteranos da Grande Guerra e de seus descendentes, poucos servidores foram de fato afetados pela lei.⁵⁸ Por ter sido voluntário, Klemperer conseguiu permanecer como professor da Dresden Technische Hochschule, apesar de ainda suspeitar da estabilidade de sua posição.⁵⁹ Mesmo com a pequena efetividade, a lei foi exercida com brutalidade e contribuiu para a permanência do medo.⁶⁰ Segundo ele: “No momento, ainda estou seguro. Assim como está seguro alguém na forca, com a corda no pescoço. A qualquer

⁵⁶ Em alemão, a lei era chamada de *Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums* e possuía uma ampla definição daqueles que seriam afetados por ela, tornando-se apenas uma base legal para as ações arbitrárias do partido. Por meio dessa determinação, não somente judeus e outros não arianos foram afetados, mas também aqueles de envolvimento em oposição política ou que possuíam um passado que levantasse suspeitas em seu apoio ao Nacional-Socialismo.

⁵⁷ É completa, afirmando que: “*Although the scope of the law was general, the anti-Jewish provision represented its very core.*” (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 28).

⁵⁸ Hindenburg novamente procurou intervir antes da efetivação, pedindo para que Hitler alterasse a legislação e isentasse os soldados que serviram e seus familiares de serem removidos de cargos públicos. A presença de Hindenburg era percebida pelos judeus como conflituosa na política alemã, pois ao mesmo tempo em que ele mantinha-se como um símbolo da estabilidade e do controle dos excessos do Nacional-Socialismo, Klemperer o via como uma pessoa frágil e desgastada, ou, em suas palavras “[...] laborioso, de respiração curta, voz de um homem velhíssimo que esteja fisicamente perto do fim.” Registro feito em 31 de março de 1933, em KLEMPERER, p. 19. De acordo com Friedländer: “*For some Jews the continuing presence of the old, respected President Paul von Hindenburg as head of state was a source of confidence.*” (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 16).

⁵⁹ Klemperer necessitou comprovar a sua participação ativa na guerra como soldado na linha de frente, fazendo com que buscasse documentos atestando a sua presença em combate. Tais documentos foram adquiridos após um lento processo burocrático, como visto no registro feito em 28 de agosto de 1933, em KLEMPERER, p. 39.

⁶⁰ “A terrível sensação do ‘Graças a Deus! Estou vivo!’.” A nova lei para os funcionários públicos permite-me ficar em meu posto como um soldado na frente de batalha [...]. Mas, por toda a parte, açodamento, miséria, o mais puro medo. Um primo de Dember, médico em Berlim, foi arrancado de seu consultório, em mangas de camisa, e violentamente espancado; conduzido ao Hospital Humbolt, ali morreu, aos 45 anos.” Registro feito em 10 de abril de 1933, em KLEMPERER, p. 21.

momento, uma nova “lei” pode dar um chute no estrado em que me apoio, e então me enforçar.”⁶¹

Novamente Klemperer questiona os motivos e origens do apoio popular. Com o fim aparente das medidas oficiais, o antissemitismo nazista era demonstrado principalmente pela propaganda, que esteve cada vez mais presente na sociedade alemã. Com a criação do Ministério da Propaganda, pouco depois das eleições de março, o NSDAP adquiriu o controle sobre todos os meios artísticos e editoriais da Alemanha,⁶² fazendo com que a presença da propaganda fosse constante no cotidiano, ao ponto de Klemperer observar: “Cada discurso do chanceler, dos ministros, comissários. E eles discursam diariamente. Tamanho amontoado de mentiras, as mais evidentes e grosseiras, hipocrisias, frases vazias, absurdos. E sempre as ameaças, o triunfo e as promessas vãs.”⁶³

A distância entre a propaganda e a realidade social é apontada por Klemperer em seus diários, e facilmente visível devido à coexistência da insatisfação da população e os discursos inflamados do partido Nacional-Socialista. Ao promover a unidade, o nazismo estabeleceu a *Volksgemeinschaft* como conceito abrangente que incluiria todos os alemães sob a ideologia racial do partido, mas falhou em superar a insatisfação com a violência e a apatia com o antissemitismo.⁶⁴ Mais do que estimular a população alemã, a propaganda fornecia uma imagem ilusória que pouco contribuía para o estabelecimento da mobilização popular. Foi claro para Klemperer, a partir do boicote e da primeira legislação antisemita, que não houve demonstrações populares seguindo o antissemitismo oficial por mais que a propaganda

⁶¹ Klemperer também conclui que, com essa lei, o partido não possui mais nenhum impedimento na realização de suas políticas, mesmo com a presença de Hindenburg que contribuía para a estabilidade e a moderação dos nazistas: “[...] agora realmente estamos totalmente à mercê da ditadura do partido, do ‘Terceiro Reich’, que não faz mais segredo algum de seu completo domínio.” Registro feito em 12 de abril de 1933, em KLEMPERER, p. 23.

⁶² Embora o processo tenha sido lento e tivesse diferenças entre cada caso específico, os efeitos do controle do partido Nacional-Socialista sobre a produção foram imediatos, auxiliados pela expressão da violência contra a oposição, gerando a coordenação rápida dos jornais, filmes e estações de rádio. Welch distingue cada um desses três elementos na forma pela qual foi sujeitada à jurisdição do ministério, através da “coordenação” que estabeleceu diretrizes, controlou a produção e inviabilizou qualquer expressão contrária à ideologia nazista (WELCH, 2002, p. 38).

⁶³ Registro feito em 7 de abril de 1933, em KLEMPERER, p. 21.

⁶⁴ Welch também aponta a incapacidade da propaganda nazista de estimular a unidade e superar ideologias já existentes, como a classe social ou religião. Principalmente os trabalhadores e os católicos não foram influenciados devido ao seu pertencimento a outros grupos sociais, cuja integração era mais sólida (WELCH, 2002, p. 61).

estimulasse a agressão contra os judeus, assim como ele também observava indícios de impopularidade em vários momentos.⁶⁵

Porém, a princípio, Klemperer percebe a propaganda como uma demonstração de força e poder, ligando-a ao estabelecimento do medo sobre a população. Ambas contribuiriam para a imposição do partido e de sua ideologia sobre a sociedade. Assim como a violência, as publicações oficiais estavam presentes de forma tão visível em seu cotidiano que ele logo considerou a sua possível eficiência como sendo derivado da sua excessiva exposição. Uma das primeiras passagens na qual ele observa e questiona a propaganda pode ser vista em:

Será que é sugestão da enorme propaganda – cinema, rádio, jornais, bandeiras, sempre novas comemorações (hoje feriado nacional, aniversário de Adolf, o *Führer*)? Ou trata-se do enorme medo da escravidão em toda parte? Estou quase acreditando que não vou sobreviver ao fim desta tirania. E já estou quase acostumado à situação da ausência de direitos. Já não sou alemão e ariano, e sim judeu, e devo ficar agradecido se me deixarem vivo. Genial como eles entendem a propaganda. Anteontem, vimos (e ouvimos), no cinema, como Hitler passa as tropas em revista [...] – percebe-se sua onipotência e todos se curvam. E sempre a canção de Horst Wessel. E todos baixam a cabeça.⁶⁶

Apesar de reconhecer que a propaganda era composta de exageros e mentiras,⁶⁷ Klemperer não consegue formar outra interpretação que consiga explicar as demonstrações de apoio da população. O conflito dessa resposta com o medo identificado anteriormente é constante, uma vez que ele percebe e registra acontecimentos que fundamentam ambos. Por meio do questionamento da eficiência da propaganda, a incompatibilidade é explorada e confrontada por ele, uma vez que:

Simplesmente não posso acreditar que o sentimento das massas realmente ainda esteja a favor de Hitler. Muitos indícios contrários. Mas todo mundo, literalmente todos morrem de medo. Não há mais segurança em nenhuma carta, nenhum

⁶⁵ Em diversas passagens ele registra a contínua presença do medo durante o ano de 1933, sendo que “descontentamento, medo em toda parte.” no registro feito em 28 de julho de 1933, em KLEMPERER, p. 35 e “Amargura por toda parte e em todas as camadas.” no registro feito em 9 de outubro de 1933, em KLEMPERER, p. 43, são algumas que podem ser citados como exemplos. Em 1934 também se percebe a continuidade do temor na população, onde se encontra passagens como “Mas se vê por todo lado desorganização, descontentamento, não pode estar muito longe da catástrofe.” no registro feito em 13 de maio de 1934, em KLEMPERER, p. 69, e “Por toda parte, incerteza, efervescência, mistério.” no registro feito em 13 de junho de 1934, em KLEMPERER, p. 74.

⁶⁶ Registro feito em 20 de abril de 1933, em KLEMPERER, p. 23.

⁶⁷ Em diversas passagens ele nota que o Nacional-Socialismo, através do domínio da imprensa, mentia e exagerava em sua propaganda de forma clara, chegando a torná-la repulsiva: “A verdade fala por si mesma, mas a mentira fala através da imprensa e do rádio.” no registro feito em 15 de fevereiro de 1934, em KLEMPERER, p. 62, e “Goebbels, contudo, não cativa, e sim literalmente ‘prende’, e o faz com a pessoa inteira, ele a tiraniza, e contra isso revolta-se a pessoa e adquire antipatia pela absoluta monotonia daquilo que unicamente lhe é oferecido. Numa escala de sentimentos, vai-se aqui da indiferença da apatia até a antipatia e rebelião.” no registro feito em 14 de julho de 1934, em KLEMPERER, p. 79.

telefonema, nenhuma palavra na rua. Cada um vê no outro um traidor, ou um informante.⁶⁸

A impossibilidade de coexistência entre o apoio derivado de uma propaganda explicitamente mentirosa e o medo oriundo de uma violência arbitrária geram o conflito de interpretação que será permanente durante o governo Nacional-Socialista para Klemperer, e até mesmo após o seu fim.⁶⁹ Ao demonstrar poder e força, o discurso nazista não somente intimidava a oposição, mas principalmente toda a população alemã, criando uma mentalidade coletiva que temia a repressão e a ameaça arbitrária, mas que, ao mesmo tempo, não podia demonstrar a sua insatisfação publicamente.⁷⁰

Com a diminuição notável das atividades antissemitas do Nacional-Socialismo em 1934, ao menos no que correspondesse à sua prática, alguns judeus consideravam que a situação passaria a melhorar.⁷¹ Já com relação à população alemã, foi perceptível para Klemperer que a apatia atingiu níveis tão baixos que ele chegou a duvidar da permanência do NSDAP no governo.⁷² Apesar de iniciar o ano questionando: “Terá a Alemanha se transformado assim totalmente e no seu cerne, terá ela mudado sua essência tanto assim, para que isso tudo subsista? Ou predomina apenas uma letargia momentânea?”,⁷³ logo ele altera o enfoque de sua percepção e registra várias passagens nas quais afirma: “Nos últimos tempos parecem tomar força de novo os indícios de um fim próximo.”⁷⁴

⁶⁸ Registro feito em 19 de agosto de 1933, em KLEMPERER, p. 38.

⁶⁹ Mesmo no livro *LTI*, escrito e publicado depois de 1945, ele ainda mantém os mesmos questionamentos e busca analisar elementos que comprovam tanto um argumento quanto o outro, como em: “Ou a massa não compreendia bem essas coisas ou simplesmente se entediava com as repetições infundáveis”, continuando em: “O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes e aceitas inconsciente e mecanicamente.” (KLEMPERER, 2009, p. 54).

⁷⁰ De acordo com Peukert: “*It goes without saying that this activity generated little genuine loyalty but, rather, a style of behavior in public and semi-public places in which the acceptability or otherwise of spoken opinions was constantly kept in mind. Such behavior was inevitably marked by loss of spontaneity, calculation and conformity, and loss of intimacy with, and concern for, others.*” (PEUKERT, 1989, p. 239).

⁷¹ Com a morte de Röhm e a supressão da SA com a *Nacht der langen Messer*, o partido nazista procurou suprimir a continuidade das atitudes radicais. De acordo com Schleunes: “*During 1934 very few official measures of any public significance were being taken against the Jew. [...] There were, to be sure, continued incidents of harassment and small-scale boycotting, but they did not have the sanction of the government. The purge of radical elements within the movement, especially of the SA leadership, in June 1934 brought for the most part even these ‘uncoordinated’ incidents to an end.*” SCHLEUNES, 1990, p. 116).

⁷² Os registros que observam a proximidade de um fim do governo Nacional-Socialista devido à instabilidade interna são encontrados em maior número no ano de 1934, podendo ser mencionados os registros “Não *pode* durar muito mais.”, “Amargura e certeza que o fim está próximo.” e “E os sinais de queda próxima aumentam.”, sendo todos eles feitos em 13 de junho de 1934, em KLEMPERER, p. 70.

⁷³ Registro feito em 2 de fevereiro de 1934, em KLEMPERER, p. 61.

⁷⁴ Registro feito em 19 de março de 1934, em KLEMPERER, p. 65. Outras passagens revelam ideias semelhantes, podendo ser citadas, entre várias outras: “Ouvimos cada vez mais, justamente das ‘pessoas humildes’ nas quais eles se apoiam [...] como a insatisfação está crescendo.” e “Mas vê por todo lado desorganização, descontentamento, não pode estar muito longe da catástrofe.” Sendo ambos os registros feitos em 13 de maio de 1934, em KLEMPERER, p. 68.

Essa observação demonstra como Klemperer adequou-se e decidiu esperar pelos acontecimentos, ao mesmo tempo em que registra a incerteza do futuro.⁷⁵ Ao procurar atividades que possibilitam distrações, ele ainda mantém determinada liberdade e dedica-se ao trabalho como forma de superar as dificuldades do momento, mostrando como a vida cotidiana foi adaptada à repressão do partido, e como outras preocupações ou atividades rotineiras conseguem afastar o indivíduo de tais elementos da política e providenciar momentos de diversão.⁷⁶ No entanto, ainda permanece vigilante em sua observação do contexto político, analisando a propaganda e seus efeitos, e perguntando-se no que as “massas” acreditam.⁷⁷

3.3 UMA TERCEIRA RESPOSTA: INCOERÊNCIA OU COEXISTÊNCIA?

A impossibilidade de Klemperer de estabelecer uma identificação estável da opinião popular é derivada da coexistência de observações que sustentam ambos os extremos. Apesar de, para ele, o apoio e o medo serem excludentes, ele identifica a permanência dos reflexos da opressão sobre a população e a intensidade da presença da propaganda na vida pública. Por mais que houvesse medo e apoio, não era discutível que o Nacional-Socialismo permanecia no governo alemão. Pelo contrário, Klemperer escreve: “O terrível é que um povo europeu submeteu-se a tal bando de doentes mentais e criminosos e ainda os aguenta.”⁷⁸

A imagem que Klemperer formou do governo nestes primeiros anos foi constituída desses fatores, e raramente houve registros nos quais os nazistas realizaram alguma política pública benéfica ou que fosse considerara, ao menos, tolerável. Ele aparentemente não percebeu qualquer elemento que fosse benigno para a sociedade alemã, muito menos para si. Confuso quanto a origem do apoio popular, ele varia e altera suas interpretações de acordo com os acontecimentos, não mantendo estabilidade nas conclusões e nem na duração em que as sustenta antes de reformá-las. Ao alterar constantemente sua inclinação para o medo ou

⁷⁵ Devido à falta de clareza e à instabilidade social, Klemperer menciona em várias passagens que não tinha previsões do que poderia acontecer e nem fundamentação para realizá-las. Como exemplo: “Não faço planos para mais de um dia.” no registro feito em 25 de abril de 1933, em KLEMPERER, p. 24, ou “Aguardo dia após dia. Nada acontece.” no registro feito em 19 de junho de 1933, em KLEMPERER, p. 29.

⁷⁶ Desde 1933 ele já identifica um refúgio em suas atividades profissionais, em “Mas o que eu deveria fazer além de anestesiá-lo com estudos?” no registro feito em 30 de outubro de 1933, em KLEMPERER, p. 45, e continuando em “Curioso como a gente se acostuma a essas e a muitas outras pressões. Consigo sempre, pelo menos por algumas horas, deixar para trás tudo o que me angustia e amedronta – é tanta coisa – e escrever, estudar, ler em voz alta etc. etc., em resumo, quase ter prazer na minha vida.” No registro feito em 13 de junho de 1934, em KLEMPERER, p. 74.

⁷⁷ Segundo ele: “Pois os nazistas são ou não mestres no tratamento da opinião pública? Esta não é uma pergunta retórica e sim uma pergunta real. Na verdade, não sei a resposta. Eles especulam constantemente a respeito do primitivismo e da ignorância da massa. Especulação correta, mas quanto se deve atribuir a esse fator?” Registro feito em 1º de agosto de 1934, em KLEMPERER, p. 83.

⁷⁸ Registro feito em 14 de julho de 1934, em KLEMPERER, p. 78.

para o apoio, seus registros apenas refletem a complexidade social e as confusas interpretações derivadas da análise de seu contexto caótico.

Enquanto essas interpretações ainda conflitavam, a morte de Hindenburg no início de agosto de 1934 gerou reflexos ainda mais complicados para Klemperer. O plebiscito que se seguiu ao falecimento do presidente procurou dar legitimidade à manobra de Hitler de incorporar o cargo ao seu, o que reforçaria a dominação política do partido nazista. Realizado no dia 19 de agosto, esse referendo colocava em votação a junção dos cargos de chanceler e presidente na pessoa de Hitler, colocando-o como chefe de Estado e dando-lhe poderes com bases legais, sendo que ele já exercia a sua autoridade sem contestação evidente. O resultado dessa votação demonstrou que 90% da população aprovaram o NSDAP e confirmaram a união dos cargos, o que pode fornecer fundamentos para uma interpretação pouco desenvolvida do apoio popular e de suas capacidades de expressão. Gellately, por exemplo, argumenta que o plebiscito demonstrou o apoio que o partido Nacional-Socialista possuía, mesmo com as prisões e a violência arbitrárias, o que poderia significar uma alta popularidade que também refletiria na ausência de críticas e de oposição. Segundo o autor, “O inquestionável deslocamento dos alemães rumo ao apoio à ditadura de Hitler” ficou explícito e pôde ser observado também em outros elementos como o aumento das adesões ao partido (GELLATELY, 2011, p. 43).

Porém, essa interpretação ignora outros elementos que podem ter influenciado a população no momento do voto. A ampla maioria favorável não demonstra, para Klemperer, apoio expressivo ou que seja fielmente derivado da opinião popular. Segundo ele, os motivos pelos quais as pessoas votaram pela concessão de poderes a Hitler foram mais complexos e, levando em consideração a capacidade repressiva do nazismo, ele afirma que: “Um terço disse “sim” por medo, outro, por embriaguez e outro, por medo e embriaguez.”⁷⁹

Em um contexto no qual expressar oposição gerava o risco de prisão, a análise desse resultado deve ser feita com cautela. Uma vez que a imprensa divulgou as medidas adotadas contra qualquer indivíduo suspeito, juntamente com a propaganda demonstrando a força e o poder do partido NSDAP, é questionável se a tensão e o medo também não interferiram no resultado do plebiscito. Sendo ambos os elementos tão evidentes e continuamente observados

⁷⁹ Registro feito em 21 de agosto de 1934, em KLEMPERER, p. 88.

por Klemperer, é possível levantar a hipótese de que chegaram a direcionar o comportamento social nessa votação da mesma forma que alteraram as práticas cotidianas da população.⁸⁰

Para Klemperer, a própria votação não era confiável e representava risco àqueles que votassem contrariamente ao governo. Uma vez que o partido controlava todas as instituições oficiais, tendo inclusive o juramento de lealdade do exército pouco após a morte de Hindenburg, não se acreditava nem na contagem correta dos votos e nem na votação secreta.⁸¹ Segundo ele: “Eva e eu votamos ‘não’ também só por um certo desespero e não sem medo.”⁸² Diferente do que acreditava no início do ano, com esse resultado Klemperer passa a considerar que o governo Nacional-Socialista pode permanecer indefinidamente.

Na prática, no entanto, o plebiscito não gerou alterações evidentes como a legislação antissemita de 1933. Pelo contrário, houve o registro de mais casos de apatia e indiferença da população após a votação, e Klemperer reafirma que é perceptível a possibilidade de um fim do governo devido à sua impopularidade no final de 1934 e início do ano seguinte.⁸³ Ele nota, por exemplo, que em diversos momentos a população realizava os procedimentos e obrigações ideológicas exigidas pelo partido sem entusiasmo e visivelmente incomodada. No juramento obrigatório dos professores de sua instituição a Hitler, por exemplo, Klemperer participa da cerimônia para manter o seu emprego, mas notou que: “A cerimônia, tão fria e

⁸⁰ Gellately, de forma contraditória, argumenta que o partido agia de forma violenta e arbitrária contra sua oposição e, ao mesmo tempo, que a população não expressava oposição por ter apoio genuíno. Como o autor afirma em “Se adotarmos uma visão ampla, um sinal de que o povo alemão aceitou ou estava disposto a tolerar os campos e a nova política pode ser visto no plebiscito e na eleição de 1933 e no plebiscito de agosto de 1934. A vasta maioria dos alemães deixou de lado suas reservas em relação a Hitler. Portanto, causaria surpresa se muitos ficassem indignados pelos campos ou pela Gestapo.” (GELLATELY, 2011, p. 106). Enquanto Klemperer não pode ser considerado empiricamente como base para a formação de críticas às conclusões defendidas por Gellately, ao menos fornece outras perspectivas que apontam inconsistências, contribuindo para a possibilidade de análises que salientem a presença do medo e da intimidação social. Em outras palavras, até que ponto é possível determinar apoio genuíno quando o governo nazista ameaçava explicitamente qualquer opositor de encarceramento?

⁸¹ Em um plebiscito realizado em 12 de novembro de 1933, o governo nazista procurou aprovação da população para a retirada da Alemanha da Liga das Nações. Apesar de possuir um resultado favorável com 95% dos votos, Klemperer destaca que: “Ninguém acredita no respeito ao voto secreto, ninguém acredita também na contagem *correta* dos votos; para que se tornar mártir? Por outro lado: dizer sim a este governo? É impensavelmente asqueroso [*Es ist unausdenkbar ekelhaft*].” Registro feito em 2 de novembro de 1933, em KLEMPERER, p. 46. Na edição alemã, esta passagem é encontrada em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1933 – 1934*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 65.

⁸² Registro feito em 21 de agosto de 1934, em KLEMPERER, p. 88.

⁸³ No início de 1935, assim como realizado anteriormente, ele escreve: “Ontem, a visita a Gusti Wiegardt foi agradável pois ela expressou reiteradamente a certeza inquebrantável de que este será o último dia de Hitler.” Registro feito em 1º de janeiro de 1935, em KLEMPERER, p. 109.

formal quanto possível, não durou nem dois minutos”, e que diversos colegas presentes também “são tão bons nacional-socialistas quanto eu.”⁸⁴

Sua esperança política, no entanto, não é mantida com o decorrer do ano. A ausência de oposição e a lealdade do exército à Hitler inviabilizam, para ele, qualquer percepção sobre a possibilidade de queda do nazismo. Com a permanência da situação e a adequação da população, mesmo havendo críticas e um comportamento social apático à ideologia de mobilização, o Nacional-Socialismo pôde permanecer.⁸⁵ O aumento da presença da propaganda gerava saturação e desinteresse ainda maiores na sociedade, o que, apesar de contrários àquilo que era o objetivo principal pretendido, contribuía para a sustentabilidade do NSDAP.⁸⁶

A coexistência do medo e do apoio impossibilita Klemperer de formar uma explicação conciliadora de ambos.⁸⁷ Ao utilizar essas duas ferramentas, o Nacional-Socialismo obteve sucesso em afastar a população de todo o campo político, saturando-a e intimidando-a a ponto de a tornar, ao mesmo tempo, temerosa de expressar críticas e preocupada com suas demonstrações de apoio, mesmo que pouco influenciadas ideologicamente.⁸⁸ Os diários de Klemperer permitem observar como, para ele, a população foi despolitizada, aceitando a situação, adaptou às novas exigências e evitou qualquer atitude que possibilitasse o seu

⁸⁴ Registro realizado em 20 de novembro de 1934, em KLEMPERER, p. 100. Outros casos observados apontam a distância entre a propaganda e a realidade social na Alemanha, como no dia de luto pelos mortos do NSDAP, na qual o partido convocou a população a içar a bandeira Nacional-Socialista em suas casas como demonstração de apoio e respeito, sendo que Klemperer descreve: “Com alegria, vejo que em nossa vizinhança mais da metade das casas ficou sem bandeiras.” Registro feito em 9 de novembro de 1934, em KLEMPERER, p. 99, e até mesmo que se ocultam informações sobre Hitler e manipula-se as divulgações da imprensa para protegê-lo e manter sua imagem de apoio popular: “Só é possível dar segurança ao nosso czar através de segredo absoluto.” Registro feito em 30 de dezembro de 1934, em KLEMPERER, p. 104.

⁸⁵ “Não acredita que o fim do governo esteja próximo, o governo tem muito poder, o povo está escravizado demais e embriagado pelas mentiras nacional-socialistas – e se o fim acontecer um dia, então será com muito sangue.” Registro feito em 3 de abril de 1935, em KLEMPERER, p. 118.

⁸⁶ De acordo com Bankier: “*The bulk of the population sought to institutionalize the achievements of the revolution and prevent dynamism from becoming the basis of day-to-day life. The party leadership, by contrast, sought constantly to reactivate the masses, to prevent ideological ossification and a loss of fervor. To this end it attempted to detach people from their traditional cultures and to prevent a simple ‘return to normal’.* The result was the opposite of the one intended: people became satiated with political activity and lost interest.” (BANKIER, 1996, p. 16).

⁸⁷ “*Both elements – nonconformity and consent, opposition and approval – were features of attitudes of the German people during the Third Reich. They are two sides of the same coin. Most Germans were neither died-to-the-wool Nazis nor convinced anti-fascists. Partial rejection of Nazism existed in large parts of the population alongside partial approval of the Nazi regime.*” (KERSHAW, 2008, p. 119).

⁸⁸ “*Depoliticization produced a political paralysis which assured the stability of the regime but at the same time was contrary to Nazi objectives, since it entailed a lack of readiness to act on behalf of any ideal, including those fostered by the party propaganda.*” (BANKIER, 1996, p. 55).

comprometimento, ao mesmo tempo em que demonstrava oposição em um nível de práticas cotidianas.⁸⁹

As pequenas críticas observadas por Klemperer não foram suficientes para desafiar a estabilidade do governo, e, mesmo sendo numerosas e perceptíveis em diversos setores sociais, ficaram restritas ao ambiente particular e não foram expressas ou organizadas publicamente. Mesmo que a falta de oposição possa ser interpretada como aceitação da autoridade e, até determinado limite, apoio passivo ao governo, também pode ser interpretado que, a despeito da insistência da propaganda, a ideologia nazista não chegou a ser incorporada na sociedade nos primeiros anos.⁹⁰

Sem a observação prévia de qualquer elemento indicativo, Klemperer perde seu cargo de professor no final de abril de 1935. Apesar de terem ocorrido manifestações antissemitas oriundas dos grupos radicais do partido desde o início do ano por toda a Alemanha, não há registros de Klemperer de que tais ataques o atingiram ou interferiram em sua percepção do contexto.⁹¹ Ele não entende o motivo de sua demissão, mas sente os efeitos dela uma vez que perde parte de sua liberdade e, principalmente, uma de suas distrações mais relevantes. Klemperer também sente grande necessidade de recursos, e passaria a receber um pequeno valor como aposentadoria, mas que seria insuficiente para seus gastos, forçando-o a vender livros, coleções e planejar cuidadosamente cada pagamento.

A partir deste momento, os diários de Klemperer mostram alterações perceptíveis na sua escrita. Sem mais atividades do trabalho, ele realizou registros mais cuidadosos e observadores de seu contexto, detalhando e descrevendo os acontecimentos em análises maiores. Porém, a incerteza de sua situação apenas se agrava com a diminuição de sua renda, o aumento de seus gastos, a continuação da opressão nazista e a incapacidade de estabelecer qualquer previsão de futuro.

Enquanto que as Leis de Nuremberg, em vigor a partir de novembro desse mesmo ano, encontram-se em um período próximo ao qual ele perde seu emprego, elas não apontam

⁸⁹ “*Terror and intimidation on the one hand and the massive, but superficial, politicisation that embraced all public life in the other promoted in reality a pervasive depoliticisation of the masses, reflected in the sense of futility among opponents of the regime and the atomization of opinion. The vacuum that arose from this depoliticisation was filled with the pseudo-integrative force of the ‘Führer myth’.*” (KERSHAW, 2008, p. 134).

⁹⁰ Como afirma Peukert: “*Retreat into the private sphere and refusal to yield up anything more than the minimum necessary participation in the public stage-management of Volksgemeinschaft still entailed, at the least, passive acceptance of the prevailing order.*” (PEUKERT, 1989, p. 238).

⁹¹ Klemperer observa determinados casos nos quais percebeu críticas vindas da população, mas nada relacionado à violência contra os judeus até abril, quando realiza um comentário sobre a propaganda antissemita de um jornal específico, como presente no registro feito em 17 de abril de 1935, em KLEMPERER, p. 119. Já Friedländer descreve a violência sendo originada pela SA e de seus membros descontentes com a perda de seu prestígio e liderança no ano anterior, e que buscavam compensação pressionando o governo (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 137).

grande alteração na percepção de Klemperer. A nova legislação antissemita, ao mesmo tempo em que não o afetou diretamente, estava inserida em um contexto no qual já havia uma onda de agressividade do partido identificada desde agosto, tendo pouca relevância para ele além de contribuir para a sua percepção da legitimação da violência e legalização pelo governo.

A falta de dinheiro e a maior cautela em suas observações geram uma melhor possibilidade de estudo de sua individualidade, uma vez que ele passa não somente a notar elementos de seu contexto com maior precisão, mas busca interagir mais em seu objetivo de adquirir novos recursos. Seu relacionamento com a família, sua percepção de posição social, suas decisões de emigrar ou permanecer na Alemanha, juntamente com os acontecimentos externos, interferem na sua narrativa e permitem uma visualização mais detalhada de sua subjetividade.

4 A BUSCA PELA NORMALIDADE E A REALIDADE COTIDIANA: 1936 – 1938

Houve poucos reflexos práticos na vida de Klemperer com a legislação de 1935. Embora as Leis de Nuremberg proibissem o relacionamento entre judeus e “arianos”, não havia interferência em casamentos já existentes. Divulgadas como uma das medidas mais simbólicas do governo nazista, as leis apresentadas em setembro de 1935 possuíam apenas três pontos de efeito: a proibição de realização de casamentos entre judeus e alemães, a proibição de relacionamento sexual fora do casamento, e a proibição de emprego de criadas abaixo de 45 anos em casas de judeus. Os judeus também foram proibidos de hastear a bandeira alemã e perderam a sua cidadania, mas o principal efeito dessa lei foi gerar as definições de categorias para classificação de cada indivíduo com base na quantidade de “sangue judeu”. Para determiná-las, era analisada a presença de judeus entre os antepassados, possibilitando que as pessoas fossem categorizadas entre diversos padrões estabelecidos pelo Nacional-Socialismo (PEGELOW, 2006).⁹²

Para Klemperer, que não foi atingido por nenhuma das proibições determinadas, o destaque deste período foi voltado à propaganda antissemita que estava sendo realizada meses antes, principalmente aquela divulgada pelo jornal *Der Stürmer*. Devido à agressividade de sua propaganda, esse periódico semanal era considerado como o mais violento das publicações nazistas, chegando a ofender até mesmo os alemães. O conteúdo desse jornal era limitado a casos de abuso sexual, práticas comerciais desonestas, assassinatos rituais, conspiração internacional, e várias outras acusações hostis e criminosas sendo apontadas aos judeus. Streicher, o editor, costumava fazer essas e outras afirmações na sua ideologia antissemita, sendo também comum a comparação dos judeus com outros animais, tais quais vermes, aranhas, ratos e até microrganismos causadores de doenças.⁹³ Juntamente com outros casos de agressividade direcionada aos judeus, a violência possui novamente destaque nas observações escritas nos diários, como presente em:

Do ponto de vista pessoal e geral, nada mudou. Continuo recebendo “provisoriamente” quatrocentos e oitenta marcos; o governo, apesar da insatisfação

⁹² A alteração da bandeira nacional alemã para o símbolo do partido Nacional-Socialista gerou, segundo Bankier, reações mais perceptíveis e negativas do que as leis raciais, uma vez que a segregação dos judeus e a repressão ao relacionamento com alemães já eram práticas realizadas anteriormente (BANKIER, 1996, p. 76).

⁹³ De acordo com Bytwerk: “*Those kinds of comparisons were an important part of Streicher’s strategy. First, of course, the unpleasant associations of unpopular forms of animal life were transferred to the Jews. To compare a Jew to a tapeworm is to make all kinds of unstated accusations, accusations the audience will itself fill in. and the comparison renders the Jew less human, perhaps not human at all.*” (BYTWERK, 2001, p. 106).

geral, está firme como uma rocha; a incitação aos judeus, cada vez pior; o *Stürmer*, - “profanadores da raça”, “assassinos” – cada vez mais enlouquecido.⁹⁴

A população, apesar do retorno do antissemitismo na propaganda, permaneceu indiferente à ideologia nazista. Até mesmo com as leis raciais em vigor, Klemperer não sofre nenhuma agressão ou ofensa pessoalmente, e reconhece que tais atos violentos partem de indivíduos específicos do partido.⁹⁵ No entanto, ele não pratica nenhuma atitude para fugir ou proteger-se, e até mesmo suas buscas por outros empregos fora da Alemanha são abandonadas após não terem sido bem-sucedidas em seu momento inicial.⁹⁶

Porém, a legislação possuía outro objetivo além de limitar a interação dos judeus e alemães. Tendo em mente a agitação radical do início do ano, o Nacional-Socialismo pretendia desestimular tais práticas, controlando-as e direcionando a sua atuação a propostas mais concretas.⁹⁷ Com essa iniciativa, não somente satisfaria os radicais do partido como também tranquilizaria a população com o fim das demonstrações de violência. A afirmação de que a população aprovou as leis antissemitas de 1935 é feita por diversos historiadores, os quais argumentam que a origem de tal apoio é devido à possibilidade de um fim à aplicação da violência arbitrária do partido e a delimitação legal das medidas contra os judeus.⁹⁸ Tais objetivos aparentam ter atingido o sucesso, uma vez que não há mais registros da propaganda ou de ataques a judeus nos diários de Klemperer. Ainda assim, a presença da agitação descontrolada, da propaganda excessiva e das novas leis antissemitas contribuiu para

⁹⁴ Registro feito em 15 de setembro de 1935, em KLEMPERER, p. 131.

⁹⁵ “A incitação contra os judeus tornou-se tão desmedida, muito pior que no primeiro boicote, aqui e ali começo de *pogroms*, e contamos com a possibilidade de sermos proximamente espancados até a morte. Não pelos vizinhos, e sim por *nettoyeurs*, que são destacados aqui e ali como almas do povo.” Registro feito em 11 de agosto de 1935, em KLEMPERER, p. 130. Outros casos descritos possibilitam a confirmação, para ele, que a população não refletia o antissemitismo radical dos nazistas, e sentia medo para reagir a qualquer atitude, seja ela oficial ou não, como em: “Um jovem, pálido, hirt, de aparência enlouquecida, grita sem parar para um outro rapaz que não vi: ‘Quem compra no judeu é um traidor do povo! [...] Eu disse [...]’ etc. etc. *ad infinitum*. Todos ficam incomodados, embaraçados, ninguém se mete, e o homem continua a gritar: ‘Eu disse [...] eu posso dizer: Quem compra no judeu é um traidor do povo, um traidor do povo, eu disse [...]’”. Depois de um tempo segui meu caminho.” Registro feito em 16 de setembro de 1935, em KLEMPERER, p. 133.

⁹⁶ Klemperer, mesmo com a percepção da violência crescente, destina seus gastos na construção da nova casa e reafirma o seu desejo de permanecer na Alemanha. Sobre as respostas de sua procura de emprego, ele afirma: “Nenhuma correspondência, nenhuma perspectiva, silêncio total.” Registro em 30 de junho de 1935, em KLEMPERER, p. 127.

⁹⁷ De acordo com Friedländer: “*In short, the Nuremberg Laws were to serve notice to all that the role of the party was far from over – quite the contrary. Thus, the mass of party members would be assuaged, individual acts of violence against Jews would be stopped by the establishment of clear “legal” guidelines, and political activism would be channeled toward well-defined goals.*” (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 147).

⁹⁸ Enquanto que Bankier afirma que: “*The racial laws served as a massive tranquilizer. They not only symbolized the exclusion of Jews from German society, but also provided a legitimization of the preceding wave of riots and the arrests of Jews that had accompanied them. At the same time, they stopped the political instability that these riots created.*” (BANKIER, 1996, p. 42), Schleunes defende que os judeus receberam tal legislação de forma cautelosa, com a esperança de que traria segurança, em: “*If in the exchange for the Jewish acceptance of a circumscribed existence, the Nazis brought an end to boycott actions and propaganda assaults, that hope did not appear to be an impossible one.*” (SCHLEUNES, 1990, p. 126).

demonstrar que: “O NSDAP é evidentemente mais ainda o partido dos dementes do que o dos criminosos.”⁹⁹

No período entre 1936 e 1938, o antissemitismo foi caracterizado inicialmente pela continuidade da ausência identificada no final de 1935, mas apresentando crescimento gradual das manifestações contra os judeus até culminar na Noite dos Cristais, em 9 de novembro de 1938. Durante estes anos, Klemperer relata sua vida cotidiana em diferentes aspectos, sendo que ele busca a normalidade ao mesmo tempo em que ainda se insere em um contexto singular. Sem violência aparente, a sua atenção é voltada à população alemã e seus reflexos à ideologia nazista, mantendo as observações dos discursos oficiais.

Klemperer também pôde explorar melhor a liberdade e as distrações que ainda possuía devido, principalmente, aos jogos olímpicos que ocorreram em Berlim. Para evitar prejudicar a imagem da Alemanha na imprensa internacional, 1936 foi marcado pela diminuição das iniciativas radicais, tanto em nível local quanto nacional. Placas foram removidas, o jornal *Der Stürmer* foi retirado de exibição pública e até o assassinato de Wilhelm Gustloff, o representante dos nazistas na Suíça, cometido por um judeu não foi explorado pela propaganda e nenhuma medida de retaliação foi feita (BANKIER, 1996, p. 80).¹⁰⁰

O radicalismo, todavia, retornou gradualmente após os jogos, dado que a propaganda antissemita voltava ao cenário público na sua forma mais agressiva. Com a estabilidade econômica e o afastamento de demais conservadores do governo, Hitler se sentia em uma posição favorável o suficiente para prosseguir com o antissemitismo, apesar de ainda se manter cauteloso com o impacto social de tais medidas. Vários conservadores do governo, cujas ações contribuíam para evitar um maior aprofundamento das atividades radicais, foram retirados e substituídos por outros de maior afinidade ideológica. Neurath, o ministro das relações internacionais, e Schacht, ministro da economia, eram dois dos mais relevantes membros que contribuíram para limitar as aplicações excessivas da ideologia nazista, e sua saída significou uma nova possibilidade para o radicalismo violento de outros setores do NSDAP.¹⁰¹

O objetivo principal dos nazistas, nesse período, foi o de incentivar a emigração dos judeus alemães e, por meio da “arianização da economia”, eliminar as lojas e demais

⁹⁹ Ao contrário de demonstrar a limitação e o controle do partido sobre o antissemitismo, as leis raciais de 1935 foram, para Klemperer, uma demonstração da irracionalidade e os reflexos de uma ideologia agressiva na sociedade. Registro feito em 11 de novembro de 1935, em KLEMPERER, p. 140.

¹⁰⁰ Não somente as aparências das cidades, mas também houve alterações na equipe alemã de atletas e outras pequenas concessões ideológicas (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 180).

¹⁰¹ Segundo Schleunes: “*The last voices of moderation in the Nazi government were silenced.*” (SCHLEUNES, 1990, p. 214).

estabelecimentos pertencentes a eles. Em um longo e lento processo, várias lojas pequenas e comércios locais sofreram com maior impacto a pressão do Nacional-Socialismo, enquanto que judeus presentes em empresas maiores e bancos foram protegidos de tais medidas na procura de não danificar a economia nacional. De acordo com Schleunes:

Within this pattern, economic exclusion of Jews came first in those smaller enterprises which served primarily a domestic Market. The single most important obstacle to the liquidation of Jewish businesses able to maintain a significant volume of foreign trade managed to stay in business until shortly before the war. (SCHLEUNES, 1990, p. 145).

Na medida em que esse processo ocorria, os judeus ficavam, de forma crescente, empobrecidos e sem opções de destino fora da Alemanha. Os altos números de emigrantes não refletem as dificuldades encontradas tanto por aqueles que obtiveram sucesso quanto pelos outros que não tiveram a sorte de serem aceitos pelos países de destino, mesmo após conseguir passar pelo processo burocrático.¹⁰² Porém, mesmo perante tais adversidades, ainda havia alguns que escolheram permanecer na Alemanha, seja por nacionalismo ou por incapacidade financeira. Esses judeus, assim como Klemperer, decidiram aguardar e esperar o fim das agressividades antissemitas, sendo que alguns acreditavam que, eventualmente, os nazistas ficariam satisfeitos com o isolamento e o estabelecimento das restrições por meios legais.

Com a Noite dos Cristais, porém, foi perceptível a extensão do radicalismo nazista. A propaganda e as atitudes antissemitas realizadas anteriormente não foram suficientes para prevenir a população de toda a destruição causada, com a queima de sinagogas, depredação e saques de estabelecimentos judeus. A violência exercida abertamente em público contra indivíduos indefesos contribuiu, junto com os demais fatores, para causar espanto nos alemães. Naquele momento, infelizmente, já era tarde demais para a maioria dos judeus alemães conseguirem sair do país. Em pouco tempo, a Alemanha estaria ocupando territórios a leste da Europa, fazendo com que a política de emigração, inicialmente difícil, se tornasse impossível.

É necessário ressaltar que Klemperer, no entanto, pouco sabia das intenções do partido. Não lhe era possível realizar qualquer previsão precisa pelos indícios que observava

¹⁰² De acordo com Schleunes: “*Emigration administered by the Reich Office of Emigration was of necessity limited to those who could meet the requirements of the law. With each succeeding year the potential number of such people declined.*” (SCHLEUNES, 1990, p. 199). Kaplan explora as diversas taxas a serem pagas ao governo Nacional-Socialista somente para preencher os pré-requisitos legais para sair do país. Muitos judeus, segundo a autora, tiveram que vender seus bens a preços muito baixos para adquirir os recursos necessários, sendo que outros ainda recorriam a subornos, contatos e indicações para facilitar a burocracia em seus casos específicos (KAPLAN, 2001, p. 83).

antes de 1938, seja ela referente ao antissemitismo ou à política internacional. Apesar de não possuir mais seu emprego e passar a receber uma pensão de aposentadoria que era pequena demais para os seus gastos, Klemperer consegue encontrar formas de superar o seu isolamento social e distrair-se dos demais problemas de seu cotidiano, seja dedicando-se a estudos ou focando em abstrações diversas. Seus registros nesse período são marcados pela sua procura em explorar qualquer oportunidade de desviar da opressão nazista, o que gera, por sua vez, outros questionamentos quando confrontado pela presença das críticas ou dos reflexos da ideologia na sociedade alemã.

Os conflitos nesse período são derivados da incompatibilidade da realidade observada com a procura de reestabelecer a normalidade da vida cotidiana. Nos momentos em que não havia medidas oficiais do partido contra os judeus, Klemperer descreve vários casos nos quais a população praticou o antissemitismo, mesmo que em pequena escala. O que não significa, estranhamente para ele, uma inclinação ideológica para o nazismo, uma vez que críticas e comportamentos discordantes são também observados com grande frequência. Com a proximidade crescente da guerra, ele nota como os reflexos do discurso nazista, que defendia o conflito, possuíram pouco impacto sobre a população, já saturada e apática com a propaganda.

A incerteza deste período é derivada da identificação de tais elementos ambíguos, como o apoio e as críticas, a liberdade e o isolamento social, sem mencionar a ausência e presença do antissemitismo. Juntamente com estes pontos, Klemperer realiza outras reflexões mais pessoais, como a necessidade de ajuda financeira e a humilhação de depender de empréstimos de familiares, o conflito entre a sua identidade alemã e a categorização como judeu, e ainda o perigo da permanência e a impossibilidade de sair da Alemanha.

Neste trecho, será abordado como a realidade observada por ele entrava em conflito com o discurso oficial da propaganda, assim como as formas pelas quais o antissemitismo popular o atingiu e afetou pessoalmente, mesmo sem iniciativas do partido para incentivá-las. Sem a violência ou o medo como principais elementos do cotidiano, Klemperer destina a sua narrativa à uma observação mais descritiva daquilo que visualiza, tornando-o mais perceptível às incoerências do nazismo e seus reflexos sobre a sociedade.

4.1 PROBLEMAS E DISTRAÇÕES DO COTIDIANO: CARRO, CASA E O ANTISSEMITISMO

O primeiro registro realizado no ano de 1936 nos diários de Klemperer não é sobre política ou sua expectativa de como será o desenvolvimento do partido Nacional-Socialista,

tal como foi nos anos anteriores. Pelo contrário, a passagem inicial aparenta ser a que mais se distancia dos problemas políticos e de sua situação financeira pessoal, sendo voltada às aulas de direção. Klemperer afirma realizá-las desde o final do ano anterior, mas não chegou a fazer menção nos diários até este momento. A sua aprovação no exame para condutor é acompanhada com outras passagens referentes à construção de uma garagem em sua nova casa e a procura por publicação de estudos realizados independentemente.¹⁰³

Essa passagem indica o que será característico de suas anotações a partir desta data. Reflexões sobre a política perdem espaço para atividades relacionadas às questões mais imediatas, até mesmo aquelas que aparentam possuir pouca relevância para a sua situação.¹⁰⁴ Para Klemperer, o destaque atribuído às atividades e objetos é derivado da importância que eles possuíam para a manutenção de sua estabilidade em um nível emocional e psicológico. O carro fornece o sentimento de liberdade perdido com o isolamento social e com o afastamento de amigos, muitos dos quais temiam ser associados a um judeu. Mesmo com os altos gastos de manutenção e combustível, o automóvel significou uma conquista material maior do que a sua funcionalidade.¹⁰⁵

Até mesmo os problemas oriundos do carro possuem grande atenção de Klemperer, sendo descritos em vários momentos, mas não são suficientes para fazê-lo abandonar a sua liberdade. Os seus sentimentos podem parecer conflitantes, uma vez que ele afirma um dia que: “Ora o motor está frio demais, ora deve ser a bateria, ora a ignição, ora a junta do filtro

¹⁰³ “Ontem pela manhã, fui aprovado no exame. Esta história realmente significa para mim duas coisas, uma vitória sobre minha natureza, uma vitória conquistada com muitas dificuldades, e um assunto de suma importância.” E conclui: “Gostaria de narrar tudo isso de maneira muito mais épica. Mas ainda estou muito cansado para tanto.” Registro feito no dia 24 de janeiro de 1936, em KLEMPERER, p. 149.

¹⁰⁴ Por exemplo, pode-se mencionar a construção da garagem para seu automóvel recém adquirido, o que consome recursos importantes e apresenta preocupações que estão presentes em seus diários. Ele mesmo considera esta obra como sendo de pouca relevância para a o momento, ou até mesmo algo que pode contribuir para o seu agravamento, como em: “O complexo todo: construção da garagem-automóvel causa por enquanto imensas preocupações, esforços e aborrecimentos. Talvez mais tarde tudo isso pareça tragicômico e então nos proporcione alegrias; talvez tudo fracasse também.” Registro feito em 31 de março de 1936, em KLEMPERER, p. 155.

¹⁰⁵ Klemperer faz uma lista de amigos e conhecidos que emigraram e que permaneceram na Alemanha, comentando que brigou com vários dos que saíram e que, ao mencionar os ainda residentes, denomina-os de “fiéis a nós” [*sind uns treu geblieben*]. Registro feito em 1º de janeiro de 1936, em KLEMPERER, p. 144. A passagem em alemão se encontra em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1935 - 1936*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, pág. 66. A partir de 1936, ele registra uma maior preocupação com o isolamento, uma vez que conhecidos passam a evitá-lo de forma crescente, como visto em: “Estamos cada vez mais solitários, e eu cada vez mais desconfiado.” Registro feito em 24 de abril de 1936, em KLEMPERER, p. 157. E também: “Um decreto para funcionários públicos: não podem ter contato ‘com judeus, tampouco com os assim chamados judeus decentes e com elementos de má fama’. Estamos totalmente isolados.” Registro feito em 28 de abril de 1936, em KLEMPERER, p. 158.

do carburador. O resultado é sempre o mesmo: o carro não anda; gastos contínuos.”¹⁰⁶ E, poucos dias depois, ele registra que:

Aos poucos, essa história de guiar vai se tornando mais agradável. O portão do jardim ainda é um martírio, mas o carburador funciona, dirijo melhor e utilizamos bastante o carro. [...] Vejo pouca coisa quando dirijo, mas dirigir por si só é uma alegria e distração, e Eva não fica mais tão imóvel e presa quanto antes.¹⁰⁷

Seja possibilitando o deslocamento ou causando problemas e aumentando os seus gastos, o automóvel representava para Klemperer uma distração que se torna central em suas anotações. O mesmo acontece com a sua casa, cuja construção recente consome diversos recursos que são desesperadamente necessários para o seu sustento, mas que representa para ele um símbolo de sua posição, o conforto de uma moradia desejada e também uma fonte de atividade e distração para ele e sua esposa. Apesar de perceber a sua casa mais como um consumidor de recursos sem contribuir com distrações como o automóvel, a sua residência ainda é essencial para a formação de suas reações ao contexto.¹⁰⁸

O automóvel permanece sendo, a todo momento, a principal fonte de sua atenção.¹⁰⁹ Porém, enquanto a liberdade providenciada pelo carro contrastava com o seu isolamento pessoal, a sua nova casa mostrava oposição ao antissemitismo que ele vivenciava. Possuindo tantos problemas, mas também gerando conforto e distração, a construção e as reformas feitas consumiam recursos e provocavam as iniciativas antissemitas que foram direcionadas a ele especificamente. Em diversos registros, Klemperer afirma que a focalização excessiva nos gastos da casa foi prejudicial a ponto de causar grandes problemas, inclusive com o prefeito local.¹¹⁰ Tais ataques ocorreriam a partir de pequenas acusações relacionadas à aparência irregular de sua casa, demandando modificações para as quais o pouco dinheiro que ele tinha disponível não era suficiente. Ao exigir que Klemperer enquadre-se àquilo que era

¹⁰⁶ Registro feito em 5 de abril de 1936, em KLEMPERER, p. 155.

¹⁰⁷ Registro feito em 28 de abril de 1936, em KLEMPERER, p. 158.

¹⁰⁸ “Estamos, literalmente, nos enterrando. É loucura, mas talvez esta loucura seja vitoriosa e o melhor emprego de capital.” Registro feito em 6 de março de 1936, em KLEMPERER, p. 151

¹⁰⁹ “Carro, carro acima de tudo, ele exerceu sobre nós uma atração violenta, *d’une passion dévorante*.” Registro feito em 21 de maio de 1936, em KLEMPERER, p. 162.

¹¹⁰ Diversas leis procuravam regulamentar a aparência externa das moradias, e Klemperer foi especificamente atingido por ser um judeu, sendo mais exigido que ele reformasse sua casa de acordo com as determinações. Como ele descreve: “Recentemente saiu uma lei que regulamenta as construções contra o ‘inescrupuloso liberalismo’, as casas, todas de estilo parecido, têm que combinar com a rua e a paisagem; portanto, vão exigir ardósia em vez do meu telhado de papelão alcatroado. Etc. etc. é curioso como aceito tudo isso apaticamente: talvez estiquemos as botas a tempo, talvez os outros atam com as dez, [*Vielleicht verrecken wir beizeiten, vielleicht verrecken die andern*] talvez se encontre uma saída em alguma parte como já se encontrou algumas vezes. Não há o que fazer, não é possível viver normalmente em tempos anormais. Não quero me incomodar com o que virá amanhã, tudo é tão inútil.” Registro feito em 28 de junho de 1937, em KLEMPERER, p. 209. Em alemão, o registro de encontra em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1937 – 1939*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 40.

considerado o “estilo alemão”, o prefeito e os vizinhos o incomodam e exigem dele gastos além daquilo que ele havia planejado. Como descreve:

A comunidade faz chicanas contra mim [*schikaniert mich*] devido à planejada construção da garagem. Um abrigo com telhado reto “desfigura” a localidade. No entanto, por toda parte, as garagens possuem telhados retos! Mas isso é apenas uma oportunidade de aborrecer “o judeu”. Portanto, um telhado com uma inclinação de 45 por cento. Uma casinha de cachorro, diz Eva.¹¹¹

Apesar de não serem muito graves, essas provocações demonstram os reflexos de uma ideologia antissemita sobre o comportamento social. Ao ser destacado na comunidade como judeu, ele virou alvo de tais implicações oriundas da população, apesar de não definir quem ou quantos são seus provocadores.¹¹² Devido à pouca frequência dessas provocações antissemitas, é possível apontar o limite da incorporação da ideologia Nacional-Socialista na mentalidade popular em suas atitudes rotineiras. Klemperer não identifica maiores demonstrações de atividades contra si ou contra os judeus além dessas mencionadas, o que pode ser considerado reflexo da falta de iniciativas oficiais e populares. Ou seja, não somente os líderes locais possuíam restrições no seu comportamento antissemita, mas também é identificado uma ausência de disposição para o seguimento da ideologia Nacional-Socialista, a qual incentivava a discriminação e opressão aos judeus em um nível mais radical.

Assim como Klemperer, demais indivíduos aparentam estar mais focalizados em problemas pessoais e no retorno à normalidade após o período anterior. Ao atingir a estabilidade econômica e delimitar legalmente o antissemitismo, o Nacional-Socialismo contribuiu para a diminuição do envolvimento popular com a sua ideologia. Embora o antissemitismo continuasse a existir, mesmo que em um nível e intensidade menores, a população pouco demonstrava interesse nesse tema.¹¹³

¹¹¹ Registro feito no dia 31 de janeiro de 1936, em KLEMPERER, p. 149.

¹¹² Klemperer não denomina ou destaca ninguém especificamente das pessoas que vivem juntamente em sua localidade, e somente cita o nome do prefeito em particular por sua atuação especial em provocá-lo e pela sua ligação com as autoridades nazistas. Segundo narra: “Ele gritou com Eva, ‘ele’ (Kalix, o prefeito) disse que deveria prendê-los, prender-nos a todos.” Registro feito em 5 de abril de 1936, em KLEMPERER, p. 156. Porém, as atitudes realizadas pelo prefeito não se demonstram como populares, seja entre a população ou até mesmo no próprio partido NSDAP. Cerca de um ano depois da passagem citada anteriormente, Klemperer descreve: “Em seguida, ontem veio a notícia de que Kalix se matou com um tiro. Nunca vi esse cachorro, mas senti na pele por longos anos a sua perseguição suja. Era o prefeito local, conhecido como um sujeito degenerado, odiado e temido por todos. Por duas vezes, ameaçou-me com a cadeia. Motivos do suicídio poderiam ser doença venérea ou desvio de verbas ou ambas as coisas.” Registro feito em 24 de janeiro de 1937, em KLEMPERER, p. 197.

¹¹³ Segundo Bankier: “A thorough examination of reports for these years shows that people’s moral insensibility to the fate of the Jews became more profound and widespread. This was not necessarily a result of Nazi indoctrination: on the contrary, propaganda continued to bore people, and antisemitic indoctrination evenings were still considered dull and tedious.” E conclui: “The incitement of Der Stürmer was seen as a national disgrace and elicited occasional manifestations of pro-Jewish feelings, but otherwise they were not interested in the issue and did not find antisemitism deserving of concern.” (BANKIER, 1996, p. 81).

Klemperer considera a diminuição do antissemitismo oficial em 1936 como proposital, derivada do interesse do governo em evitar tais demonstrações e discursos violentos com a proximidade dos jogos olímpicos. Ele teme, uma vez terminados os eventos esportivos, que a agressividade retorne como era anteriormente, ou até mesmo pior do que já tinha sido.¹¹⁴ As olimpíadas são pouco descritas, uma vez que Klemperer as considerou apenas como uma extensão da propaganda do Nacional-Socialismo que teria o objetivo de fornecer aos demais países uma imagem ilusória da realidade na Alemanha. Segundo ele:

As Olimpíadas são tão odiosas para mim porque não se trata de esporte – digo, aqui entre nós –, e sim totalmente de uma questão política. “Renascimento alemão por meio de Hitler”, li recentemente. Constantemente é insuflado no povo e nos estrangeiros que aqui se vê o desenvolvimento, o florescimento, o novo espírito, a união, a firmeza e o esplendor, naturalmente também o espírito pacífico do Terceiro Reich que abrange o mundo inteiro. As vozes em coro estão proibidas (durante as Olimpíadas), também a incitação contra os judeus, os tons belicistas, tudo o que é suspeito desapareceu dos jornais, até o dia 16 de agosto, e durante todo esse tempo exibem-se por toda parte dia e noite as bandeiras com a suástica. [...] E aqui existe tudo em abundância. Mas o açougueiro e o verdureiro daqui queixam-se da falta de mercadoria e da carestia, pois tudo deve ser mandado a Berlim. E, em Berlim, as “milhares” de pessoas foram conduzidas pela “força e alegria”; os estrangeiros, diante dos quais “a Alemanha é um livro aberto” – mas quem escolheu e preparou as páginas desse livro? – não são numerosos e os hoteleiros se queixam.¹¹⁵

Embora ele não pareça surpreso com tal prática, uma vez que já havia percebido a propaganda nazista como mentirosa anteriormente, Klemperer registra o aumento da distância entre a propaganda e a realidade por ele observada. A incompatibilidade entre o discurso e o seu contexto é tão grande que seria evidente a todos o exercício do Nacional-Socialismo em mascarar os acontecimentos.¹¹⁶ Rádios e jornais, por transmitirem a mesma informação e da

¹¹⁴ “A situação cada vez mais sombria. Em Davos, um estudante judeu matou a tiros o agente alemão do NSDAP. No momento, como aqui se realizam os Jogos Olímpicos, foi tudo abafado. Depois, vão se agarrar aos reféns, aos judeus alemães. Assim, tudo volta ao corriqueiro. E no meu caso pessoal: sou o único judeu da comunidade de Dölzchen, pelo menos, o único ‘famoso’.” Registro feito em 11 de fevereiro de 1936, em KLEMPERER, p. 150.

¹¹⁵ Ele destaca a data 16 de agosto por ser o último dia das olimpíadas, sendo também o dia do possível retorno do antissemitismo nazista. Passagem registrada no dia 13 de agosto de 1936, em KLEMPERER, p. 172. Friedländer argumenta que um dos maiores sucessos da propaganda nazista foi conseguir transmitir aos demais países visitantes a imagem de uma Alemanha pacífica durante os jogos olímpicos (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 180).

¹¹⁶ Este é outro ponto controverso em Klemperer, pois em outros momentos ele registra um visível apoio popular, e não reflete sobre a presença de críticas sendo coexistente com o suporte. Percebe-se que ele mantém os mesmos padrões de respostas encontrados, onde o medo e apoio coexistem, e descreve neste período como: “A maioria do povo está satisfeita, um pequeno grupo considera Hitler um mal menor, ninguém quer realmente livrar-se dele, todos vêem nele o libertador da política externa, temem condições russas como uma criança teme o bicho-papão [*wie ein Kind den schwarzen Mann fürchtet*], na medida em que não estão honestamente inebriados; consideram inoportuno, no sentido de uma política realista, indignar-se com coisas menores como opressão da liberdade do cidadão, a perseguição aos judeus, a falsificação de todas as verdades econômicas, a destruição sistemática de qualquer moral. Temem por seu pão, sua vida, todos são terrivelmente covardes.” Registro feito em 16 de maio de 1936, em KLEMPERER, p. 161. Na edição alemã, ver KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1935 – 1936*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 93.

mesma forma, deixaram de ser interessantes para a população, que passou a buscar outras fontes de notícias.¹¹⁷

No entanto, mesmo após o fim das Olimpíadas, o antissemitismo não retornou imediatamente.¹¹⁸ Devido à focalização na emigração dos judeus, os nazistas realizaram uma série de medidas de “arianização da economia”, o que não afetou Klemperer e pouco é relatado sobre seu conhecimento desse processo que atingiu, essencialmente, os comerciantes e proprietários de lojas. Segundo Friedländer:

Most immediately three main lines of action dominated the new phase of the anti-Jewish drive: accelerated Aryanization, increasingly coordinated efforts to compel the Jews to leave Germany, and furious propaganda activity to project on a world scale the theme of Jewish conspiracy and threat. (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 179).

As medidas antissemitas desse período constituíram-se na continuidade do que já era realizado nos anos anteriores, impedindo a prática profissional e econômica dos judeus e isolando-os da sociedade alemã. As associações com o comunismo, assim como a exploração da economia alemã, eram argumentos feitos pela propaganda Nacional-Socialista desde antes de 1933, e a sua continuidade não representava alterações no discurso ou nas medidas oficiais.¹¹⁹ Até 1937, o governo nazista permaneceu nessa mesma política, mas evoluindo para mais uma onda de ataques agressivos e de propaganda violenta que foi intensificado até a Noite dos Cristais.

4.2 EMIGRAÇÃO E IDENTIDADE PESSOAL, DISCURSO OFICIAL E REALIDADE SOCIAL

Logo no primeiro ano do governo Nacional-Socialista, Klemperer nota a intenção dos judeus de emigrarem e reflete sobre a sua própria permanência na Alemanha. Em diversos

¹¹⁷ Com o domínio da imprensa pelos nazistas, apenas jornais religiosos ou estrangeiros mantinham liberdade e foram, devido a isso, mais buscados enquanto a imprensa controlada do partido perdia credibilidade e popularidade (BANKIER, 1996, p. 20).

¹¹⁸ Bankier defende que o antissemitismo retornou imediatamente após o fim dos Jogos Olímpicos, mas ainda se restringiam às medidas que já eram adotadas anteriormente. A propaganda do *Stürmer*, juntamente com a pressão de remoção econômica, ainda é apontada pelo autor como os principais métodos de abordagem da prática antissemita pelo Nacional-Socialismo (BANKIER, 1996, p. 80).

¹¹⁹ Luckert e Bachrach estudam a propaganda do partido Nacional-Socialista desde 1919 e identificam que vários argumentos antissemitas da ideologia nazista já estariam presentes desde os anos iniciais de sua formação, incluindo a identificação dos judeus com a existência de uma conspiração internacional (LUCKERT; BACHRACH, 2011, p. 31). Já sobre a interferência na atividade econômica dos judeus, nota-se que esse sempre foi um objetivo central na política antissemita e uma das primeiras iniciativas oficiais a ocorrer ainda nos primeiros meses de 1933, com o boicote realizado em abril. Nesse período houve apenas a continuidade e intensificação desse processo, sendo que: “*In fact, as has been seen, the liquidation of Jewish economic life in Nazi Germany had started at an accelerated pace in 1936, and by late 1937, with the elimination of all conservative influence, the enforced Aryanization drive had become the main thrust of the anti-Jewish policies, mainly in order to compel the Jews to emigrate.*” (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 247).

momentos ele procura justificativas para não sair do país, e as respostas encontradas estabelecem perspectivas diferenciadas de sua personalidade. Logo em 1933, por exemplo, ele escreve: “Ouvimos falar muito da palestina atualmente; não nos atrai. Quem vai para lá, troca nacionalismo e estreiteza por nacionalismo e estreiteza.”¹²⁰

Essa passagem indica uma das principais questões abordadas por Klemperer. Uma vez que aqueles que saíam eram, em sua maioria, judeus ou considerados como judeus pelo Nacional-Socialismo, para ele adotar a emigração seria o mesmo de negar a sua identidade alemã e sentimentos nacionalistas, incorporando uma ligação com o judaísmo que ele nunca chegou a possuir e sempre negou. Klemperer não se identificava como judeu e nem como judeu alemão, e sim somente como alemão, possuindo os valores que seriam presentes e compartilhados com os demais e que representariam a sua nacionalidade.

Porém, sendo vítima do antissemitismo em seu cotidiano, ele passou a aceitar a sua condição de “judeu” para fins práticos da situação política, mas não se associou à religião judaica ou identificou-se como tal. Durante os anos iniciais, ele reafirma a identidade alemã e baseou-se nela para argumentar a sua permanência,¹²¹ sendo tal posicionamento fortalecido pela interpretação, na época, da pouca durabilidade do governo Nacional-Socialista. Com a continuidade do nazismo e a falta de esperança de um fim próximo do governo, Klemperer passa a questionar esses valores que sempre associou à Alemanha e que representavam o principal fundamento de sua identidade. Uma vez que a população tolerava e não se opunha ao partido, possibilitando a sua longa permanência no governo, ele reflete se Hitler simbolizaria a sociedade alemã ou não.¹²²

Somente em 1938, com o retorno da agressividade na propaganda antissemita e a proximidade da guerra, Klemperer afirma estar envergonhado da Alemanha. A associação entre o país e o nazismo torna-o incapaz de corresponder àquilo que ele denomina de

¹²⁰ Registro feito em 9 de julho de 1933, em KLEMPERER, p. 32.

¹²¹ De acordo com Aschheim: “*The diaries reveal a strategy of splitting, the simultaneous commitment to Deutschtum as a spiritual regulative idea and the disillusionment with its practical Nazi manifestations exist side by side from the very beginning.*” (ASCHHEIM, 2001, p. 88), e pode ser visto nas anotações como: “Em todo caso, escrevi que sou totalmente alemão e gostaria de ficar na Alemanha até o fim.” Registro feito em 27 de janeiro de 1934, em KLEMPERER, p. 59, ou em: “*Die Nazis sind undeutsch.*” Registro feito em 21 de julho de 1935, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher 1935 – 1936*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 40.

¹²² “Desprezo e repulsa e a mais profunda desconfiança em relação à Alemanha nunca mais me abandonarão. E até 1933 estive tão convincente de minha alemanidade. [*Und ich bin doch bis 1933 so überzeugt von meinem Deutschtum gewesen*]” Registro feito em 27 de outubro de 1937, em KLEMPERER, p. 217. Na edição alemã, a passagem se encontra em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1937 - 1939*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 59.

identidade alemã.¹²³ Nesse momento, admite que gostaria de emigrar, uma vez que percebe a ideologia Nacional-Socialista presente na sociedade de forma que não seria mais possível, para ele, separá-las. Chegando a uma aparente conclusão sobre a inclinação ideológica, ele afirma: “Como as convicções de Hitler estão profundamente enraizadas no povo alemão, como me iludi de maneira indizível durante toda minha vida quando acreditava fazer parte da Alemanha e como estou tão completamente sem pátria.”¹²⁴

As mudanças de opiniões são reflexos da sua percepção da situação na qual ele estava em cada caso observado. Klemperer é influenciado pelos acontecimentos que possibilitam percepções diferentes de seu contexto, gerando respostas específicas para cada momento particular. O que pode parecer como um comportamento contraditório ou irregular é derivado da complexidade tanto dele como sujeito quanto do ambiente que o envolvia, das alterações e da imprevisibilidade dos acontecimentos.¹²⁵

Outras argumentações presentes em Klemperer são derivadas da sua percepção de classe social e a sua procura em manter a sua posição burguesa. Logo em 1933, ele percebe a facilidade maior para emigrar daqueles dispostos a realizar qualquer atividade independentemente do local. Ele, no entanto, quer manter a sua classificação social, e não aceita nenhum destino ou profissão que a altere.¹²⁶ Klemperer tinha consciência de que, na Alemanha, ele mantinha seu *status*, apesar de estar constantemente ameaçado. Se optasse pela emigração, não somente perderia a sua casa recém-construída e a sua posição de professor aposentado, mas estaria em uma situação que, para ele, seria pior ao depender de ajuda e doações. Uma vez que era incapaz de lecionar em outras línguas, apesar de ser estudioso da

¹²³ “Pois, não poderia mais confiar em ninguém na Alemanha, nunca mais poderia sentir-me como alemão sem nenhum embaraço. Com infinito prazer gostaria de mudar-me para o exterior, de preferência para os Estados Unidos, onde obviamente seria um estranho. É impossível; estou preso a este país e a esta casa até o fim de meus dias.” Registro feito em 23 de fevereiro de 1938, em KLEMPERER, p. 227.

¹²⁴ Registro feito em 5 de abril de 1938, em KLEMPERER, p. 229.

¹²⁵ Outros judeus compartilhavam do nacionalismo de Klemperer e também escolheram a permanência enquanto acreditavam que a situação era tolerável ou percebiam a esperança de recuperação, seja com o fim do Nacional-Socialismo ou com o estabelecimento dos limites legais. De acordo com Schleunes: “*In many respects, though, the most basic impediment to emigration was the deep attachment most German Jews felt for their country. Germany was their fatherland.*” (SCHLEUNES, 1990, p. 187).

¹²⁶ “De minha parte, fica cada vez mais claro como sou completamente uma criatura inútil da supercultura, incapaz de viver em ambientes mais primitivos. Sebba, Blumenfeld, Dember, ganham seu pão aqui e ali, conseguem, de alguma maneira, adaptar-se a alguma coisa prática. Eu, ao contrário, nem mesmo consigo ser professor de línguas, só sei dissertar sobre a história do pensamento humano, e somente em língua alemã e num sentido totalmente alemão. Tenho que aqui viver e aqui morrer.” Registro feito em 9 de julho de 1933, em KLEMPERER, p. 33.

literatura francesa, ele não tinha a perspectiva de ser contratado em um cargo semelhante àquele que ele detinha na Alemanha.¹²⁷

Mesmo quando percebia a proximidade do fim de suas reservas, Klemperer mantinha sua casa, recusando a mudança para outro local mais adequado às suas limitações, assim como manteve seu carro, mesmo com os enormes gastos destinados a ele. Tais objetos significariam sua conquista pessoal, sua propriedade burguesa e sua liberdade em um momento de crescente exclusão social, constituindo a sua própria identidade como cidadão alemão.¹²⁸ Abandonar tais elementos na procura da emigração seria, no mínimo, um agravamento de sua situação, uma vez que ele perderia todas as suas posses e sairia do país, caso conseguisse visto de emigrante para qualquer localidade, ainda mais pobre e necessitado do que ele estava naquele momento.

A análise do relacionamento de Victor Klemperer com o dr. Georg Klemperer, seu irmão mais velho, possibilita uma perspectiva diferenciada na observação das suas escolhas e aponta outras características de sua personalidade. Médico de reconhecido sucesso profissional, dr. Georg Klemperer era causa de ressentimento e vergonha no seu irmão por possuir a realização e o êxito que o professor não havia conseguido atingir. Os diálogos entre ambos estão presentes nos diários por meio das descrições das correspondências que trocavam

¹²⁷ Sua esposa também parece ter contribuído para que Klemperer mantivesse tais posses. Eva sempre possuiu saúde frágil e, segundo ele descreve, tinha constantes crises de depressão, o que era equilibrado com a casa e o trabalho que ela realizava no jardim. Klemperer procurou constantemente providenciar o conforto e cuidar da saúde de sua esposa, mesmo que isso signifique enormes gastos. Segundo ele: “Eva, que nos últimos tempos não estava nada bem de novo – mais um tratamento dentário, raiz infeccionada, colapso geral dos nervos –, seria, segundo sua própria declaração, uma prisioneira em qualquer pensão, em qualquer quarto ou apartamento mobiliado; ela precisa de casa e jardim. E, por preço nenhum, ela desistiria permanentemente da casa. Portanto, eu só poderia cogitar de aceitar um cargo especialmente bem pago. A chance não é maior do que o maior prêmio da loteria, caso se jogue na loteria.” Registro feito em 2 de maio de 1935, em KLEMPERER, p. 120.

¹²⁸ Klemperer percebe a contradição em possuir uma casa e um automóvel, mas, ao mesmo tempo, não ter dinheiro suficiente para comprar roupas, alimento ou cigarros. Ao acostumar-se com a qualidade de vida que adquiriu, ele destina grandes gastos para manter tais posses, mesmo que realizando outras privações. Como ele descreve: “Meu terno de vestir em casa, rasgado – e aparece gente aqui mendigando por uma calça velha! Pois eu possuo uma mansão e um automóvel.” Registro feito no dia 15 de abril de 1937, em KLEMPERER, p. 203.

e demonstram um tratamento agressivo e rancoroso de Victor, mesmo quando o seu irmão o estava ajudando.¹²⁹

Georg Klemperer conseguiu emigrar para os Estados Unidos em 1935, após a sua cidadania ter sido negada pelas Leis de Nuremberg, passando a enviar, com alguma frequência, altas quantias em dinheiro para ajudar Victor.¹³⁰ Tal tratamento despertava reações particularmente interessantes nos diários, uma vez que, ao necessitar desesperadamente do dinheiro recebido, Victor aceitava as doações e transferências e gastava-as quase inteiramente na manutenção do seu carro e da sua casa.¹³¹ Em vários momentos, é descrita a necessidade profunda de recursos financeiros pouco antes do recebimento de tais quantias, fazendo com que Georg tenha socorrido o irmão de grandes dificuldades, mesmo sem o conhecimento do tamanho dos problemas do outro.

Ao mesmo tempo, porém, Victor acusava seu irmão de tê-lo abandonado e esquecido, e a sua caridade seria como “ossos descarnados”.¹³² Tal relacionamento mostra como Klemperer sentia-se humilhado por necessitar tão profundamente de doações e ter que aceitar ajuda de seus parentes mais bem estabelecidos. Nesses casos, é visível como a rivalidade e

¹²⁹ Georg demonstra preocupação e interesse nas escolhas e ações de Victor, questionando-o sobre o seu posicionamento sobre a emigração e as suas capacidades de sair da Alemanha: “‘Naturalmente’, deseja colocar seis mil marcos à minha disposição (como deve ser rico! Mas como tratou desse assunto todo da forma mais decente!), não compreende, porém, por que razão eu me prendo à casa e à Alemanha. Caso nos seja cassado o direito à cidadania, ele irá para a América, onde ainda pode ‘ganhar alguma coisa’ como médico; ele prefere ficar à mingua lá fora do que viver aqui na Alemanha com luxo e riqueza. Falar é fácil mas como posso sair daqui às cegas? E de que maneira posso ‘ganhar alguma coisa’ no exterior? Ele não faz ideia da minha situação.” Registro feito em 30 de maio de 1935, em KLEMPERER, p. 125. Outras passagens demonstram que Klemperer, apesar de receber constantemente correspondência, ainda considera que seu irmão o tenha descartado, como em: “Carta simpática de Georg, de Boston – mas, de Boston. Estou liquidado, morto e enterrado para ele.” Registro feito em 23 de março de 1936, em KLEMPERER, p. 154.

¹³⁰ Quando Georg consegue emigrar, Victor escreve: “Para mim deixou uma esmola de seis mil marcos no verão (porque tinha prometido a papai!), e depois pôs-me de lado. Evidentemente, considera-me indigno porque permaneço na Alemanha.” Registro feito em 6 de março de 1936, em KLEMPERER, p. 151.

¹³¹ “O que nos salvou de uma situação mais aflitiva foi o totalmente inesperado e realmente muito tocante presente de Georg de quinhentos marcos (imediatamente retirei metade dessa importância no banco). [...] Assim, livramo-nos da dívida dos impostos, finalmente pudemos mandar cimentar o terraço sobre a garagem – no último sábado, Lange trabalhou nisso até a meia-noite.” Registro feito em 24 de novembro de 1936, em KLEMPERER, p. 187.

¹³² “Terei que agradecer os quinhentos marcos que me foram jogados como ossos descarnados – infelizmente, muito mais importantes que a carne.” Registro feito em 9 de outubro de 1938, em KLEMPERER, p. 246. Essa passagem aponta outra crítica de Klemperer à atitude do irmão, voltada à doação de dinheiro sem importar-se em demonstrações afetivas. Ao mesmo tempo que reconhece a frieza do irmão, Klemperer não demonstra nenhum tratamento mais acolhedor, sendo que, anteriormente, afirma: “Ele não me trata com muita afeição. Acredito que ele me dê todo esse dinheiro porque vinte e cinco anos atrás prometeu a papai ajudar-me. Estou convencido de que aquilo que o impele não é amor fraternal ou qualquer espécie de consideração pelo meu trabalho, estou convencido de que não lhe sou simpático, mas de alguma maneira desprezível. [...] mas tenho a casca grossa e tornei-me cínico e, nessa situação de agora, um apoio em dinheiro é muito mais útil para mim do que consideração e amor fraternos. Aliás, como já constatei com frequência, não me sobrou muito sentimento em relação às pessoas.” Registro feito em 17 de agosto de 1937, em KLEMPERER, p. 213.

inveja familiar o influenciavam a manter-se apegado às suas conquistas pessoais e à sua identidade burguesa, e evitavam que ele emigrasse para uma condição de vida mais precária.

A partir desse ponto, para Klemperer, restava somente a espera. A sua escolha por aguardar o desenvolvimento dos eventos não significa, contudo, que acreditava na esperança de um fim próximo. Pelo contrário, na medida em que o nazismo se fortalecia e o antissemitismo ficava mais presente, Klemperer acreditava que morreria em pouco tempo, sendo vítima da violência do partido ou da sua frágil saúde. Em diversas passagens, ele registra ter conhecimento da natureza hostil do antissemitismo nazista, até durante os anos de baixa intensidade do radicalismo, mas reafirma sempre que continuaria em Dresden até o fim do governo ou de si próprio.

Klemperer considerava possível a sua morte desde o início do governo Nacional-Socialista, mas nunca chegou a sofrer da violência diretamente ou presenciá-la em seu cotidiano. Nos anos iniciais, a sua espera era devido à possibilidade de um fim do nazismo derivado da sua impopularidade e instabilidade, como ele descreve em: “Aguardo dia após dia. Nada acontece. Algumas vezes perco a coragem e acredito que este regime vai mesmo durar e sobreviver a mim.”¹³³ Já a partir de 1936, ele argumenta que não lhe resta outra opção além de aguardar os acontecimentos, uma vez que não poderia emigrar e via com preocupação o esgotamento de seus recursos. Por mais que Klemperer argumente a possibilidade, algumas vezes justificada, de sua morte antes de 1938, tal percepção permaneceu abstrata, sendo mais presente somente nos momentos de maior agressividade, principalmente no início de 1933, na segunda metade de 1935, e durante 1937, como em: “Realmente, não vejo saída e deixo as coisas rolar. De alguma maneira haverá uma mudança para melhor ou para a morte”.¹³⁴

Com a falta de opções viáveis e possibilidades de ação, Klemperer escolhe não fazer reflexões sobre o futuro. A incerteza dos acontecimentos que estavam fora de seu controle e conhecimento contribuía para que ele tivesse atitudes que podem ser consideradas irresponsáveis, como os excessivos gastos na sua casa e no seu automóvel, assim como a sua insistência em permanecer na Alemanha mesmo com a percepção dos riscos.¹³⁵ O que se torna claro é que Klemperer, apesar de estar em desvantagem devido à sua idade e profissão, ainda realizou diversas escolhas que pioraram gradativamente a sua já precária situação.

¹³³ Registro feito em 19 de junho de 1933, em KLEMPERER, p. 29.

¹³⁴ Registro feito em 27 de março de 1937, em KLEMPERER, p. 202.

¹³⁵ “Mas não conseguirei ir embora, e sair daqui significa também, com certeza, ir contra o desejo mais íntimo de Eva – vejo a árvore de natal plantada, a nova janela, a sala de música recém-pintada [...], estamos nos enterrando aqui e aqui devemos sucumbir.” Registro feito em 28 de dezembro de 1937, em KLEMPERER, p. 219.

Até 1937, seus diários evidenciam que, utilizando diversas justificativas baseadas em sua posição social e conquistas materiais, Klemperer procurou conviver com o Nacional-Socialismo e permanecer na Alemanha. Observando as ações do partido junto com as reações da população e identificando diversas incoerências entre ambos, ele registrou que a propaganda não conseguia ter sucesso quando confrontava a realidade social, e apenas obteve êxito em afastar as pessoas que tiveram contato com a ideologia nazista.¹³⁶ Mesmo com a violência em seu contexto, sua necessidade econômica e diversos outros problemas pessoais, Klemperer ainda conseguiu adaptar, encontrando distrações e ignorando, quando possível, o perigo que se encontrava cada vez mais próximo. Em 1938, esta ameaça tornou-se explícita demais para ser desconsiderada.¹³⁷

4.3 ANSCHLUSS E KRISTALLNACHT

Por mais que a propaganda anterior do NSDAP fosse agressiva e mencionasse constantemente o antissemitismo e a guerra, os acontecimentos de 1938 foram recebidos com surpresa pela população alemã e também por Klemperer. Tanto a anexação da Áustria quanto a Noite dos Cristais foram eventos que causaram forte impacto social, marcando profundamente suas anotações e moldando sua percepção do contexto de forma mais definitiva. O início da guerra alteraria radicalmente o cotidiano de Klemperer, que passaria a sofrer ainda mais com a perseguição antissemita e a escassez de recursos, mas também o permite observar os reflexos do conflito e do extremismo racial na população.

O retorno do radicalismo antissemita nos discursos ocorreu quase simultaneamente com a propaganda que procurava justificar a guerra. Klemperer já observa, logo em janeiro, que “[...] nas últimas semanas, o anti-semitismo está de novo especialmente em primeiro plano (isso muda: ora os judeus, ora os católicos, ora os pastores protestantes)”.¹³⁸ A guerra, por sua vez, já estava sendo cogitada como possível desde anos anteriores, ao ponto de

¹³⁶ Sobre a campanha da propaganda realizada em 1937, Bankier descreve que: “*It seems, however, that these national campaigns, like their predecessor, failed to achieve the desired results. In most cases they merely added to people’s feelings of having had enough and so deepened their apathy and alienated them still further.*” BANKIER, 1996, p. 58). Friedländer ressalta que o isolamento econômico não gerou o antissemitismo radical na população, sendo somente perceptível a indiferença à propaganda nazista (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 235).

¹³⁷ De acordo com Reiss: “*The struggle for daily survival was also a fight to preserve some measure of freedom, however little was left in those years of tyranny. To be able to build a house in Dölzen on the outskirts of Dresden was one route of escape; for he succeeded at long last in obtaining a mortgage; his brother Georg, who had wisely decided to emigrate to the United States, helped by giving him money. Klemperer even learnt to drive, with much difficulty, and bought a second-hand car which he drove rather badly. Excursions into the beautiful Saxon countryside and even as far as Berlin took their mind off their tribulations. Yet gradually but surely their freedom was curtailed. Life became much worse.*” (REISS, 1998, p. 75).

¹³⁸ Registro realizado no dia 31 de janeiro de 1938, em KLEMPERER, p. 225.

descrever, em 1936: “A guerra parece alternadamente estar um dia muito próxima, no outro, muito longe. Hoje é um dia daqueles em que parece estar bem longe.”¹³⁹

Entretanto, a volta da propaganda antissemita é de pouca importância para Klemperer e para a população alemã quando comparada com a real possibilidade do conflito militar. Apesar de ser possível a interpretação de que as acusações e medidas contra os judeus já estavam banalizados no cotidiano, o antissemitismo nesse momento é ofuscado por outras questões que seriam mais preocupantes.¹⁴⁰ A anexação da Áustria gerou observações cujo sentimento de urgência foi evidente nos diários de Klemperer, fazendo com que o antissemitismo tivesse relevância somente quando derivado da sua associação com o conflito iniciado:

As últimas semanas foram até agora as mais desoladoras de nossa vida. O ato de enorme violência da anexação da Áustria, o enorme aumento do poder para fora e para dentro, o indefeso estremecimento de medo da Inglaterra, da França etc. Não presenciaremos o fim do Terceiro Reich. Há oito dias tremulam as bandeiras, desde ontem colaram em cada ripa de madeira de nossa cerca uma tira larga de papel amarelo com a estrela de David: *Judeu*. Advertência ao barraco empestiado, sem bandeira. O jornal *Der Stürmer* desenterrou seu costumeiro assassinato ritual; de verdade, não me surpreenderia se proximamente encontrasse o cadáver de uma criança no jardim.¹⁴¹

Quando a população reagiu contrariamente à guerra, a propaganda alterou seu discurso e realizou afirmações da inevitabilidade do conflito e da necessidade de superação para o fortalecimento da Alemanha.¹⁴² Klemperer observa a insatisfação e registra boatos nos quais escuta manifestações críticas ao governo, mas não duvida mais da força do partido e nem de

¹³⁹ Registro realizado no dia 8 de dezembro de 1936, em KLEMPERER, p. 188.

¹⁴⁰ Bankier aponta que havia outros elementos que contribuíram para influenciar a demonstração de desinteresse pela população no antissemitismo nazista. Embora o medo da guerra fosse um fator determinante, ele não foi o único e coexistiu com outros já existentes, como a apatia política e a saturação da propaganda. Segundo o autor: “*To be sure, the mood of the population in 1938 was characterized by an almost universal fear of war. Hitler’s foreign-policy successes generated more relief than rejoicing. In domestic affairs, economic hardships caused mounting discontent and tension. However, to attribute people’s lack of interest in the Jews to the competing factors would be too simplistic. The attitudes in previous years explain the reactions in this period.*” (BANKIER, 1996, p. 85). Já Peukert salienta que as necessidades imediatas da população eram um dos fatores principais que baseou a sua crítica ao conflito e à propaganda que o estimulava, como descreve em: “*The fear of war which Germans clearly felt in 1938 – 39 also shows that even Goebbels’s sophisticated propaganda met with disbelief when it flew in the face of the basic everyday needs and experiences of the population, such as the longing for peace and the memory of the horrors of the First World War.*” (PEUKERT, 1989, p. 67).

¹⁴¹ Registro realizado no dia 30 de março de 1938, em KLEMPERER, pág. 228.

¹⁴² “*The National Socialists’ reaction to these amazingly plain manifestations of disfavor was to swivel their propaganda round through 180 degrees. Whereas Hitler had hitherto been acclaimed as the statesman of peace who sought only to restore Germany to equality of status, there was now a switch to accustoming the population to the idea that war was an acceptable (‘ultimate’) means of attaining a position of Pan-German dominance.*” (PEUKERT, 1989, p. 62).

sua estabilidade. Segundo ele: “Estou ficando tão convencido da invencibilidade do NSDAP como se eu fosse o seu mais fiel seguidor...”¹⁴³

Essa contradição entre a imagem construída pela propaganda e a realidade cotidiana foi salientada com a probabilidade do início da guerra. Klemperer não descreve manifestações populares de apoio ou comentários nos quais houvesse expressa aprovação das medidas adotadas pelo Nacional-Socialismo. Pelo contrário, seus registros no período entre a anexação da Áustria e a invasão da Tchecoslováquia mostram apenas a existência de apatia e de momentos nos quais ele percebeu a população ignorando qualquer tentativa da propaganda de gerar apoio.¹⁴⁴

O antissemitismo antes de novembro de 1938, percebido simultaneamente com as invasões territoriais ao leste Europeu, também foi identificado como sendo mais radical, apesar de que em relevância e intensidade inferior às notícias da guerra. Algumas novas medidas do partido o afetaram, sendo uma delas a obrigação de declaração de bens de todos os judeus alemães, mesmo com um grande valor em dívidas. Outra imposição relevante foi a alteração forçada de seu nome para Victor-Israel Klemperer, tornando obrigatório a identificação e assinatura de qualquer documento dessa forma a partir da data estabelecida.¹⁴⁵ Ambas as medidas, mesmo que de pequeno impacto, foram demonstrações da continuidade

¹⁴³ Registro realizado no dia 2 de setembro de 1938, em KLEMPERER, p. 241.

¹⁴⁴ Várias passagens podem ser mencionadas para a visualização de momentos nos quais havia a percepção de Klemperer da indiferença da população. Algumas vezes, ele realiza breves anotações, como em: “As pessoas estão completamente apáticas e indiferentes.”, realizada em 25 de maio de 1938, em KLEMPERER, p. 234. Já em outras, ele descreve de forma mais cuidadosa, como em: “Aviso que o marechal Göring estaria presente. Marchas de boas vindas, gritos de aclamação, depois o discurso de Göring a respeito do enorme progresso, bem-estar, paz e felicidade dos trabalhadores na Alemanha, sobre as mentiras insanas e as esperanças dos inimigos, interrompido sempre com gritos e aplausos bem disciplinados. Porém, o mais interessante nisso tudo foi o comportamento dos convidados que vinham com um ‘Heil Hitler’, e iam embora, cumprimentados e despachados. Ninguém prestava atenção. Eu só conseguia ouvir com esforço; pois algumas pessoas jogavam baralho, batiam a mão com violência sobre a mesa, conversavam em voz muito alta. Em outras mesas, estava mais calmo: alguém escrevia um cartão postal, outro anotava coisas num bloco de pedidos, e mais outro lia o jornal. E a dona e a garçonete conversavam entre si ou com os jogadores. Realmente: nenhuma daquela dúzia de pessoas prestou um minuto de atenção ao rádio que podia muito bem estar desligado ou transmitindo um foxtrote de Leipzig.” Registro feito em 11 de setembro de 1938, em KLEMPERER, p. 242.

¹⁴⁵ Sobre a declaração de bens, ele escreve: “Passamos a manhã preenchendo formulários: Declaração de bens dos judeus. Em nosso caso, não havia nada a declarar.” Registro feito em 29 de junho de 1938, em KLEMPERER, p. 235. Já sobre a alteração do nome, ele descreve: “Como seria bom se ainda pudéssemos sentir-nos como alemães e sentir-nos alemães com orgulho. (Cinco minutos atrás li a lei recém-publicada, a respeito dos prenomes judeus. Seria motivo de riso se não pudéssemos perder o juízo por causa disso. Os novos nomes não provêm predominantemente do Velho Testamento, ao contrário, são nomes ídiches ou do gueto que soam ridículos – como Franzos, Kompert. Eu mesmo terei que comunicar aos cartórios de Landsberg e Berlim e também à localidade de Dölzchen que me chamo Victor-Israel e tenho que assinar cartas oficiais dessa maneira. Ainda tenho que informar-me se Eva será obrigada a denominar-se Eva-Sara.)” Registro feito em 24 de agosto de 1938, em KLEMPERER, p. 239.

do antissemitismo e da adoção de práticas em um momento de desenvolvimento da ideologia nazista.¹⁴⁶

Após a Noite dos Cristais, ocorrida entre 9 e 10 de novembro, Klemperer altera a sua perspectiva e as suas reações ao antissemitismo do NSDAP.¹⁴⁷ De forma semelhante ao antissemitismo dos anos anteriores, ele não tinha meios de conhecer os processos pelos quais passaram o planejamento ou identificar os envolvidos na prática dos atos de vandalismo e de agressões.¹⁴⁸ O que estava presente em seu contexto, e o que foi possível de ser observado, era restrito à destruição e à violência exibidas publicamente ou transmitidas a ele por conversas ou pela imprensa.

As reações da população não são descritas por Klemperer, e até mesmo uma percepção mais completa da dimensão da destruição em si não aparece nos diários.¹⁴⁹ Apesar da falta dessas informações, é perceptível que aquilo que ele conseguiu observar causou espanto suficiente para fazê-lo buscar desesperadamente a emigração, dessa vez para qualquer destino que fosse possível. Mesmo com a agressividade da propaganda e a existência de outros ataques antissemitas ocorridos anteriormente nesse ano, a população alemã, como um todo,

¹⁴⁶ Mesmo com a visualização do radicalismo antissemita, Klemperer afirma que não teria outra opção além de esperar. Ao tomar conhecimento da demolição da sinagoga de Nuremberg, ele não demonstra ter urgência ou grande preocupação, escrevendo somente que: “Talvez, nossa morte num *pogrom* – no entanto, o fim.” Registro realizado no dia 2 de outubro de 1938, em KLEMPERER, p. 243.

¹⁴⁷ Embora tenha sido organizado para parecer uma demonstração pública de revolta espontânea, foi claro que a organização e a execução foram feitas pelos membros radicais do partido, principalmente a SA. Gerada a partir de uma resposta do partido nazista à morte de von Rath, um diplomata do Nacional-Socialismo assassinado em Paris por um judeu polonês chamado Grynszpan que buscava vingança contra a deportação de sua família, a *Kristallnacht* foi uma ação que causou ampla destruição de propriedades judias ainda existentes e agressões físicas, assim como a prisão de cerca de 30.000 pessoas que foram enviados a campos de concentração sem nenhuma acusação legal.

¹⁴⁸ A intensidade dos ataques antissemitas durante o ano foi crescente a ponto de permitir uma renovação da radicalidade violenta, impulsionada pelos sucessos militares e pela busca de Goebbels por maior controle sobre o processo de desenvolvimento da política antissemita (SCHLEUNES, 1990, p. 240).

¹⁴⁹ Tanto a edição traduzida dos diários quanto a em alemão não possuem passagens entre as datas de 9 de outubro e 22 de novembro, demonstrando que, durante este período, nada foi registrado. Segundo Klemperer, os motivos para o seu hiato são derivados dos diversos problemas que ocorreram, incluindo a batida do carro, saúde fraca e a sua procura pela emigração após a *Kristallnacht*. Com o retorno da escrita no dia 22 de novembro, ele passa a descrever cada acontecimento separadamente ao longo de vários dias e que, ao focalizar-se na Noite dos Cristais, ele afirma que não haveria necessidade de relatar os acontecimentos, apenas o que é pessoal. Devido a isso, não se pode determinar o que Klemperer chegou a conhecer dos acontecimentos do dia 9, uma vez que a imprensa oficial foi orientada a não destinar destaque à destruição. De acordo com Luckert e Bachrach: “[...] reflecting concern with the negative foreign and domestic reactions to the violence, directives instructed the German press not to publish any photographs of the damaged Jewish property, to bury the story on the back pages, and to minimize the extent of the destruction.” (LUCKERT; BACHRACH, 2011, p. 92). Ver também os registros iniciados no dia 22 de novembro de 1938, em KLEMPERER, p. 247.

demonstrou medo da violência, surpresa pelos danos e vergonha da barbaridade nazista. As críticas, quando existentes, não foram em apoio aos judeus.¹⁵⁰

Klemperer não sofreu abordagem ou violência durante a Noite dos Cristais. A única medida que o atingiu foi uma vistoria em sua casa no dia 11, realizada por policiais à procura de armas, sendo que havia somente um sabre e uma baioneta pertencentes a ele da sua participação na Grande Guerra. A vistoria ocorreu com relativa tranquilidade e sem demonstração de agressividade por parte dos policiais, o que contrasta com os eventos ocorridos dias antes. Após apresentar-se na delegacia para a verificação dos bens apreendidos, Klemperer foi liberado sem sofrer nenhum prejuízo.¹⁵¹

Porém, mesmo sem ter sofrido agressão ou ser preso, a observação dos acontecimentos faz com que ele tenha uma visão mais clara do perigo no qual se encontrava e como o partido estava disposto a agir contra os judeus. As afirmações anteriores que ressaltavam a permanência na Alemanha tornaram-se irrelevantes, e após a *Kristallnacht* ele busca emigrar para qualquer destino que fosse possível naquele momento, percebendo que dificilmente manteria as suas posses e a sua casa. Uma de suas primeiras atitudes foi escrever uma carta ao seu irmão Georg, na qual pede que seja auxiliado no exterior, possivelmente com recursos financeiros. Juntamente com esta afirmação, há a consideração de que conseguiria um emprego caso demonstrasse empenho.¹⁵²

O que se seguiu à onda de violência evidencia a irregularidade no planejamento das medidas antissemitas. Várias leis foram estabelecidas em dezembro, as quais restringiam ainda mais a liberdade dos judeus e estabeleciam novas categorias de atuação da política

¹⁵⁰ Bankier explora as reações populares, afirmando que: “*For the first time, all Germans were personally confronted with antisemitic violence. For this reason there is no trace of indifference. All sections of the population reacted with deep shock. The public was polarized on the handling of the Jewish question: party circles and their periphery gave full support, while the large majority condemned it.*” (BANKIER, 1996, p. 85). Friedländer observa que os membros do partido que estavam causando a destruição intimidavam qualquer simpatia ou ajuda aos judeus, fazendo com que a população ficasse incapaz de ter atitude de apoio (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 277).

¹⁵¹ Klemperer descreve a abordagem policial na sua casa e afirma que, apesar de alguns momentos de maior exaltação de alguns dos integrantes do grupo que realizou a vistoria, o processo como um todo ocorreu sem agressão ou demonstração de violência. Os policiais trataram-no com cordialidade em sua residência e também na delegacia, afirmando que somente seria necessário passar pela burocracia e que, por tratarem-se de relíquias e não de armas, não haveria maiores problemas. Ver o registro feito em 27 de novembro de 1938, em KLEMPERER, p. 250.

¹⁵² Tal atitude, em visível contraste com várias afirmações realizadas até então, possibilitam a percepção de como Klemperer estava desesperado e que passou a tomar atitudes mais enérgicas após perceber a extensão da violência e a possibilidade de que ela poderia atingi-lo. Ver o registro feito em 27 de novembro de 1938, em KLEMPERER, p. 251.

nazista.¹⁵³ Entre estas leis, encontra-se a alteração no tratamento dado a casais mistos nos quais o marido era judeu e sem filhos. De acordo com esse decreto, os casais estariam sujeitos à legislação como se fossem um casal de judeus, fazendo que a esposa alemã sofresse as ações que atingiriam inicialmente seus maridos em intensidade similar. Por meio dessa medida, era intenção do partido causar a separação, dando à esposa facilidades jurídicas em um processo de divórcio e contribuindo com que o esposo judeu perdesse seus privilégios de casamento misto e pudesse ser tratado como um judeu comum.¹⁵⁴

4.4 O ESTADO DE APARÊNCIAS

No período abordado, foi observado como Klemperer, ao tentar compreender o seu contexto, também se adequava a ele e mantinha suas posses baseando-se em argumentos que variavam de uma ideologia nacionalista ao conforto de seu bem-estar material. Os questionamentos presentes eram voltados à sua identidade pessoal, anteriormente convicta de sua característica alemã, mas que foi aos poucos enfraquecendo até ser desconsiderada pela sua associação e tolerância ao Nacional-Socialismo. Sua intenção de permanecer no país, a falta de reflexão sobre o futuro, as distrações com estudos que não tinham esperanças de serem publicados e os gastos excessivos com sua casa e carro foram atitudes mantidas desde as Leis de Nuremberg até a Noite dos Cristais.

Klemperer também percebe a incoerência entre a propaganda e a realidade que ele observa, na qual a apatia e o desinteresse da população foram visíveis em diversas ocasiões. A proximidade da guerra e a intensa propaganda geraram apenas um maior contraste entre aquilo que o nazismo afirmava ser e o que ele visualizava como era em seu cotidiano. Se Klemperer foi capaz de adaptar-se à opressão nazista, mesmo sendo vítima e sofrendo diversas limitações, então não deveria ser surpreendente para ele perceber a população comum em igual estado de acomodação. Ele escreve em seus diários que ignorou seus problemas e procurou viver normalmente dentro do nazismo, somente percebendo o risco no

¹⁵³ Segundo observa Klemperer: “[...] mas nosso ânimo piorou ainda mais e como quase, não, realmente, todos os dias surgem novas leis contra os judeus, estamos com os nervos totalmente em frangalhos.” Registro feito no dia 6 de dezembro de 1938, em KLEMPERER, p. 255. Várias leis foram aprovadas com diferenças de poucos dias entre uma e outra. Algumas delas procuravam banir os judeus de espaços como teatros, cinemas e bibliotecas, enquanto que outras os proibiam de ter pombos-correios ou carteiras de motorista. Friedländer descreve com maiores detalhes algumas destas leis e seus efeitos (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 285).

¹⁵⁴ Essa lei estava voltada à intenção do governo Nacional-Socialista de segregar os judeus dentro dos espaços urbanos, deslocando-os a guetos ou áreas específicas para a sua habitação. Para cumpri-la, tornou-se necessário determinar, nos casais mistos, quais eram os “privilegiados” que poderiam habitar os locais fora dos demarcados aos judeus. Casais de maridos arianos e esposas judias eram tratados, por lei, como um casal alemão comum, enquanto que, para aqueles de marido judeu, havia ainda uma segunda diferenciação baseada na existência ou não de filhos. Klemperer, sendo considerado judeu casado com uma mulher “alemã” e sem filhos, caiu na categorização de um “casal judeu” (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 290).

qual se encontrava quando era tarde demais. Nos momentos em que havia o incômodo da violência, muitos preferiam ignorar devido ao medo e intimidação dos membros do partido, na medida em que não eram afetados em grandes proporções.

A despolitização identificada nos anos anteriores permaneceu e evoluiu para um estado de aparências, no qual havia a procura dos civis em demonstrar apoio, com o objetivo de evitar problemas, mas sem identificação ideológica. Ao mesmo tempo, foi identificada a tentativa do NSDAP de criar e manter uma imagem da Alemanha que fosse reflexo da capacidade de seu governo, mesmo que distante da realidade. O antissemitismo que Klemperer identificou como sendo praticado pela população não passava de pequenas provocações que, apesar de não gerarem consequências, mostraram a ele a pouca adesão à ideologia nazista. Até qual ponto tais atitudes refletiam um nível de sucesso na doutrinação pela propaganda, e até que ponto essas atitudes constituíam-se em simples formas de expressar apoio sem a convicção ideológica permanece uma questão em aberto.

Com a Noite dos Cristais, a necessidade de aparências foi descartada pelo partido. No ano seguinte, o início da guerra e o agravamento da política antissemita lançariam Klemperer e sua esposa em maiores provações, às quais ele não tinha condições de prever ou de preparar-se. Com o fim das medidas legais, ou que necessitassem aparentar certo embasamento jurídico, teve início uma nova fase do antissemitismo nazista, e Klemperer perceberia, com maior clareza, a proximidade de seu possível fim.

5 NA SOMBRA DA GUERRA: 1939 – 1941

Em janeiro de 1939, Hitler discursou sobre a possibilidade da guerra para o Reichstag, afirmando uma das frases que ficou mais característica de seus pronunciamentos. Em sua fala, os judeus seriam os responsáveis caso o conflito ocorresse, tendo o objetivo de espalhar o bolchevismo no mundo através da conquista militar. Porém, esse objetivo não seria concretizado e, em seu lugar, a guerra ocasionaria a destruição da “raça judaica” da Europa. A “profecia” de Hitler, por mais explícita que possa parecer em sua afirmação do extermínio, não seria uma demonstração clara das intenções bélicas dos nazistas, assim como também não determina a decisão de matar sistematicamente os judeus neste momento.¹⁵⁵ Embora o conflito militar parecesse iminente, seu início ainda foi surpreendente para Klemperer e para a população alemã como um todo.

Assim como em outros momentos, a falta de clareza dos acontecimentos do presente e a incapacidade de estabelecer previsões do futuro são derivadas e mantidas pela inconsistência entre o discurso oficial e a realidade observada. A proximidade explícita da guerra, presente tanto nos boatos quanto na propaganda, conflitava com outras declarações opostas e com a passividade com a qual os demais países europeus tratavam a agressividade alemã. A forma pela qual o Nacional-Socialismo informou ou escolheu não informar a população ocorreu de acordo com algumas preocupações que o governo tinha com a opinião popular. Essa prática influenciou para que Klemperer, assim como muitos outros, recorresse a boatos e informações imprecisas na busca por informações, falhando na identificação dos acontecimentos e impossibilitando que se compreendesse o contexto na Alemanha.

A propaganda possuía, inicialmente, a relevante e complexa função de preparar a população para um inevitável embate militar. A movimentação das forças armadas, as medidas de guerra e várias publicações sobre a grandeza do exército alemão e a fraqueza dos seus adversários eram percebidas pelos alemães juntamente com a vontade do governo de manter a paz. Porém, apesar da coexistência das contradições, o partido nazista pôde adaptar e manipular os eventos através do domínio das informações, encaixando-os em uma lógica que

¹⁵⁵ Mommsen argumenta que, ao analisar o contexto político no qual este discurso foi feito, Hitler não se referia à morte dos judeus em si. Uma vez que havia cada vez mais limites impostos por diversos países à aceitação de imigrantes judeus da Alemanha, o discurso dirigia-se à comunidade internacional, sendo que, segundo o autor: *“In this context, therefore, Hider's warning should be understood as a rhetorical gesture designed to put pressure on the international community to accept the Reich's extensive financial demands, a gesture that was not far from open blackmail. At that time it was highly unlikely that either the German or the international public could have interpreted his statement as an ill-concealed declaration of a serious intention to liquidate the Jews under German rule in the event of war. Even for Hider the propagandistic dimension was what predominated, as is also demonstrated by his related statement that if the international press did not stop harassing Germany, he would respond by producing anti Semitic films.”* (MOMMSEN, 1997, p. 151).

fosse compreensível e adequada à sua ideologia e narrativa. Exercendo algo próximo de um monopólio de interpretação, a propaganda procurou formar uma imagem na qual a Alemanha seria vítima dos ataques internacionais e que a guerra seria uma medida de defesa contra a agressão dos judeus.¹⁵⁶

De acordo com a sua ideologia, o nazismo acreditava e divulgava que a conspiração internacional dos judeus estava iniciando o conflito para eliminar a Alemanha e instaurar o bolchevismo como forma de dominação. Com o controle sobre diversos países, como a União Soviética e os Estados Unidos, e com influência econômica no capitalismo e no comunismo, os judeus eram vistos como uma organização que conspirava pela dominação em escala mundial.¹⁵⁷ Qualquer elemento que não se encaixasse nessa linha explicativa era ignorado ou alterado para que pudesse fazer sentido de acordo com essa visão antissemita, e divulgado pela propaganda em concordância com ela.¹⁵⁸ É importante ressaltar esse aspecto da ideologia nazista, uma vez que ela tornar-se-ia um fundamento sobre o qual diversas atitudes do discurso e da prática seriam baseadas durante toda a guerra. Ou seja, o antissemitismo passou de questão social marginal, a qual tinha influência prática somente sobre uma parcela da população, para formar a centralidade do conflito alemão contra o mundo.

Os judeus estavam cada vez mais presentes nos discursos oficiais, ao mesmo tempo em que estariam ausentes da vida pública dos alemães. Nesse período, o isolamento social é intensificado com a formação de guetos e com a concentração dos poucos que ainda habitavam a Alemanha em pontos específicos de suas cidades, confinando-os a moradias pequenas, juntamente com outros judeus. Diversas séries de restrições iriam atingi-los

¹⁵⁶ O termo “monopólio da verdade” é utilizado por Kallis para demonstrar o controle que o partido nazista possuía da divulgação das informações em todas as formas da imprensa, rádio e filme, fazendo com que fosse possível controlar o acesso da população a questões consideradas prejudiciais ao Nacional-Socialismo. Segundo o autor, o “monopólio” é derivado do domínio do discurso oficial, o qual podia manipular as interpretações das pessoas e estabelecer tendências de pensamento e comportamento derivadas do conhecimento do contexto. Na Alemanha, não havia outras fontes para as quais a população pudesse recorrer como origem alternativa de conhecimento além de boatos, transmissões de rádios estrangeiras, jornais locais de igrejas, entre outros. O autor defende que, embora o termo possa sugerir, nunca houve exclusividade dos nazistas no fornecimento de informações no seu governo, assim como também havia diversas formas de interpretações dos acontecimentos noticiados (KALLIS, 2008).

¹⁵⁷ Com a guerra, os argumentos mais comuns da propaganda nazista voltar-se-iam à influência judaica e à conspiração internacional que estariam causando o conflito, como observa Herf em: “*In the era of appeasement in the West and the nonaggression pact with the Soviet Union in the East, Hitler and the core Nazi leaders asserted that a powerful international Jewish conspiracy was mobilizing against the Third Reich.*” (HERF, 2006, p. 50).

¹⁵⁸ Herf explora a contradição que havia na ideologia nazista e aponta vários questionamentos que evidenciam as falhas explicativas do seu antissemitismo. Os membros radicais do partido ignoravam ou tratavam com pouca relevância quaisquer elementos que contradissem a compreensão que possuíam do cenário internacional. Por exemplo, uma vez que a propaganda afirmava que países como a Inglaterra e os Estados Unidos eram influenciados por judeus, pode-se perguntar sobre a falta de retaliação ou de medidas punitivas internacionais durante as perseguições e os atos antissemitas de 1933, 1935 e 1938. Como salienta Herf: “*There were no facts that could refute the assertions of the anti-Semitic conspiracy theory.*” (HERF, 2006, p. 51).

gradativamente, proibindo-os desde o direito de locomoção até de possuir materiais de escrita, além de limitar seu acesso a alimentos e outros bens e serviços necessários à sua sobrevivência. A guerra seria derivada desse antissemitismo, e esses pontos não podem ser observados sem levar em consideração a influência que um possuía sobre o outro, e a relevância que ambos passariam a ter sobre a vida cotidiana.

Como sentido e descrito por Klemperer, a guerra seria uma mudança para os judeus maior e mais impactante do que os anos de perseguição anteriores. Para ele, o conflito significou um medo cada vez maior do antissemitismo vivido em seu presente, assim como a incerteza das atitudes nazistas no futuro. As alterações causadas pela guerra, como falta de materiais e limitação no acesso à comida, serão apenas algumas das dificuldades encontradas por Klemperer, que descreve um medo nunca antes sentido da Gestapo, das prisões arbitrárias e, mais tarde, das deportações. O uso obrigatório da estrela amarela e a mudança para uma casa de judeus serão duas obrigações que irão alterar gravemente a sua percepção, assim como também irão influenciar a sua narrativa da opinião popular e da presença do antissemitismo no seu cotidiano.

5.1 DISCURSO PELA PAZ, PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

Klemperer observa, logo nos primeiros meses do ano, a irregularidade da opinião popular e a incerteza proveniente da falta de informações precisas. Enquanto descreve certa continuidade na sua vida, com a busca infrutífera pela imigração e relatos de encontros com amigos,¹⁵⁹ ele registra que, por mais grave sua situação possa parecer, o ano ainda não apresenta mudanças perceptíveis. Devido às festas de fim de ano, ele e sua esposa tiveram a oportunidade de encontrar diversos conhecidos em poucos dias, fazendo com que Klemperer ficasse um pouco aliviado da sensação de isolamento sentida anteriormente. Notícias e boatos transmitidos em conversas com tais convidados são registrados e demonstram casos nos quais a população expressava críticas ao partido e atitudes de simpatia com os judeus, assim como também havia manifestações de violência antisemita:

¹⁵⁹ Klemperer realizava aulas de inglês desde o ano anterior, acreditando que esta língua pudesse lhe ser útil em um processo de emigração. Apesar de ter dificuldades com os estudos e da falta de esperança de sair do país, ele tenta desenvolver a sua capacidade de compreensão da língua, continuamente afirmando o seu pessimismo com esta atividade: “Ora gramática, ora a tradução de um pequeno texto; desde 15 de dezembro, aulas particulares com Mrs. Meyer. Talvez tenha aprendido uma coisinha a mais, pelo menos, o que se refere à leitura e à compreensão da língua falada; mas falta, como antes, muito ainda para saber falar, e, em relação à sintaxe, sinto uma estranheza crescente, até mesmo um horror desamparado.” Registro feito no dia 31 de dezembro de 1938, em KLEMPERER, p. 260.

A srta. Gump foi empurrada e molestada pelo populacho, a polícia observava imóvel. Enquanto tudo era destruído e saqueado, o general em comando solicitou de Berlim ordens para interferir – mas acabou não interferindo. [...] Mas a sra. Hirschel fala calorosamente de amigos arianos que intercedem por ela e por seu marido em Paris.¹⁶⁰

Uma vez que diversas afirmações eram feitas na propaganda e coexistiam com outras divulgações das intenções de paz do governo Nacional-Socialista, Klemperer não percebe na declaração de Hitler uma evidência clara dos acontecimentos, nem com relação à guerra e nem com o antissemitismo. Em seu diário, ele anota que:

Durante quinze dias, nenhuma mínima mudança na situação e no ânimo. O mesmo terrível vazio do dia, o mesmo esforço vão relativo ao inglês, aulas, leituras gramática – nada é estimulante. [...] Nenhuma resposta às várias tentativas de emigrar. Politicamente, sempre a mesma coisa. A incitação contra os judeus sempre maior: em seu “discurso do Reichstag”, de 30 de janeiro, Hitler transformou novamente todos os inimigos em judeus e ameaçou com a “aniquilação” dos judeus na Europa, caso “eles” forçassem a guerra contra a Alemanha. Pronunciou-se como um homem de paz e nos dias seguintes o aumento da frota de submarinos e da frota aérea foi anunciado.¹⁶¹

A guerra pareceu ao mesmo tempo próxima e distante.¹⁶² O desenvolvimento da agressividade do governo alemão iniciada com a anexação da Áustria, a crise com a Tchecoslováquia e os diversos outros momentos que poderiam ter iniciado uma reação militar internacional foram recebidos com tolerância pelas outras nações. Klemperer salienta que

¹⁶⁰ Registro feito em 1 de janeiro de 1939, em KLEMPERER, p. 265.

¹⁶¹ Registro feito em 5 de fevereiro de 1939, em KLEMPERER, p. 269. Klemperer percebe que o termo utilizado por Hitler em seu discurso é *Vernichtung*, que, juntamente com outras palavras em alemão, possui diversos significados, além do extermínio físico. A propaganda como um todo adotaria uma linguagem mais agressiva, seguindo os pronunciamentos de Hitler, mas sem afirmar a intenção de matar. Dessa forma, o uso desses termos pelos nazistas não indica, necessariamente, a morte dos judeus, apesar de ser uma das interpretações possíveis. Bytwerk, em uma análise diferente, destaca que os discursos oficiais responderiam claramente que a reação da Alemanha ao conflito seria a destruição dos judeus, e que os termos utilizados, por mais abstratos que pudessem ser, ainda se constituíam em uma linguagem que ressaltava a gravidade da ação pretendida. De acordo com ele: “*Although Hitler and the Nazis suppressed the details of the Holocaust, they clearly and publicly made the argument that the destruction of the Jews was Germany’s response to Jewish plans to destroy Germany, using words in both cases that I shall consistently translate as destroy (vernichten), wipe out (auslöschen), exterminate (ausrotten), and extirpate (ausmerzen).*” (BYTWERK, 2005, p. 39).

¹⁶² Klemperer, em sua busca constante por identificar a opinião popular, descreve antes da realização do discurso como não é possível generalizar as atitudes dos alemães, em: “Ninguém, seja internamente ou no exterior, pode calcular o verdadeiro estado de espírito da maioria do povo. Provavelmente, não, seguramente, não existe um só verdadeiro estado de espírito, e sim estados de espírito de diferentes grupos.” Registro feito em 22 de janeiro de 1939, em KLEMPERER, p. 268.

Hitler age como se buscasse a guerra, e cada vez mais se sente perto da “catástrofe”,¹⁶³ mas que ela, em sua aparência iminente, não ocorreria devido à suposta invencibilidade do líder nazista.¹⁶⁴

Por causa da ausência de informações concretas, restava recorrer aos boatos para adquirir conhecimento do seu contexto. Klemperer, apesar de não ter meios de verificação, possuiu acesso a rumores que o informaram com maior detalhamento do que a imprensa e a propaganda do partido. A presença de tais rumores já se enquadra como uma quebra do controle que o governo possuía sobre as informações e a opinião popular. Enquanto que Klemperer sempre afirma a característica exacerbada da imprensa, a qual servia como veículo de afirmação da propaganda ideológica do partido Nacional-Socialista sem conseguir transmitir informações concretas, os rumores passam a preencher parte do vácuo criado pela ausência de credibilidade. Não é possível determinar os limites nos quais cada fonte era creditada pela população, mas a partir do momento no qual os rumores existiam e circulavam com certo grau de concretude, são questionáveis o alcance e a capacidade de influência do discurso oficial.¹⁶⁵

Logo em 7 de junho já há a descrição de uma possível divisão da Polônia com os russos, além de diversos outros boatos que apontam para o preparo do exército para o conflito.

¹⁶³ Apesar de Klemperer não descrever, a catástrofe a qual refere-se nesse contexto indica a guerra, a qual poderia significar o fim do governo nazista, mas que, ao mesmo tempo, provavelmente causaria a sua própria morte, como ele mesmo faz referência em: “Pensei comigo que mesmo que a Inglaterra e a França assistam a tudo isso passivamente, isso novamente significa um passo à frente na política de força da Alemanha e portanto um passo à diante em direção à catástrofe [*damit einen weiteren Schritt der Katastrophe entgegen*]. Mas voltei de novo ao fundo do poço ao ler hoje no jornal vespertino que o jogo de cartas marcadas parece ter sido ganho pela Alemanha de maneira total e absoluta, rápida e rasteira, enquanto a Inglaterra e a França enfiam o rabo entre as pernas [*die Schwänze einklemmen*].” Registro feito no dia 14 de março de 1939, em KLEMPERER, p. 271, e em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1937 - 1939*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 141. O questionamento feito posteriormente salienta melhor os possíveis reflexos do conflito sobre a sua situação específica por ser considerado judeu: “E o que nos trará a guerra, *a nós*? Fica-se apático de tanta tensão. [...] assim vem-me à mente todo dia em letras miúdas: eles nos matarão?” Registro feito em 20 de abril de 1939, em KLEMPERER, p. 274.

¹⁶⁴ Duas passagens próximas entre si ilustram a conclusão chegada por Klemperer. A primeira demonstra como a incerteza da situação internacional e da iniciativa militar do nazismo gerava confusão devido à instabilidade do futuro: “A usurpação da Tchecoslováquia (e de Memel) repercute agora e se já não tivéssemos sido decepcionados mil vezes consideraríamos a guerra como iminente. Mas ela não virá e se vier teremos nós dois uma perspectiva ínfima de sobreviver a ela.” Registro feito no dia 7 de abril de 1939, em KLEMPERER, p. 271. Já a segunda observa os possíveis motivos e reflexos que tais eventos causavam na sua percepção, uma vez que a conquista pacífica dos objetivos pretendidos apenas reforçaria o poder nacional: “Por todo canto esta abominável desesperança. E creio que o mesmo acontece com os governos do exterior. Todos tremem, *consideram* Hitler invencível – e por isso ele *é* invencível.” Registro feito no dia 9 de abril de 1939, em KLEMPERER, p. 273.

¹⁶⁵ Sobre a “pobreza” das publicações nazistas, Klemperer elaborou melhor suas percepções no livro *LTI*, por meio do qual descreve: “A razão da pobreza parece evidente. Com um sistema tirânico extremamente invasivo, tudo era vigiado nos mínimos detalhes para que a doutrina nacional-socialista permanecesse intacta, sem falsificações em cada um de seus aspectos, incluindo a linguagem.” (KLEMPERER, 2009, p. 64).

Juntamente com estes rumores, a propaganda acusa a fraqueza da Inglaterra e da França e a sua incapacidade de interferência nos interesses da Alemanha.¹⁶⁶

Enquanto Klemperer permanece céptico sobre os discursos oficiais e prefere levar mais em consideração a realidade que observa, várias pessoas com quem tem contato não parecem compartilhar de sua percepção. Seja por influência da manipulação pela propaganda Nacional-Socialista ou pelo simples desconhecimento, Klemperer cita vários que acreditam na permanência da paz e que a Inglaterra recuaria após uma eventual tomada militar da Polônia.¹⁶⁷ Apesar da predominância da imprecisão, é perceptível que havia a circulação destas informações e o debate entre os alemães sobre os possíveis desdobramentos da política nazista.

Os boatos percebidos por Klemperer e as reações das pessoas com quem tem contato sustentam a perspectiva na qual a esperança pela resolução pacífica era característica da população alemã antes da guerra. A propaganda, como um todo, refletia a hesitação dos alemães quando deparados com o conflito militar, fazendo com que um dos objetivos iniciais visados pelo governo Nacional-Socialista fosse tentar justificar o início da guerra e gerar o apoio popular a ela antes da invasão da Polônia. Mais do que a força militar nacional e o poder político de Hitler, o nazismo necessitava argumentar a favor de sua causa, justificando e legitimando a invasão. Como observa Welch:

The war imposed considerable strains on the political, social and economic structure set up by the Nazi regime. The difficulties for propaganda were exacerbated by the distinct lack of enthusiasm for the announcement of war, compared to the kind of enthusiasm that had apparently gripped the masses in 1914. The trust in the leadership which had been so carefully nurtured in the years leading up to war had now to be persevered at all costs. In the course of maintaining an effective link with the regime's leadership, propaganda had to convince the German people of the justness of their own cause and German invincibility. (WELCH, 2002, p. 117).

¹⁶⁶ Durante os meses de junho e julho de 1939, várias passagens mostram a diversidade das notícias e opiniões referentes à guerra. Pode-se citar como exemplo a descrição do boato que menciona a invasão da Polônia: “Como *ele* [Hitler] é considerado pérfido pelo povo: por toda parte diz-se que ele vai dividir a Polônia entre *si* e a Rússia. [...] E todos os dias um discurso e um desfile ou exercício de manobras como prova de nossa invencibilidade e de nosso desejo de paz”. E na companhia de bondes, empregam-se motoneiras. E nos açougues e nos verdureiros, grande escassez, porque tudo é armazenado para o exército. Mas o povo realmente acredita na paz. *Ele* tomará (ou dividirá) a Polônia, as “democracias” não ousarão interferir.” Registro feito em 7 de junho de 1939, em KLEMPERER, p. 276.

¹⁶⁷ As passagens nas quais ele anota as diferenças nas opiniões referem-se aos reflexos derivados da política internacional mesclada com a falta de informação interna. Assim como nos anos anteriores, ele observa a incerteza: “Há semanas, a mesma tensão, sempre crescente e sempre permanente. *Vox Populi*: *Ele* vai invadir em setembro, vai dividir a Polônia com a Rússia, Inglaterra-França, impotentes. Natscheff e muitos outros: *Ele* não ousará atacar, mantém a paz e mantém-se ainda por anos. Opinião judia: *pogrom* sangrento no primeiro dia de guerra. Não importa o que se cumpra destas três coisas; para nós a situação é desesperadora.” Registro feito no dia 14 de agosto de 1939, em KLEMPERER, p. 278.

Enquanto que a propaganda defendia a força alemã e o seu desejo de manter a paz, Klemperer registra que os efeitos de tal ação foram a confusão e a incerteza dos acontecimentos na sociedade. A busca por informações ocorreu pela interpretação dos diferentes boatos existentes e publicações realizadas pela imprensa. No entanto, os resultados demonstram os limites pelos quais ele, assim como a população alemã como um todo, tinha acesso a informações referentes às políticas do partido Nacional-Socialista. Não estão presentes nos diários passagens que revelam um explícito conhecimento popular do conflito ou sequer uma divulgação clara da imprensa sobre os planejamentos do partido, havendo a predominância das abstratas declarações observadas anteriormente.

Nos meses anteriores ao início da invasão da Polônia, os diários refletem a preocupação social e demonstram uma constante focalização na possibilidade do conflito. Entre os vários questionamentos apresentados por Klemperer sobre os efeitos sociais da guerra, a identificação da heterogeneidade das opiniões existia juntamente com a incerteza da continuidade do antissemitismo. Uma vez que a propaganda acusava os judeus de conspirarem para atacar a Alemanha, Klemperer via a proximidade da deflagração com preocupações ainda maiores e temia também *pogroms* e outras medidas antissemitas mais radicais.

A poucos dias do conflito com a Polônia, Klemperer observa haver a incerteza na população alemã e a divisão das opiniões com respeito a previsões. Em seu diário, ele narra que os acontecimentos eram óbvios demais para serem ignorados ou para fornecerem qualquer interpretação além da preparação para a guerra:

A evidente mobilização, sem anúncio de mobilização (pessoas, automóveis, cavalos), o pacto com a Rússia e a enorme reviravolta, confusão, a imprevisibilidade da situação, das relações de força *depois* dessa transformação. (Onde está? Como se processa? Como está a disposição popular? Etc. etc. conversas intermináveis, sofridas) Imprevisibilidade do perigo para todos os judeus daqui.¹⁶⁸

Mesmo com a visualização de tais movimentos e atitudes, tanto Klemperer quanto as pessoas com quem registra conversar não demonstram acreditar na guerra, e pensam que a ocupação da Polônia ocorreria sem reação e sem resistência internacional: “De hora em hora, parecem oscilar as perspectivas entre guerra e paz e as perspectivas e agrupamentos da possível guerra. Todos fazem especulações, esperam e logo a enorme tensão transforma-se em apatia.”¹⁶⁹

¹⁶⁸ Registro feito em 29 de agosto de 1939, em KLEMPERER, p. 279.

¹⁶⁹ Registro feito em 29 de agosto de 1939, em KLEMPERER, p. 279.

Quando a invasão da Polônia tem início em setembro, as informações permanecem confusas e contraditórias.¹⁷⁰ A justificativa divulgada baseava-se em ataques poloneses sofridos por alemães residentes na Polônia e, por mais fabricadas que fossem, tais acusações formaram o embasamento ideológico de vitimização da Alemanha, contribuindo para sustentar a relutante vontade de combater do nazismo.¹⁷¹ Porém, a imprensa controlada pelo partido Nacional-Socialista afirmava pouco do conflito como um todo, fazendo com que Klemperer ainda não tinha certeza se havia ou não o confronto alguns dias depois de seu início. Apesar de escutar o pronunciamento de Hitler, verificar boatos que afirmavam a presença alemã em território polonês e receber a obrigatoriedade de medidas de guerra, ele ainda registra que aguarda qualquer divulgação oficial que fosse mais esclarecedora.¹⁷² No mesmo dia desse registro, curiosamente, a Inglaterra e a França declaram guerra em resposta à invasão da Alemanha.

Enquanto a segunda guerra mundial iniciava a sua configuração, Klemperer anotou algumas características que seriam evidentes durante toda a sua duração. Esses pontos podem ser numerados em: ausência de informações, o que levou a uma maior presença de boatos; falta de recursos, como alimentos e outros itens básicos; estabelecimento de controle social ainda maior pelo partido e a presença da propaganda de guerra, a qual focaliza crescentemente

¹⁷⁰ A invasão à Polônia iniciou-se no dia 1º, uma semana após a assinatura do pacto de não-agressão com a Rússia. Nota-se que Klemperer ouvia boatos desse acordo de divisão após a sua assinatura, mas não havia nenhuma afirmação clara ou exposição de qualquer tendência pela propaganda. Pelo contrário, explicar a súbita aliança com um dos maiores inimigos do Nacional-Socialismo foi um dos temas mais complexos a serem abordados pelo discurso oficial, gerando efeitos únicos sobre a opinião popular. Klemperer percebe a contradição ideológica existente nessa aliança e questiona: “A aliança com a Rússia não causa indignação a ninguém, consideram-na genial ou uma excelente piada.” E continua: “Observar como o Führer declarou amizade eterna à Rússia com duas palavras. Realmente não existe ninguém na Alemanha a quem isso não pese na consciência?” Registros feitos em 3 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 282.

¹⁷¹ Klemperer não registra observações sobre essa propaganda, e demonstra-se mais focalizado na aliança entre Hitler e Stálin que, ao menos para ele, é mais incompreensível. É possível supor que, mesmo que ele tenha observado alguma publicação neste sentido, Klemperer não tenha tido interesse ou tenha ignorado como costuma fazer com outras divulgações do partido com visível grau de fabricação e conteúdo falso. Kallis, no entanto, estuda como estes argumentos estavam presentes na sociedade e contribuíram na construção argumentativa para a invasão: “*The list of hostile acts against ‘ethnic Germans’ (Volksdeutsche) went on and on, further inflaming the common sensitivity of Germans to the fate of their ‘unredeemed’ brothers – especially in a state so universally detested as Poland. During the crucial weeks before the launch of the invasion, as the build-up of the Wehrmacht forces on the German-Polish frontier intensified without any attempt to conceal it, the German press began an orchestrated campaign against the ‘hostile’ attitude of Polish authorities vis-à-vis the ethnic German minority residing within its borders.*” (KALLIS, 2008, p. 97).

¹⁷² Klemperer registra uma busca por informações durante os primeiros dias de setembro que foram mais bem satisfeitas pelos boatos e conversas do que pelos pronunciamentos oficiais: “Todas as determinações igualmente indicavam e indicam mais do que uma mera expedição punitiva contra a Polônia. E tudo continua assim dessa maneira há três dias, parece que já faz três anos: a espera, o desespero, a esperança, a ponderação, a falta de informação. O jornal de ontem, sábado, nebuloso e, na verdade, contando com uma guerra geral: “A Inglaterra, a agressora – mobilização inglesa, mobilização francesa, eles irão esvair-se em sangue!” etc. etc. Mas *ainda* nenhuma declaração de guerra vinda de lá. Virá ela ou abandona-se a resistência e apenas demonstra-se de maneira frouxa?” Registro feito em 3 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 281.

nos judeus e no seu envolvimento com os países inimigos da Alemanha. Além dessas consequências diretas da guerra sobre a população, Klemperer foi ainda mais afetado pela intensificação da perseguição antissemita, o aumento das proibições e as duas maiores iniciativas desse período: a estrela amarela e a mudança para a casa dos judeus.

Dessa forma, para uma melhor abordagem, esses pontos foram divididos em dois temas, apesar da relação existente entre eles. A primeira parte focaliza na opinião popular e nos reflexos da guerra sobre a sociedade, onde o impacto das medidas militares gerou reações diversas, alterando o cotidiano e fazendo com que a população se adequasse às situações cada vez mais extremas. Os registros de Klemperer nesse trecho observam as mudanças no comportamento social, a opinião popular e a propaganda de guerra, com a sua exaltação ideológica coexistindo com a ausência de informações relevantes do andamento do conflito.

Já a segunda parte trata sobre o antissemitismo sentido e percebido por Klemperer, tanto em seu cotidiano quanto nos discursos oficiais durante o início da guerra.¹⁷³ É identificado como a propaganda contra os judeus foi alterada em sua argumentação, a qual passou a envolvê-los diretamente com o conflito e a colocá-los presente mais constantemente nas publicações do partido. Ao mesmo tempo, as práticas antissemitas limitaram sua liberdade e isolaram-nos cada vez mais, deportando aos poucos os remanescentes e ameaçando os demais com diversos decretos e proibições que poderiam causar penas desde a deportação até a morte.

Mesmo com a guerra e a perseguição, Klemperer insiste em analisar o seu contexto, observando as reações das pessoas e, principalmente, ainda buscando distrações com estudos e trabalhos. Uma das características mais marcantes nesse período é sua capacidade de adaptação, adequando sua vida cotidiana à guerra e à intensificação da perseguição antissemita. Durante os três primeiros anos do conflito, Klemperer sofreu mais do que havia sofrido anteriormente, mas ainda encontraria formas de persistir e manter determinada normalidade.

Em 1942, com o início das derrotas alemãs, o governo Nacional-Socialista passou a promover medidas mais extremas sobre a população alemã, assim como uma intensificação ainda maior à perseguição dos judeus, já adotando o extermínio como a “solução”. Portanto, o período analisado nesta seção tem por base o princípio do efeito da guerra sobre Klemperer,

¹⁷³ Enquanto que esse tema se aproxima mais da intenção principal desta análise, percebe-se a incapacidade de sua abordagem sem a menção da influência dos eventos militares sobre as decisões do governo nazista com relação aos judeus alemães. Como será observado, as práticas antissemitas sofreram a interferência direta do andamento dos conflitos, principalmente no leste europeu, enquanto que os judeus na Alemanha ainda eram protegidos pela legislação e tinham que ser deportados com base legal.

ou seja, os reflexos que o conflito gerava em sua vida. Enquanto que anteriormente ele procurou identificar o apoio popular ao governo nazista, a partir de 1939 outros questionamentos foram derivados não somente desse mesmo propósito de saber a opinião das pessoas, mas foram oriundos principalmente da procura de apontar as tendências antisemitas do Nacional-Socialismo, o seu reflexo na sociedade e, também, a necessidade de adequar-se a elas.

5.2 CONFLITO CONTRA A EUROPA

Os questionamentos feitos por Klemperer apontam para os impactos práticos que a guerra tinha sobre a população alemã e seus efeitos sobre a vida cotidiana. Talvez mais do que pela imprecisão das informações, a sociedade era influenciada principalmente pelas restrições no comércio e pela falta de suprimentos dentro da Alemanha, ambos fatores essenciais no cotidiano, de acordo com a percepção de Klemperer. A forma pela qual a guerra foi iniciada já demonstra uma falta de coordenação perceptível entre o governo e a população, sendo que, segundo ele:

*Trata-se de um erro. Não foi feita uma mobilização e sim arrancou-se cada um dos homens da cama. Não divulgam nenhuma lista de mortes. Não hasteiam bandeiras, embora já tenham atingido Varsóvia nesta primeira semana. Silenciam a respeito da frente ocidental. Fazem com que os açougues sejam fechados do lado que dá para a rua: as filas se estendem no pátio interno. Deve ser mantida a opinião: guerra apenas com a Polônia e vitória rapidíssima. Mas, ao mesmo tempo, constantes medidas rígidas que apontam para uma longa guerra. Aumento de imposto de renda de 50 por cento, blecaute permanente, ontem, anúncio de penalidades já que, segundo consta, vinha sendo relaxada a disciplina de manter o blecaute. Ontem, a *farinha* passou para a lista dos gêneros vedados. Como se consegue sempre menos nas peixarias, como muitas vezes não é fornecida nem mesmo a quantidade de carne prevista pelos cupons, assim todos *precisam* apelar para os alimentos à base de farinha. Portanto, todos *precisam* perguntar-se até quando o pão ainda estará liberado. E todos *precisam* perguntar-se como todas essas determinações simplesmente não combinam com a opinião da guerra curta com a Polônia.¹⁷⁴*

Durante o mês de setembro, enquanto a invasão da Polônia ocorria, Klemperer questiona constantemente sobre o futuro que este conflito geraria. Várias perguntas sobre o envolvimento da Inglaterra e da França, a falta de alimentos, a possibilidade da paz e a aliança

¹⁷⁴ Outras medidas são percebidas por Klemperer, que continua: “Proibição de ouvir transmissões de rádio estrangeiras. Pelo visto, não há possibilidade de interditar os rádios e precisam contar com o medo de denunciante. [...] A França até agora não foi sequer mencionada como participante da guerra.” Registros feitos em 10 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 284. Gellately, em uma argumentação que conflita com a sua defesa de um apoio popular evidente ao governo, identifica que as medidas de guerra tinham o objetivo de regular a vida civil e militar, tanto no seu aspecto público quanto no privado, afetando e ameaçando qualquer indivíduo em qualquer ambiente a todo o tempo. Críticas ao esforço de guerra, escutas à rádios estrangeiras ou recusas no cumprimento das exigências do governo poderiam ser classificadas como traição, que era punível com a pena de morte (GELLATELY, 2011, p. 281).

com a Rússia ocupam seus registros.¹⁷⁵ Seguindo as possíveis inseguranças sociais que o conflito estaria gerando, a intenção do governo foi realizar uma guerra rápida para minimizar as críticas, manipulando as informações e evitando que as medidas efetivadas afetassem em grandes proporções os civis.

A opinião popular, porém, é identificada como favorável ao conflito, uma vez que as repercussões sobre a população são pequenas e os sucessos militares são celebrados e intensificados pela propaganda. Klemperer aponta os indícios de uma longa guerra, mas registra que as expressões observadas são de confiança na vitória rápida. Essa confiança era mantida por meio do controle das informações pelos nazistas, que exaltavam as vitórias militares ao mesmo tempo em que deixavam de informar adversidades e a possibilidade da extensão da guerra.¹⁷⁶ A propaganda correspondeu com os desejos da população de reestabelecimento rápido da estabilidade e da paz, como Klemperer descreve em: “A enorme vitória faz retroceder todo o descontentamento interno; a Alemanha domina o mundo – que importam agora uns poucos detalhes insignificantes?”¹⁷⁷

Apesar de atingir a vitória rapidamente, a conquista da Polônia não trouxe a paz pretendida e nem a esperança de uma solução próxima.¹⁷⁸ Pelo contrário, o envolvimento de outras nações e o prolongamento da guerra durante o inverno de 1939 demonstrava que o conflito duraria mais do que o esperado, com a permanência das restrições e com o agravamento da opinião popular. Os efeitos sociais foram imediatos, apesar de que Klemperer estava mais preocupado, nesse momento, em adquirir informações do andamento da guerra e

¹⁷⁵ Klemperer menciona em várias passagens as mesmas perguntas e descreve como a guerra o atinge pessoalmente. As dificuldades apresentadas focalizam-se nos mesmos temas e em pontos específicos, podendo ser ampliado à sociedade civil alemã que possivelmente as compartilhou e tinha acesso às mesmas informações e boatos que Klemperer, mas não tinham o mesmo temor que ele da perseguição antisemita: “No momento, totalmente desorientado do ponto de vista político. Paz em algumas semanas e a onipotência de Hitler? Ou a Inglaterra e a França vão combater? Mas como e com que chances? Por um lado, a Alemanha parecia ter todos, realmente, todos os trunfos nas mãos. Por outro lado: por que a falta cada vez maior de alimentos? Qual será o efeito interno da aliança russa? A Inglaterra já terá se dado por vencida sem lutar? Alguma vez ela começou uma batalha perdida às cegas???” Registro feito em 18 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 286.

¹⁷⁶ Tais elementos narrativos serão observados por Klemperer com maior detalhe posteriormente nos diários e também na sua obra *LTI*, na qual explora os exageros da propaganda nazista, como ilustrado em: “Os comunicados do Exército mostram números gigantescos de inimigos capturados; canhões, aviões e tanques contam-se aos milhares e dezenas de milhares, o número de prisioneiros chega a centenas de milhares. No fim do mês aparecem longas listas de números ainda mais inverossímeis. Quando a referência é ao número de inimigos mortos, então se abandona a exatidão dos dados e surgem expressões que mostram a falta de imaginação: *unvorstellbar* [inimaginável] e *zahllos* [incontável].” (KLEMPERER, 2009, p. 331).

¹⁷⁷ Registro feito em 29 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 288.

¹⁷⁸ A oferta de paz feita por Hitler à Inglaterra e à França após a conquista da Polônia foi rejeitada, o que, apesar de encaixar-se na ideologia nazista de conspiração internacional judaica e a sua intenção de causar a guerra, não gerou apoio popular. Segundo Klemperer: “Por outro lado, Inglaterra/França parecem acreditar na perspectiva de uma guerra prolongada, pois a oferta de paz parece ter sido rejeitada. E apesar disso, dia após dia: ‘A oeste, leve fogo de artilharia’, mais nada. Dizem, porém, que dia e noite trens militares dirigem-se para o oeste. Assim, tudo fica no escuro.” Registro feito em 12 de outubro de 1939, em KLEMPERER, p. 290.

não se empenha com muito esforço na identificação das reações das pessoas. Ao focalizar sua atenção nos discursos oficiais e nas notícias transmitidas pelos jornais, ele observa tendências na narrativa da propaganda que pouco alteravam a realidade de escassez na Alemanha.¹⁷⁹

Uma das tendências apontadas no discurso é a mudança da propaganda antissemita associada ao bolchevismo da União Soviética para a focalização na Inglaterra. Ele nota como a alteração do inimigo principal dos alemães devido à estranha aliança com a Rússia não necessariamente altera a participação dos judeus e a sua influência sobre as nações inimigas. Klemperer, sempre convencido da incoerência dessa aliança, não menciona opiniões que se manifestem sobre a súbita alteração.¹⁸⁰ Segundo escreve, a propaganda contra o bolchevismo foi esquecida nestes anos e cedeu lugar a acusações contra a Inglaterra: “Antes, o bolchevismo era: *o inimigo internacional número 1* (americanismo!); agora a Inglaterra é o: *inimigo número 1 da paz*.”¹⁸¹

Desde o começo da guerra até a invasão da França, em maio de 1940, Klemperer registra haver a presença de críticas crescentes durante a inverno europeu. Todos os elementos mencionados, tais quais a duração do conflito, as medidas de guerra e a falta de alimentos contribuíram para que o descontentamento, inicialmente contido pelas vitórias, se aprofundasse.¹⁸² Klemperer raramente observa ou descreve ter visto um apoio popular evidente e forte da guerra nesses anos iniciais. Os únicos momentos presentes em seu diário que podem gerar essa percepção estão inseridos em contextos nos quais as vitórias superaram as dificuldades impostas pelo governo, e onde havia também a visualização de um fim próximo e a possibilidade da paz.

¹⁷⁹ Klemperer realiza constantes menções à falta de alimentos disponíveis para a população e tal característica do primeiro ano de guerra foi mais impactante durante o final do ano, com a proximidade do inverno e do natal. A incoerência é descrita em várias passagens, como: “Cada vez mais retratos de *Führer* e menos mercadorias.” Registro feito em 18 de outubro de 1939, em KLEMPERER, p. 290 e em: “A guerra emperrou. Nos jornais, estamos cada vez mais vitoriosos.” Registro feito em 1º de novembro de 1939, em KLEMPERER, p. 292.

¹⁸⁰ Welch identifica, apesar de Klemperer não mencionar, que a opinião popular também não foi convencida da aliança entre a Alemanha e a Rússia, e que muitos acreditavam que seria somente uma questão de tempo para que ambos iniciassem um conflito. Segundo o autor: “*In the light of this long history of antagonism towards the Soviet Union, the Nazi-Soviet Non-Aggression Pact, signed on 23 August 1939, came as something of a surprise. Goebbels was confronted with the serious problem of interpreting this treaty as of maintaining a façade of friendly relations with Russia. Public-opinion reports suggest that he was never able to convince the people that the pact was anything more than a delaying tactic which in time would be reversed.*” (WELCH, 2002, p. 130).

¹⁸¹ Registro feito em 18 de outubro de 1939, em KLEMPERER, p. 291.

¹⁸² Klemperer acompanha, nesse período, os combates aéreos e marítimos entre a Alemanha e a Inglaterra, e descreve: “As últimas semanas foram, aparentemente, muito ruins para Hitler, apesar das crescentes vitórias nos jornais. [...] Principalmente, porém: a grande advertência de não dar atenção ao “corrosivo veneno de mentiras” das rádios estrangeiras, sob ameaça de sentenças assustadoras: dois anos e meio de prisão para uma família inteira em Danzig, um ano e quatro meses de prisão para pessoas das regiões de Württemberg e da Renânia. E a abominável ignomínia do telegrama de felicitações de Hitler para o aniversário de sessenta anos de Stalin. [...] Também tivemos, de vários lados, indícios do crescente descontentamento; não quero confiar neles, mas eles vão se somando.” Registro feito no dia 24 de dezembro de 1939, em KLEMPERER, p. 296.

A população, no entanto, é classificada por Klemperer como paciente.¹⁸³ Assim como nos primeiros anos do governo, as críticas não possuem impacto sobre a política e nem consequências sobre a estabilidade do partido, mesmo sendo feitas com o conhecimento de que poderiam ser interpretadas como atos de traição.¹⁸⁴ Enquanto que alguns criticam a situação presente, outros acreditam em uma vitória rápida da Alemanha, fazendo com que Klemperer não consiga determinar a opinião popular com precisão. Segundo ele: “Rumores e ânimos mudam a cada dia, de pessoa para pessoa.”¹⁸⁵

Essa característica é reforçada com a invasão e conquista da França, uma vez que, em pouco mais de um mês, a vitória contribuiu para o retorno do apoio popular, fazendo com que a guerra estaria novamente sendo direcionada a uma conclusão. A propaganda permaneceu com exageros das vitórias e ausência de informações detalhadas de forma semelhante ao ataque à Polônia, e os seus efeitos mantiveram a exaltação popular.¹⁸⁶ Os reflexos sociais gerados a partir das vitórias rápidas podem ser identificados pela alta popularidade que o Nacional-Socialismo usufruiu nesse momento, possivelmente a maior desde o início da guerra.¹⁸⁷

No entanto, assim como observado em 1939, a permanência da opinião pública favorável só poderia ser atingida através da proximidade concreta da paz. Mesmo com a derrota francesa, a continuidade do conflito com a Inglaterra sem demonstração de avanços significativos foi suficiente para causar descontentamento e suspeitas de mais um inverno

¹⁸³ “O problema mais insolúvel e, no entanto, mais decisivo é o espírito do povo. Em que ele acredita? Todos se queixam e xingam. Creio, porém, que a maioria é paciente e confia naquilo que lhes é incutido.” Registro feito em 17 de março de 1940, em KLEMPERER, p. 303.

¹⁸⁴ Mais comumente, verificou-se a acusação de “subverter o esforço de guerra” como uma ampla e indefinida justificativa que poderia embasar qualquer prisão realizada pela Gestapo, desde um furto até comentários críticos realizados em ambientes públicos. Gellately aponta que diversos casos de prisões e longas sentenças eram transmitidas pela imprensa na tentativa de Hitler de manter a ordem e a coesão interna nacionalmente. O que tais casos demonstram, no entanto, é que a Gestapo realizava prisões e emitia sentenças arbitrariamente sem nenhum procedimento jurídico, adquirindo poderes de sobrepor decisões realizadas pelos tribunais caso considerasse as penas brandas, ou até mesmo estender as “custódias protetoras” por tempo indeterminado sem julgamento. (GELLATELY, 2011, p. 126).

¹⁸⁵ Registro feito em 17 de março de 1940, em KLEMPERER, p. 303.

¹⁸⁶ Percebe-se a alteração da opinião popular em comparação com o início do ano, na qual as críticas cederam à influência da linguagem da propaganda em seu discurso vitorioso. Klemperer percebe que, mesmo com a falta de transmissões da imprensa que fornecessem maiores informações, a presença da vitória e do andamento favorável foi suficiente para alterar a percepção dos eventos. Segundo ele: “Os sucessos do lado ocidental são enormes e o povo está inebriado” Registro feito em 16 de maio de 1940, em KLEMPERER, p. 311. Outras passagens apontam para a linguagem utilizada nas publicações oficiais, sendo possível a verificação da semelhança com o conflito com a Polônia: “E, no entanto, magníficas vitórias da Alemanha com linguagem triunfal delirante. Ontem, chegada de ‘incontáveis divisões’, ‘da frente defensiva’ para a ‘destruição’ de nossos inimigos.” Registro feito em 6 de junho de 1940, em KLEMPERER, p. 315.

¹⁸⁷ De acordo com Kallis, a popularidade do partido com a vitória da França foi a maior em todo o seu governo, resultados de uma conjunção da propaganda que explorou as injustiças impostas pelo inimigo, a fraqueza da opinião popular demonstrada com a extensão da guerra e da expectativa de um fim próximo. Segundo o autor: “Undoubtedly, the impressive show of force in the campaign against the West in May-June 1940 constituted the apogee of the regime’s popularity with the masses.” (KALLIS, 2008, p. 101).

marcado pelo conflito ao final de 1940. Até mesmo os boatos percebidos por Klemperer que mencionam a invasão das ilhas britânicas não geraram reflexos de credibilidade ou suporte, uma vez que outros boatos apontavam para a possibilidade da invasão da Rússia.¹⁸⁸

As observações de Klemperer são, em parte, reflexos daquilo que era feito pela propaganda e, em parte, consequência pela falta de informações da imprensa oficial. Todas as notícias adquiridas por ele referentes ao início dos conflitos indicam que foram transmitidas inicialmente por boatos e somente depois confirmadas ou desmentidas pelo governo. Aparentemente, esses boatos tiveram ampla circulação devido à procura da população em conhecer os acontecimentos e também à insatisfação com os meios oficiais de transmissão.

A falta de coordenação entre a propaganda e o governo, somado à incapacidade dos dois de corresponder aos desejos da população, foram demonstradas novamente com o início da guerra contra a Rússia.¹⁸⁹ As críticas derivadas da extensão e duração do conflito contra a Inglaterra apontam a tendência identificada por Klemperer de impopularidade do conflito, com apoio derivado das vitórias enquanto elas demonstravam a possibilidade de paz. Com uma nova campanha sendo iniciada, Klemperer percebe como a população reage com

¹⁸⁸ No mesmo dia, Klemperer descreve uma conversa na qual escuta boatos que formam a sua interpretação do agravamento da situação das forças militares alemãs ao expandir o conflito. Vindos de “fontes seguras”, o que significa que a origem destes rumores é alguém ligado direta ou indiretamente com o partido nazista, afirma que: “[...] trens e mais trens em direção ao leste, com tropas, canhões, tanques. Para a ‘proteção’ da Hungria e talvez também da Romênia contra a Rússia, que está em negociação com os ingleses. Desde ontem, ficamos remoendo, ponderando e saboreando esta notícia que, no ínterim, foi confirmada por diversas partes – boatos e novidades na casa de judeus! Ela *pode* representar a reviravolta e a decisão. Ainda mais que Kreidl ouviu ‘círculos militares’ que um desembarque em massa na Inglaterra é impossível.” Poucos dias depois, ele observa como a propaganda explicitamente esconde informações, o que torna a imprensa ainda mais descreditada devido ao amplo alcance que os boatos possuem: “Enquanto Kreidl pai nos trouxe no outro dia as notícias do leste, ainda não se comenta nada em Dresden, e ninguém sabe ao certo o que há por trás disso, e o jornal todo dia faz de conta que o desembarque da Inglaterra, *indefesa e desesperada*, pode ocorrer a qualquer hora.” Registros feitos em 14 e 18 de julho de 1940, em KLEMPERER, p. 319.

¹⁸⁹ Kallis defende a posição de que a guerra contra a Rússia gerou descontentamento com a população. De acordo com o autor, o início de uma nova invasão foi percebido com grandes preocupações, distanciando ainda mais a possibilidade de uma paz rápida uma vez que a guerra contra a Inglaterra ainda se encontrava em andamento: “*Just like in September 1939, this new campaign seemed to contradict the overwhelming desire amongst public opinion for the avoidance of war. Once again, the invasion was presented as a pre-emptive defensive move that the Wehrmacht leadership had to undertake in order to avert a Soviet attack on the Reich – planning for which had allegedly already been underway.*” (KALLIS, 2008, p. 109).

preocupação, mas ele mesmo se sente mais otimista devido à crescente insustentabilidade do governo.¹⁹⁰

O ataque à União Soviética, enquanto uma “surpresa esperada” para a população, foi realizado sem preparo anterior da propaganda. Após seu início, houve a necessidade do governo estabelecer justificativas, mesmo que tardiamente, assim como ressaltar as vitórias militares da Alemanha contra a fraqueza dos russos.¹⁹¹ Mesmo com os grandes avanços no leste, os rumores transmitiam informações contrárias àquelas presentes nos discursos oficiais e, diferentemente das lutas contra Polônia e França, a população passou a buscar e confiar mais em outras alternativas para adquirir conhecimento da situação militar. As críticas, mesmo em momentos de vitória, são percebidas por Klemperer com mais frequência e intensidade do que as demonstrações de apoio.¹⁹²

¹⁹⁰ Klemperer descreve conversas ocorridas no início de junho nas quais haveria as primeiras menções do início da invasão da Rússia, juntamente com expressões de críticas por diversos setores sociais: “Trata-se agora de um esporte (apenas um esporte judeu?) investigar o espírito popular. No restaurante. Na loja. Hoje disse-me Hochgemuth, vendedor de cigarros, bilhetes de loteria, maçom: ‘Por toda parte o rumor de que nós já estamos marchando através da Rússia há três semanas. Não creio que haja algo de verdade nisso. O ânimo está péssimo. Os trabalhadores estão mudando. Antes diziam ‘Heil Hitler’, agora dizem ‘bom-dia’. Fui advertido de que agora circulam ‘brigadas de xingadores’, eles provocam os cidadãos até que estes expressem sua opinião, xingando também. *Eles* podem fazer isso, eles têm permissão do partido para tanto. Creio que vai dar tudo errado’.” Registro feito no dia 9 de junho de 1941, em KLEMPERER, p. 352. Esses boatos seriam somente confirmados oficialmente por um pronunciamento de Goebbels no dia 22 desse mesmo mês.

¹⁹¹ Enquanto que a aliança dos dois países em 1939 foi recebida pela propaganda e pela imprensa com dificuldade de argumentação, o conflito já pôde ser inserido nos discursos oficiais com maior facilidade devido à pré-existente linha ideológica Nacional-Socialista de acusação do bolchevismo. Apesar disso, o atraso na divulgação fez com que ela fosse realizada após a população já ter conhecimento dos eventos por outros meios não oficiais, o que retirou parte da relevância do anúncio juntamente com a sua credibilidade. Como observa Herf: “*As the invasion of the Soviet Union was a surprise attack, it had not been preceded by an anti-Soviet propaganda offensive. After the invasion, the propaganda offices sent out directives to officials around the country about how to present the dramatic reversal of policy in the East.*” (HERF, 2006, p. 99).

¹⁹² Klemperer registra a ocorrência da propaganda triunfal ao mesmo tempo em que havia rumores sobre o estado ruim do exército e o medo da população de expressar as críticas abertamente. Por exemplo, pode-se salientar que a propaganda não alterava a essência de seu discurso, apenas reafirmava a superioridade militar alemã e destacava cada avanço em território inimigo, fazendo com que Klemperer escreva que: “Ênfase, evidentemente com razão, de que a guerra contra a Rússia está decidida. Com isso está decidido também que Hitler pode conduzir a guerra por anos, que ele é o senhor invencível de todo o continente.” Registro feito no dia 14 de julho de 1941, em KLEMPERER, p. 385. Já em duas datas próximas, ele descreve conversas que teve com outras pessoas que lhe contaram sobre a possibilidade de uma situação mais grave do que aquela presente na imprensa nazista: “Seu filho Paul estava lá. Trabalha agora numa rodovia na fronteira entre a Silésia e a Saxônia, vem a cada duas semanas para uma licença de fim de semana. Perguntei-lhe o que via, ouvia, achava. Julga a situação no Leste de maneira essencialmente diferente que eu. Disse que sofreremos perdas enormes, que subestimamos a força de resistência dos russos, que pareciam estar empenhados numa investida contra os poços petrolíferos da Romênia, que seriam inesgotáveis em termos de homens e armamentos, que não seria possível esmagá-los neste verão. Por um tempo, isso me pareceu razoável.” Registro feito em 13 de julho de 1941, em KLEMPERER, p. 384. Poucos dias depois, outra pessoa afirma-lhe uma situação semelhante: “Meu vendedor de charutos, ontem, o das loterias e maçom Hochgemuth: perdas severas, soldados contaram ao retornar que soldados inimigos só são aprisionados em grande número, do tamanho de divisões do exército, pequenos grupos e também feridos são fuzilados, os russos lutam renhidamente e também não concedem nenhum perdão. ‘Isso é medieval [...] Mas, pelo amor de Deus, tenha cuidado. Minha empregada é casada com um funcionário da Gestapo [...] Não quero causar a desgraça de ninguém’.” Registro feito em 19 de julho de 1941, em KLEMPERER, p. 386.

Com o conflito de informações, Klemperer permanece sem identificar com precisão a opinião popular e a reação das pessoas à guerra. Apesar de saber que não poderia confiar na propaganda e na imprensa oficial do partido Nacional-Socialista, os boatos também não eram uma opção confiável, pois poderiam ser verdadeiros ou não. Quanto à imprensa, é questionável a quantidade daqueles que acreditavam ou estavam inclinados a aceitar o discurso oficial em sua afirmação de uma vitória total rápida. Tal ponto é inconsistente se percebido juntamente com as críticas que ele identifica na população e os boatos que apontam as falhas nos pronunciamentos nazistas e preenchem o vácuo criado pela manipulação das informações.

Mesmo conseguindo perceber as contradições existentes e identificar as deficiências argumentativas na propaganda nazista, Klemperer ainda estava incerto no estabelecimento de conclusões para os seus questionamentos. A incapacidade do discurso Nacional-Socialista de influenciar a população para um apoio do conflito bélico coexistiu com as celebrações das vitórias rápidas, assim como ele ainda era limitado pela pouca disponibilidade das informações. A sua tentativa de compreender o seu contexto e identificar, mesmo que precariamente, o grau de apoio social ao partido permanece sendo questionada durante todo este período.¹⁹³

Apesar de sua escrita ser caracterizada nesse período mais como descritiva do que analítica de seu contexto, Klemperer percebe a existência de incertezas sobre o início da guerra e, após as invasões, a ocorrência de apoio sendo derivada da esperança de que vitórias rápidas possibilitariam a reconquista da paz. Nos anos de maior expansão territorial e maiores vitórias militares dos nazistas, ocorreu também o distanciando entre as ações do partido e a opinião popular. Klemperer descreve como a intensificação do controle social pelo Nacional-Socialismo e as novas legislações de guerra contribuíram para a ampliação do descontentamento.

¹⁹³ Como descrito por ele: “A mesma situação há semanas. Segundo os comunicados oficiais, sucessos magníficos no Leste, um milhão de prisioneiros etc., batalha e Smolensk, agora a Ucrânia, Odessa – nada mais que o extermínio dos russos. Segundo o que se ouve dos judeus, mas também do lado ariano (por exemplo, o dentista Eichler), situação muito precária por parte da Alemanha, impossível uma vitória total sobre a Rússia antes do começo do inverno, aguentar o inverno com escassez de combustível, praticamente impossível. Quem tem razão?” Registro feito em 15 de agosto de 1941, em KLEMPERER, p. 390. Uma das respostas possíveis encontrada por ele se refere às características de sua cidade no contexto da guerra, uma vez que os bombardeios inimigos não chegaram a atingir Dresden nestes anos iniciais, focalizando outros alvos e cidades de maior relevância. A falta de qualquer impacto direto com a realidade da guerra estaria tornando as pessoas mais otimistas, como afirma em: “Em Dresden e, com certeza, também em centenas de localidades, reina uma tranquilidade pacífica, e sem dúvida, milhares de pessoas ainda acreditam na vitória final e, com toda a antipatia pelo regime de hoje, temem o caos do amanhã.” Registro feito em 2 de setembro de 1941, em KLEMPERER, p. 391.

De acordo com a sua interpretação, a propaganda de estímulo para o conflito não foi suficiente para compensar as exigências militares e restrições na vida cotidiana. Pelo contrário, ao perceber os impactos cada vez maiores e a duração da guerra, Klemperer registra crescentemente as suas observações sobre a opinião popular, mas ainda sendo incapaz de estabelecer aspectos homogêneos sobre ela. A invasão da Rússia, o maior inimigo do Nacional-Socialismo além dos judeus, não foi recebida com o apoio que seria derivado da inclinação ideológica ou influência da propaganda. A despolitização identificada anteriormente demonstra reflexos através da impossibilidade de apoio social com bases ideológicas, fazendo com que Klemperer identifique que as necessidades materiais eram mais relevantes do que a continuidade do conflito para a população e não registra ter visto qualquer exaltação quando anunciado aquilo que vários, assim como ele, já sabiam.

5.3 O JUDEU NA GUERRA E A GUERRA DO JUDEU

Levando em consideração a propaganda antissemita realizada antes de 1939, é observado que, dentre os argumentos mais utilizados para acusar os judeus, havia a ligação com o bolchevismo e a sua procura de submeter a Alemanha ao controle econômico comunista.¹⁹⁴ Porém, devido ao pacto de não-agressão com a União Soviética, foi necessária a interrupção dessa associação dos judeus com o bolchevismo para não danificar as relações com a Rússia.¹⁹⁵ A alteração na propaganda foi tão brusca e radical que não passou despercebida, ao ponto que Klemperer a identifica logo no final de 1939 e interpreta a mudança no discurso como: “Toda a incitação contra os judeus parece está suspensa no

¹⁹⁴ Pode-se mencionar a exposição *Der ewige Jude* realizada entre 1937 e 1938, que se tornou filme alguns anos depois, como exemplo da argumentação Nacional-Socialista da ligação entre os judeus e o bolchevismo. Entre diversas outras divulgações antissemitas e anticomunistas, essa exposição reuniu fotografias e documentos para demonstrar a conspiração de dominar política e economicamente a Alemanha, utilizando, para esse fim, o comunismo soviético. De acordo com Welch: “*The Jewish stereotype depicted in Nazi propaganda served to reinforce anxieties about modern developments in political and economic life, without the need to question the reality of the Jewish role in German society. In November 1937 ‘The Eternal Jew’ exhibition opened in Munich and ran until 31 January 1938, claiming to show the ‘typical outward features’ of Jews and to demonstrate their allegedly Middle Eastern and Asiatic characteristics. The exhibition also attempted to ‘expose’ a world-wide ‘Jewish-Bolshevik’ conspiracy. The striking poster for the exhibition revealed an ‘eastern’ Jew wearing a kaftan and holding gold coins in one hand and a whip in the other.*” (WELCH, 2002, p. 97).

¹⁹⁵ Com as negociações do pacto de não agressão iniciados em abril de 1939, Kallis observa que: “*In the following months, the initiation of the secret negotiations between Berlin and Moscow with the purpose of concluding a bilateral pact of non-aggression resulted in a substantial toning-down of specifically anti-Soviet references in the NS propaganda discourse. With the signing of the Molotov-Ribbentrop pact on 23 August 1939, the theme of ‘anti-Bolshevism’ disappeared from the regime’s vocabulary for a little over two years – that is, until 22 June 1941, when the regime unleashed Operation ‘Barbarossa’ against the Soviet Union.*” (KALLIS, 2008, p. 77).

momento. Talvez devido à aliança russa, talvez porque muitos alemães estejam detidos na África do Sul.”¹⁹⁶

A guerra ocasionou outras alterações na forma pela qual a propaganda antissemita era realizada. Apesar de haver determinados elementos que também eram constantes no seu discurso, como a ameaça racial e a prática de crimes, a conspiração internacional foi a principal característica do antissemitismo nesse período. O envolvimento dos judeus na política internacional e a sua dominação dos países envolvidos no conflito contra a Alemanha foram os argumentos utilizados para explicar os motivos pelos quais o governo nazista, que havia tentado manter a paz, estaria invadindo e conquistando outras nações europeias. Seja a Polônia, França ou Inglaterra, os judeus sempre foram descritos como estando no controle nacional do governo e da economia, utilizando a sua influência para ameaçar os alemães.¹⁹⁷

Para Klemperer, essa propaganda antissemita foi percebida, porém não gerou tanto impacto quanto as consequências práticas da guerra em seus diários. O antissemitismo exercido pelo partido, seja por meio das leis ou das abordagens policiais, é presente com maior intensidade do que a análise do discurso oficial. Os decretos antissemitas emitidos pelo partido Nacional-Socialista foram numerosos durante a guerra e proibiam o acesso dos judeus a um número crescente de objetos. Não somente taxas e impostos específicos foram criados sobre seus bens, mas também vários outros que restringiam, por exemplo, a sua liberdade de movimento e o seu acesso a jornais e revistas.¹⁹⁸

Mesmo sem menção nos diários, ainda havia a continuidade dos efeitos sociais das políticas nazistas e, nesse ponto, é identificada novamente a incoerência entre o discurso antissemita e os reflexos sociais. Nos anos anteriores, Klemperer observou que determinadas atitudes da população, por menores que pudessem parecer, conflitavam com a ideologia nazista e a sua constante agressão contra os judeus. Já durante a guerra, com a radicalização e o controle ainda maiores do partido sobre a sociedade, ele percebe ações que são mais

¹⁹⁶ Registro feito em 10 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 284.

¹⁹⁷ Ao invés de ligar os judeus ao bolchevismo, a propaganda afirmava que era a plutocracia judaica que estaria interessada em iniciar a guerra contra a Alemanha. A Inglaterra e, mais especificamente, Churchill foram acusados de serem os principais agentes que possuíam desejos imperialistas de dominação e controle europeu. Como afirma Kallis; “*The need to justify psychologically the decision to risk (and cause) war necessitated a resort to a negative ‘anti-western’ theme. As a result, attacks on Britain and France served a dual purpose: to supply a positive moral dimension to the German war by presenting it as a struggle of a ‘have not’ (Habenicht) against a ‘plutocratic’ establishment intent upon stifling any change in Europe; and to displace responsibility for the war by presenting German Blitz as a ‘defensive’ move, pre-empting the allegedly planned suffocation of the German Volk by the western powers.*” (KALLIS, 2008, p. 72).

¹⁹⁸ Meirer aponta que tais restrições ocorreram desde a Noite dos Cristais, isolando os judeus da sociedade alemã e forçando-os a viver com base em condições precárias. Segundo o autor: “*Regulations were now implemented to isolate the remaining Jews from the rest of the population in all areas of existence. This isolation meant that communication was cut off, that news were suppressed, that freedom of movement was restricted, and that supplies were scarce.*” (MEIRER, 2009, p. 87).

significativas para ele e arriscadas para quem as pratica. Apesar de ainda haver a preocupação de cada indivíduo de manter a aparência de apoio, Klemperer nota uma maior simpatia popular nos momentos nos quais havia contato das pessoas com judeus.¹⁹⁹

Ligado a esses pontos, é possível ressaltar que o reflexo mais relevante para ele, acima de todos os outros mencionados, era relacionado ao acesso à comida. A necessidade de cupons para fazer compras, os limites de consumo para cada indivíduo, a falta de alimentos nos mercados e as alternativas encontradas para adquirir gêneros suficientes caracterizaram a sua vida cotidiana nesse período e foram elementos essenciais na análise do antissemitismo praticado socialmente. Enquanto os alemães tinham limites na quantidade de produtos que poderiam adquirir, recebendo para isso cupons referentes à cada tipo de alimento, os judeus possuíam uma quantidade menor que os demais, além da proibição de diversos gêneros específicos. Os detalhes da distribuição de cupons e a quantidade específica dos alimentos para cada alemão não são mencionados, porém, Klemperer lhes atribui uma grande relevância, uma vez que determinam o que ele pode comprar e o que o é restrito. Meirer lista alguns itens que eram proibidos de serem adquiridos por judeus, sendo o controle feito a partir dos cupons específicos marcados com a letra “J” e possíveis de serem utilizados somente nas lojas que eram permitidas de atendê-los e nos horários de compras estabelecidos por lei. Como observa o autor: *“Wartime rations for Jews were utterly inadequate. They were excluded from obtaining meat, milk, and tobacco. Soon they had to do without fish, white loaves, and rolls, butter, eggs, fruit, chocolate, tea, coffee, alcohol, cocoa powder, and jam as well.”* (MEIRER, 2009, p. 92).²⁰⁰

Os limites e as proibições, no entanto, não representaram grandes infortúnios para ele. Pelo contrário, Klemperer registra em vários momentos que vendedores davam-lhe produtos proibidos de graça, enquanto que outros recusavam-se a inutilizar os cupons nos momentos de compra, o que lhe dava um limite maior na quantidade de produtos. Ao saber da sua baixa capacidade de aquisição por ser judeu, esses comerciantes lhe eram simpáticos, mesmo

¹⁹⁹ Um exemplo da repressão social e da ineficiência da propaganda em um nível pessoal pode ser destacado a partir dos relacionamentos que Klemperer mantinha com seus amigos, sendo que, enquanto que alguns evitavam entrar em contato com ele, outros permaneciam dispostos a manter a amizade, mesmo que preocupados com a possível repressão do governo. Nos cumprimentos de ano novo no início de 1939, Klemperer descreve a visita de uma amiga que temia ser vista junto a um judeu: “Mas apareceu pessoalmente, protegida pela escuridão, às seis da tarde e ficou para o jantar. Contou que no dia da catástrofe, disse espontaneamente ‘que vergonha’, foi presa e declarou não ter se referido ao governo, foi liberada, mas estaria sendo vigiada agora.” Registro feito no dia 2 de janeiro de 1939, em KLEMPERER, p. 266.

²⁰⁰ Pode-se mencionar, como exemplo, a passagem: “Novamente, tomaram-nos os cupons de carne e de gêneros alimentícios; o policial veio buscá-los. A escassez de manteiga atinge a nós três cada vez mais.” Registro feito no dia 13 de janeiro de 1940, em KLEMPERER, p. 302.

sabendo que corriam um grave risco, caso denunciados. Tais indivíduos não se beneficiavam com essas atitudes e são descritos como tendo intenções puramente altruístas em suas ações.

Apesar de Klemperer não mencionar se tal atitude era prática corriqueira com outros fregueses, é relevante notar que, em um momento cuja ausência de produtos na Alemanha foi constante, determinadas pessoas estavam dispostas a ajudar os mais discriminados e perseguidos pelo governo, não somente pela presença da propaganda antissemita mas principalmente pela óbvia caracterização de crime nessa ação. Uma passagem ilustra com maior clareza como a simpatia coexistia com o medo:

*O pão: Vogel possui agora uma vendedora. Peço a Vogel pai meio pão sem cupons. Ele sussurra: “Pelo amor de Deus, nunca peça isso à nossa vendedora”. Esta senhorita (no lugar do rapaz convocado para o trabalho obrigatório) está na sala ao lado. O velho, bem alto: “Pois bem, primeiro os cupons”. Pega meus cupons e a tesoura, corta o ar. Devolve-os a mim, traz-me o pão, sussurra: “Do contrário, o sr. vai provocar o fechamento da padaria”.*²⁰¹

Em várias outras passagens, Klemperer registra situações semelhantes nas quais ele recebe como presente ou é possibilitado de adquirir sem ser prejudicado. Vários “arianos” são descritos como pessoas que contribuem de várias formas para a sua sobrevivência, mesmo que com pequenas atitudes.²⁰² Não falta o conhecimento de que este comportamento representa perigo tanto para o “ariano” quanto para o judeu, mas, mesmo sabendo dos riscos, vários ainda estavam dispostos a fornecer ajuda.²⁰³

Simpatia semelhante pode ser observada nas abordagens policiais e nas buscas domiciliares. Frequentemente, policiais realizavam vistorias em busca de objetos proibidos aos judeus, fossem alimentos ou outros diversos, mas Klemperer sempre descreveu as atitudes

²⁰¹ Registro feito no dia 26 de novembro de 1940, em KLEMPERER, p. 330.

²⁰² Outro caso possível de ser citado que reforça a simpatia dos demais alemães pode ser encontrado em: “A sra. Katz disse no outro dia: ‘Todo judeu tem seu anjo ariano’. Hoje à tarde na peixaria de Paschky. Distribuem latas de sardinha com cupons de comida. ‘Seu cupom, senhor professor.’ ‘esta parte foi cortada.’ O homem fica estarecido, murmura baixinho: ‘Mas isso é [...]’, vai para o lado do balcão de peixes e corta para mim um pedaço da mercadoria terrivelmente escassa e rara. Na padaria de Vogel, consegui um pão sem cupom. Dia de compra glorioso e bem-sucedido.” Registro feito em 21 de julho de 1941, em KLEMPERER, p. 387.

²⁰³ Em determinados momentos, Klemperer percebe que o medo do partido Nacional-Socialista talvez tenha contribuído para que outras demonstrações populares não tenham sido observadas com maior frequência. A descrição de um caso demonstra como ele poderia ter acesso a uma máquina de escrever caso ela tenha sido emprestada por um “ariano”, já que os judeus eram proibidos de tê-las. Porém, o medo de ser associado a um judeu, mesmo que por meios legais, ainda gerava o receio em uma amiga que, segundo ele: “Ela gostaria de ajudar-me, mas *tem medo* devido ao processo. Todo mundo tem medo de dar margem à mínima suspeita de simpatia aos judeus, o medo parece crescer cada vez mais.” Registro feito em 20 de fevereiro de 1941, em KLEMPERER, pág. 341.

dos oficiais como sendo simpáticas.²⁰⁴ A verificação realizada em 1938, devido ao evento da Noite dos Cristais, foi somente a primeira dentre outras que se seguiram nos anos de guerra devido, essencialmente, à necessidade do governo nazista de material para a indústria e para o exército, tal como objetos metálicos ou casacos, e também derivado da tentativa do nazismo de encarcerar qualquer judeu dentro de suas possibilidades legais.²⁰⁵

Annemarie deve ser mencionada como outra pessoa que se arriscou para ajudar Klemperer em diversas formas. Presente nos diários como amiga pessoal do casal já nos primeiros anos de registro do Nacional-Socialismo, a sua importância foi crescendo de acordo com a disposição de contribuir para o conforto e a segurança de Klemperer e de sua esposa. Antes mesmo da guerra, ela já arriscava conceder a pedidos do casal como guardar objetos que judeus não poderiam ter, sendo que, entre tais itens colocados a salvo em seus cuidados, estavam as páginas mais antigas do diário.

Ao entregar à outra pessoa determinados bens que judeus eram proibidos de ter, Klemperer tinha o objetivo de evitar se desfazer completamente deles. Enquanto a lei o permitia colocar estes itens à venda ou submetê-los diretamente ao partido, ele tinha esperanças de poder reaver suas posses após o fim do regime, ou, caso contrário, pelo menos evitaria de serem adquiridas por membros do partido nazista:

Anteontem, Annemarie, convidada por nós: demos a ela nossa prataria; caso ela não nos possa devolvê-la numa outra época, fica sendo um presente; caso a cessão da prataria seja estendida aos arianos, ela que a jogue no Elba. Mas que não caia nas mãos dos nazistas. Annemarie pensa como nós.²⁰⁶

Com relação aos diários, a entrega a Annemarie era tanto uma proteção para ele como também um risco a todos os envolvidos. Uma vez que os judeus eram proibidos de manter material escrito, a guarda do diário significava que ela possivelmente seria considerada cúmplice ou, no mínimo, acusada de simpatia com um judeu. Além desses riscos, os diários continham descrições de conhecidos e nomes de pessoas que haviam demonstrado simpatia a

²⁰⁴ Uma das primeiras abordagens após o início da guerra demonstra que, por mais que fossem breves ou feitas de forma não agressiva, ainda assim era uma experiência desgastante e preocupante para Klemperer, como ele descreve: “[...] na segunda feira, 11 de setembro, nova *busca domiciliar*. À procura de rádios. Uma simpática brincadeirinha de criança de trinta minutos, mas mesmo assim, busca domiciliar. Um gordo tenente da guarda de Gittersee e o *nosso* policial. Gente simpática, solidária.” Registro feito em 13 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 285.

²⁰⁵ É possível que Klemperer tenha tido sorte com os policiais com quem ele teve contato e que tal característica se demonstrasse apenas como uma singularidade do que um comportamento compartilhado pelos oficiais em sua maioria. Friedländer ressalta que as proibições, apesar de terem alcance nacional, ainda eram exercidas de formas diferenciadas de acordo com cada região, possibilitando que, em algumas cidades, as leis fossem observadas com maior rigor do que em outras: “*Of course all major decrees were uniformly applied throughout the Reich, but nonetheless local variations allowed for the expression of the bountiful production of all imaginable forms of anti-Jewish harassment.*” (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 96).

²⁰⁶ Registro feito em 14 de março de 1939, em KLEMPERER, p. 271.

Klemperer, o que as colocariam também em perigo. Mesmo possuindo seus próprios problemas, inclusive de saúde, Annemarie ainda se disponibiliza a ajudar, como observado em:

Annemarie – entregar manuscritos, também o diário, tomar algum dinheiro emprestado – visível e preocupantemente mudada. Rosto inchado, os olhos congestionados como os de um buldogue, tosse constante. Evidentemente, com graves problemas cardíacos. Antes, loquaz, excitada. Agora, quase apática. Conversa empacada.²⁰⁷

Klemperer reconhecia o perigo que a sua atitude gerava a outros, mas não as levava em consideração pois posicionava a sua escrita como mais importante do que a sua segurança e a de terceiros: “Por causa de meu *Curriculum*, preciso fazer anotações também agora, *preciso*, não importa quão perigoso seja. Esta é minha coragem profissional. É certo que coloco muitas pessoas em perigo. Mas não posso ajudá-las.”²⁰⁸

Klemperer, mesmo com a atitude benevolente de Annemarie, ainda reclamava em determinados momentos do isolamento que sofria e da falta de visitas que ela os fazia.²⁰⁹ Assim como no relacionamento com o seu irmão Georg,²¹⁰ Klemperer sentia rancor e humilhação ao identificar longos momentos sem contato ou quando possuía a necessidade de pedir ajuda, principalmente financeira. Apesar de reconhecer o grande risco que ela corria, existem passagens de acusação direta que ele realizava, reforçando a percepção de que, acima de outros efeitos sociais do antissemitismo, um dos quais mais lhe afetava era o distanciamento de amigos e familiares. Desconsiderando as atitudes e a ajuda de vários indivíduos já mencionadas, Klemperer chegou a escrever que: “[...] cada um tem um apoio, um contato, uma esperança o exterior, nós estamos sós, absolutamente sós.”²¹¹

²⁰⁷ Registro feito em 26 de julho de 1940, em KLEMPERER, p. 321.

²⁰⁸ Registro feito em 27 de maio de 1941, em KLEMPERER, p. 351.

²⁰⁹ “Preciso ver se consigo algum dinheiro de Annemarie Köhler. Quis romper completamente com ela, pois não apareceu aqui desde o outono (doença cardíaca como pretexto, como se antes não tivesse utilizado um carro); não posso mais dar-me ao luxo de tornar-me melindroso.” Registro feito em 8 de maio de 1940, em KLEMPERER, p. 309.

²¹⁰ Georg permaneceu ajudando Klemperer financeiramente, enviando dinheiro para o irmão juntamente com cartas. Por sua vez, era descrito com a mesma mistura de agradecimento e antipatia presente nos anos anteriores. Ao mesmo tempo em que Klemperer escrevia “Nem gostaria de obter ajuda de Georg, no entanto, magoa-me seu silêncio.” Registro feito em 20 de fevereiro de 1941, em KLEMPERER, p. 342, e até mesmo expressando alegria ao saber que outros irmãos estavam em condições de saúde piores do que ele: “Sobrevivo agora àqueles que invejei, temi, e às vezes até odiei – mas em que estado e por quanto tempo? Sensação absurda de triunfo idiota, cruel, e, contudo, inquestionavelmente presente, apesar de toda conscientização. Talvez um sentimento de alívio, não há mais ninguém cujo eventual desprezo me pudesse magoar.” Registro feito em 4 de março de 1941, em KLEMPERER, p. 344, ele também escreve que recebeu dinheiro do irmão poucos dias depois, mas não consegue demonstrar uma reação simpática em: “Todos os judeus nos felicitam; nós mesmos somos tomados por sentimentos ambíguos.” Registro feito em 11 de março de 1941, em KLEMPERER, p. 345.

²¹¹ Registro feito em 30 de agosto de 1940, em KLEMPERER, p. 324.

Outra característica do antissemitismo cotidiano observado por Klemperer é que o envolvia em seu relacionamento com os demais alemães está presente no que ele identificava como sendo de conhecimento popular. A partir do momento em que as restrições afetavam somente os judeus, não havendo divulgação das medidas antissemitas na propaganda ou na imprensa, Klemperer observa que poucos alemães tinham o conhecimento da extensão das limitações que o atingia. Com o início da guerra, as informações referentes aos novos decretos e proibições dos judeus não apareciam na imprensa comum alemã. Além do jornal *Jüdisches Nachrichtenblatt*, destinado exclusivamente aos centros judaicos, haviam somente formas limitadas de divulgação de tal conhecimento, incluindo panfletos e, mais frequentemente utilizada, a comunicação falada entre os judeus. Até mesmo esse jornal, controlado diretamente pela Gestapo e possuindo o objetivo principal de informar os judeus das medidas do Nacional-Socialismo, ainda falhava em divulgar determinados assuntos relevantes, como as restrições dos horários para compras dos judeus ou a proibição de possuírem rádios.²¹²

Consequentemente, muitas das medidas passaram a ser anunciadas aos judeus por meio de transmissões pessoais durante a guerra, nas quais um informa o outro por conversas individuais. Klemperer fica sabendo da emigração dessa forma, ao ter contato com diversas novas proibições vindas de uma desconhecida:

Ordem do governo a ser divulgada a todos os judeus *de boca em boca*: proibição de sair de casa depois das oito, proibição de receber em casa parentes judeus como visita. Além disso, preencher formulário para a gestapo relativo aos preparativos para a emigração. Será que querem nos expulsar daqui e permutar? Será que querem forçar os cristãos não arianos a tornar-se membros da congregação israelita?²¹³

Em outras passagens, são destacadas ocasiões nas quais pessoas desconheciam essas restrições e exibiam reações de espanto em sua descoberta. Apesar de não haver maior focalização nesses casos durante esse período, eles mostram como algumas pessoas ficavam visivelmente desconfortadas pela forma a qual os judeus eram tratados. Klemperer não registra tendências ou reflexões profundas sobre o comportamento social, e sim reações espontâneas de alemães ao perceberem o impacto do antissemitismo que, por mais singulares que fossem, devem ser levadas em consideração no estabelecimento de caracterizações da opinião popular, assim como Klemperer fez. Em um dos casos mais impactantes nesse período, ele descreve:

²¹² Maier aprofunda mais o estudo deste periódico específico, e menciona: “*The general German dailies, for their part, offered little information about – and even less public comment on – the many Nazi laws affecting the Jews, most information about the anti-Jewish measures, regulations, and instructions was thus only available in the Nachrichtenblatt, which explained them and detailed their consequences.*” (MAIER, 2009, p. 103).

²¹³ Registro feito em 14 de setembro de 1939, em KLEMPERER, p. 285.

Ontem, a sra. Kronheim andou de bonde, na parte dianteira. O motorneiro: por que a sra. não se senta? A sra. Kronheim é baixinha, franzina, encurvada, cabelos totalmente brancos. Isso lhe é vedado como judia. O motorneiro bateu a mão sobre o painel: “Mas que barbaridade!”. Pequeno consolo.²¹⁴

A ausência de publicidade na informação das medidas antissemitas pode indicar algumas hipóteses explicativas além da intencionalidade do partido NSDAP em ocultar tais informações da imprensa. Entre elas, foi evidente a procura do nazismo em isolar os judeus da sociedade alemã, e, dessa forma, eram retiradas do conhecimento público as iniciativas do partido que poderiam reforçar a presença dos judeus no contexto social. Outra possível causa pode ser identificada na inconsistência das políticas antissemitas e na existência de constantes interferências de outros membros do partido, inclusive em nível local, resultando no desconhecimento prático da forma de aplicação das leis, tanto dos judeus quanto das autoridades. Neste último caso, é possível citar Friedländer, que afirma: “*Under the hail of new regulations, issued at all levels of the system, no Jew in the Reich knew exactly what was allowed and what was forbidden.*” (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 97).

As atitudes menores, distantes da atenção do partido e pequenas demais para interferir na política antissemita em exercício, devem ser consideradas mais do que a sua dimensão social. Klemperer, ao registrar tantos casos nos quais havia ajuda, contribui para uma interpretação voltada à solidariedade para com os judeus, sendo exercida principalmente dentro dos limites das capacidades de cada indivíduo. O medo da repressão pode ter gerado restrições para que essas iniciativas não fossem mais evidentes ou amplas, mas eram inegavelmente presentes e, como Klemperer destaca, de grande relevância para os judeus.

Apesar de haver diversos decretos e leis que os alemães desconheciam, era possível apontar duas medidas que foram realizadas abertamente neste período, e que tiveram seus respectivos impactos nos judeus e na população alemã. A primeira foi a criação de guetos e de “moradias de judeus”, nos quais os poucos judeus na Alemanha foram obrigados a habitar, isolando-os ainda mais dos espaços públicos, enquanto que a segunda foi a identificação pela estrela amarela, a qual os destacou publicamente e os tornou visíveis para civis e autoridades.

5.4 PERDENDO A CASA E OS BENS MATERIAIS

Klemperer recebe o aviso da obrigação de sair de sua casa no final de 1939, quando foi à congregação israelita para realizar o pagamento de impostos. A congregação, responsável pela divulgação das medidas e das proibições aos judeus, informou-lhe da

²¹⁴ Registro feito em 20 de setembro de 1941, em KLEMPERER, p. 396.

necessidade de mudança para uma moradia específica escolhida pelo partido, além de diversas outras obrigações a serem cumpridas.²¹⁵ Ao realizar uma descrição bastante detalhada de suas reflexões ao receber esta notícia, ele demonstra estar muito abalado, e escreve pouco nesta passagem que não fosse relacionado à casa. Apesar de já cogitar anteriormente que seria incapaz de mantê-la, ao ser impossibilitado de habitar a moradia na qual destinou tantos recursos e que ocupou tanto de sua atenção foi um choque que é percebido através da longa e ininterrupta passagem destinada à sua narrativa.

A reação da sua esposa no recebimento dessas notícias foi registrada como sendo melhor do que ele esperava. Enquanto Klemperer acreditava que ela seria mais apegada à casa e ao jardim, ele narra que ela está “conformada” e elabora planos para outra moradia. Streicher, mencionado neste diálogo, seria o encarregado de localizar-lhes uma nova casa, e aconselhou Klemperer a aguardar e não tomar nenhuma providência naquele momento. Segundo ele, até a data demarcada, muitas coisas poderiam acontecer que poderiam alterar a situação, sendo que conseguir quartos seria uma tarefa fácil para ele a qualquer momento.

Outra medida, apesar de mencionada brevemente e ofuscada pela relevância maior da casa, foi a obrigação de sacrificar seu gato doméstico, a partir da decisão dos nazistas de proibir os judeus de possuírem qualquer animal. Para aqueles que já possuíam, não era permitido entregá-lo aos cuidados de outra pessoa, sendo causar-lhe a morte a única ação autorizada. Como o partido faria o controle do exercício desse decreto não é esclarecido, na medida em que Klemperer demonstra maior preocupação com a saída de sua casa nesse momento e ignora essa decisão do partido nazista, mantendo seu gato ainda por um longo período.

Mesmo com a menção de um interessado em alugar a casa, o qual se demonstrou bastante gentil e disposto a ajudá-lo como possível,²¹⁶ Klemperer ainda se mantém abalado e afirma: “Se não houver uma mudança antes que nos enxotem para fora da casa, estaremos

²¹⁵ “Em seguida, o funcionário do partido ali presente quis falar comigo: ‘De qualquer maneira, teríamos notificado o sr. nestes dias: até o dia 1º de abril, o sr. precisa deixar a sua casa, o sr. pode vendê-la, alugá-la, deixá-la vazia, o sr. resolve, mas vai ter que sair, foi-lhe designado um quarto. Como sua mulher é ariana, poderão ser-lhes destinados dois quartos, conforme as possibilidades.’ O homem foi até solícito, compreendeu a desgraça que nos atingia sem que ninguém pudesse tirar algum proveito disso – a máquina sádica passa por cima de nós.” Registro feito em 9 de dezembro de 1939, em KLEMPERER, p. 295.

²¹⁶ Klemperer menciona que o interessado, descrito por ele como “muito correto, não é nazista, soldado e suboficial na Guerra Mundial”, concordou em realizar uma locação temporária, pela duração do nazismo. Dessa forma, ao invés de uma operação de aluguel, Klemperer estaria agindo com a sua casa da mesma forma que fez com os demais bens entregues a terceiros para cuidados, como descreve: “Ele queria alugá-la por cem marcos – tanto quanto nos custa mensalmente, e esse seria um valor a ser declarado no imposto – e instalar sua venda em nossa sala de música. Eu disse *in nuce*: de acordo, caso nada se altere até o dia 1º de abril e *apenas* se ele a alugar pelo período em que durar o regime. (Ele: ‘talvez até amanhã, a indignação é grande por toda parte, talvez ainda por vinte anos’.) E se ele mantiver o jardim perfeitamente em ordem. Assim ficou combinado.” Registro feito em 16 de dezembro de 1939, em KLEMPERER, p. 296.

muito perdidos.”²¹⁷ Ao ser informado, no início de 1940, de que não possui direitos na escolha de quem alugaria a sua residência, o que seria feito exclusivamente pelo partido, ele fica ainda mais afetado. Porém, mesmo com essa informação, ainda aparece nos diários que o interessado inicial pôde ficar com a casa, e está presente em várias passagens que salientam a sua bondade juntamente com o interesse pessoal, como se observa em: “Um homem bondoso, fornece-nos mel etc., totalmente anti-Hitler, mas, naturalmente, está contente com a boa troca.”²¹⁸ Sem esperanças e sem alteração no contexto, foi inevitável para Klemperer alugar sua casa e se mudar para o quarto estabelecido aos judeus em abril e maio desse ano.

De forma semelhante à casa, o carro também precisou ser vendido por determinação do partido nazista. Mesmo com dívidas e em mal estado de conservação, já que Klemperer era proibido de dirigi-lo desde 1938, ainda foi possível encontrar um comprador amigável que seria “[...] um amigo confiável, honesto, que não se aproveitaria de minha situação precária nem do fato de ser não ariano.”²¹⁹ Klemperer interpreta essas determinações do partido como sucessivos abalos sofridos sobre os seus bens e sobre sua identidade, na medida em que lhe removiam conquistas adquiridas pelos seus esforços e representavam parte de sua condição social.

Ao tratar com Estreicher, Klemperer percebe a alteração no caráter do homem que, inicialmente na congregação israelita, havia apresentado-se como uma pessoa gentil. Uma discussão entre os dois ocorreu, com Estreicher tratando Klemperer como ingênuo na sua condição de judeu e ameaçando-o a destiná-lo a uma moradia de apenas um quarto. Já este, por sua vez, resistiu enquanto pôde à imposição de Estreicher e procurou manter determinada civilidade, até o ponto em que passou a retrucar às provocações do funcionário e pediu para ele “se comportasse devidamente”. “Depois de muita gritaria de ambos os lados”, como

²¹⁷ A depressão parece ser o principal efeito das medidas antissemitas do nazismo, uma vez que Klemperer não descreve como esta perda o atinge pessoalmente de outra forma. Enquanto que o termo utilizado é abstrato, ele reafirma o efeito da depressão sobre si e sobre sua esposa como consequência, possibilitando a interpretação na qual a casa, a partir deste ponto, é uma fonte de apoio e estabilidade. Além da perda do bem material, ele e sua esposa estariam sendo atingidos em sua sustentação psicológica, como afirma em alemão: “*Sie [Eva] ist aber noch deprimierter als ich. Wir sind eben sozusagen in extremis. Wenn kein Umschwung kommt, ehe man uns aus der Wohnung drängt, sind wir ja doch ziemlich verloren. Und ob vor dem 1. April ...?*” Registro feito em 24 de dezembro de 1939, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1937 – 1939*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 181.

²¹⁸ Registro feito em 8 de maio de 1940, em KLEMPERER, p. 309.

²¹⁹ Registro feito em 20 de fevereiro de 1941, em KLEMPERER, p. 341

Klemperer descreve, “aceitei os quartos”,²²⁰ os únicos que o casal chegou a visitar e que, aparentemente, não tinha poder de escolha.

A mudança ocasionaria mais do que simples alteração de moradias. Devido ao tamanho dos cômodos aos quais Klemperer e sua esposa foram destinados, grande parte de seus móveis e demais pertences tiveram que ser direcionados para outros destinos. Bens valiosos foram entregues à Annemarie, os seus livros e revistas adquiridas ao longo de anos de estudo acadêmico não poderiam acompanhá-lo, e várias cartas e manuscritos tiveram que ser queimados. Mais impactante do que tudo isso, no entanto, é o símbolo e o valor do sentido em desfazer-se de suas posses e de sua casa como um todo, abandonando-as e separando-se delas de maneira forçada para estabelecer-se em condições mais precárias. Klemperer não descreve com muita precisão o destino específico de cada objeto, e isto não parece ser relevante em si. Para ele, mais do que o valor material, tal atitude seria uma forma de confronto com o seu passado e com a sua própria identidade, como descreve em:

Trata-se de eliminar todo o peso inútil. Só o mínimo pode nos acompanhar, a maior parte precisa ir para o depósito. Diariamente, o colapso francês perturba o trabalho, de maneira exagerada. A vitória da Alemanha de Hitler parece certa. E como para nós desaparece assim qualquer perspectiva de retornar um dia ao nosso antigo cantinho, gostaria de ampliar o conceito de peso inútil praticamente a todos os meus pertences e travo por assim dizer uma batalha com meu passado.²²¹

No final de maio, a mudança para a casa de judeus é completada. A descrição da residência e de seus habitantes é feita com cuidado, com Klemperer destacando a precariedade do espaço destinado a ele e a sua esposa, além da grande perda de privacidade. Segundo ele, a casa estaria “entupida de gente que compartilha do mesmo destino”, fazendo com que “reina uma grande promiscuidade que, esperamos, permaneça sem atritos, mas que naturalmente dá nos nervos.”²²² Enquanto, por um lado, a casa de judeus represente um agravamento em sua situação pessoal, por outro foi possível manter-se mais próximo de

²²⁰ Pela descrição de Klemperer, a discussão foi iniciada devido à intenção dele de procurar acomodações melhores e visitar os quartos disponíveis antes de escolher para qual se mudaria. Estreicher passou a tratá-lo com arrogância e agressividade, afirmando que o “famoso professor” estaria sendo ingrato com a oferta. Em uma longa e detalhada passagem, Klemperer observa que esse embate o deixou esgotado e abalado, sofrendo de um ataque cardíaco verdadeiro. A partir desse momento, Estreicher é descrito como “uma criatura mais nefasta do que qualquer nazista verdadeiro”, e que a sua atitude corrupta e suspeita já tinha sido motivo de alerta por outros. Registros feitos em 29 de abril de 1940, em KLEMPERER, p. 307. Em 1941, Klemperer registra a notícia de que Estreicher estaria preso, possivelmente devido aos seus casos de corrupção, apesar do motivo verdadeiro não ter sido esclarecido: “Ainda ontem foi anunciada a prisão de Estreicher. Alegria geral. O homem é odiado por todos.” Registro feito em 9 de dezembro de 1941, em KLEMPERER, p. 405.

²²¹ Registro feito em 21 de maio de 1940, em KLEMPERER, p. 311.

²²² A súbita alteração no estilo de vida e a convivência próxima com desconhecidos foram choques grandes para Klemperer, fazendo com que ele se sinta humilhado a ponto de afirmar que, apesar da casa ser bonita e bem construída, “há momentos no dia em que se deseja estar morto”. Registros feitos no dia 26 de maio de 1940, em KLEMPERER, p. 312.

outros judeus. Com a multiplicidade de vivências e as observações variadas dos acontecimentos, há registro dos contextos que cada habitante descreve e suas reflexões sobre cada experiência. Ao contrário de um gueto, no qual os judeus eram cercados e isolados do restante da cidade, a casa de judeus onde Klemperer passou a habitar conferia a ele as mesmas liberdades que ele detinha em sua própria residência, levando em consideração as restrições nos horários de circulação.²²³

Essa característica permitiu que ele aumentasse as suas observações e ampliasse os registros, adicionando-os à sua base interpretativa de análise.²²⁴ Cada residente contribuiu para a divulgação das notícias e informação dos acontecimentos cotidianos aos demais e, devido à proximidade da convivência entre eles, Klemperer registrou uma presença maior dos boatos que escuta, opiniões sobre o andamento da guerra e até mesmo do destino de outros judeus que chega a ter conhecimento através de seus amigos e familiares.

Até mesmo nesse período, com tantos acontecimentos impactantes, ainda houve a permanência de seu trabalho pessoal. Envolvido na organização de seus diários antes de 1933 e na escrita de sua biografia, Klemperer denominou como *Curriculum* a obra na qual procurou destinar seu tempo e, assim como a escrita de trabalhos nos anos anteriores, ficou incomodado quando as atividades cotidianas o impediram de dedicar-se ao seu desenvolvimento.²²⁵ A sua atenção excessiva a esse ponto é questionada por ele mesmo, uma vez que percebe a pouca relevância prática para esse exercício em comparação com outros problemas mais relevantes. Porém, para ele, a escrita é uma forma de distanciar-se dessa realidade pela qual ele é afetado cotidianamente. Ao manter-se ocupado, ele procura evitar que seja influenciado pela opressão antissemita e pela depressão de sua situação pessoal.

Mesmo tendo afirmado passagens semelhantes nos anos anteriores, a sua escrita e a continuidade de seu trabalho por iniciativa própria se tornam mais relevantes na medida em

²²³ Além dos locais já conhecidos proibidos aos judeus, Klemperer registra a alteração no tempo que poderia circular: “Os judeus podem agora ficar na rua até as nove horas.” Registro feito no dia 26 de maio de 1940, em KLEMPERER, p. 313.

²²⁴ Poucos dias depois de sua mudança, ele já descreve que as opiniões dos moradores da casa são voltadas à vitória alemã e ao fim inevitável dos judeus: “*Todos na casa absolutamente certos da vitória final alemã*” Registro feito em 31 de maio de 1940, em KLEMPERER, p. 315. Ao invés de reforçar as suas próprias opiniões, que ele sempre afirmou serem fatalistas, Klemperer escreve que alterou a sua forma de agir, pelo menos entre os moradores, e admite que: “[...] na casa de judeus, represento o papel do otimista.” Registro feito em 24 de julho de 1940, em KLEMPERER, p. 321.

²²⁵ A escrita de suas memórias foi iniciada em 1939, uma vez que no ano anterior ele perde o direito de ter acesso a bibliotecas. A sua dedicação à escrita foi derivada da necessidade de distração e manutenção de um exercício intelectual: “Após ter tentado algumas vezes de maneira hesitante a introdução (‘soldados de papel’), sem consegui-lo, comecei no dia 12 de fevereiro – dia do falecimento de papai –, o primeiro capítulo da *vita*, a fim de convencer-me das reais possibilidades de poder narrá-la ou não. Envolvi-me com ele e consegui concluí-lo até ontem. [...] Aliás, escrever fez-me muito bem, o horrível ponto morto foi interrompido.” Registro feito em 24 de fevereiro de 1939, em KLEMPERER, p. 269.

que ele se sente mais pressionado. Dessa forma, haveria uma relação proporcional entre as dificuldades por ele passadas e a importância dada por Klemperer aos diários e ao desenvolvimento de atividades intelectuais. Para ele, esta necessidade é imediata e ele não pensa se, no futuro, teria sido a melhor escolha ou não, como afirma em:

Dia e noite (literalmente), sou perseguido por pensamentos de morte e de nulidade e estou tão preso a essas coisas que permito que todos os meus conhecimentos de língua se enferrujem, todos (literalmente). Apenas o desfecho dirá se posso um dia ser considerado como irresponsavelmente inerte e inescrupuloso ou como persistente e presunçoso, ou se é indiferente para todos e também para mim mesmo, como terei passado os últimos anos de vida. Este último aspecto possui 99 por cento de probabilidade.²²⁶

A relevância que a atividade de escrita possui para ele foi mais perceptível com a denúncia, no início de 1941, por não cobrir a janela durante o blecaute obrigatório a noite. Klemperer recebe inicialmente o aviso da denúncia em fevereiro e imagina que, apesar de infringir uma lei de guerra, não seria punido severamente devido à grande ocorrência de atitudes semelhantes dos alemães, havendo vários casos observados por ele.²²⁷ Devido à denúncia de vizinhos, uma queixa foi realizada por um policial, o qual é descrito como “gentil e compassivo”, que anotaria os bens de Klemperer para o cálculo da multa. Um mês depois, já acreditando ter sido um caso sem consequência, ele registra o recebimento da pena estabelecida em oito dias de detenção.

A notícia de detenção foi um choque para Klemperer, por ser inesperada e pelas possíveis consequências de deixar a sua esposa sozinha, principalmente levando em consideração que ele sempre destacou a frágil saúde dela. Mesmo abalado, porém, afirma: “Mas devo obrigar-me a manter a calma, justamente por causa dela.”²²⁸ Por outro lado, Klemperer ressalta constantemente que os oficiais da polícia sempre o tratam bem, mesmo sabendo que ele é marcado como judeu. Desde o policial que registrou a ocorrência até

²²⁶ Registro feito no dia 14 de outubro de 1940, em KLEMPERER, p. 328. Essa determinação também é vista em: “Forço-me a um misto de esperança e a um não-pensar-no-assunto. Cada dia deve ser vivido em sua minúcia: os afazeres domésticos, a comida para nós e para o gato, leituras em voz alta e escrever um pouquinho.” Registro feito em 31 de dezembro de 1939, em KLEMPERER, p. 298. Em alguns casos, percebe-se uma verdadeira obsessão, próxima a uma necessidade forte de escapar dos problemas que o esgotam tanto, como se pode observar em uma das passagens nas quais ele descreve aquilo que teme e posiciona a vitória de Hitler quase em uma mesma proporção à viver dependendo do irmão nos EUA ou até mesmo a morte, e concluindo que: “Atenho-me ao *Curriculum*, enterro-me nele tanto quanto os afazeres domésticos e a doença de Eva o permitem.” Registro feito em 14 de abril de 1941, em KLEMPERER, p. 347.

²²⁷ Klemperer descreve que casos semelhantes dos quais tem conhecimento variam em sua punição e teme que a aplicação de uma multa alta seja a maior penalidade que ele possa receber, uma vez que significaria a venda de sua casa para o pagamento, em: “Cheio de esperança, embora ameaçado pela catástrofe. Denúncia pelo fato de não cobrir a janela no quarto para o blecaute. Esse fato pode custar tantas multas de cem marcos que talvez seja obrigado a vender a casa; também pode se resolver com vinte marcos. Há exemplos semelhantes de ambos os casos; durante todo o dia, imaginei o pior, agora estou mais calmo.” Registro feito em 12 de fevereiro de 1941, em KLEMPERER, p. 339.

²²⁸ Registro feito em 14 de março de 1941, em KLEMPERER, p. 345.

aqueles que o atenderam na delegacia, não há a descrição de agressão, seja ela física ou verbal, que tenha sido originada por eles. Porém, a sua esperança não se estende demasiadamente, pois ele sabe que o partido Nacional-Socialista e os membros da alta hierarquia seriam os responsáveis pela decisão final: “São todos muito gentis na polícia, mas como no fim das contas são alguns membros superiores do partido que decidem e eu me chamo Victor Israel [...]”²²⁹

A sentença foi cumprida entre os dias 23 de junho e 1º de julho, e forma a passagem mais longa do diário.²³⁰ Nesse trecho intitulado de *Cela 89*, existe a coexistência da descrição e da análise pessoal da sua situação, assim como a pouca utilização de divisões para separar os períodos ou assuntos dentro de sua narrativa. Várias reflexões são escritas com detalhes, como pensamentos sobre sua vida pessoal, descrição do cotidiano da prisão, seu progresso acadêmico e diversas outras questões que passaram por sua mente. No entanto, dentre os assuntos abordados, um elemento específico é destacado e, para Klemperer, constitui-se na maior angústia causada pela perda de sua liberdade. Não se tratava da comida ou da higiene de seu alojamento, com os quais ele acostumou-se ou chegou até mesmo a considerar melhor do que possuía na casa dos judeus.²³¹ Para ele: “O único sofrimento verdadeiro, que não poderia ser amortecido e sempre aumentava mais, consistia na absoluta falta de ocupação, no vazio terrível e na falta de mobilidade das cento e noventa e duas horas.”²³²

No período de detenção, Klemperer literalmente conta as horas, tanto em uma busca de manter a passagem do tempo, como de se animar ao destacar o período já passado de sua sentença. Em suas atividades, inclusive dormir, ele realiza contas para determinar quanto tempo é gasto e quanto ainda faltaria, estando constantemente preocupado de ocupar as horas de qualquer forma que contribuísse para que a sua passagem fosse mais rápida. Ao fim de seu registro desse período, ele reconhece que, em comparação com o sofrimento de outros alemães, sua experiência foi simples e de pouco efeito, com o tédio sendo o seu maior

²²⁹ Registro feito em 27 de março de 1941, em KLEMPERER, p. 346.

²³⁰ Na edição brasileira, identifica-se um erro de impressão da data em que foi registrada, fazendo com que, no original em alemão, esteja escrito “*Zelle 89, 23. Juni – 1. Juli 1941*”, em português esteja “*CELA 89, 23 DE JUNHO – 10 DE JULHO DE 1941*” em KLEMPERER, p. 354 e KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1940 – 1941*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 99. Essa passagem foi escrita e organizada após a saída de Klemperer e inserida no diário entre os dias 6 e 9 de julho.

²³¹ Sobre a alimentação, Klemperer destaca que lhe eram fornecidas quantidades maiores de comida e de melhor qualidade do que ele costumava adquirir com os cupons limitados destinados a judeus: “No geral, minha alimentação na cadeia não foi pior, algumas vezes, até foi melhor do que em casa.” Em KLEMPERER, p. 362. Já sobre a sua cama, Klemperer ressalta ter sido incomodado desde a primeira noite por percevejos, os quais causavam-lhe coceira e o acordavam diversas vezes. Mesmo assim, ele afirma que era uma forma de distração, possibilitando-o gastar mais horas na procura dos insetos e também dormir mais profundamente pelo cansaço, em KLEMPERER, p. 365.

²³² KLEMPERER, p. 363.

sofrimento. Porém, como ele descreve: “O cotidiano da prisão, nada mais, um pouco de tédio, nada mais. E, no entanto, sinto que para mim mesmo isso significou um dos sofrimentos mais tenebrosos de minha vida.”²³³ É visível, com esse caso, como a prática de uma atividade distrativa era relevante para manter a sua calma, ajudando-o a superar a pressão psicológica exercida sobre ele.

5.5 A ESTRELA AMARELA: PERDENDO A LIBERDADE E A DIGNIDADE

Após sair da detenção, Klemperer já retorna ao cotidiano de preocupações, guerra e depressão. O início do conflito com a Rússia, um dos principais temas a serem abordados após a *Cela 89*, só seria ofuscado por outro ainda mais impactante para ele. O uso obrigatório da estrela amarela seria descrito posteriormente como a expressão antissemita mais opressora para os judeus alemães em toda a duração do Nacional-Socialismo, alterando a sua percepção pessoal do antissemitismo e como ele interagiu com o seu contexto.²³⁴

Boatos de uma identificação especial para os judeus já circulavam anteriormente, o que aparentou ser supérfluo ao se considerar a existência do cartão de identidade especial e a obrigação de denominar-se com novos nomes judaicos, mas os detalhes só foram revelados a partir do decreto de seu uso.²³⁵ Até mesmo quando observa outras determinações anteriores, como a proibição de fumar para os judeus e a alimentação cada vez mais precária,²³⁶ a

²³³ KLEMPERER, p. 383.

²³⁴ No livro *LTI*, Klemperer destina um capítulo inteiro somente para a descrição dos efeitos que a estrela amarela causava-lhe e inicia: “Hoje volto a fazer a pergunta que já fiz uma centena de vezes, a mim e aos outros: qual foi o pior dia para os judeus nos doze anos do inferno nazista? Todos damos a mesma resposta: 19 de setembro de 1941. Neste dia tornou-se obrigatório o uso da estrela de Davi, de seis pontas, aquele trapo amarelo que até hoje simboliza peste e quarentena.” (KLEMPERER, 2009, p. 261).

²³⁵ Klemperer registra haver boatos do uso de uma braçadeira, mas não demonstra conhecimento de quando poderia ser implementada ou se chegaria mesmo a ser obrigatória: “Todos os dias surgem rumores sobre novas torturas e, até agora, a maioria se concretizou. Agora dizem: estão previstas braçadeiras amarelas para identificação dos judeus (nas fábricas, elas já foram introduzidas), além disso, um confisco das máquinas de costura e de escrever judias.” Registro feito em 30 de agosto de 1940, em KLEMPERER, p. 324. A identificação por meio da estrela, ao coexistir com outras formas de destaque dos judeus, aparentou ser redundante, mas possuía também o objetivo de humilhação pessoal e rebaixar ainda mais a sua condição em público a todo momento, como argumenta Meirer em: “Furthermore, various modes of making out Jews – the identity cards and ration cards marked with a ‘J’, for example – were already part of particular bureaucratic processes. And there were orders, such as the one issued by the head of the Party Chancellery regarding the provision of soap and shaving soap, that were intended not only to degrade but ‘to make male Jews recognizable on account of their beards’.” (MEIRER, 2009, p. 94).

²³⁶ Klemperer, apesar de não mencionar com muita frequência, é fumante e descreve a dificuldade de adquirir cigarros para si e para a sua esposa. Somando aos limites impostos pela guerra, os judeus ainda sofriam com a restrição do acesso aos produtos e, a partir da metade de 1941, Klemperer destaca a total impossibilidade de adquirir cigarros, o que o deixa ainda mais deprimido: “Ich bin tief deprimiert.” afirma em alemão, em 10 de agosto de 1941, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1940 – 1941*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 154, ao tomar conhecimento da proibição do fumo. Além dessa imposição, a gradual limitação no acesso à comida também era percebido, como descreve em: “Alimentação cada vez mais difícil. Nada em casa e nos restaurantes uma comida insuportável em porções cada vez menores. Além disso, falta de dinheiro.” Registro feito em 10 de agosto de 1941, em KLEMPERER, p. 389.

identificação obrigatória em público através de um item exposto na vestimenta foi o mais severo impacto em sua vida, assim como na de outros judeus, como descreve:

A bráadeira dos judeus torna-se realidade como estrela-de-Davi e começa a vigorar no dia 19 de setembro. Além disso a proibição de ultrapassar o perímetro urbano da cidade. A sra. Kreidl pai caiu em prantos, a sra. Voss teve um distúrbio cardíaco. Friedheim disse que este foi o pior golpe até agora, pior do que a entrega dos bens. Eu mesmo sinto-me arrasado, não encontro serenidade.²³⁷

O objetivo para tal iniciativa, segundo o discurso Nacional-Socialista visto por Klemperer, seria impedir a possibilidade de disfarce para os judeus na Alemanha e isolá-los ainda mais dos outros alemães.²³⁸ Para ele, o destaque público seria uma forma de humilhação constante, a qual o evidenciaria por sua condição e o tornaria alvo de discriminação, seja esta por princípio ideológico antissemita ou por medo de associação. Com essa medida, não poderia mais sair sem ser visto por todos como um judeu, e tratado de acordo com a sua condição.²³⁹

No dia de início do uso, Klemperer afirma não querer sair de casa. Sentindo medo e humilhação, ele não sabe os efeitos que o uso da estrela gerariam na sociedade. Em sua opinião, seria melhor esperar enquanto a situação demonstra-se a favor ou contrária para os judeus: “Por quê? Porque me envergonho. De quê? A partir de segunda-feira quero ir de novo às compras. Até lá já se terá ouvido qual o efeito disso.”²⁴⁰ Sua esposa passa a realizar todas as compras necessárias, mesmo possuindo poucas condições para tanto esforço, enquanto ele somente se desloca em público à noite e com muita dificuldade. Durante mais de um mês ele registra nenhuma atitude antissemita sendo derivada diretamente do uso da estrela amarela, seja com ele próprio ou com outros judeus da casa.

Enquanto mais decretos são gerados e a continuidade das privações de guerra ainda o afetam, como a perda da máquina de escrever e a menção mais frequente às dificuldades de

²³⁷ Registro feito em 15 de setembro de 1941, em KLEMPERER, pág. 392. Percebe-se nesta passagem um pequeno erro de tradução, uma vez que a frase “sra. Kriedl pai caiu em prantos” faz pouco sentido em português. Em alemão, o diário está escrito “*Frau Kreidl sen. war in Tränen*”, sendo o termo “*sen.*” significando *senior* ou “pessoa mais velha”, fazendo com que o sentido seja na verdade a referência de Klemperer à senhora Kleidl mais idosa que habitava a casa e não a uma homônima ou parente mais nova, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher: 1940 – 1941*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, pág. 159.

²³⁸ “O jornal esclarece: depois que o exército conheceu no bolchevismo a crueldade etc. do judeu, agora é necessário impedir os judeus de qualquer forma de disfarce, para poupar os cidadãos de qualquer contato com eles.” Registro feito em 15 de setembro de 1941, em KLEMPERER, p. 392.

²³⁹ Como descreve posteriormente: “Com a introdução da estrela amarela, dava tudo na mesma, estivessem as *Judenhäuser* espalhadas ou concentradas em um quarteirão, pois cada judeu carregava consigo o próprio gueto, como o caracol carrega a casinha.” (KLEMPERER, 2009, p. 264). Apesar de Meirer focalizar seu estudo nos judeus habitantes de Berlim, pode-se observar as mesmas reações em Klemperer e nos demais judeus descritos por ele em seu diário, pois, segundo o autor: “*The permanente humiliation and danger spread fear and desperation among Berlin’s Jewish men and women. Many no longer left their homes. Indeed, many chose to commit suicide in spite of Jewish law.*” (MEIRER, 2009, p. 98).

²⁴⁰ Registro feito em 19 de setembro de 1941, em KLEMPERER, p. 395.

manter o fumo, ele não percebe qualquer alteração em seu cotidiano. Os cigarros já eram proibidos aos judeus antes desse novo registro, e não se encontravam com facilidade à venda na Alemanha desde o início da guerra. Klemperer utilizava os cupons que sua esposa tinha direito para adquirir alguns para si, mas, como já mencionado anteriormente, não eram suficientes em quantidade.²⁴¹ A máquina de escrever, por sua vez, foi recolhida poucos dias depois, o que lhe prejudicou na escrita de seu *Curriculum*, forçando-o a continuar à mão.²⁴²

Pouco mais de um mês após a implementação da estrela, ele observa as primeiras reações ao seu uso. O seu medo inicial foi parcialmente justificado enquanto fazia compras, quando vários garotos o avistaram e o seguiram, provocando por suas costas após ele sair da loja. Porém, logo em seguida, um desconhecido o aborda e diz: “[...] não ligue para a estrela, somos todos seres humanos”.²⁴³ Ambas as reações, distantes entre si por apenas algumas horas, ilustram a tendência que seria formada a partir da percepção da população e do encontro com os judeus nos espaços públicos.

Ainda em 1941 houve poucos casos registrados tanto do apoio quanto da prática antissemita popular após o uso da estrela. Essa ausência de referências aos efeitos sociais indica que o impacto verdadeiro dessa medida, como sentido e descrito por Klemperer, foi restrita a alguns casos específicos para ambos os extremos, apesar de mais frequentemente apontar para simpatia de indivíduos com os judeus do que para a sua perseguição ou humilhação. Não é possível identificar a prevalência de um comportamento, uma vez que ambos estavam presentes na sociedade, mostrando-se aparentes em momentos determinados.

Mesmo com a pouca quantidade dos casos evidentes, a ausência de reação também contribui para a formação de outra conclusão. Ao identificar os judeus em público, a estrela era percebida por Klemperer como um possível incentivo à violência popular, da qual ele não teria defesa ou proteção. A espera por um *pogrom*, que não ocorreu, foi derivada da incerteza que ele possuía da opinião dos indivíduos sobre o antissemitismo. A ausência de qualquer

²⁴¹ A nova medida, no entanto, restringe ainda mais o acesso para todos os alemães: “Os golpes mais recentes: *cupons de cigarros*, apenas para homens, não para judeus. Com isso, fomos postos em xeque. A medida atinge Eva mais que a mim. Faz semanas que estou acostumado com as folhas do chá de amoras silvestres, as cigarrilhas eram uma rara exceção. Eva, até agora, preparava seus cigarros metade com fumo e apenas metade com chá.” Registro feito em 27 de outubro de 1941, em KLEMPERER, p. 398.

²⁴² “A máquina de escrever foi retirada na terça-feira. Isso me magoou demais, dificilmente ela poderá ser compensada.” Registro feito em 31 de outubro de 1941, em KLEMPERER, p. 399.

²⁴³ Registros realizados no dia 1º de novembro de 1941, em KLEMPERER, p. 399. Outros casos são descritos em que pessoas desconhecidas interceptam os judeus em público ao menos para falar com eles de forma simpática, como se percebe pela passagem: “A sra. Reichenbach contou – ontem os Reichenbach foram convidados por nós e por Käthen – que um senhor a cumprimentou na porta de uma loja. Será que ele não a teria confundido com outra pessoa? ‘Não, eu não conheço a sra., mas a sra. será muito cumprimentada agora. Somos um grupo que cumprimenta os judeus’.” Registro feito em 24 de novembro de 1941, em KLEMPERER, p. 403.

efeito demonstra que esse sentimento não era presente na população. Pelo contrário, as reações observadas foram mais voltadas ao apoio, inclusive de estranhos, e à indiferença, sendo que esta poderia ser derivada do medo da repressão por associação ou proximidade.

Assim como Klemperer desconhecia a opinião popular sobre a estrela, também não lhe eram claras as principais intenções do partido Nacional-Socialista com a identificação. Enquanto o objetivo percebido por Klemperer e afirmado pelo discurso nazista fosse de evitar o anonimato dos judeus entre os habitantes das cidades, a obrigatoriedade dessa identificação e a proibição de sair do perímetro urbano foram duas medidas que podem ser relacionadas a outra finalidade. Apesar de ter acesso a informações limitadas, há a percepção da deportação dos judeus alemães para a Polônia pouco depois, onde se registra: “Notícias sempre mais perturbadoras a respeito da deportação de judeus para a Polônia. Eles têm que sair literalmente com a roupa do corpo. Milhares de Berlim para Lodz.”²⁴⁴

No entanto, não há maior detalhamento dessas deportações, o que pode significar que Klemperer não tinha esse conhecimento no momento ou que a fonte não foi precisa a esse ponto. Também relevante de ser mencionado, as informações eram referentes às deportações em si e não aos possíveis acontecimentos no seu destino. Mesmo quando o nome era conhecido, não havia maior detalhamento nas condições desses locais ou dos acontecimentos que os envolvia, contribuindo para a interpretação de que não se tinha divulgação ou fácil acesso às informações referentes aos judeus deportados.

É possível considerar a existência de uma ligação desses elementos, uma vez que a identificação e a limitação na circulação contribuiriam para auxiliar no processo de deportação forçada. No entanto, Klemperer não chega refletir sobre essa interpretação e percebe o início das deportações apenas como mais uma série de atitudes arbitrárias que poderiam atingi-lo inesperadamente. Por não haver declaração oficial ou divulgação de planejamento, consequentemente a interpretação dele foi restrita ao que chegava ao seu conhecimento.

Principalmente a partir de novembro de 1941, as passagens que ressaltam as deportações tornam-se numerosas, sendo reflexo da relevância que elas passaram a ter em seu

²⁴⁴ Registro feito em 25 de outubro de 1941, em KLEMPERER, p. 398. O gueto de Łódź, localizado na Polônia, foi um dos maiores e mais relevantes guetos formados durante a segunda guerra, constituindo-se tanto de um centro de produção industrial, utilizando o trabalho dos judeus, quanto ponto intermediário para os campos de extermínio de Chełmno e Auschwitz, que seriam construídos pouco depois.

cotidiano.²⁴⁵ Juntamente com o aumento das buscas domiciliares pela Gestapo, o medo de ser deportado passaria a influenciar seu comportamento, fazendo com que Klemperer escondesse todo e qualquer material que pudesse levá-lo à prisão, além de evitar realizar qualquer atitude suspeita em público.²⁴⁶ Com as deportações em andamento, as autoridades do partido Nacional-Socialista passariam a intensificar as abordagens e buscas, tanto nas casas dos judeus quanto em público, na intenção de acusá-los e removê-los à força da Alemanha. Mesmo com a arbitrariedade das ações dos membros da Gestapo, ainda havia a necessidade de fundamentação legal nos decretos existentes.²⁴⁷ Para cumprir este objetivo, a estrela foi o ponto de partida, mesmo que desconhecido para Klemperer.

A partir de 1942, as derrotas na guerra gerariam maior radicalização em todo contexto alemão. Na política, os discursos ficaram mais agressivos, procurando incentivar o maior esforço de guerra da população através do medo da derrota. Ao mesmo tempo, foram impostas mais restrições nos produtos e alimentos, assim como houve maior quantidade de bombardeios e outros efeitos da guerra sendo sentidos diretamente pela população. Já no antissemitismo, as deportações foram intensificadas, a Gestapo mais atuante e violenta, assim como, até 1945, o judeu seria colocado como o centro ao redor do qual toda a lógica nazista operava.

Klemperer, além de perceber todos esses elementos, ainda observou as mortes de judeus que, sendo eles conhecidos ou não, estavam cada vez mais frequentes e prováveis de ocorrer após as deportações e prisões. O que ele sabia e como ele compreendia o genocídio que ocorria ao seu redor será o principal elemento a ser observado no próximo período, abordando desde 1942 até o fim do governo nazista. Ou seja, a pergunta não é restrita

²⁴⁵ Como se percebe a partir desta passagem: “Diariamente, notícias de várias cidades, saídas de grandes transportes, suspensas, depois, de novo transportes, com sexagenários, sem sexagenários – tudo parece arbitrário. Munique, Berlim, Hannover, a Renânia [...] O exército precisa de trens, o exército cede trens [...] Tudo nebuloso, espera-se dia a dia.” Registro feito em 28 de novembro de 1941, em KLEMPERER, p. 403.

²⁴⁶ No final do ano de 1941, Klemperer entrega mais trechos dos seus diários para Annemarie e descreve algumas mudanças em seu contexto que influenciam na necessidade de adequação de suas ações: “Entre dez, nove alarmes falsos: da circular consta apenas a obrigação de declarar a posse de “bens móveis”, portanto, toda propriedade judia (cada peça de móvel etc.) será *determinada*, nada poderá ser levado para lugar seguro. Bastante ruim – mas não tão ruim e ameaçador quanto uma inventarização. Mas as “evacuações” continuam, todo dia podemos ser os próximos. Consta também que são realizadas inúmeras buscas domiciliares à procura de alimentos, sabonetes e creme para a pele. De qualquer modo, hoje os diários desde 33 devem sair daqui. E alguns manuscritos. E os documentos pessoais, os quais, conforme se diz, a Gestapo gosta de apreender.” Registro feito em 5 de dezembro de 1941, em KLEMPERER, p. 405.

²⁴⁷ As constantes elaborações de decretos contribuíram para que aumentasse o número de delitos que pudessem ser cometidos por judeus, muitos dos quais eram de pequena importância, como utilizar telefones públicos, restrição no uso de transporte público ou até mesmo a proibição de sair das suas residências nos últimos dias do ano: “Foi apenas liberada a hora de compras, das três às quatro (no sábado, do meio-dia à uma); quatro dos oito dias (os dias de Natal, Ano-Novo e o domingo), são, portanto, dias de prisão.” Registro feito em 22 de dezembro de 1941, em KLEMPERER, p. 407.

somente às informações que ele possuía acesso, e sim em como elas formavam a compreensão do seu contexto, como ele teve conhecimento do extermínio e as formas pelas quais isto alterou a sua perspectiva e o seu comportamento.

5.6 O PRINCÍPIO DO FIM

Com o ataque à Rússia, a propaganda antissemita retornou com a agressividade ainda mais evidente do que nos anos de 1935 e 1938. A ligação dos judeus com o bolchevismo, reprimida pelo tratado de não-agressão, adquire ainda mais espaço com o início do conflito contra o segundo maior inimigo do Nacional-Socialismo.²⁴⁸ Como afirma Friedländer, o bolchevismo e os judeus eram o mesmo inimigo, não havendo diferenciação entre um e o outro nem na ideologia nazista e nem na propaganda. Apesar disso, os judeus ainda tiveram maior prioridade como uma ameaça internacional e também interna, fazendo com que, estando presentes na Alemanha ou na Rússia, ainda fossem considerados uma ameaça a ser combatida (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 133). No entanto, os efeitos do antissemitismo permaneceram superficiais na sociedade, com pouco ou nenhum reflexo nas práticas cotidianas, como descrito por Klemperer. Em seu diário, ele reconhece que o antissemitismo, apesar de novamente em evidência, não tinha impacto social tal como esperado e influenciado pela propaganda.²⁴⁹

O mesmo ocorreu com relação à guerra, uma vez que Klemperer analisa os efeitos da propaganda sobre a população. Ao interpretar que as vitórias eram celebradas como uma perspectiva de paz, ele percebe que as pessoas não apoiavam o conflito e demonstravam-se críticas com a longa duração e os efeitos sobre a sociedade. O discurso de unidade nacional e a ênfase na demonstração do apoio foram construções distantes da realidade observada por Klemperer e, para ele, facilmente perceptíveis em suas mentiras. Os efeitos, no entanto, ainda

²⁴⁸ Pode-se destacar também Kallis, que afirma: “*Almost overnight the theme of ‘anti-Bolshevism’ re-entered the core of NS propaganda – surely a more familiar topos of negative integration for public opinion after all those years of anti-communist indoctrination, but one that had to be justified anew in the light of the 1939 alliance (the so-called Molotov-Ribbentrop Non-Aggression Pact).*” (KALLIS, 2008, p. 108).

²⁴⁹ Uma passagem, em específico, pode contribuir para ilustrar a percepção que Klemperer tinha dos efeitos da propaganda antissemita sobre a atitude popular: “Mas sempre o medo: aqui seremos deportados ou trucidados. A incitação pública contra os judeus cresce novamente. Os filmes-propaganda *Jud Süß* e *O judeu errante*. Este segundo filme, obviamente, o pior e ‘alardeado’ com o maior barulho, aliás, desapareceu daqui depois de uma curta semana. Por quê? Cansaço e asco do público?” Registro feito em 10 de dezembro de 1940, em KLEMPERER, p. 332. Os filmes mencionados representariam as duas maiores produções cinematográficas do Nacional-Socialismo, possuindo o antissemitismo como tema principal. Os seus resultados, percebidos por Klemperer, não foram o esperado, sendo que Kallis reforça que: “*Of course, it did not help Der ewige Jude that it was released immediately after the huge success of Jud Süß: the same audience showed signs of weariness and saturation after their second exposure to the same general theme. [...] The audience reaction to the two major anti-Semitic films serves to illustrate a wider tendency in the history of NS cinema – namely, the resistance to the overly didactic and blatantly ideological use of the film medium.*” (KALLIS, 2008, p. 195).

eram incertos, fazendo-o questionar constantemente sobre o verdadeiro “espírito” da população.

Desde o início da guerra até o fim do ano de 1941, Klemperer viveu os efeitos da ideologia antissemita de forma mais marcante até então observados. As obrigações de sair de sua casa e do uso da estrela amarela foram apenas dois eventos, por mais impactantes que tenham sido, em uma série de outras formas pelas quais o Nacional-Socialismo o atingiu individualmente. A emissão frequente de decretos proibitivos tinha um efeito maior do que a sua especificidade particular, uma vez que limitavam, restringiam e impossibilitavam Klemperer de ter acesso a bens, alimentos e até mesmo à pouca liberdade que lhe restava. Essas medidas, algumas delas fazendo pouca diferença em determinados momentos, o atingiam mais psicologicamente, causando-lhe medo e deixando-o humilhado e deprimido pela sua condição pessoal.

Por outro lado, os atos de simpatia aos judeus e de críticas ao antissemitismo nazista não foram tão isolados como aparentavam ser. Mesmo que a capacidade de Klemperer de perceber e registrar seja limitada, ainda houve a visualização de numerosos casos de tratamento simpático que eram oriundos de alemães e cidadãos comuns, os quais corriam riscos em fazê-lo. Por mais simples que tenham sido, e inofensivas à estabilidade do antissemitismo na prática do partido nazista, essas pequenas atitudes foram descritas com especial cuidado por Klemperer, o que demonstra a sua importância para ele pessoalmente.

Ao notar tais atos, mesmo que sendo simples comentários ditos com cuidado e medo, ele fica impossibilitado de identificar sentimentos antissemitas na população como um todo. É possível argumentar que numerosas reações podem ter sido ignoradas pelo Nacional-Socialismo devido ao seu pequeno impacto político e ideológico, mas que não podem ser desconsideradas dos diários de Klemperer justamente devido ao enorme valor pelo qual eram percebidas. Através de pequenas atitudes, como já foi observado nos períodos anteriores e que será novamente identificado nos anos finais da guerra, os alemães entravam em conflito com a ideologia do Nacional-Socialismo de uma forma pouco perceptível para o partido, mas inegavelmente presente e de extrema relevância para Klemperer, o qual, sem tais contribuições, teria ainda menos possibilidade de sobrevivência.

Realizando uma análise da historiografia, são observadas determinadas incongruências com o contexto descrito nos diários de Klemperer. Bankier defende que a reação popular à estrela foi predominantemente de aprovação, apesar de haver alguns casos de críticas ao nazismo e também de demonstrações de simpatia aos judeus. Ao estudar os relatórios SD do

partido Nacional-Socialista juntamente com cartas, testemunhos e diários, o autor identifica que aqueles que realizaram atitudes benéficas para os judeus foram poucos em quantidade.

No entanto, Bankier baseia-se em argumentos contraditórios ao desenvolver a sua abordagem. Inicialmente, ao destacar as raízes antissemitas da sociedade alemã, o autor descreve que a maioria da população foi “abertamente hostil” com os judeus, e aprovou o uso da estrela amarela. Já ao analisar os diários e os testemunhos, ele observa que haveria uma maior prevalência de demonstrações de simpatia vindas dos alemães, afirmadas pelos próprios judeus. Essas atitudes de apoio foram tão presentes que geraram uma reação de Goebbels, o qual percebeu como necessário o reforço da propaganda antissemita na tentativa de desencorajar expressões de suporte.

Em sua explicação da coexistência desses fundamentos opostos, o autor conclui que a estrela permitiu que os alemães tivessem maior contato com os judeus e que, ao visualizar com destaque as vítimas do governo Nacional-Socialista, as atitudes sociais foram alteradas pela pena e pela consciência derivadas da percepção das condições precárias nas quais eles estavam. Os alemães realizaram tais atos de simpatia devido a um sentimento de culpa que, com o tempo, foi transformado novamente em indiferença. Como Bankier afirma: *“This conclusion raises another problem: such a display of sympathy for Jews and manifest disapproval of Nazi policy is a conspicuous exception to German conduct in general.”* (BANKIER, 1996, p. 128).

No entanto, a descrição de Klemperer não reforça essas ideias. Pelo contrário, os primeiros a provocá-lo seriam jovens crianças, provavelmente educadas inteiramente dentro da ideologia nazista e membros da Juventude Hitlerista, enquanto que, desde o início do governo, houve menção de numerosos casos de apoio e ajuda vindas de diversas fontes da sociedade. Caso a interpretação de Bankier fosse concreta a ponto de ser facilmente verificável, então seria necessário a percepção de maiores descrições das práticas antissemitas populares nos diários, ao menos em boatos ou histórias repassadas por outros.²⁵⁰

Enquanto interpretava o período anterior como um “Estado de aparências”, no qual a propaganda Nacional-Socialista construiu uma imagem ilusória do aspecto nacional alemão, esses anos podem ser considerados como a extensão desta política na guerra. Ao promover e justificar o conflito, os nazistas procuraram estimular a população receosa a apoiar enquanto a

²⁵⁰ A identificação pela estrela amarela permite reforçar uma das linhas explicativas defendidas por este estudo, na qual a experiência particular não se pode prender às teses generalizantes, chegando a confrontá-las quando a visualização mais próxima do singular se diferencia do aspecto universal. Não se procura afirmar que a perseguição ou o preconceito não estiveram presentes na população alemã, apenas se questiona os limites de sua influência sobre as práticas cotidianas por meio dos seus reflexos na percepção de Klemperer.

ameaçava constantemente caso demonstrasse qualquer crítica. Para Klemperer, o distanciamento entre os indivíduos e o partido era não somente visível, mas também cada vez mais evidente na medida em que a guerra progredia sem os sucessos esperados.

Em sua compreensão do contexto, no entanto, novamente é necessário ressaltar a presença do medo. Compartilhado por outros judeus, o receio das abordagens e da deportação foi constante e intenso, fazendo com que Klemperer afirmasse em determinado momento: “Sofro novamente com o terrível sentimento de alegria ao ir dormir e o temor de acordar na manhã seguinte.”²⁵¹ O medo exercia a maior influência sobre o seu comportamento e suas reflexões, moldando suas atitudes e pressionando-o cotidianamente a adaptar-se à situação cada vez mais ameaçadora.

A complexidade do contexto não é facilmente perceptível e Klemperer fica cada vez mais limitado à poucos meios para obter informações. Mesmo nos momentos que possui acesso a jornais ou outras transmissões oficiais, ele observa a presença somente da retórica exagerada, a propaganda explícita com pouco conteúdo e que, em sua narrativa, fornece mais elementos de interpretações contrárias àquelas inicialmente pretendidas. Klemperer percebe as tendências no discurso nazista de ocultar as informações inconvenientes, ignorar ou manipular as notícias caso determinado acontecimento não se encaixa dentro de sua lógica explicativa.²⁵² Além dos boatos que escuta, a maior e melhor forma dele perceber e compreender a circunstância na qual vive é pelo próprio “vivenciamento”. Ou seja, somente ao sair da casa dos judeus e tendo contato com o contexto, ele conseguia observar melhor os efeitos da guerra e da ideologia antissemita sobre a população.

Klemperer procurou responder a tantas pressões da mesma forma simples que já vinha adotando anteriormente. Ao evitar pensar no futuro, ele registra um comportamento mais voltado às necessidades do presente, procurando focalizar somente no momento em que vive. Partindo do princípio que o dia posterior era incerto, Klemperer adequava-se ao imediato. Concentrando-se em manter distrações e trabalhos pessoais, estabelece atitudes que o distanciam do sofrimento e da depressão cotidianos. São compreensíveis os motivos pelos quais o isolamento e o encarceramento o afetavam tanto, uma vez que apenas tornavam mais evidentes para ele a sua própria situação, assim como a estrela amarela lhe era uma lembrança

²⁵¹ Registro feito em 20 de fevereiro de 1941, em KLEMPERER, p. 342.

²⁵² Como ele observa: “Correspondente à forma o conteúdo dissimulado, em parte, enigmático. A observar: há poucas semanas, os russos estavam oficialmente ‘liquidados’. Agora devem ser liquidados na primavera. Vocês só precisam manter ‘fanaticamente’ o que já conquistaram.” Registro feito em 23 de dezembro de 1941, em KLEMPERER, p. 409.

e uma identificação de inferioridade social. A passagem escrita demonstra como essa atitude agia sobre o seu cotidiano, em um dia que seria, para Klemperer, “normal”:

Pela manhã, a entregadora de leite recusou-se a subir até aqui. Não pode mais entregar leite em casa de judeus.

À hora do almoço, haviam sido depositados no banco cento e setenta e oito marcos de aposentadoria, em vez dos quatrocentos e nove dos meses anteriores: as novas “contribuições sociais” dos judeus, 15 por cento da aposentadoria, descontando-se os três meses de janeiro a março de uma só vez. Em seguida, o açougueiro explicou que só poderia fornecer menos carne porque o abastecimento estava muito ruim.

À tarde, a notícia de que a Bulgária tinha aderido ao pacto das três potências. Portanto, a Grécia está perdida, portanto, o caminho até o Egito será percorrido através da Turquia asiática, portanto, parece que a Alemanha ganhará a guerra.

À noite, queríamos recuperar as forças no Restaurante Pschorrbräu e não encontramos nada comestível sem cupons de carne, fomos até o Monopol e só encontramos nabos, fomos até a estação e não encontramos nada, voltamos ao Monopol e comemos os nabos. (Tudo isso num tempo primaveril e muita sujeira.) Tão logo chegamos em casa, veio o controle policial.

Um dia de minha vida no Terceiro Reich.²⁵³

Com isso, ele até mesmo chega a demonstrar esperança, ao perceber a crescente situação crítica do exército alemão. As derrotas e os efeitos sobre a sociedade civil foram perceptíveis, mesmo com a censura e o controle do Nacional-Socialismo sobre as informações. Ao final de 1941, ele afirma que é possível perceber a aproximação de uma conclusão, por mais incerta que pudesse parecer naquele momento.²⁵⁴

²⁵³ Registro feito em 1º de março de 1941, em KLEMPERER, p. 344.

²⁵⁴ “Que este foi nosso ano mais medonho, medonho pela experiência pessoal, mais medonho pela constante ameaça, mais medonho ainda por aquilo que vimos os outros sofrer (deportações, assassinatos), que no fim, porém, trouxe a confiança. Citei a frase: *nil inultum remanebit*. Como *adhortatio*, afirmei: nos últimos cinco minutos, cabeça erguida!” Registro feito em 31 de dezembro de 1941, em KLEMPERER, p. 411.

6 O DESESPERO DO SOBREVIVENTE: 1942 – 1945

Entre o final de 1941 e o início de 1942, grandes alterações no contexto da guerra fariam com que o governo Nacional-Socialista modificasse tanto o seu discurso na propaganda quanto as suas práticas antissemitas. O fim das vitórias rápidas gerou a insatisfação e as críticas observadas já nos anos anteriores, porém, as derrotas contra os russos, a entrada dos Estados Unidos na guerra e os bombardeios crescentes dos britânicos nas cidades alemãs fizeram com que fosse sentido o impacto cada vez maior do conflito sobre a sua população civil.²⁵⁵

O governo, após incentivar tantos discursos que ressaltavam a inferioridade militar da União Soviética, não encontrava argumentos que conseguissem explicar os motivos do lento avanço do exército alemão ao final de 1941. Com a chegada do inverno, os progressos pararam e novas dificuldades foram sentidas com o frio e a ausência de organização antecipada. De acordo com Welch, a falta de preparo do exército foi devido à expectativa e a previsão dos comandantes de que a guerra estaria terminada antes da chegada do inverno com a ocupação de Moscou. No entanto, não somente os alemães foram incapazes de conquistar a cidade, mas o inverno foi o mais frio em cinquenta anos (WELCH, 2002, p. 132).²⁵⁶ Diante de tais adversidades, a população reagiu com maior desconfiança e incredulidade aos discursos oficiais do nazismo, danificando ainda mais o frágil controle que o partido possuía das informações e de sua interpretação.

Já a política antissemita foi intensificada, com a Gestapo tendo papel central na busca e prisão dos judeus alemães, além da deportação e o seu envio aos campos de concentração e extermínio. Com o funcionamento em plena capacidade nesse período, esses campos formaram o centro de exercício da “solução final”, a qual foi concebida e colocada em prática nos anos finais do governo Nacional-Socialista. Mesmo com as mortes de judeus e de outros inimigos do partido sido praticadas anteriormente, não havia meios ou estrutura disponíveis

²⁵⁵ Klemperer demonstra saber da declaração de guerra da Alemanha aos Estados Unidos, e nota que o discurso de Hitler culpava apenas os judeus pela extensão do conflito. Os efeitos dessa notícia, no entanto, não foram percebidos imediatamente, uma vez que o enfoque maior da propaganda Nacional-Socialista era na guerra contra os russos, no registro feito em 12 de dezembro de 1941, em KLEMPERER, p. 406.

²⁵⁶ O contraste entre ambas as publicações foram evidentes para a população e para Klemperer, como pode ser observado a partir da campanha de coleta de agasalhos, baseada no argumento de doação voluntária, através da qual o governo coletou lã e peles para o exército. De acordo com os diários: “No jornal de ontem, um apelo do Führer e de Goebbels, todos os artigos de pele ou de lã são dispensáveis e devem ser doado ao *front* do Leste; os judeus, porém, na medida em que usam a estrela, devem, conforme ordens transmitidas pela congregação, entregar ‘sem direito a indenização’, todas as roupas de pele e de lã até hoje às cinco da tarde – ‘controles oficiais serão feitos mais tarde’. [...] Não importa o que está por detrás disso: desentendimentos entre as forças armadas e o partido ou recusa de responsabilidade de uma matança inútil ou coisa parecida: é um sinal terrível de insegurança, uma vez que a derrota no Leste mal seja dissimulada, a da África é notória.” Registro feito em 23 de dezembro de 1941, em KLEMPERER, p. 408.

para assassiná-los sistematicamente antes de 1941 e 1942, assim como também não havia demonstrações efetivas das intenções do partido nazista de iniciar o extermínio.

Friedländer ressalta que a alteração de assassinato selecionado para mortes em massa foi justificada de acordo com as necessidades da guerra de estabelecer o controle nas regiões ocupadas e evitar a formação de guerrilhas em áreas conquistadas. Realizadas inicialmente em pequenas comunidades com fuzilamentos, essas operações permaneceram ocorrendo mesmo após a construção dos campos de extermínio. Enquanto as dimensões dos assassinatos ainda eram pequenas, é possível observar que as primeiras iniciativas tomadas para o Holocausto foram determinadas em 1941, sendo desenvolvidas e expandidas nos anos posteriores. Desconsiderando os motivos estabelecidos pelo Nacional-Socialismo, a característica que pode ser apontada como principal na diferenciação dos dois períodos é a regularidade das práticas, sejam elas derivadas das diretrizes gerais estabelecidas pelo governo central ou não. Enquanto que ordens diretas de Himmler, por exemplo, fossem essenciais para as execuções dos judeus, não se pode negar que as demais atitudes tomadas por outros líderes locais na Polônia, por mais irregulares e inconsistentes que fossem, ainda tiveram embasamento na ideologia nazista e na abstrata divulgação de suas intenções, possibilitando a transição para as mortes sistemáticas (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 188).

Nesse período, Klemperer percebe a alteração no seu contexto a partir da ameaça da deportação e a possibilidade de morte. O conhecimento dos assassinatos, embora limitado, foi acessível para ele e os demais judeus da casa onde habitava logo no primeiro ano do extermínio sistemático, fazendo com que fosse sabido que ser deportado seria o equivalente à morte. Com o aumento das buscas domiciliares e da violência aplicada diretamente sobre ele e a sua esposa, Klemperer registrou, a partir desse ano, um profundo medo, próximo ao desespero, que esteve presente em todos os momentos e em todos os dias até o final da guerra.

A escrita do seu diário, partindo dessas percepções, é alternada para algo mais do que o registro da sua experiência. Juntamente com o objetivo de distanciar-se dos problemas e das preocupações, ao menos por breves momentos, Klemperer estabelece que a escrita constituiu-se em testemunho, o que modifica o caráter do seu texto e influencia em suas observações realizadas nesses anos.²⁵⁷ O sofrimento cotidiano, o medo constante e as incertezas com as quais ele tinha que conviver foram os principais elementos presentes na sua condição de judeu.

²⁵⁷ Não havia o testemunho como característica central do embasamento do seu registro nos anos anteriores, sendo mais frequente passagens nas quais Klemperer afirma a necessidade de distração ou da realização de algum trabalho intelectual. Como será analisado, a mudança em seu contexto provocará uma alteração na forma pela qual ele justifica o seu ato de escrita e concebe o significado desta prática para si mesmo.

A sua convocação para o trabalho obrigatório também foi outro ponto pelo qual ele estabelecia considerações relevantes sobre a opinião popular e a presença do antissemitismo nos alemães. Ao ter contato com outros judeus e “arianos”, Klemperer descreve os diferentes tratamentos destinados a ele e aos demais, assim como diversos casos nos quais havia demonstrações explícitas de críticas e insatisfação com o governo e a guerra. Ao mesmo tempo, porém, o trabalho obrigatório ocasionou outros problemas, como a possibilidade de ser abordado na rua pela Gestapo ou de sofrer provocações daqueles simpáticos ao regime nazista. Mesmo com pouca ocorrência, conceber a possibilidade de agressão já lhe causava nervosismo e aprofundava seu medo ao sair de sua residência.

Na medida em que a derrota na guerra foi cada vez mais perceptível, os reflexos estavam crescentemente evidentes no contexto social. Além dos bombardeios e da falta de alimentos, Klemperer registra também os impactos da inevitabilidade sobre a população e como a queda iminente do nazismo foi percebida por aqueles que observava. A sua busca pela sobrevivência nunca esteve tão perto de fracassar do que quando esteve próxima de ser bem-sucedida, uma vez que, nos últimos momentos do governo, o Nacional-Socialismo desconsiderou qualquer regulamentação ou necessidade de guerra e passou a matar o maior número de judeus que pôde. As deportações quase o incluíram, até que um bombardeio em sua cidade possibilitou esconder sua identidade de judeu e fugir com os refugiados para locais mais seguros e distantes das autoridades.

O seu pesadelo de 12 anos terminou na primeira metade de 1945 e, apesar de ter sido atingido durante todo esse tempo pelas políticas antissemitas, ele sobreviveu. A sua experiência dos três últimos anos, no entanto, foi a mais ameaçadora e temerosa, fazendo-o ser, além de um sobrevivente, uma testemunha. Da mesma forma que pretendeu realizar nos anos anteriores, esse último período é evidenciado pela presença de acontecimentos menores, casos ocorridos em seu dia a dia, que interferiam na sua percepção e na interpretação de seu contexto. Klemperer realizou perguntas até o fim, procurando, através delas, entender e compreender racionalmente o grande caos que o cercava e o atingia.

Inicialmente, portanto, será observado o medo. As abordagens da Gestapo, as buscas domiciliares, as deportações e a morte em si foram alguns elementos que lhe provocaram o desespero e que determinaram todas as suas atitudes nesses anos. Mais profundo e mais forte do que em qualquer momento anterior, o medo foi essencial para que Klemperer adotasse o testemunho como narrativa em seus diários e considerasse seus registros como uma obrigação, cujo objetivo era de registrar e transmitir a dimensão da sua experiência extrema.

A radicalidade do Nacional-Socialismo foi sentida também pela população alemã, pois qualquer ato ou crítica que fosse considerado contrário ao governo poderia ser punido com a morte sem qualquer julgamento. Klemperer identifica como o partido, incapaz de manter a coesão interna fundamentada na ideologia, utilizou frequentemente a ameaça para reforçar o seu domínio social. Mesmo com o conhecimento da possibilidade de repressão, ainda existem registros de vários casos de desafio explícito ou simples desconsideração das medidas de guerra adotadas, possibilitando que práticas puníveis com a morte fossem comumente realizadas.

Algumas questões são levantadas por Klemperer, assim como outras já existentes permanecem, mas não são o centro de sua perspectiva nesse período. Enquanto os anos iniciais do governo foram caracterizados pela busca por respostas e interpretação de suas observações na identificação do apoio do Nacional-Socialismo, no final ele procurou, principalmente, sobreviver. Com isso, todas as suas reflexões serão derivadas da sua tentativa de entender o andamento das deportações e das mortes que ocorriam com os judeus, para que ele pudesse adequar-se às exigências e escapar da Gestapo.

Já as questões referentes à opinião popular e os efeitos das políticas sobre a sociedade serão percebidas com maiores detalhes a partir dos registros realizados do exercício de seu trabalho obrigatório, onde o contato com outros possibilitava-lhe de ter conhecimento de diferentes opiniões e atitudes para com ele e outros judeus. Críticas e demais comportamentos contra o nazismo eram expressados livremente em um ambiente no qual todos eram reconhecidos como indivíduos não simpatizantes, mas eram imediatamente controladas na presença de alguém ligado ao partido ou em público.

A sobrevivência de Klemperer, em grande parte atribuída à sua sorte, também ocorreu devido à sua persistência. Seja ao ser cumprimentado amigavelmente por desconhecidos ou quando era agredido por oficiais da Gestapo, Klemperer manteve-se determinado a sobreviver. Mesmo abalado, ele permaneceu registrando e observando sinais em seu contexto da situação na qual se encontrava, buscando por indicadores de um fim. Tão relevante quanto o estudo das medidas antissemitas sofridas por ele, nesse último trecho será observado qual foi a sua reação às deportações e à possibilidade de morte.

6.1 GEHEIME STAATSPOLIZEI

A Gestapo foi o fator essencial de alteração entre 1942 e os períodos anteriores. A partir desse ano, os diários de Klemperer demonstram que a polícia secreta do Nacional-Socialismo exerceu um poder que era pouco visível anteriormente e passa a ser mais presente

na vida social tanto dos judeus quanto dos civis alemães. O seu campo de ação não era restrito à perseguição e às buscas nas residências dos judeus por objetos proibidos, mas se estendia para a identificação de críticas e atividades de oposição ao governo realizados por alemães em ambientes públicos e privados, intimidações e até mesmo agressões físicas. Mais do que uma agência policial para coibir atividades contra o partido, ela transformou-se no mais intimidador instrumento da repressão, cuja simples presença contribuiu para estabelecer um sentimento de temor mais profundo e constante em todo o período do Nacional-Socialismo.

As buscas realizadas pela Gestapo e os boatos de deportação são dois elementos que não podem ser abordados individualmente, assim como não é possível realizar uma análise dos efeitos de cada um separadamente. Ambos são interligados e influenciavam-se mutuamente no contexto social, interferindo na percepção que Klemperer tinha dos acontecimentos e na formação de sua interpretação. Enquanto que a atuação da Gestapo e os decretos antisemitas geravam o medo e possuíam uma ligação direta com a ameaça de deportações, os boatos com os quais Klemperer tinha contato sobre a morte dos judeus no leste europeu apontavam para o estabelecimento do seu conhecimento sobre o extermínio que ocorria, tanto nos campos quanto nas florestas onde judeus eram fuzilados. No entanto, tão importante quanto determinar quais eram as informações referentes às mortes, é necessário também observar as suas reações à tais rumores.

Ao final da guerra, a Gestapo adquiriu jurisdição completa sobre todos os aspectos legais e sociais, podendo executar qualquer indivíduo sob a alegação de traição sem necessidade de julgamento, provas ou registro.²⁵⁸ No colapso do nazismo, qualquer aparência de legalidade ou estabilidade foi descartada para a manutenção da imagem de coesão social, mesmo com a estrutura interna fragilizada pelas derrotas militares e pela incapacidade do governo em conter a opinião popular. A fragmentação administrativa não impediu de a Gestapo permanecer como centro de exercício de poder, sendo temida devido a sua capacidade e liberdade de atuação sem restrição pelo partido.

Gellately defende a ideia da fraca capacidade de atuação da Gestapo no meio social, uma vez que a agência possuía poucos integrantes e, de acordo com a documentação existente, costumava agir em resposta a denúncias e não por iniciativa e investigação próprias. Segundo o autor, os civis contribuíram para o funcionamento da repressão do Nacional-

²⁵⁸ Kershaw identifica que a população alemã voltou-se ainda mais para a esfera particular, devido ao medo da repressão do partido e das punições cada vez mais severas sobre qualquer infração. Segundo ele: “*Such a retreat into concerns of private interest and welfare to the exclusion of all else in conditions of crisis and danger is neither specific to Germany nor to societies under dictatorial rule, but the level of repression and the increasingly draconian punishment for politically nonconformist behavior enhanced this trend in the German population during the war.*” (KERSHAW, 2008, p. 198).

Socialismo, sendo motivados por razões egoístas e não pela sua afinidade ideológica (GELLATELY, 2011, p. 293). No entanto, como é visto nos diários de Klemperer, a Gestapo tinha poderes para realizar qualquer atitude contra a população, e utilizava de sua autoridade com brutalidade. A sua reputação era suficientemente concisa para que fosse construída a imagem de poder efetivo, gerando efeitos concretos sobre o comportamento social dos alemães e judeus independentemente de sua real capacidade de atuação.

Inicialmente, a presença da Gestapo foi sentida por Klemperer através das buscas domiciliares e pelos efeitos psicológicos da sua constante ameaça. O início dos registros de 1942 demonstra uma perceptível alteração na narrativa, fazendo com que esse período fosse o mais volumoso de toda a publicação de seus escritos. A diminuição dos intervalos entre as observações e a realização frequente de registros extensos são causadas pela alteração sofrida em seu contexto, influenciando Klemperer a dedicar-se com mais empenho ao seu testemunho e à narrativa do cotidiano. O seu isolamento, as restrições na sua liberdade de locomoção, as alterações no desenvolvimento da guerra e as incertas iniciativas antissemitas do Nacional-Socialismo contribuíram, em suas particularidades, para a ampliação da escrita dos diários de Klemperer, mas nenhum desses fatores possui tanta presença quanto o medo da Gestapo.

As restrições de horários nos quais os judeus poderiam sair é apenas uma das medidas implementadas que contribuíram para que Klemperer fosse confinado à casa dos judeus. O medo de ser abordado pela polícia e a evidência da estrela amarela foram mais eficientes em provocar o isolamento social do que a restrição da liberdade em si.²⁵⁹ Antes de sofrer qualquer abordagem, Klemperer observa a circulação de boatos sobre as buscas domiciliares e os métodos aplicados pela Gestapo contra os judeus.²⁶⁰ Mesmo antes de sofrer qualquer visita em seus quartos ainda nesse período, ele preocupa-se com o que pode ser encontrado e possui uma inquietação maior com os seus diários. Tendo conhecimento das consequências que ocorreriam caso fossem descobertos, providências foram tomadas para escondê-los e protegê-

²⁵⁹ A primeira passagem de 1942 demonstra o seu sentimento de medo, uma vez que ele foi interceptado pela Gestapo enquanto voltava das compras e levado até a delegacia em uma abordagem de rotina. Mesmo identificando os motivos para esta prática como sendo derivados da busca por mão de obra, Klemperer ainda é profundamente afetado pela constante tensão: “Ainda não me recuperei totalmente até agora. Registrei meus cupons com o ‘J’ na Wasaplatz, desde então dei só uns poucos passos ao ar livre, não me afastei desta redondeza e não me afastarei mais dela. A história toda com sua fantasiosa tirania, brutalidade, humilhação desdenhosa, afetou-me por demais. Desde então, o pensamento da morte não mais me abandonou.” Registro feito em 12 de janeiro de 1942, em KLEMPERER, pág. 416.

²⁶⁰ Uma vez que Klemperer não saía com frequência de casa e não tinha muito contato com outros judeus fora do local que habitava, suas informações eram provenientes daqueles que tinham maior contato e possuíam acesso a notícias da aplicação das medidas antissemitas: “Todos os dias quando volta da fábrica Kätchen Sara conta de buscas domiciliares, durante as quais as pessoas são brutalmente *surradas* e roubadas indiscriminadamente.” Registro feito em 5 de fevereiro de 1942, em KLEMPERER, p. 422.

los, embora ele não tenha considerado a interrupção da atividade.²⁶¹ Apesar do perigo, Klemperer estava disposto a manter os diários com mais intensidade do que anteriormente, partindo de uma perspectiva de dever pessoal, ao mesmo tempo em que continuou refletindo sobre a pouca relevância prática para a sua situação imediata.²⁶²

Ao descrever os boatos, ele afirma a presença constante das agressões sofridas pelos judeus e também dos roubos que os agentes praticavam sobre todo e qualquer objeto que lhes despertava o interesse, além da possibilidade de prisão e envio a um campo. Diversas passagens no início do ano de 1942 descrevem a circulação de tais boatos e o impacto que eles tinham em Klemperer. Ao registrar constantemente sobre a ameaça da Gestapo, mesmo sem tê-la vivenciado, ele narra como os reflexos da opressão estendiam-se principalmente à mentalidade dos judeus, disseminando o medo e fortalecendo a tensão sobre os indivíduos.²⁶³ Uma vez que as buscas domiciliares poderiam ocorrer sem qualquer aviso, o medo da Gestapo era constante e construído inicialmente sobre essas informações. Ele demonstra ter certeza que seria vítima de uma busca eventualmente, e, por mais que procurasse preparar-se, a espera apenas aumenta a sua tensão e o seu medo.

Klemperer não estava em seu quarto quando a primeira busca ocorreu na casa onde morava. Ao visualizar o resultado da ação da Gestapo, ele percebe que os boatos eram fidedignos em sua descrição com a realidade observada. Sua esposa, por ser “ariana”, sofreu agressões mais leves do que as aplicadas sobre os demais judeus residentes, principalmente tapas e ofensas, enquanto o quarto era revistado. Vários objetos foram quebrados, roubados ou simplesmente espalhados pelo chão, formando um cenário relatado como: “[...] a devastação animalesca provocada por macacos cruéis e bêbados, conforme as descrições que já ouvi muitas vezes, que, no entanto, provocavam agora, em sua realidade, um efeito pavoroso.”²⁶⁴

²⁶¹ Apesar de todos estes cuidados, ainda havia o temor constante de que tais objetos fossem encontrados pelas buscas, como ele observa em: “‘Eles’ não apareceram. A espera arrasa os nervos. Eva desmontou um aquecedor, eu distribuí um pacote de lápis por várias gavetas. Nada é seguro.” Registro feito em 8 de março de 1942, em KLEMPERER, p. 434.

²⁶² Novamente a sua persistência na escrita é derivada, em parte, da resistência contra o regime Nacional-Socialista, e em parte da sua procura de não pensar nos problemas que o afetam. No entanto, percebe-se a alteração do propósito observado por ele, no que se desenvolveu em um momento posterior na sua percepção de testemunho: “O medo de que meus escritos possam me levar para o campo de concentração. O sentimento de obrigação de escrever, trata-se de minha tarefa de vida, minha profissão. O sentimento de *vanitas vanitatum*, da insignificância de meus escritos. No fim das contas, continuo a escrever o diário, o *Curriculum*.” Registro feito em 8 de fevereiro de 1942, em KLEMPERER, p. 422.

²⁶³ “As revistas domiciliares são o pesadelo de todos os judeus. Sempre novos relatos de surras, insultos, roubos de toda sorte (agora até dinheiro), prisões, intimações para apresentar-se à Gestapo (especialmente temidas). Dia a dia espero que logo será nossa vez.” Registro feito em 24 de março de 1942, em KLEMPERER, p. 440.

²⁶⁴ Registro feito em 23 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 462.

Outras buscas seguiram-se a essa e variavam na metodologia de aplicação da violência. Algumas vezes não havia agressões severas, sendo o propósito voltado à procura por objetos para roubar ou questionamentos para fazer aos judeus. Não havia intervalo específico de tempo entre elas, e eram tão arbitrárias na prática quanto irregulares na frequência. Quando havia violência, consistia principalmente de chutes e tapas, formando um padrão no tratamento e nas ameaças, o que contrastava com qualquer comportamento simpático expressado. Tendo em consideração a idade de Klemperer e a sua fraca saúde, observa-se que ele não descreve ferimentos sérios, enquanto que outros judeus apenas sofrem hematomas e pequenas concussões. Enquanto é possível argumentar que não era a intenção da Gestapo gerar tais lesões devido à necessidade de mão de obra, também podem ser identificados indícios que apontam para um objetivo voltado mais especificamente à construção e aprofundamento do medo em seu aspecto psicológico, possivelmente levando os judeus ao suicídio.²⁶⁵

Na medida em que ocorrem, as buscas domiciliares ficaram naturais e cederam espaço a outra ameaça ainda mais relevante e diretamente conectada com elas. Enquanto estava quase totalmente confinado nos quartos que possuía, ele inicia a descrição de boatos que afirmam as deportações de judeus da Alemanha e também os fuzilamentos ocorridos nas florestas do leste europeu. Logo em janeiro, há informações que relatam a ligação entre as deportações com as mortes e, apesar de não confiar totalmente nesses rumores, Klemperer não duvida de sua plausibilidade.

Paul Kreidl conta que – boato, mas muito plausível, vindo de vários lados –, judeus evacuados perto de Riga teriam sido *fuzilados* em série, quando desciam do trem. [...] Não acredito muito nisso; hoje, mencionam-se novamente no comunicado das Forças Armadas batalhas nas proximidades de Leningrado e a leste de Charkow, portanto, o interior não pode ter sido recuado tanto assim.²⁶⁶

Os boatos que Klemperer descreve provavelmente se referem ao massacre de Rumbula, onde cerca de 25.000 judeus foram fuzilados nas florestas perto da cidade de Riga

²⁶⁵ “Consta que faz parte desse comando motorizado um sujeito em especial que, de certa maneira, tem a função oficial de espancador. Socos no rosto, pontapés com a bota, também em mulheres. Tenta-se levar especialmente pessoas idosas ao suicídio.” Registro feito em 18 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 459. Outro caso descrito ilustra a presença da diferença no tratamento dos diversos agentes da Gestapo, onde alguns apresentam comportamento simpático aos judeus ao mesmo tempo em que outros aplicam a violência em diversas medidas: “A sr. Pick contou-nos isso quando estivemos com ela depois. Acrescentou algo curioso. Três sujeitos a torturaram; um quarto sujeito, sozinho com ela por alguns instantes, assoprou-lhe de maneira muito atenciosa: ‘Ouça este conselho, não vá lá [na Gestapo] amanhã cedo’. (Recentemente, ouvimos um caso parecido de Kätchen: uma colega de trabalho chegou em casa, o chofer do carro da Gestapo gritou-lhe diante da porta: ‘Senhorinha, vá passear um pouco, eles estão lá em cima!’). Mesmo entre essa gente, portanto, ‘traidores’).” Registro feito em 11 de junho de 1942, em KLEMPERER, p. 478.

²⁶⁶ Registro feito em 13 de janeiro de 1942, em KLEMPERER, p. 417.

no final de 1941. Os eventos são descritos por Friedländer como o extermínio do gueto de Riga pelas ordens de Himmler, onde somente aqueles capazes de trabalhar foram poupados:

On the eve of the operation, on November 29, the able-bodied Jews were separated from the bulk of the ghetto population. On November 30, in the early-morning hours, the trek from the ghetto to the nearby Rumbula forest begun. Some 1,700 guards were ready, including around 1,000 Latvian auxiliaries. In the meantime several hundred Soviet prisoners had dug six huge pits in the sandy terrain of Rumbula. (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 261).

Mesmo sem ter conhecimento do andamento do extermínio, cuja fase sistemática foi iniciada nesse período, Klemperer tinha acesso a informações suficientes para interpretar que as deportações levavam inevitavelmente à morte dos judeus.²⁶⁷ Várias passagens podem ser identificadas na exemplificação de que os boatos dos assassinatos circulavam e eram acessíveis à população. Não é possível, através dessas observações nos diários, identificar qual o grau de disseminação que essas informações tinham na população alemã, mas é possível ressaltar que elas existiam e circulavam com alguma liberdade.

Enquanto que a morte de alguns judeus era anunciada de forma simples e pontual pela congregação local no início do extermínio, outros detalhes presentes nos boatos transmitiam uma forma mais agressiva do genocídio. O contraste é perceptível na análise de duas passagens específicas, como pode ser visto em:

Há cerca de quinze dias, dizia-se: o fabricante de cigarros, Müller, setenta e dois anos, no campo de concentração junto com Estreicher. Há três dias, sua morte foi anunciada à congregação. Consta agora que campo de concentração é evidentemente igual à sentença de morte. A morte dos deportados é anunciada depois de alguns dias.²⁶⁸

Ao mesmo tempo, outros boatos descrevem que: “Escabroso assassinato em massa de judeus em Kiev. Criancinhas com a cabeça socada na parede, homens, mulheres, jovens, fuzilados e empilhados aos milhares, uma colina foi dinamitada e a massa de cadáveres foi enterrada sob a terra em explosão.”²⁶⁹ Klemperer pode estar referindo-se ao massacre de Babi Yar, onde mais de 30.000 judeus foram mortos em 29 de setembro de 1941, próximo a Kiev. A coexistência das duas formas de informações possibilita a interpretação de que havia determinado impacto na Alemanha dos acontecimentos ocorridos no leste europeu. A dimensão do genocídio não pôde ser contida por ser um acontecimento extraordinário que

²⁶⁷ Friedländer identifica que os boatos sobre as mortes dos judeus, mesmo sem serem detalhadas, circulavam na Alemanha desde o início de 1943, e que provavelmente eram acessíveis à maioria da população (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 511).

²⁶⁸ Registro feito em 1º de março de 1942, em KLEMPERER, p. 431

²⁶⁹ Registro feito em 19 de abril de 1942, em KLEMPERER, p. 448.

ocorria rapidamente. Friedländer defende que a maioria dos fuzilamentos aconteceram nesse mesmo período:

From midsummer 1941 on, the massacres of Jews throughout the German- and Romanian-occupied Soviet territories had reached colossal proportions. In Kamenets-Podolsky, Kiev, Kovno, Minsk, Riga, the towns of eastern Galicia – now part of the General Government – and in Odessa, among other killing fields, the Jews were murdered by the thousands, sometimes by the tens of thousands, in each Aktion. Some of the local commanders excelled at their task. (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 282).

A tentativa de esconder e manipular as mortes dos judeus era uma prática perceptível para Klemperer devido à sua incapacidade de ser efetiva. Era visível tanto a tentativa do Nacional-Socialismo de esconder a morte dos judeus de qualquer meio oficial de informação, assim como, quando necessário, justificá-las por outras formas que não aparentassem o extermínio explícito. No entanto, essa prática não correspondia aos boatos que circulavam e que, para ele, tinham mais plausibilidade do que os discursos oficiais, assim como igualmente não possuíam credibilidade pela simples impossibilidade de seu acontecimento. Ao ter conhecimento, mesmo que superficial, das várias mortes que ocorriam, qualquer iniciativa que negasse era caracterizada por Klemperer como uma explícita mentira.²⁷⁰

Ao mesmo tempo em que não havia qualquer divulgação pública oficial sobre os acontecimentos nos campos ou sobre a prática do extermínio em qualquer nível, os judeus na Alemanha recebiam a informação de falecimento dos parentes deportados vindas diretamente de Auschwitz, como Klemperer aponta ao descrever a notícia da morte da irmã de uma moradora da casa, em: “A última correspondência esperada falhou e agora chegou a notícia da morte. De Auschwitz, causa da morte “derrame cerebral”. Trata-se da nona judia de Dresden, levada de Ravensbrück para Auschwitz.”²⁷¹; ou também em:

Ontem, no fim da tarde, fui à congregação para buscar os novos cartões de racionamento e dar uma olhada no jornal, lá Hirschel comunicou-me a morte de

²⁷⁰ Como exemplo, pode-se apontar a passagem: “Ernt Kreidl ‘foi fuzilado durante uma tentativa de fuga’, às catorze horas e cinquenta e cinco minutos, portanto em plena luz do dia. Eva viu lá em cima no quarto de Elsa Kreidl o formulário impresso, preenchido à máquina. ‘Cremação no crematório de Weimar-Buchenwald’, a urna está à disposição. Impossível uma mentira mais deslavada. O homem não deve ter pensado na fuga, absolutamente impraticável, nem um átimo de segundo. Sessenta e três anos, enfraquecido, uniforme do campo de concentração, sem dinheiro [...] E à luz do dia [...] Assassinato puro e simples. Mais um entre milhares.” Registro feito em 24 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 465.

²⁷¹ Registro feito em 30 de outubro de 1942, em KLEMPERER, p. 551. Outras passagens apontam para o conhecimento da ligação das deportações de judeus com os campos onde eram mortos. Embora Klemperer não descreva com maior detalhe, as passagens demonstram uma percepção aprofundada dos métodos utilizados pelos nazistas, como em: “As pessoas seriam recolhidas em diversas cidades (Leipzig, Chemnitz, etc.), passariam a noite nas prisões locais, grupos maiores chegariam juntos nos campos. Ao fim desta viagem, a morte aguarda os participantes judeus.” Registro feito em 29 de novembro de 1942, em KLEMPERER, p. 561.

Eger. Aos cinquenta anos. Insuficiência cardíaca. Campo de Auschwitz. As cinzas não serão enviadas. A viúva deve ser avisada.²⁷²

O uso de gás para o extermínio também foi uma informação à qual ele teve acesso, mesmo que pouco detalhada. Logo em 1943, ele escreve ter escutado boatos que abordavam as mortes dos judeus utilizando gás dentro dos vagões de trens, mas estes rumores não descrevem qual gás era utilizado e nem demonstram qualquer ligação dessa informação com as mortes por gás nos campos que já estavam ocorrendo.²⁷³ Klemperer não demonstra surpresa ao cogitar o uso de gás, sendo que essa informação é apresentada junto com outras que abordavam a possibilidade de sua própria deportação.²⁷⁴

Essa informação aparenta ter uma circulação menor, já que poucas passagens são destinadas à sua descrição desde 1943, quando há o primeiro registro, até o final da guerra. Em poucos momentos nesse ano ele descreve a possibilidade de morte pelo gás, o que não significaria o contato com maiores e mais detalhadas informações sobre o tema. Foi somente em 1944 que houve menção de novos conhecimentos, partindo da divulgação de rádio estrangeira sobre o uso de gás.²⁷⁵ Essa passagem, em específico, mostra a brevidade que esses acontecimentos permaneciam em suas reflexões, e que, por mais reveladoras dos métodos e do reflexo da intenção de assassinato, eles faziam pouca diferença para Klemperer: “Fiquei sabendo: há algum tempo, muitos judeus idosos (trezentos? três mil?) foram levados de

²⁷² Registro feito em 8 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, p. 572. Outra passagem revela o conhecimento que Klemperer tinha de Auschwitz, na qual ele descreve a prisão de duas mulheres judias e, segundo as informações: “Destas duas mulheres, uma guardara peixe proibido na geladeira, a outra utilizara o bonde a caminho do médico, o que só é permitido para a ida ao trabalho. Ambas foram transportadas do campo de mulheres da região de Mecklenburg para Auschwitz, que parece ser um matador que trabalha rápido.” Registro feito em 17 de outubro de 1942, em KLEMPERER, p. 546.

²⁷³ Klemperer descreve que: “Justamente agora não mais se pode supor que qualquer judeu volte vivo da Polônia. Vão matá-los antes mesmo da remoção. Aliás, fala-se há tempos que muitos dos evacuados nem mesmo chegaram vivos à Polônia. Eles seriam mortos por gás no vagão de transporte de gado durante a viagem, e o vagão pararia então durante o percurso junto à vala comum já preparada.” Registro feito em 27 de fevereiro de 1943, em KLEMPERER, p. 589. Nem mesmo a versão em alemão aponta para qualquer indício na linguagem que apresente um conhecimento maior do extermínio por gás, uma vez que se apresenta como: “*Übrigens wird längst erzählt, daß viele Evakuierte nicht einmal erst lebend in Polen ankommen. Sie würden im Viehwagen während der Fahrt vergast, und der Waggon halte dann auf der Strecke na vorbereitetem Massengrab.*” Em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher - 1943*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 37.

²⁷⁴ Registro feito em 27 de fevereiro de 1943, em KLEMPERER, p. 589.

²⁷⁵ Em dois momentos distintos Klemperer apenas reproduz uma suposição ao imaginar o destino de alguns judeus deportados, como em: “Duvidava-se que os evacuados de anteontem de madrugada ainda estivessem vivos; mais provável que tivessem sido mortos a gás no seu compartimento de gado – dois baldes para as necessidades em cada vagão.” Registro feito em 4 de março de 1943, em KLEMPERER, p. 591; e também em uma passagem que não está presente na edição em português, mas que no original alemão se aponta como: “*Dann wird man evakuieren und dabei die Mischehen trennen und die jüdischen Teile, wer weiß wo?, vergasen; dann werden in Pirna meine Manuskripte, die Ausbeute so vieler Jahre, verbrennen...*” Registro feito em 17 de outubro de 1944, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher - 1944*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 143.

Terezin e, em seguida, a rádio inglesa comunicou a morte do transporte inteiro por gás. Verdade? *Forse che sì, forse che no.*²⁷⁶

Um dos motivos que podem ser apontados para a pouca relevância que esse conhecimento teve para Klemperer seria derivado da sua própria interpretação, já estabelecida anteriormente, da vontade de extermínio dos judeus pelo Nacional-Socialismo. As diversas passagens mencionadas explicitam que ele sabia das deportações e das mortes que ocorriam no leste europeu, formando a sua base reflexiva de análise do contexto. Com a morte de grandes quantidades de judeus, Klemperer logo concluiu que ser deportado ou enviado a um campo de concentração significa o assassinato pelo Nacional-Socialismo, além dos boatos que apontavam para os fuzilamentos em massa. Para ele, o governo buscava ativamente a realização do extermínio, e que tal iniciativa apenas adquiriu maiores dimensões com o decorrer dos conflitos militares. O termo “extermínio” pode ser interpretado como um indicativo, pois logo em 1942 há nos diários a sua menção por Klemperer. Outras passagens posteriores reforçam a sua percepção de mortes em grandes números mesmo sem a utilização dessa ou de palavras sinônimas, como pode ser observado em: “[...] o desejo de extermínio cresce cada vez mais. Na mesma medida em que diminuem as chances de vitória.”²⁷⁷

Os discursos oficiais da propaganda nazista, por sua vez, também refletem a busca pelo assassinato e apontam, em seu conteúdo, indícios da ocorrência das mortes ou de sua intencionalidade. Mesmo com a deportação dos judeus alemães atingindo quase a sua totalidade, ainda havia referências antissemitas e acusações sendo publicadas pelo governo. A radicalidade dos discursos ocorreu paralelamente ao extermínio, não somente por buscar justificativa das medidas antissemitas tais quais as deportações, mas principalmente na formação da imagem do inimigo dos alemães, identificado no judeu e, em menor escala, no bolchevismo.²⁷⁸ Klemperer percebe essa inclinação e salienta os discursos que contribuem para a sua interpretação, como a mensagem de ano novo de Hitler para 1944, na qual descreve ter sido afirmado o “Extermínio do judaísmo na Europa.”²⁷⁹

²⁷⁶ Registro feito em 20 de agosto de 1944, em KLEMPERER, p. 711.

²⁷⁷ Registro feito em 29 de agosto de 1942, em KLEMPERER, p. 529. Enquanto em outros momentos anteriores houve a utilização da palavra alemã *Vernichtung*, derivada do discurso de Hitler em 1939, a partir de 1942 se observa a utilização de *Ausrotten*, o que é outro termo de sentido semelhante, ao mesmo tempo em que abstrato em sua indefinição. Por exemplo, a passagem citada apresenta-se, em sua forma original, como: “[...] *der Ausrottungswille steigt immerfort. Im gleichen Maße, wie die Siegeschancen fallen.*” Em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher - 1942*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 225.

²⁷⁸ Segundo Friedländer, desde 1941 a propaganda continuou os seus ataques agressivos contra os judeus, argumentando elementos que, de acordo com a sua ideologia antissemita, justificavam o extermínio que ocorria (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 331).

²⁷⁹ No original: “*Ausrottung des Judentums in Europa*”, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher - 1944*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 8.

De acordo com Herf, toda a propaganda após 1941 foi alterada na justificativa do extermínio dos judeus, utilizando termos e expressões que significavam a ocorrência das mortes, ou contribuía para sua interpretação. Segundo o autor, havia a afirmação explícita e pública dos líderes nazistas da sua intenção de exterminar os judeus, utilizando palavras em seus discursos que deixavam claro para os alemães (HERF, 2006, p. 12). Os diários permitem sustentar que essa argumentação possui algum embasamento, uma vez que, mesmo não sendo visível ou divulgado, o extermínio era afirmado como consequência da guerra cuja vitória exigia a destruição do inimigo. O pronunciamento de Hitler em 1939 iniciou uma tendência que seria fortalecida de acordo com o andamento dos conflitos e, com o início das deportações em 1941, haveria um radicalismo antissemita ainda maior nos discursos, como aponta Friedländer em:

Hitler's prolonged low-key rhetorical stance regarding the Jews came to an abrupt end in the fall of 1941: The restraint of the previous months gave way to an explosion of the vilest anti-Jewish invectives and threats. This sharp reversal closely followed the decision to deport the Jews of Germany; it was inaugurated by what must have been the most bizarre "order of the day" in modern times. (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 272).

Dessa forma, era visível para Klemperer que o Nacional-Socialismo possuía a intenção de matar os judeus. As diversas informações referentes às mortes no Leste que chegavam até ele, assim como as suas observações das notícias dos judeus próximos que eram deportados, davam-lhe as indicações do processo de extermínio. Mesmo possuindo uma perspectiva limitada e acesso escasso à informação, fosse ela oficial ou não, era ainda possível identificar o objetivo eliminacionista do partido como um todo com base no contexto imediato.

A sua resposta a esse conhecimento, no entanto, constituiu-se na adaptação, através da qual foram banalizadas as deportações e as mortes que ocorriam ao seu redor. Os transportes surgiram pouco efeito no cotidiano, uma vez que as buscas realizadas pela Gestapo eram mais urgentes em comparação com outras preocupações.²⁸⁰ O medo da polícia do partido nazista foi mais próximo e imediato do que o medo de ser selecionado para a deportação, e ele tinha conhecimento que, para evitar os transportes, era necessário principalmente não ser pego realizando qualquer irregularidade. Apesar da arbitrariedade identificada na atuação e nas deportações da Gestapo, Klemperer percebeu que a medida mais necessária era encontrada na

²⁸⁰ Os transportes, enquanto um medo real e presente no cotidiano, foram normalizados por Klemperer e, segundo as suas anotações, também pelos outros judeus após passado um tempo do seu início: "Hábito: na terça-feira, partirá novamente um transporte daqui para Terezin e isso já parece ser uma coisa natural para mim, para os judeus." Registro feito em 6 de agosto de 1942, em KLEMPERER p. 512.

sua adequação aos decretos do partido, em sua obediência ou na ocultação de sua transgressão.²⁸¹

A capacidade de adaptação ao seu contexto foi objeto de reflexão, uma vez que houve a coexistência dos efeitos dos acontecimentos sobre si e sobre outros, ao mesmo tempo em que determinadas atitudes e comportamentos não eram afetados inteiramente por tais influências. Assim como outros fatos anteriores, principalmente a violência da Noite dos Cristais ou o uso da estrela amarela, o impacto inicial sofrido pelos judeus devido às deportações e aos boatos de assassinatos aos poucos perdeu seu efeito, fazendo com que Klemperer e outros conseguissem adequar-se e conviver com a alteração de sua situação, respondendo a ela na medida de suas capacidades individuais:

Conversamos hoje durante o café da manhã sobre a incrível capacidade humana de sofrimento e adaptação. O horror fantástico de nossa existência: medo da campainha, maus-tratos, humilhação, perigo de vida, fome (fome verdadeira), sempre novas proibições, sempre uma escravidão mais pavorosa, proximidade diária do perigo de morte, diariamente, novas vítimas ao nosso redor, absoluto desamparo – e, todavia, ainda horas de prazer, durante as leituras em voz alta, durante o trabalho, durante as refeições cada vez mais parcas, e sempre ir vegetando e sempre tendo esperanças.²⁸²

O medo da Gestapo contribuiu para determinar seu comportamento na busca pela sobrevivência.²⁸³ Novos decretos eram estabelecidos com grande frequência, sendo derivados tanto das limitações de guerra referentes a alimentos e outros objetos, assim como também possuíam o objetivo de aumentar a lista de infrações que os judeus possivelmente poderiam cometer. Inclusive proibições aparentemente sem sentido foram implementadas, não possuindo reflexo imediato para a manutenção do esforço de guerra, como a impossibilidade dos judeus de possuírem animais domésticos. Klemperer interpreta esta medida, assim como várias outras, como sendo o esforço do partido em atingir os judeus de diferentes maneiras, desestabilizando-os e fragilizando ainda mais os seus já precários estados. O sacrifício do seu

²⁸¹ O comportamento do Nacional-Socialismo como um todo era, para Klemperer, impossível de ser determinado. Não somente devido à sua incapacidade de adquirir informações suficientes sobre as diretrizes oficiais oriundas do partido, mas principalmente pela identificação da heterogeneidade que o antisemitismo era realizado na sua prática, como ele observa em: “São de todo obscuros os princípios que determinam tais ações, é provável que as ordens provenham de decisões confusas e são as mais selvagens, as mais abrangentes e as mais caóticas possíveis.” Registro feito em 25 de julho de 1942, em KLEMPERER, p. 506.

²⁸² Registro feito em 30 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 468.

²⁸³ Ao descrever o seu cotidiano, Klemperer demonstra como cada atitude é realizada tendo em mente a Gestapo e a possibilidade de uma abordagem em sua moradia: “Depois a campainha da mulher que distribui a correspondência. Será ela ou serão ‘eles’? E o *que* traz a funcionária do correio? Depois as horas de trabalho. O diário representa perigo de vida; o livro da biblioteca circulante acarretou surras, manuscritos são rasgados. Um carro qualquer passa a todo instante. Serão ‘eles’? A toda hora junto à janela, a janela da cozinha se localiza na frente, a sala de trabalho, atrás. Alguém, com certeza, acaba tocando a campainha, pelo menos uma vez de manhã e uma vez à tarde. Serão ‘eles’? Depois as compras. Em cada carro que passa, cada bicicleta, cada transeunte, presume-se: são ‘eles’.” Registro feito em 20 de agosto de 1942, em KLEMPERER, p. 522.

gato, por exemplo, atingiu-o com particular intensidade. Apesar de não mencionar o animal com frequência nos diários, Klemperer demonstra que ele e a sua esposa possuíam fortes laços afetivos: “Nos últimos tempos, o animal com seus mais de onze anos estava especialmente saudável e jovial. Para Eva, representava sempre um apoio e um consolo. Terá agora menos capacidade de resistência do que antes.”²⁸⁴

Novos decretos eram estabelecidos com grande regularidade, fazendo com que fossem encontradas dificuldades no seu seguimento. Mesmo estando proibido de realizar ações ou adquirir objetos que, crescentemente, eram inacessíveis aos judeus devido à sua condição, esses decretos ainda o afetavam psicologicamente, sendo como pequenas provocações que contribuíam para aumentar o seu medo e tensão constantes.

Klemperer elabora uma lista com todas as proibições decretadas para os judeus que ele conhecia e observa que existem 31 regulamentações das quais ele precisa precaver-se até aquele momento. A abrangência variava, sendo algumas referentes às limitações de circulação dos judeus, abordando desde os horários até proibições de entrar em determinados locais, enquanto outras limitavam os produtos que poderiam consumir, não somente alimentos mas até mesmo a utilização de serviços de um barbeiro ou para adquirir roupas. Na visualização desses pontos, ele percebe que, por menores que fossem, ainda se constituíam em ataques a ele, sobre os quais afirma: “Novos decretos *in judaeos*. O garrote se aperta cada vez mais, a fragilização é provocada por chicanas sempre novas. O que se somou nesses últimos anos em coisas de maior ou menor porte! E a pequena espetada é, às vezes, mais dolorosa que a pancada.” E conclui: “Creio que estes trinta e um pontos sejam todos. Mas todos juntos não são nada diante do perigo constante da busca domiciliar, dos maus-tratos, da prisão, do campo de concentração, da morte violenta.”²⁸⁵

Aliado ao medo, Klemperer descreve sentir outros efeitos, como a insegurança derivada da sua situação e a fome oriunda da ausência de alimentação. Enquanto anteriormente havia a solidariedade de comerciantes que lhes ajudavam fornecendo maiores porções ou vendendo produtos restritos, após 1942 Klemperer não registra mais esses casos de simpatia. Pelo contrário, a falta de alimentos foi aprofundada, fazendo com que os judeus, além de serem limitados com proibições no que poderiam comprar e na sua quantidade, ainda corriam o risco de não encontrar comida disponível devido à escassez e à preferência dos “arianos”. Para ele:

²⁸⁴ Registro feito em 15 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 458.

²⁸⁵ Registro feito em 2 de junho de 1942, em KLEMPERER, p. 470.

A fome, que nestes últimos dias perdeu todo o sentido metafórico. (Nem mesmo uma única batata em casa, nenhuma perspectiva de uma complementação de pão, sequer um pedacinho de legume.) O pavor de cada toque da campainha, de qualquer carro que passe. O terror, contra todos, mas cem vezes mais contra os judeus.²⁸⁶

O efeito da fome foi particularmente humilhante para ele, uma vez que se vê forçado a roubar comida de outros moradores da casa para poder alimentar-se melhor. Mesmo que em pequenas quantidades e justificando a sua atitude com diversos argumentos, Klemperer ainda se considera rebaixado à condição de ladrão para satisfazer-se. Ao descrever os roubos que comete, ele sempre registra a escassa quantidade adquirida, o que faz pouca diferença para a sua fome. Apesar de, inicialmente, demonstrar remorso, a prática contínua reforça a aceitação da medida.²⁸⁷

Dentre as medidas antissemitas praticadas no fim do governo, são identificadas as mudanças para outras casas de judeus, uma vez em 1942 e depois novamente no fim de 1943. Enquanto a segunda casa de judeus foi descrita de forma semelhante à primeira, sendo uma grande residência dividida em vários quartos onde os judeus habitam, a terceira é destacada por sua falta de privacidade, onde poucos cômodos são compartilhados por vários casais.²⁸⁸ Já a casa em Dölzchen ainda permanecia sendo sua propriedade, mesmo havendo o medo da tomada arbitrária do Nacional-Socialismo sem qualquer restituição. Devido à irregularidade das atitudes dos membros do partido, Klemperer reconhece que a casa poderia ser confiscada sob qualquer pretexto e que nem mesmo a sua esposa herdá-la-ia, apesar de ser “ariana”.

Persistentemente recusando-se a vendê-la, ele ia contra a recomendação dos funcionários da congregação que o atendem. Klemperer foi informado que, caso se negasse a assinar a autorização de venda, poderia ser deportado ou enviado a um campo de concentração, sendo que ambos significariam sua morte. Já o interesse do partido em sua residência seria mais derivado da procura dos representantes locais de retirar o habitante judeu, e dessa forma construir a imagem de uma comunidade *judenfrei*. Possivelmente, Klemperer adiciona, haveria também interesse financeiro, já que poderia haver ganhos

²⁸⁶ Registro feito em 2 de julho de 1942, em KLEMPERER, p. 495.

²⁸⁷ “Por pouco, Kätchen não me surpreende hoje quando roubava seu pão e tentava roubar açúcar. O que teria acontecido? É realmente a fome pura e simples que me leva a estes bocados afanados. (Com isso, realmente não prejudico Kätchen. Ela come pouco e recebe boas doações de sua mãe, deixa que se estrague muita coisa.) Sinto o fato de ter que perpetrar tais pilhagens como uma terrível humilhação.” Registro feito em 26 de junho de 1942, em KLEMPERER, p. 492.

²⁸⁸ A terceira casa é vista como pequena demais para acomodar tantos habitantes e haveria, de acordo com Klemperer, muita confusão na tentativa de compartilhar os espaços limitados: “A pior coisa aqui é a promiscuidade [*Promiskuität*]. Num vestibulo desembocam as portas de três *ménages*: os Cohn, os Stühler e nós. Banheiros e toaletes comuns. Cozinha em conjunto com os Stühler, só parcialmente dividida – uma pia para todos os três –, um pequeno espaço contíguo como cozinha para os Cohn.” Registro feito em 14 de dezembro de 1943, em KLEMPERER, p. 657. A passagem na edição alemã encontra-se em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher - 1943*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 161.

peçoais com a venda de propriedades judias.²⁸⁹ A sua atitude de esperar e protelar qualquer decisão referente a esse assunto é característica de seu comportamento quando confrontado com as diversas escolhas que ele realizou até este momento. Simultaneamente, ele não percebia alternativas viáveis que poderiam contribuir para a sua situação.

6.2 TESTEMUNHO

Tendo em mente a atuação da Gestapo, a presença das deportações e os boatos de extermínio, as reações dos judeus foram uma variação de apatia e desespero. Na medida em que não havia mais considerações com os demais e a focalização de cada um somente em sua situação particular, Klemperer percebe que o seu comportamento, assim como o dos outros em situação semelhante, era alterado para a focalização da própria sobrevivência. Alguns, no entanto, recebiam as notícias de deportações como sendo o fim da capacidade de resistência, preferindo tirar a própria vida do que sofrer o mesmo destino dos demais deportados.

Essa atitude ficaria mais comum na medida em que as deportações progrediam e os boatos divulgavam tanto os acontecimentos da guerra quanto as mortes dos judeus. Klemperer, por exemplo, escreve ter conhecimento da existência do campo de Auschwitz, mas não demonstra identificar o propósito de extermínio sistemático que ocorria e nem do uso de gás nesse local especificamente. Para ele, os boatos informavam apenas que era considerado o pior campo de concentração e que as mortes ocorriam lá devido a longas jornadas de trabalhos exaustivos em minas.²⁹⁰

A ausência de maiores detalhes nos boatos registrados por Klemperer não deve ser considerada como derivadas da falha na informação, uma vez que outros acontecimentos, como fuzilamentos e deportações, estavam ocorrendo em escala muito maior neste período específico. Pela simples dimensão que a metodologia da morte dos judeus adquiria em toda a Europa, uma quantidade muito grande de informações poderia estar sendo divulgada por boatos, juntamente com as práticas realizadas dentro dos campos, como pode ser observado em:

Simultaneously, within a few weeks, huge extermination operations by shooting or in gas vans would engulf further hundreds of thousands of Jews in Belorussia and in the Ukraine (the second sweep), while “standard” on-the-spot killings remained common fare throughout the winter in the occupied areas of the USSR, in Galicia, in

²⁸⁹ Como ele registra em 14 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, p. 575.

²⁹⁰ “Nesses dias, ouvi falar que o mais terrível campo de concentração é Auschwitz (ou coisa parecida), perto de Köningshütte, na Alta Silésia. Trabalho nas minas, morte depois de poucos dias.” Registro feito em 16 de março de 1942, em KLEMPERER, p. 437.

the Lublin district, and several areas of eastern Poland. (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 358).

Mesmo sem ter conhecimento da dimensão que o extermínio adquiria nos anos finais, Klemperer identifica que a deportação significa a morte para os judeus, e os seus diários apontam que outros também compartilhavam dessas mesmas conclusões. A prática do suicídio tornou-se uma resposta comum daqueles que estavam próximos de suas deportações, e Klemperer descreve perceber que os casos aumentavam consideravelmente de acordo com cada lista de convocação:

Balanço dos feriados: até agora quatro suicídios entre os judeus. Um casal foi solicitado a comparecer à Gestapo depois de uma busca domiciliar, tomou Veronal. Um alfaiate e um comerciante enforcaram-se na prisão antes da deportação para o campo de concentração. Saída de novos transportes de evacuação de Berlim e de inúmeras outras cidades.²⁹¹

Com tais ocorrências, é possível a interpretação de que informações sobre as deportações e os fuzilamentos eram conhecidas o suficiente para, juntamente com o medo profundamente estabelecido da Gestapo, inclinar indivíduos a cometerem suicídio mesmo após terem sobrevivido até esse período. Hartig conclui que, a partir de 1940, o suicídio passou a ser mais disseminado entre os judeus e aceitado com uma possível resposta à opressão vivida:

After the deportations started many felt that the chances of survival were scant even before more precise knowledge about what was happening to deportees could be ascertained; life in such dehumanized conditions was simply perceived as not to be worth living; a feeling of utter helplessness led to the conclusion that suicide was the only way out. (HARTIG, 2007, p. 265).

Uma vez que Klemperer recebia informações por meio de boatos e de outros judeus, é possível interpretar que eram conhecidos os acontecimentos ocorridos no Leste europeu. Não foi necessário haver perspectiva ampla dos processos de deportação ou de confirmação das mortes, uma vez que havia muitos indícios que demonstravam, principalmente para estes atingidos diretamente, o destino daqueles que eram deportados ou presos em campos de concentração. Os registros indicam que, da mesma forma que Klemperer interpretou, era possível que demais indivíduos, utilizando as mesmas bases, chegassem às mesmas

²⁹¹ Registro feito em 5 de abril de 1942, em KLEMPERER, p. 443. Outros casos de suicídios são descritos com frequência, e percebidos por Klemperer como uma consequência direta da ameaça da Gestapo: “Tornou-se agora uma norma fixa: no dia seguinte a uma busca domiciliar, suicídios. Juntamente com o discurso de Hitler, ficamos sabendo de novo caso. Um casal Feuerstein, na Altenzeller Strasse, foi pilhado, depois solicitado a comparecer à Gestapo, lá espancado e pisoteado; de madrugada os dois foram encontrados mortos na cozinha cheia de gás.” Registro feito em 28 de abril de 1942, em KLEMPERER, p. 452.

conclusões.²⁹² Várias passagens indicam como esses elementos estavam presentes no cotidiano dos judeus, a ponto de Klemperer descrever:

Mas as conversas entre judeus levam sempre à mesma consideração: “se houver tempo, eles nos matarão antes”. Alguém disse ontem à sr. Ziegler: sente-se como uma vitela no abatedouro, que fica observado como as outras vitelas são abatidas antes dele e esperando que chegue a sua vez. O homem tem razão.²⁹³

A resposta de Klemperer a estes fatores, no entanto, foi distinta. Enquanto os demais judeus demonstravam medo e desespero proveniente dos acontecimentos, ele caracterizava-se como “o otimista”, utilizando argumentos nos quais defendia a incerteza do futuro como base para a manutenção da esperança. Mesmo em momentos nos quais não acreditava em suas próprias palavras, Klemperer afirmou que a derrota da Alemanha na guerra seria apenas uma questão de tempo e que ainda haveria chances de sobrevivência para ele e para os demais. Tais registros podem ser interpretados como contraditórios ao serem comparados com outros, nos quais afirma que esperava ser um dos próximos a serem deportados, mas a arbitrariedade e a aparente irregularidade nas operações do Nacional-Socialismo formavam incertezas que também sustentariam, até determinado ponto, a sua interpretação de possível sobrevivência.²⁹⁴

Assim como nos períodos anteriores, Klemperer procura estudar como forma de distração de seus problemas mais imediatos. Além da continuidade da narrativa do cotidiano na escrita do diário, ele analisa a propaganda do Nacional-Socialismo em seus discursos e publicações com o objetivo de observar a linguagem utilizada pelo partido e até mesmo adquire um exemplar do *Mein Kampf* em sua atividade independente.²⁹⁵ Em diversas

²⁹² Algumas passagens relatam conversas que Klemperer teve com outros judeus, os quais demonstravam ter conhecimento da intenção dos nazistas de assassinar os judeus alemães: “Durante a ronda de quinta-feira, Rieger leu-me uma notícia de um jornal, segundo a qual trezentos mil judeus da Hungria foram expropriados e internados. Como sempre, ele estava bastante pessimista: com certeza, seríamos todos fuzilados ou envenenados com gás.” Registro feito em 29 de abril de 1944, em KLEMPERER, p. 683.

²⁹³ Registro feito em 23 de outubro de 1942, em KLEMPERER, p. 547.

²⁹⁴ O desenvolvimento da guerra aparenta formar o principal elemento que constituía a sua esperança do fim do governo nazista e, ao acompanhar as notícias dos conflitos e identificar sucessivas derrotas, Klemperer aponta como rápida a forma pela qual a Alemanha estaria encaminhando para a conclusão desses acontecimentos, como se observa em uma conversa com outros habitantes: “A sra. Reichenbach estava muito mal dos pés e queixava-se de Katz [o médico que atendia os judeus], que a tinha declarado apta para o transporte por medo da Gestapo; a sra. Reichenbach também ficou febrilmente exaltada por segundos: ‘O sr. acredita *realmente* [wirklich], sr. professor; o sr. acredita *realmente* que não pode mais durar muito, ou o sr. só diz isso para meu consolo?’. ‘Para o meu também’, seria a resposta correta, ou ‘à la Coué’. Mas, naturalmente, eu acreditava ‘realmente’ nisso, não se tratava de uma questão de acreditar, era certeza absoluta, a Itália cairia fora nas próximas semanas, e então tudo terminaria rápido.” Registro feito em 24 de novembro de 1942, em KLEMPERER, p. 559. A passagem na edição alemã se apresenta em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher - 1942*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 281.

²⁹⁵ O seu interesse por essas publicações aponta-se como profissional, e ele demonstra grande esforço e persistência na busca por jornais e demais livros que possibilitem a sua análise do discurso e da linguagem do Nacional-Socialismo, como se observa em: “Agora quero finalmente dedicar-me à *Minha Luta* de Hitler, que já está aqui a semanas.” Registro feito em 29 de setembro de 1943, em KLEMPERER, p. 644.

passagens, há a afirmação da relevância que o trabalho possui para a sua estabilidade emocional, possibilitando a sua sustentação psicológica e afastando-o momentaneamente da repressão e da possibilidade de morte.²⁹⁶

A necessidade de isolamento do medo que o cerca é demonstrada como um dos motivos principais na continuidade da escrita. Klemperer defende que a permanência do seu diário, juntamente com a realização de suas leituras e anotações, ocorre independentemente de qualquer dificuldade ou risco que essas atividades poderiam apresentar.²⁹⁷ Enquanto essa sustentação possa ser semelhante àquela definida por ele nos anos anteriores, em 1942 ocorre uma alteração distinta no propósito de sua realização. A sensação de urgência e de perigo imediato sentidas por Klemperer o direcionam a estabelecer outra essência na caracterização dos seus registros.

A formulação baseada a partir da percepção da crescente possibilidade de sua morte delimitou a especificidade do novo propósito, como observado na passagem que se tornou uma das mais marcantes de todo o seu diário: “Quero prestar testemunho até o fim.”²⁹⁸ Na fundamentação do seu testemunho, Klemperer define como essencial o registro de seu sofrimento, principalmente quando este se apresentava nos pequenos detalhes, o que será descrito por ele em: “Não se trata dos grandes acontecimentos, e sim do dia-a-dia da tirania, que será esquecido. Mil picadas de mosquito são pior que um só golpe na cabeça. Eu observo, eu anoto as picadas de mosquitos [...]”²⁹⁹

²⁹⁶ A afirmação de que Klemperer consegue encontrar felicidade e paz momentânea são evidentes e descritas de acordo com a possibilidade de desenvolvimento dos seus trabalhos pessoais e, conseqüentemente, ele sente-se estressado e mais incomodado quando não percebe progressos: “E, no entanto – o fato de levar o trecho em questão, poderia até ser o último, me estimula a fazer um apanhado geral –, durante muitas horas do dia sou plenamente feliz. Estudo preparo publicações, durante os próximos anos, não precisarei mais ter novas ideias criativas, apenas a oportunidade de elaborar aquilo que está planejado e esboçado.” Registro feito em 24 de outubro de 1942, em KLEMPERER, p. 548.

²⁹⁷ O distanciamento do medo torna-se marcante quando as deportações e as mortes atingiam indivíduos próximos a Klemperer, fazendo-o refletir sobre a possibilidade de que ele mesmo poderia ser selecionado em seguida. Como descreve, o medo, nesses casos, é maior do que a compaixão com aquele que foi deportado, e Klemperer conclui: “Trabalhar, embriagar-me de trabalho!” Registro feito em 29 de novembro de 1942, em KLEMPERER, p. 561. A continuidade da escrita como atividade indispensável é afirmada quando se torna mais explícita para ele a dimensão da incerteza na qual estava inserido, sendo esta derivada da irregularidade das deportações e da instabilidade de sua suposta segurança proveniente de seu casamento, fazendo com que ele afirme: “Eu mesmo quero forçar-me ao trabalho até o último instante.” Registro feito em 28 de fevereiro de 1943, em KLEMPERER, p. 590; e também em: “Quero continuar minhas observações até o último minuto, anotá-las, estudá-las. De nada adianta o medo, e tudo está nas mãos do destino.” Registro feito em 21 de julho de 1944, em KLEMPERER, p. 705.

²⁹⁸ Registro feito em 11 de junho de 1942, em KLEMPERER, p. 480. Em alemão, a passagem observa-se como “*Ich will Zeugnis ablegen bis zum letzten.*” Em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher - 1942*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 124. Embora essa seja uma das passagens mais conhecidas dos diários de Klemperer, há um registro anterior que é o primeiro no qual ele explicita a sua intenção de testemunhar, nos seus escritos, o vivido: “Mas continuo escrevendo. Este é *meu* heroísmo. Quero prestar testemunho e testemunho exato.” Registro feito em 27 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 466.

²⁹⁹ Registro feito em 8 de abril de 1944, em KLEMPERER, p. 682.

Enquanto o elemento motivador é modificado e redefinido nessa afirmação, a escrita narrativa fica caracterizada pelo propósito de registro do seu sofrimento pessoal. Não houve posicionamento instável, uma vez que Klemperer procurou coexistir a sua nomeada obrigação com a intenção anterior de manter a distração. O conflito no qual o registro da sua experiência e do medo estariam em uma situação oposta do seu afastamento psicológico desses mesmos pontos é inexistente, sendo que o novo propósito é priorizado sobre os demais fatores.

Ao testemunhar seu sofrimento pessoal, Klemperer dá maior ênfase em determinados elementos presentes no seu cotidiano e nas suas respostas à acontecimentos específicos em seu contexto. A repressão exercida pelos decretos antisemitas e pelas abordagens da Gestapo, juntamente com as dificuldades provenientes da guerra, contribuem para que Klemperer não somente defina o medo como principal característica presente, mas também a apatia com os demais judeus que se encontravam em semelhante situação.³⁰⁰

Com a naturalização das deportações, dos suicídios e das abordagens policiais, cada um apenas demonstrava preocupações na medida em que tais pontos o atingia, enquanto o medo e as privações afetavam todos igualmente. Klemperer também se mostra pouco afetado com as notícias de deportações ou com as mortes dos outros, registrando, em várias passagens, como tais acontecimentos lhe são pouco relevantes, como pode ser visto no seu relato de um suicídio: “A sra. Pick tentou o suicídio pela segunda vez, desta vez, com sucesso. Veronal. Medo de maus-tratos da Gestapo durante o transporte, talvez medo do desconhecido em Terezin.” Ele somente descreve como reação: “Novamente, constatei em mim total frieza no coração e indiferença. Meu primeiro pensamento: vamos herdar batatas.”³⁰¹

Ao mesmo tempo do registro dessas ponderações, ocorreu paralelamente o questionamento de sua efetividade. A reafirmação da necessidade da escrita e do trabalho foi reflexo do constante questionamento dos seus efeitos práticos, sendo ele pressionado pela percepção da aparente inevitabilidade da sua deportação e morte. Tendo em mente a proximidade desse desfecho, Klemperer realiza perguntas sobre a natureza da escrita para si e

³⁰⁰ A indiferença com os demais, mesmo aqueles próximos, foi uma atitude presente aparentemente em todos, como observado em: “Talvez cada um dos presentes estivesse em parte indiferente, em parte preocupado apenas com o próprio destino. (Os velhos: ‘Dentro de quinze dias no próximo transporte!’; os mais jovens: ‘E nós, para onde vamos?’ Ou: ‘Seremos assassinados aqui?’.)” Registro feito em 7 de setembro de 1942, em KLEMPERER, p. 534.

³⁰¹ Registros feitos em 20 de agosto de 1942, em KLEMPERER, p. 521. A normalidade dos suicídios já havia sido estabelecida anteriormente, em: “Suicídio, tentativa de suicídio: a rotina cotidiana. Amanhã o caso será superado por um outro.” Registro feito em 31 de julho de 1942, em KLEMPERER, p. 511.

tenta definir se a prática seria uma atividade corajosa ou apenas algo infrutífero ou irrelevante.³⁰²

A sua resposta principal identificada nesse período, ainda assim, permanece sendo o medo. Não somente é colocado como o centro de sua experiência, moldando seu comportamento e preenchendo seu cotidiano, mas também é descrito como em direta oposição e elemento essencial para o seu testemunho. O medo da morte era concreto e bastante presente em seus diários, com forte percepção do perigo no qual encontrava-se e do impacto das medidas antissemitas do Nacional-Socialismo sobre si.³⁰³ Klemperer identifica nesse sentimento o maior e mais eficiente efeito do Nacional-Socialismo sobre os judeus e, devido a isso, seu testemunho é marcado pela narrativa e reafirmação de sua constante existência:

Esta sensação, o medo puro e simples de ser estrangulado no escuro, preciso deixar isso gravado no Curriculum; isto é igualmente uma característica deste último ano; não contamos mais com a cadeia ou com surras, e sim, simplesmente, com a morte em qualquer oportunidade.³⁰⁴

6.3 INTERPRETANDO COMPORTAMENTOS CONTRADITÓRIOS

A alteração ocasional de seu posicionamento entre a reafirmação do medo presente e a sustentação da esperança é reflexo da coexistência de outros fatores em seu cotidiano, alguns dos quais o faziam duvidar da veracidade do extermínio dos judeus. Um desses elementos é derivado da necessidade de mão de obra para a indústria, direta ou indiretamente voltada à guerra. Foi identificado por ele que as fábricas disputavam os judeus com a Gestapo, sendo que as primeiras os defendiam devido à sua intenção de usá-los como trabalhadores enquanto

³⁰² Quando aborda a deportação dos judeus, ele percebe a inevitabilidade da morte e reflete: “Sob estas condições, trata-se pelo menos de um ato corajoso escrever este diário?” Registro feito em 4 de julho de 1942, em KLEMPERER, p. 497. Mesmo com a definição da sua narrativa como testemunho, ele ainda se demonstra incomodado com a perspectiva da inevitabilidade: “Mas anotei tudo isto (que me vem à cabeça diariamente, muitas vezes todos os dias) unicamente porque não quero deixar uma folha em branco. E logo em seguida continuarei o trabalho, isto é, a leitura e as anotações. Não movido por uma energia especial, e sim porque não consigo fazer nada de melhor com meu tempo.” Registro feito em 27 de setembro de 1944, em KLEMPERER, p. 727.

³⁰³ Mais do que um conhecimento geral, Klemperer descreve as consequências que poderiam ocorrer caso fosse preso ou deportado: “A qualquer hora, poderei ser o próximo. E ficar numa cela esperando pelo carrasco minuto a minuto, talvez um dia, talvez semanas, talvez ninguém me estrangule aqui (‘não me enforco’), e morro apenas a caminho do campo de concentração (‘fuzilado durante tentativa de fuga’), ou em Auschwitz por ‘insuficiência cardíaca’. É tão escabroso [*entsetzlich*] pensar tudo isso em todos os seus detalhes em relação a mim, em relação a Eva. Tento afastar esses pensamentos, quero aproveitar todo dia, toda hora. Talvez eu sobreviva realmente.” Registro feito em 25 de abril de 1943, em KLEMPERER, p. 597, e na edição alemã em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher – 1943*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 57.

³⁰⁴ Registro feito em 11 de maio de 1943, em KLEMPERER, p. 610.

o partido procurava deportá-los, independentemente de sua capacidade produtiva na indústria.³⁰⁵

Ainda em 1942, Klemperer foi convocado para a realização de diversos trabalhos, tanto em fábricas quanto fora delas, mesmo tendo mais de 60 anos e sofrendo de problemas cardíacos. Nessas atividades, ele teve a oportunidade de observar diretamente como eram os tratamentos de judeus por alemães, sendo estes os supervisores encarregados de sua vigilância durante o trabalho ou até mesmo trabalhadores que dividiam as tarefas ao seu lado. Novamente, ele questionou a opinião popular tanto com relação aos judeus quanto ao apoio ao Nacional-Socialismo, e o comportamento demonstrado pelos outros em seu relacionamento com ele contribuiu para que fossem formadas interpretações explicativas sobre a guerra, o partido e o extermínio.

A sua primeira convocação para o trabalho foi para a remoção de neve acumulada nas ruas em fevereiro desse ano. Apesar de achar que o esforço seria demasiado pesado para a sua condição física, Klemperer consegue suportar o trabalho sofrendo apenas com o cansaço e descreve, aos poucos, as pessoas e os acontecimentos envolvendo a realização dessa atividade. Os trabalhadores consistem, em sua maioria, de pessoas mais velhas e provenientes de classes mais baixas do que ele, o que lhe causa alegria por sua situação mais vantajosa, mas não apresentam grande diferença em comparação com o comportamento exibido por aqueles que já conhecia.³⁰⁶

Na identificação do tratamento com o qual os capatazes [*Vorarbeiter*] exerciam o controle sobre os judeus, Klemperer percebeu não somente sinais de simpatia, mas atos que desafiavam o partido Nacional-Socialista e o seu antissemitismo. A descrição da remoção de neve possui grande presença de anotações que ressaltam a visível solidariedade exercida,

³⁰⁵ “Recentemente, expressou seu temor que transportes de judeus sejam fuzilados logo na chegada. Mas há evidentemente enorme escassez de mão-de-obra, e em que um judeu morto pode trabalhar?” Registro feito em 17 de janeiro de 1942, em KLEMPERER, p. 418. Porém, logo se identifica que a necessidade de trabalho tornou-se mais urgente do que o extermínio, possibilitando que as deportações, ao menos de Dresden, fossem interrompidas temporariamente: “Finalmente, vitória total da fábrica: ela não só mantém todo o seu pessoal, mas também, provavelmente, vai arregimentar todos os judeus restantes que trabalham em firmas de Dresden, de modo que o transporte deixa de ocorrer.” Registro feito em 18 de janeiro de 1942, em KLEMPERER, p. 419.

³⁰⁶ Iniciando os trabalhos em 14 de fevereiro, demoraria quase dez dias para que Klemperer descrevesse todos no seu grupo por nome e ocupação. Segundo ele, todos estariam preocupados com os mesmos perigos e possuiriam os mesmos medos e, ao identificar que era um dos mais jovens, ele afirma: “Faz-me bem estar junto com tantas pessoas mais velhas do que eu. A maioria delas é menos ágil, mais fraca, mais sofredora do que eu, todas estão mais próximas da morte e todas vivem na maior naturalidade sem qualquer vida *espiritual* [*Selbstverständlichkeit ganz ungeistig*]. Todas elas tiram menos proveito do dia do que eu, vão dormir às nove horas. De fato: qual delas tem tarefas que ainda deseja terminar?” Registro feito em 25 de fevereiro de 1942, em KLEMPERER, p. 429.

tanto em palavras quanto em ações.³⁰⁷ No entanto, esse cuidado especial era conhecido por ser arriscado e havia avisos nos quais os judeus eram lembrados de não comentar sobre o bom tratamento. Pelo contrário, eles eram recomendados a reforçar que eram abusados e explorados para que ninguém corresse o risco de ser denunciado, como pode ser visto em:

Outros chefes de turma, outros guardas, os dois, de novo, muito humanos e antinazistas. “Não digam que tratamos bem os srs., nem mesmo na congregação, é preferível que os srs. Digam o contrário, senão teremos problemas.” “Não se sobrecarreguem.” “Não posso lhes dizer: ‘trabalhem devagar’, os srs. é que devem decidir” etc, etc.³⁰⁸

Mesmo sendo um trabalho curto, terminando no fim do inverno, as opiniões de apoio aos judeus nesse período formariam um padrão que se repetiria no decorrer dos anos finais da guerra. Tanto nos trabalhos aos quais Klemperer foi convocado a realizar quanto em público, haveria a presença de pessoas que não tinham reservas em declarar-lhe o seu apoio ou prestar-lhe ajuda e aos demais judeus. Ao mesmo tempo, no entanto, não foram raros os casos nos quais ele foi ofendido por civis enquanto andava na rua, contribuindo para que questionasse, assim como fez anteriormente, sobre os efeitos da ideologia antissemita e da propaganda ideológica do Nacional-Socialismo.³⁰⁹

A propaganda antissemita intensificou o seu radicalismo e focalizou crescentemente suas acusações que exploravam o controle dos judeus sobre os países envolvidos na guerra contra a Alemanha, apesar da pouca presença de passagens nos diários que evidenciem uma grande alteração nos discursos oficiais. Não são numerosos os registros nos anos finais que abordam o antissemitismo publicado pelos nazistas, uma vez que Klemperer teve cada vez menos acesso às publicações e liberdade para buscar informações dessa natureza. Quando existentes, as suas observações são oriundas principalmente dos discursos dos líderes do partido e de demais transmissões por rádio, ao qual ele tinha acesso em seus trabalhos ou que eram posteriormente publicados e divulgados em diversos jornais.

Dentre as passagens existentes, é possível mencionar, como exemplo, um discurso de Hitler de 1942 no qual há uma visível expressão do desespero e da histeria do Führer, no qual seria afirmado, segundo Klemperer: “A concentração do ódio atingiu desta vez a máxima

³⁰⁷ Diversas descrições salientam diferentes aspectos desse tratamento, variando desde declarações tal qual: “O sr. não deve esforçar-se demais, o Estado não exige isso”, no registro feito em 15 de fevereiro de 1942, em KLEMPERER, p. 425, assim como em “A *que ponto* chegou a Alemanha!”, em 18 de fevereiro de 1942, em KLEMPERER, p. 427. Em alemão, essa última passagem lê-se como: “So weit ist es mit Deutschland gekommen!” Em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher – 1942*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 27.

³⁰⁸ Registro feito em 18 de fevereiro de 1942, em KLEMPERER, p. 426.

³⁰⁹ Friedländer ressalta que os relatórios oficiais do partido apontam para a identificação de uma hostilidade crescente da população, com a menção de ocasionais atitudes de gentileza. Em alguns casos, como exemplifica o autor, a agressividade seria derivada dos reflexos que a guerra gerava para os alemães, assim como a disputa pelos produtos que tinham em quantidades limitadas nos mercados (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 53).

loucura. Não a Inglaterra ou os Estados Unidos ou a Rússia – *somente*, em tudo e unicamente, *o judeu*.”³¹⁰

O efeito da propaganda, dessa forma, permanece sendo um dos pontos centrais na sua observação do contexto e, com os casos nos quais ele é ofendido enquanto andava na rua, esse questionamento adquire novas bases para as suas reflexões. Levando em consideração a citação anterior, não se passou grande período de tempo para que fossem observados possíveis efeitos sobre a sociedade, sendo que Klemperer escreve, no mesmo dia: “Os discursos de Hitler fazem realmente efeito? Um velho operário (*velho* e *operário* segundo as probabilidades!) gritou para mim de sua bicicleta “*Seu judeu ordinário!*”.”³¹¹

As crianças mais jovens tinham uma tendência maior a ofender os judeus do que os mais velhos e Klemperer registra que tais provocações eram formadas principalmente de brincadeiras realizadas ocasionalmente. Apesar de não envolver insultos graves ou violência física, esses jovens causavam desconforto pela atitude agressiva, usufruindo do poder atribuído a eles pelo partido nazista e da oportunidade de hostilizar sem serem contidos. Em diferentes ocasiões há registros descrevendo o comportamento daqueles que, inseridos na Juventude Hitlerista e possuindo grau e intensidade maiores de doutrinação ideológica, eram identificados como os mais propensos a refletir o antissemitismo em seu cotidiano, mesmo que ainda em sua forma infantil. Em 1943, uma passagem indica que o número de casos pode ser maior, uma vez que, segundo ele:

Quando volto para casa do cemitério pela Fliederstrasse, passo por uma escola grande (ou seria um conjunto de escolas?). Muitas vezes, os estudantes vêm saindo correndo da escola e, nesse caso, tenho sempre a mesma experiência: os meninos maiores passam por mim educadamente, os pequenos, ao contrário, riem, chamam-

³¹⁰ Registro feito em 28 de abril de 1942, em KLEMPERER, p. 452.

³¹¹ Registro feito em 28 de abril de 1942, em KLEMPERER, p. 452. Em alemão, a fala é descrita como “*Du Judenluder!*”, o que aparenta ser mais ofensivo do que a sua tradução permite observar, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher – 1942*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 75. Acontecimento similar ocorre pouco tempo depois, o que apenas fortalece a suposição de Klemperer dos efeitos da propaganda sobre a população: “Sem dúvida, em algum lugar devem estar os partidários do regime, em algum lugar a propaganda nacional-socialista deve fazer efeito. Ontem à noite, novamente um trabalhador de barba grisalha gritou para mim de sua bicicleta: ‘Seu judeu vagabundo!’”. Registro feito em 27 de julho de 1942, em KLEMPERER, p. 508. Em alemão a ofensa é descrita como “*Du Judenlump!*”, em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher – 1942*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 186.

me de “judeu” e coisas parecidas. Os pequenos, portanto, foram incutidos – nos maiores, isso já não funciona mais.³¹²

O comportamento antissemita presente nos adultos, enquanto descritos em menor quantidade, apontavam para uma hostilidade maior contra os judeus. Ocorrendo de forma semelhantemente arbitrária, derivando do acaso dos encontros, as ofensas provenientes das pessoas mais velhas foram descritas por Klemperer como sendo de maior relevância pelo impacto sobre a sua interpretação da opinião popular e sobre o seu estado psicológico. Não havendo características pré-determinadas dos indivíduos ou locais onde estas ofensas teriam maior probabilidade de ocorrerem, os diários demonstram que a agressividade poderia ser observada em qualquer ambiente, principalmente nos espaços públicos. Ao ser insultado, Klemperer registra observações que identificam características individuais e procura descrever os autores dos comentários ofensivos, salientando a idade e a suposta classe social. Pela identificação de roupas e comportamento, ele aponta se tais pessoas seriam membros do proletariado ou se possuíam elementos burgueses em sua formação. No entanto, a heterogeneidade tanto dos provocadores quanto dos simpatizantes impossibilita, segundo a sua perspectiva, estabelecer qualquer parâmetro categórico.³¹³

Além das demais ofensas na rua anteriormente descritas, dois casos podem ilustrar a conduta contra os judeus exercida por civis das quais Klemperer sofreu pessoalmente. O primeiro deles ocorreu durante a espera de um atendimento médico, onde uma grande quantidade de pessoas aguardava e, segundo a descrição:

No corredor da assistência médica. Como único estrelado, caminho para lá e para cá diante de um banco ocupado por pessoas. Ouço um trabalhador dizer: “Deveriam dar-lhes uma injeção. Assim se acabaria com eles!”. Refere-se a mim? Aos estrelados? Alguns minutos depois, o homem é chamado. Sento-me em seu lugar.

³¹² Registro feito em 17 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, pág. 577. Klemperer registra ao menos dois casos somente em 1942, sendo o primeiro descrito como: “Dois meninos, cerca de doze e seis anos, respectivamente, não proletários, vêm ao meu encontro sobre uma calçada estreita. À guisa de travessura, o mais velho empurra o menor contra mim e grita: ‘Judeu!’. Torna-se cada vez mais difícil suportar esta humilhação.” Registro feito em 14 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 457; e o segundo como: “Dois meninos crescidos, pertencentes à juventude hitlerista alcançam-me por trás, de bicicleta; fazem brincadeiras uns com os outros, riem alto, gritam alguma coisa – nem percebo que se referem a mim, só podem perceber a estrela ao olhar para trás. Logo em seguida, na direção contrária, um trabalhador de bicicleta, de cerca de vinte anos; ele se curva com um sorriso simpático dirigido a mim: ‘O sr. não deve se importar com isso!’. Acenei-lhe com a cabeça.” Registro feito em 5 de outubro de 1942, em KLEMPERER, p. 543. Ambos apontam para o caráter provocativo dessas atitudes individuais, causando poucos efeitos práticos, mas atingindo os judeus em seu estado psicológico e emocional.

³¹³ Como se observa em: “No caminho para casa, ofenderam-me os insultos de um menino bem vestido, de aparência inteligente, de cerca de onze, doze anos. ‘Matem o velho judeu, velho judeu!’ O menino deve ter pais que apoiam o que lhe é incutido na escola e pelos moleques de rua.” Registro feito em 17 de agosto de 1943, em KLEMPERER, p. 633.

Uma senhora idosa ao meu lado, sussurrando: “Isso foi uma maldade! Talvez um dia ele sinta na própria pele o que desejou ao sr. Nunca se sabe. Deus é juiz!”.³¹⁴

O segundo ocorre em uma farmácia que é descrita como estando sempre movimentada. Klemperer nota que o atendente da loja o faz esperar constantemente e, mesmo tendo poucos fregueses, costumava dar preferência a outros. Ao perceber a recusa do vendedor, Klemperer sente-se mais humilhado e perceptível da frágil situação na qual se encontrava.³¹⁵ Em todas as ocasiões, é visível a imprevisibilidade que o comportamento agressivo poderia ocorrer, não havendo necessidade de ambiente propício ou de conhecimento entre os envolvidos.

A sua pequena presença nas descrições não indica a pouca quantidade de indivíduos que estariam dispostos a demonstrar hostilidade contra os judeus em público, assim como também não é possível estabelecer conclusões sobre a influência da ideologia antissemita na população. Enquanto realiza observações pontuais, Klemperer demonstra indícios do comportamento no cotidiano social, tal como vivenciado por ele mesmo e sem a intenção ou capacidade de abrangência maior. Ainda assim, é possível realizar comparações na medida em que essas hostilidades conflitavam com o comportamento defendido pela propaganda do Nacional-Socialismo.

Uma vez que as declarações antissemitas coexistiam com igualmente inesperadas demonstrações de apoio, é possível observar como ambas eram descritas nos diários e formavam uma percepção mais complexa do contexto. Os registros que abrangem as atitudes simpáticas de civis talvez possam ser consideradas como mais relevantes devido ao perigo que representavam. Enquanto qualquer contato poderia ser interpretado pela Gestapo como infração, gerando punições tanto para o “ariano” quanto para o judeu, ainda havia aqueles dispostos a se arriscarem somente com o objetivo de demonstrar simpatia e apoio.³¹⁶

Iniciando com o pequeno impacto que a implementação obrigatória da estrela amarela gerou na população alemã, os diários apontam para um comportamento que, quando não indiferente, demonstrava preocupação e solidariedade com os judeus com maior frequência do

³¹⁴ Registro feito em 7 de fevereiro de 1944, em KLEMPERER, p. 675.

³¹⁵ Registro feito em 16 de agosto de 1944, em KLEMPERER, p. 710. Situação semelhante ocorreu dois anos antes, quando ele adquiria comida em um fornecedor. Segundo a sua descrição: “Quando o homem já tinha minha identificação na mão, apareceu uma mulher jovem, de cabelos tingidos de loiro, com uma cara perigosamente estúpida [*mit gefährlich borniertem Gesicht*], talvez a mulher de um quitandeiro: ‘Eu cheguei primeiro aqui, o judeu que espere’. Jentsch atendeu-a obedientemente e o judeu esperou.” Registro feito em 19 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 461. Na edição em alemão, a passagem encontra-se em KLEMPERER, Victor. *Tagebücher – 1942*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 90.

³¹⁶ A prisão de pessoas que demonstrassem relações amigáveis com judeus foi determinada logo em 1941, podendo ser sentenciadas a, no mínimo, 3 meses em um campo de concentração (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 288).

que o oposto.³¹⁷ Quando não vivenciados por ele mesmo, Klemperer descreve boatos que circulam sobre críticas dos alemães às formas pelas quais os judeus eram tratados pelos nazistas, incluindo nos momentos de deportação.³¹⁸ Essas críticas eram, até determinado ponto, reconhecidas pelo partido e refletidas novamente em sua propaganda. Ao ter contato com um jornal trazido por um colega, ele observa novamente a propaganda antissemita escrita em um artigo, culpando os judeus pelo conflito e pela situação da Alemanha na guerra. A aparente normalidade dessa publicação foi impactada pela afirmação, no mesmo texto, do reconhecimento do partido da existência de pessoas que criticam as deportações e as demais medidas, como descreve em:

A objetividade fingida, a obsessão, o folclore, a limitação a um único denominador comum, a ênfase: *a questão judaica é essencial*. Muito importante a frase: “Há hoje muitas pessoas que se queixam que estamos dizimando os judeus da Europa – antes, elas deveriam se queixar da desgraça toda que os judeus...” isto significa, portanto, 1) *eles* começaram; 2) e, principalmente: a dizimação dos judeus não é tão popular na Alemanha.³¹⁹

Alguns desses atos bondosos foram somente palavras gentis e cumprimentos, mas que mesmo assim poderiam gerar problemas caso houvesse denúncia ou o flagrante de um agente Nacional-Socialista.³²⁰ Outros casos indicam a pré-disposição de indivíduos para ajudar,

³¹⁷ Friedländer argumenta que demonstrações de simpatia originados pelo uso da estrela aconteciam com determinada frequência, e que os testemunhos orais e as experiências pessoais apontam para a ocorrência regular de tais ações, contradizendo os relatórios oficiais que afirmam o contrário. Segundo o autor, no entanto, as demonstrações de agressividade não alteraram a aceitação passiva e a prevalência da indiferença do uso da estrela amarela (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 255).

³¹⁸ Sobre uma operação de deportação observada por uma moradora da casa, Klemperer descreve: “Käthen contou que muitas pessoas, arianos, assistiram à operação e expressaram seu imenso desagrado. ‘É assim que *eles* estão tratando os judeus! Transportando-os como gado.’” Registro feito em 14 de julho de 1942, em KLEMPERER, p. 501.

³¹⁹ Registro feito em 29 de maio de 1943, em KLEMPERER, p. 615. Os termos “dizimando” e “dizimação” utilizados por Klemperer encontram-se, na versão alemã, como “*ausrotten*” e “*Judenvertilgung*”, respectivamente. Enquanto que o primeiro termo já foi identificado anteriormente em outras passagens citadas, o segundo não tem uso tão frequente, mesmo sendo uma palavra sinônima. KLEMPERER, Victor. *Tagebücher – 1943*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 87.

³²⁰ Por serem discretas e de pouca expressão efetiva, é possível interpretar que os cumprimentos trocados entre alemães e judeus não eram raros de ocorrerem, mesmo em locais públicos, como é descrito em: “Quando cheguei do cemitério no domingo à tarde um senhor de idade andava pelo caminho do parque da Lothringer Strasse – cavanhaque branco, cerca de setenta anos, alto funcionário aposentado – e veio em diagonal na minha direção, estendeu-me a mão, disse-me com uma certa cerimônia: ‘Vi sua estrela e cumprimento-o, condeno esta proscrição de uma raça e muitas pessoas pensam assim’. Eu: ‘Muito simpático de sua parte, mas o sr. não pode falar comigo, pode custar-me a vida e leva-lo à cadeia’. Sim, mas quis e precisou dizer isso para mim.” Registro feito em 19 de julho de 1943, em KLEMPERER, p. 624. E também se observa em: “Mas ontem também aconteceu o seguinte: na Wasaplatz, duas senhoras de cabelos brancos, talvez professoras de uns sessenta anos, como as que encontrava com frequência em minhas preleções e palestras. Ficaram paradas, uma delas aproxima-se de mim com a mão estendida, penso, uma antiga aluna ouvinte, e ergo o chapéu. Porém, não a conheço e ela também não se apresenta. Apenas aperta-me a mão sorrindo, diz: ‘O sr. já sabe por quê!’ e se afasta antes que eu diga alguma coisa. Tais demonstrações (perigosas para ambas as partes) acontecem constantemente, segundo dizem. Em contrapartida àquelas do outro dia: ‘Por que você ainda está vivo, seu vagabundo?!’ E ambas na Alemanha e em pleno século XX.” Registro feito em 8 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 455.

como ocorreu quando Klemperer comprava legumes. Uma senhora que era cliente ofereceu-se para pagar pela mercadoria que ele levava, assim como a atendente sugeriu-lhe retornar à loja outro dia, em um horário de pouco movimento, para que lhe fosse fornecido mais produtos. Mesmo na presença de outros fregueses, não houve inibição das duas mulheres em ofertar ajuda explicitamente, o que o deixou abalado devido à possibilidade de denúncia.³²¹ No entanto, as maiores e mais frequentes demonstrações de comportamento simpático foram observadas nos locais onde ele foi convocado para trabalhar.

A sua segunda convocação para o trabalho ocorreu somente em abril de 1943, ao ser selecionado para uma fábrica de empacotar chá. A resposta de Klemperer não demonstrou reações relacionadas com o esforço ou a possibilidade de enfraquecer o seu já precário estado de saúde, e sim foi voltada à preocupação da incapacidade de continuar com os seus estudos. Segundo ele, o prejuízo do tempo gasto nesse trabalho seria maior do que o impacto do exercício em seu coração e, ao contrário da retirada de neve, esse não havia previsão de término. É perceptível, nos diários, uma alteração no ritmo da sua escrita entre os anos de 1942 e 1943. Enquanto que o primeiro ano foi o mais extenso em seus registros, com amplas passagens e com curtos intervalos entre os dias analisados, a partir do início do seu trabalho houve a manutenção da frequência, mas com passagens mais breves se comparadas com as do período anterior. Segundo ele descreve: “Estou muito deprimido devido a esse novo, embora muito esperado golpe. Minha vida se torna cada vez mais miserável.”³²²

Na descrição das atividades realizadas, ele focaliza na transmissão do rádio que é frequentemente ligado, além da monotonia do exercício mecânico. Ao propiciar-lhe o contato com a propaganda e com os discursos oficiais, o rádio possibilita observar os argumentos antissemitas presentes em seu contexto, apesar de, na programação ideológica, o aparelho ser desligado. Seja por desinteresse ou pelo risco de uma abordagem da Gestapo, tanto os supervisores quanto os demais trabalhadores não demonstram proximidade com o antissemitismo nazista e chegam a insistir para que a transmissão seja interrompida nos pronunciamentos.³²³ Mesmo assim, a propaganda antissemita foi apresentada com tamanha insistência e agressividade que Klemperer questiona a sua eficácia: “Simplesmente a

³²¹ Registro feito em 18 de fevereiro de 1943, em KLEMPERER, p. 587.

³²² Registro feito em 18 de abril de 1943, em KLEMPERER, p. 596.

³²³ Klemperer percebe a aversão que a maioria dos trabalhadores possui, classificando-a como “Bobagem” [*Quatsch*] e “Lixo” [*Dreck*], e pressionam para que ela seja interrompida, como se percebe no registro feito em 5 de junho de 1943, em KLEMPERER, p. 616. Na edição alemã, ver KLEMPERER, Victor. *Tagebücher – 1943*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998, p. 90.

desmedida incitação contra os judeus. Tão desmedida, tão grosseira, tão repetida sem fim e sem graça, que é impossível que ainda continue a fazer efeito.”³²⁴

Nesse ambiente, Klemperer novamente descreve o comportamento simpático dos encarregados de supervisionar os trabalhadores. Assim como na remoção de neve, havia diversas atitudes que lhe eram favoráveis de uma forma ou de outra, mas dentro das possibilidades de serem realizadas sem levantarem suspeitas da Gestapo. Segundo as anotações, o supervisor ressalta que a vigilância e a possibilidade de denúncia impedem que mais pudesse ser feito pelos judeus, mas ainda assim havia longos intervalos nos trabalhos e, após atingir um limite aceitável de produção, eles eram liberados antes do horário estabelecido.³²⁵

De abril até o final de outubro de 1943 ele esteve na fábrica empacotando chá, sendo convocado para outro local de trabalho no dia 31 desse último mês. O seu novo serviço ocorreu em uma fábrica de envelopes, e foi caracterizado como um esforço muito pior, tanto física quanto psicologicamente. A agilidade e a atenção necessária fizeram-no reconsiderar a aplicação do esforço intelectual nos exercícios mecânicos, uma vez que não consegue executar tarefas simples nas máquinas por falta de atenção e incapacidade de aprender e realizar as ações necessárias eficientemente.³²⁶

Os efeitos psicológicos são consequência, principalmente, da necessidade de deslocamento para a fábrica, o qual era feito de bonde. Mesmo sem sofrer agressões, somente a exposição e a vulnerabilidade já eram elementos que fortaleciam o seu medo do antissemitismo. Durante o percurso, ele estava mais exposto à Gestapo e à violência popular, sendo abordado diversas vezes sem que os agentes apresentassem motivo ou apontassem alguma infração que pudesse estar cometendo. Os judeus eram proibidos de andar em transporte público, salvo as exceções de locomoção para o trabalho, como era o caso de Klemperer, para o qual era emitida uma autorização especial. Mesmo assim, ele registrou sofrer com o antissemitismo exercido pelos agentes do partido, contra os quais a sua autorização não o protegia:

Um suboficial sobe, fixa o olhar em mim. (Com certeza, já vi essa cara loira. Agora me ocorre: o funcionário da Gestapo que me xingou e empurrou para o lado quando estive na Bismarckplatz por causa dos móveis.) Depois de instantes: “Desça!”. “Tenho a autorização.” “Desça!” Desci, continuei a viagem com o bonde seguinte,

³²⁴ Registro feito em 24 de julho de 1943, em KLEMPERER, p. 627.

³²⁵ Outros comportamentos são descritos ao longo das anotações, como conversas simpáticas e a aberta crítica contra o governo, podendo ser vistos no registro feito em 30 de setembro de 1943, em KLEMPERER, p. 645.

³²⁶ Registro feito em 5 de dezembro de 1943, em KLEMPERER, p. 653.

comprando uma nova passagem. Desde então as viagens da hora do almoço são uma tortura para mim. A cada ponto, aguardo uma nova desgraça.³²⁷

Este medo não se estende ao novo local de trabalho, onde, mais uma vez, ele registra bom relacionamento e ser bem tratado apesar de sua condição. O que é melhor descrito em *LTI*, os operários “arianos” da fábrica de envelopes trabalhavam juntamente com os judeus sem demonstração de comportamento antissemita, havendo apenas um pequeno número de indivíduos considerados perigosos por sua afinidade ideológica.³²⁸ Até mesmo o chefe, o qual é descrito como pertencente à SS, fornecia alimentos e relacionava-se gentilmente com os judeus empregados, a ponto de Klemperer escrever: “Não sei o que me agradava mais era um restinho de salame de cavalo ou ser chamado de sr. Klemperer, às vezes até mesmo de prof. Dr. Klemperer.” (KLEMPERER, 2009, p. 163).

Na medida em que a guerra se aproximava do fim, as observações do antissemitismo apresentaram menor presença nos diários. Enquanto que o ano de 1942 exhibe numerosos casos registrados da opressão oficial e dos reflexos sociais da ideologia Nacional-Socialista, esses elementos declinam nos três anos subsequentes, nos quais as preocupações com o conflito foram mais presentes no cotidiano de Klemperer. Mesmo com a ausência de registros, é possível identificar um padrão no qual o comportamento social pouco refletia a propaganda nazista, sendo a presença de indivíduos amigáveis muito mais expressiva do que a de agressores.

Klemperer, ao registrar ambas as formas de comportamento, permite a interpretação de que tanto as agressões quanto as demonstrações de apoio não eram restritas a determinados locais ou períodos, podendo ocorrer em qualquer ambiente no qual houvesse a iniciativa dos indivíduos. Também pode-se inferir que aqueles dispostos a demonstrar oposição à ideologia antissemita e oferecer apoio aos judeus estavam em uma quantidade visivelmente superior àqueles que apresentavam a tendência oposta.

Enquanto que as ofensas contra os judeus eram incentivadas pela propaganda e reforçadas pelos discursos oficiais, qualquer comportamento que lhes fosse favorável, incluindo contato em público, poderia ser considerado infração. Aqueles que realizavam as ações descritas por Klemperer tinham consciência do risco que corriam e ainda assim estavam dispostos a demonstrar a sua crítica ao antissemitismo, mesmo que através de poucas palavras de apoio. Caso os alemães expressassem atitudes mais evidentes de simpatia ou entrassem em

³²⁷ Registro feito em 14 de novembro de 1943, em KLEMPERER, p. 652.

³²⁸ O bom tratamento aos judeus teve que ser interrompido com a chegada de alguns trabalhadores que demonstravam maior inclinação ideológica e proximidade com o partido, podendo ameaçar com denúncia o comportamento simpático demonstrado na fábrica, como descrito no registro feito em 19 de março de 1944, em KLEMPERER p. 680, assim como também em 2 de abril de 1944, em KLEMPERER, p. 681.

conflito mais abertamente com a ideologia antissemita, haveriam chamado a atenção do Nacional-Socialismo e ocasionariam geração de medidas mais significativas contra o comportamento transgressor. Dessa forma, enquanto alguns se arriscavam, outros somente apresentavam a indiferença, como observado nos locais de trabalho de Klemperer, tratando os judeus como indivíduos comuns e relacionando-se com eles normalmente.

6.4 NA INEVITABILIDADE DO FIM

A campanha contra a Rússia foi iniciada, assim como as demais invasões, com grandes vitórias e um rápido avanço que, momentaneamente, geraram a exaltação popular e o apoio derivado da perspectiva de uma conclusão próxima da guerra. Com o lento progresso do exército alemão em território soviético no final de 1941, o discurso de vitória fácil foi alterado para um que reconhecia atrasos na campanha, mas ainda certo na vitória final. A incoerência entre os dois posicionamentos do governo foi visível para Klemperer, assim como a tentativa de impedir que notícias mais acuradas sobre a situação militar chegassem ao conhecimento público.

O controle das informações sobre a guerra e a ênfase exagerada em vitórias eram características presentes da propaganda desde o início dos conflitos, mas o discurso vitorioso ficou insustentável devido à resistência dos russos no leste europeu. A União Soviética adquiriu relevância e ocupou um espaço nas publicações nazistas sem paralelo com nenhum outro país contra o qual ainda estava combatendo, como Klemperer observa em: “Único consolo: o revés na Rússia não pode mais ser encoberto.”³²⁹ Kallis observa como os anúncios de um conflito rápido e de uma vitória triunfal eram presentes e compunham o discurso oficial de forma que saturaram a propaganda em 1941, clamando um término antecipado contra os russos. Segundo o autor:

This emplotment transformed the war in the east into a short-term enterprise, raising the understandable expectation of a rapid victorious conclusion. The more this promised victory was deferred, the more the regime was attempting to compensate with fresh releases of alleged triumphs and excessively high figures of enemy losses. (KALLIS, 2008, p. 118).

Ainda na procura de identificação das alterações na opinião popular, Klemperer esteve particularmente interessado em casos nos quais houve a demonstração de insatisfação e quando ela entrou em choque com a força do partido. Tais elementos foram fundamentos na sua interpretação do relacionamento do nazismo com a sociedade alemã e em como essa

³²⁹ Registro feito em 12 de janeiro de 1942, em KLEMPERER, p. 416.

relação era difundida pela propaganda, refletindo no comportamento e na mentalidade social no fim da guerra. De forma mais intensa do que nos anos anteriores, esse período explicita a radicalidade do nazismo e a disposição do governo em sustentar a sua ideologia e silenciar qualquer comportamento conflitante.

Durante o decorrer de 1942, Klemperer focalizou suas observações no sofrimento cotidiano pelo qual passava, abordando os decretos antissemitas, o medo da Gestapo e as deportações dos judeus. Poucas passagens são encontradas nesse ano derivadas de sua intenção de identificar a opinião popular ou dos efeitos que a guerra poderia estar causando na sociedade alemã. No entanto, aquelas existentes mencionariam os dois temas que seriam os principais na formação da opinião popular de acordo com a interpretação de seus diários.

Mesmo sendo uma característica presente desde o início do seu governo, a repressão do Nacional-Socialismo sobre a própria população pode ser identificada como um dos elementos relevantes de serem ressaltados. Ao adquirir novos formatos durante a guerra e, mais expressivamente, a partir das derrotas, a violência do partido foi praticada com maior intensidade e divulgada de acordo com a necessidade de interferir na opinião popular. Com o objetivo de conter a impopularidade, as tentativas do nazismo de influenciar a população para a resistência civil ocorreram juntamente com a intensificação da repressão de qualquer crítica ou atitude de derrotismo. As infrações cometidas, como escutar frequências de rádio estrangeiras ou realizar comentários sobre a política, eram punidas com crescente severidade e, frequentemente, com a morte.

Klemperer tinha conhecimento, ao menos em parte, do impacto dessas medidas e das consequências geradas sobre a vida cotidiana devido ao seu contato com as publicações na imprensa. Os boatos contribuíram, também nesse caso, para fornecer uma visão diferente daquelas presentes nos discursos oficiais, abordando a reação da população com relação aos efeitos da guerra, como pode ser observado em:

Dizem que os ânimos estão catastróficos em Berlim, a colheita está muito fraca. Baixas colossais na Rússia, a toda hora, tropas para a França. São convocados rapazes de dezessete anos; nas indústrias de armamento, a diminuição da produtividade é devida à subnutrição dos trabalhadores.³³⁰

Apesar do medo, houve um crescimento dos registros referentes à insatisfação popular sendo transmitidos por boatos durante os últimos anos.³³¹ Com a gradativa mudança de vitória

³³⁰ Registro feito em 17 de agosto de 1942, em KLEMPERER, p. 518.

³³¹ Klemperer descreve uma conversa na qual há a menção do medo da SS e questiona a capacidade de influência desse sentimento na atitude dos indivíduos em relação à expressão de suas opiniões e em suas atitudes, principalmente aquelas voltadas à política. Registro feito em 11 de setembro de 1942, em KLEMPERER, p. 537.

para resistência de 1942 para 1943, a propaganda Nacional-Socialista minou o seu já debilitado domínio sobre as informações e foi incapaz de sustentar uma imagem de coesão e unidade nacional contra o inimigo. O pronunciamento de Goebbels, realizado em 18 de fevereiro de 1943, convocava a população alemã para o início de uma “Guerra Total”, podendo ser considerado como um dos pontos mais relevantes na tentativa de sustentar uma mentalidade social do esforço de guerra. Por meio dele, Goebbels procurou responder à derrota de Stalingrado estabelecendo a perspectiva de todos os esforços nacionais sendo voltados para o conflito, e defendendo medidas ainda mais severas sobre a população civil.³³²

A partir desse discurso e da alteração da propaganda como um todo, a queda iminente do governo foi perceptível em todos os níveis sociais. Mesmo com a utilização de termos abstratos e eufemismos, não foi possível esconder as derrotas que o exército sofria ou diminuir a destruição que os bombardeios causavam nas cidades alemãs.³³³ Pelo contrário, Klemperer identifica que o discurso oficial ficou mais radical e desesperado na medida em que o Nacional-Socialismo percebia a proximidade da derrota, refletindo suas decisões sobre a sociedade e influenciando para o distanciamento ainda maior entre a população e o partido.

Diversas passagens nos três anos finais da guerra apontam para a repressão civil exercida pelo Nacional-Socialismo. Iniciando em 1943, o destaque dado por Klemperer para a constante ameaça de morte foi crescentemente presente em seus diários, mesmo que de forma esparsa, chegando a desviar parte da atenção dada à narrativa de seu sofrimento pessoal. Os registros apenas mencionam casos superficiais nos quais boatos afirmam a morte por críticas, mas a casual descrição e a sua frequência apontam para a existência de uma característica predominante em seu contexto. Ao perceber o impacto das medidas do governo, Klemperer

³³² A derrota em Stalingrado era conhecida pela sociedade alemã através dos boatos muito antes do governo admitir oficialmente. Para Klemperer, esse conhecimento incorporava outros questionamentos voltados ao antisemitismo, uma vez que ele acreditava, assim como outros, que poderia ocasionar uma radicalidade mais intensa contra os judeus, como pode ser visto em: “Na congregação, os ânimos estavam entusiasmados: as notícias do *front* são, com efeito, catastróficas. (Hoje também.) Em Stalingrado, um exército inteiro, o sexto, junto com exército romenos e croatas, está declaradamente perdido, estamos recuando ao longo de todo o *front* oriental, na África não existe mais nenhuma colônia italiana, apenas Túnis se mantém e está encurralada. De fato, mistura-se ao entusiasmo judeu uma séria preocupação. Nós todos tememos um *pogrom* e os moradores das barracas sentem-se mais fortemente ameaçados.” Registro feito em 27 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, p. 580.

³³³ Mesmo antes do discurso de Goebbels, a propaganda demonstrava perceptíveis mudanças que refletiam a situação militar alemã, sendo que Klemperer afirma: “Nos discursos de propaganda, fala-se apenas em ‘resistir’, não se fala mais da vitória na qual já ninguém acredita. As baixas seriam tremendas, a tirania *também* contra os arianos, insuportável. A pergunta sobre o que ‘acontecerá à nação’, seria apenas secundária, todos se perguntam se vão sobreviver.” Registro feito em 18 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, p. 578.

afirma que a população sofre com a radicalidade ideológica do nazismo e, mesmo proibida de demonstrar a sua insatisfação, ela ainda seria explicitamente perceptível.³³⁴

Juntamente com a opressão, a fome pode ser identificada como o segundo tema presente nos diários que contribuiu para formar a opinião popular e influenciar no seu comportamento. A falta de produtos pela interrupção do abastecimento, sendo um dos numerosos efeitos causados pela guerra, aparenta ser de grande relevância sobre a sociedade e descrita também em diversas passagens. Enquanto era superficial nos anos anteriores, com as restrições do consumo e o controle de compra através do fornecimento de cupons, a partir de 1943 Klemperer percebe que a alimentação na Alemanha era limitada e que até mesmos produtos básicos estavam em falta.³³⁵ Ao buscar comida nos mercados e restaurantes, a sua esposa informa-lhe dos problemas que passava e das situações que observava, sendo somados aos boatos para formar a perspectiva da insustentabilidade social do governo nazista.³³⁶

Assim como nos registros referentes à opressão do governo, as anotações que abordam os problemas de abastecimento e de produção alimentar são esparsas e pontuais, mesmo que numerosas. Apesar de identificar a falta de comida como um dos elementos essenciais, Klemperer não tem capacidade de determinar a amplitude da presença ou a profundidade da relevância que ela tinha na população. A frequência dessas anotações pode ser considerada um indicativo, mas, por ser um aspecto restrito à vida privada, ainda é limitada, enquanto que algumas passagens possibilitam a interpretação na qual é possível concluir que era mais presente do que Klemperer poderia considerar, como identificado em:

³³⁴ Algumas passagens podem ser citadas como exemplo da forma pela qual a repressão era descrita. Duas apresentam maiores detalhes, sendo a primeira derivada de uma conversa com o administrador do cemitério judaico, com quem encontrava regularmente e que lhe fornecia informações pelos boatos que circulavam: “Jacobi também afirma que foi anunciada pelo rádio uma espécie de estado de sítio e que foi decretada a morte por fuzilamento para qualquer insubordinação e qualquer sabotagem à nova lei trabalhista. É estranho e para mim inexplicável como andam de mãos dadas nas medidas governamentais o terror público da intimidação e a atrocidade secreta.” Registro feito em 30 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, p. 583. A segunda passagem aponta para a visita de Goebbels a cidades alemãs atingidas por bombardeios, uma vez que, enquanto a propaganda afirmaria o apoio popular presenciado pelo ministro, os boatos afirmariam a hostilidade encontrada e a necessidade de proteção dos oficiais, com o fuzilamento daqueles que teriam demonstrado insatisfação contra o governo, como visto no registro feito em 11 de julho de 1943, em KLEMPERER, p. 623.

³³⁵ As anotações realizadas nos anos anteriores referiam-se, principalmente, à limitação que ele, como judeu, tinha em seu acesso à comida e ao consumo em mercados, enquanto que os demais reflexos sobre a população eram limitados a casos específicos, como o corte no fornecimento de chocolate no fim do ano de 1939: “Creio que os *pogroms* de novembro de 38 causaram menos impressão no povo que o corte do tablete de chocolate no Natal.” Registro feito na véspera de Ano-Novo, em KLEMPERER, p. 298.

³³⁶ Como judeu, Klemperer tinha diversas restrições que o impediam de ter uma percepção direta da disponibilidade dos produtos para os arianos. As proibições impostas nas suas compras limitavam a capacidade de ter contato e observar o contexto referente à disponibilidade dos produtos. Dessa forma, a experiência de sua esposa foi relevante na observação desse aspecto, como pode ser identificado em: “Eva, por sua vez, chegou deprimida da cidade: há alguns dias não se consegue nada, a alimentação torna-se cada vez mais problemática.” Registro feito em 30 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, p. 582.

Richter, esse homem modesto, quase pequeno-burguês, decididamente sem grandes posses, pai de três filhos, disse-me no outro dia: “O sr. sabe quanto custa meio quilo de café por baixo do pano? Duzentos marcos. Não consigo dispensar o café, sou trabalhador noturno; comprei hoje um quilo”. Daí se conclui que entre os arianos se tem a mesma atitude em relação ao dinheiro como na última guerra: não acreditam mais no valor pós-guerra, se possuem algum dinheiro disponível no momento, aplicam-no em gêneros alimentícios e pagam qualquer preço ilícito por eles. Negócios ilícitos existem, apesar da guilhotina.³³⁷

Através das observações realizadas da relação entre o Nacional-Socialismo e a população, Klemperer percebe que a opinião popular era mais desfavorável do que em posição de apoio. Devido aos efeitos da guerra, principalmente a opressão e a fome, diversos boatos circulavam apontando para a insatisfação dos indivíduos com o governo, além da ineficiência da propaganda em estabelecer a ligação necessária entre ambos os lados. Pelo contrário, o discurso oficial era visto com aversão devido à sua incapacidade de informar e pela excessiva carga ideológica, levando a contradições narrativas e insustentabilidade argumentativa.

Klemperer ainda supervaloriza a capacidade de influência da propaganda nazista, mesmo após ressaltar as inconsistências presentes nos discursos e ter contato com boatos que afirmam a oposição popular à ideologia política do partido. Ao mesmo tempo em que identifica com facilidade as diversas alterações demonstradas entre 1942 e 1943 consequentes da mudança no desenvolvimento da guerra, ele não consegue identificar se os demais percebem o mesmo. Defendendo a aceitação dos alemães da propaganda, Klemperer somente apresenta o medo da repressão e a capacidade de adaptação das pessoas como base para a sua conclusão, o que contradiz parcialmente com outras afirmações realizadas por ele nas quais foi visto, por exemplo, que: “Todos já estão fartos e todos tremem e fingem.”³³⁸

Em comparação com outras cidades alemãs, Dresden ainda podia ser considerada como um local cujos efeitos da guerra não foram sentidos com gravidade. Berlim, por exemplo, é descrita como sendo alvo frequente de bombardeios, enquanto que nenhum deles,

³³⁷ Registro feito em 4 de março de 1943, em KLEMPERER, p. 592.

³³⁸ Registro feito em 1º de maio de 1944, em KLEMPERER, p. 685. A posição crítica da população coexiste, na argumentação presente nos diários, com a passividade característica da aceitação da propaganda ideológica, sendo que, mesmo diante dos casos mais visíveis de manipulação, Klemperer ainda argumenta que tais discursos são aceitos, como se observa em: “Sem a menor cerimônia, afirmam no jornal vespertino o contrário daquilo que disseram no matutino, e o povo engole tudo.” Registro feito em 1º de janeiro de 1944, em KLEMPERER, p. 665. O questionamento é novamente presente em; “Anunciam-se para amanhã, dia 30 de janeiro, dia da ‘tomada do poder’, manifestações sob a palavra de ordem: ‘Ao encontro da vitória!’. Isso é realmente uma piada. Mas quem me garante que setenta, oitenta, talvez noventa por cento da população realmente não acreditem nisso? Quem me garante qual seja o verdadeiro estado de espírito do povo?” Registro feito em 29 de janeiro de 1944, em KLEMPERER, p. 673.

até o final de 1944, atingiu as proximidades da cidade de Klemperer.³³⁹ A pouca divulgação oficial dos danos sofridos tinha o objetivo de minimizar os efeitos que a sensação de derrota poderia causar na população, mas contribuiu principalmente para que os boatos tivessem maior expansão, assim como também fosse mais evidente a dissociação do discurso com o contexto social. Klemperer, ao observar a constante passagem de aviões, não acreditava que os danos sobre as cidades alemãs eram tão pequenos como afirmado pelos jornais, assim como a visualização de refugiados de cidades próximas atingidas permite a percepção da gravidade desses ataques.³⁴⁰

O desespero do partido podia ser identificado em sua propaganda nos dois últimos anos, com a invasão da Normandia e a utilização dos foguetes V1. Sendo já perceptível a insustentabilidade do nazismo e a proximidade da derrota, o discurso oficial foi alterado novamente para incorporar tanto as “retiradas planejadas” quanto também as “armas milagrosas”, as quais eram descritas por Klemperer como óbvias mentiras.³⁴¹ A tentativa de assassinato de Hitler, ocorrida em 20 de julho de 1944, também foi percebida como elemento que fortaleceria a sua interpretação de insatisfação e que, mesmo possuindo pouco impacto, ainda fortaleceria a sua interpretação da proximidade de um fim.³⁴²

A propaganda, nos últimos dois anos, passaria a adquirir contornos que iriam ser repetidos até os limites de sua publicação. Incentivando a resistência fanática, acusando os aliados de quererem eliminar a Alemanha, apontando para a influência dos judeus nos países

³³⁹ Os bombardeios que ocorriam na Alemanha eram facilmente perceptíveis, e o fato de Dresden estar sendo poupada foi motivo de muita especulação e incerteza pelos seus habitantes, inclusive Klemperer, os quais eram incapazes de identificar uma razão específica para isso, como visto em: “Desde o último alarme (4 de dezembro), que provocou um sério ataque a Leipzig, comenta-se: os caças noturnos foram desviados sobre Berlim, a cidade teria ficado desprotegida, incontáveis perdas humanas, a Augustusplatz, ‘um campo de batalha’, a universidade destruída... comenta-se, tudo boatos, não há mais verdade em parte alguma. Desde então o medo aqui cresceu infinitamente, e começa agora a tomar conta de nós.” Registro feito em 11 de dezembro de 1943, em KLEMPERER, p. 654.

³⁴⁰ “Também aqui em Dresden reina o temor de bombardeios ingleses. Hamburgo, cujos refugiados chegam aqui em grande número – mulheres de camisola, apenas vestidas com um casaco –, parece ter um efeito perturbador sobre todos.” Registro feito em 17 de agosto de 1943, em KLEMPERER, p. 633. Outra passagem, também referente a essas observações, pode ser apontada em: “Mas a destruição de cidades alemãs de dia e à noite continua em marcha, e Dresden ainda está sendo poupada. No jornal, tudo é escamoteado ou mencionado com um texto curto, abrangente, estereotipado. Como, por exemplo: ‘[...] em algumas localidades da Alemanha Central, ocorreram danos’. À boca pequena, porém, ouvem-se histórias escabrosas.” Registro feito em 4 de março de 1944, em KLEMPERER, p. 678.

³⁴¹ Klemperer identifica tais termos como inverídicos, mas ainda reflete sobre a capacidade de resistência alemã e conclui que, mesmo sendo infundados, a propaganda e os esforços militares ainda seriam capazes de prolongar a guerra por um tempo que ele não conseguiria determinar, como pode ser visto no registro feito em 10 de junho de 1944, em KLEMPERER, p. 694, e também em: “Os meteoros de dinamite chamam-se desde segunda feira explosivos v1; explica-se com todos os pormenores: vingança número 1, o número 1 permite que se suponha com certeza um v2 etc. tenta-se com tudo isso abafar a queda rápida de Cherbourg e as derrotas na Rússia e na Itália. Quando essas derrotas se transformarão numa *débâcle* verdadeira, na catástrofe? Pode demorar muito.” Registro feito em 28 de junho de 1944, em KLEMPERER, p. 698.

³⁴² Klemperer registra ter conhecimento do atentado um dia depois, no registro feito em 21 de julho, em KLEMPERER, p. 704.

envolvidos, além de defender a possibilidade de vitória milagrosa, os discursos oficiais ultrapassariam os padrões já exagerados de sua própria lógica, sendo para Klemperer inquestionável o seu desespero e a sua incongruência.³⁴³ A insistência na mesma argumentação leva-o a descrever que, nos jornais observados: “Reina neles uma esterilidade total; uma constante repetição tanto do ponto de vista do estilo, quanto do conteúdo.”³⁴⁴

O Nacional-Socialismo tentou manter a sustentação ideológica juntamente com o seu governo, manifestando seus discursos por meio da propaganda mesmo quando estava clara a sua derrota e não havia mais aceitação ou reflexo na população alemã. O distanciamento entre partido e sociedade, por um lado, não influenciava o comportamento radical dos indivíduos tal como era esperado pelo nazismo, ao mesmo tempo em que, por outro lado, o governo tinha pouca capacidade para abordar os problemas que afetavam os alemães. Pelo contrário, ao reconhecer a insatisfação e os efeitos que a guerra causava, foi intensificado ainda mais a doutrinação ideológica, exigindo sacrifícios e punindo dissidência, o que contribuiu somente com o seu isolamento e, em 1945, para com um fim sem resistência social.

6.5 A MORTE DE OUTROS

Em seu relacionamento com “arianos”, Klemperer percebe a falta de conhecimento que a maioria demonstrava das proibições e das limitações impostas sobre os judeus. Não sendo uma preocupação inicial na escrita dos diários, ele identifica essa característica na medida em que é surpreendido em conversas e nas reações de alguns quando confrontados com essas informações. Diversos elementos podem ter contribuído para tal ausência de percepção, sendo o isolamento e as deportações dois deles que afastaram os judeus da sociedade, somados juntamente com o direcionamento da publicação e transmissão das informações sobre os decretos antissemitas.

Klemperer percebe que os alemães não sabiam dos judeus devido à pouca divulgação. A propaganda antissemita, enquanto constituída de acusações abstratas, era ignorada pela sua carga ideológica e pelas demais preocupações que havia no cotidiano em guerra. Além disso, as passagens demonstram que as medidas contra os judeus eram desconhecidas em sua

³⁴³ Os exageros e as mentiras confrontariam com simples aspectos do contexto e da prática, além de serem contraditórios com afirmações realizadas pelos próprios nazistas em momentos anteriores, como se observa nos registros feitos nos dias 7 e 10 de setembro de 1944, em KLEMPERER, p. 718 e 719. O antissemitismo prevaleceu como a obsessão da ideologia Nacional-Socialista, sendo referência de todos os acontecimentos na guerra e o motivo causador das derrotas da Alemanha. Segundo Friedländer, o ódio contra os judeus aumentou juntamente com a perspectiva de derrota, fortalecendo a necessidade do partido de agir contra aqueles que ainda se encontravam sob o seu domínio, mesmo que significasse o desvio de recursos da guerra (FRIEDLÄNDER, 2007, p. 604).

³⁴⁴ Registro feito em 5 de janeiro de 1945, em KLEMPERER, p. 747.

maioria, sendo que algumas presentes nas publicações oficiais representavam uma pequena parcela do conjunto de restrições às quais ele tinha que se submeter.³⁴⁵

Como já observado, os diários descrevem que as deportações geravam críticas contra o governo pelo método de transporte e pelo tratamento dado aos judeus, mas essa oposição ao antissemitismo foi devido à situação dos indivíduos transportados. O mesmo pode ser interpretado com a análise das reações à estrela amarela, que geravam simpatia e ofensas pela exibição em público. Já em questões pessoais, nas quais o sofrimento cotidiano era vivido nas esferas privadas, não havia formas de percepção devido ao isolamento dos judeus, em seus confinamentos nos guetos e nas casas a eles designadas, e o distanciamento que os alemães tinham cuidado em manter devido ao medo da repressão:

É estranho e para mim inexplicável como andam de mãos dadas nas medidas governamentais o terror público da intimidação e a atrocidade secreta. A incitação contra os judeus é sem tamanho – mas as medidas piores contra eles são mantidas ocultas dos arianos. Mesmo pessoas próximas não têm conhecimento nem das pequenas maldades, nem dos assassinatos cruéis. Annemarie não sabe que não podemos vender nenhum móvel, que tudo foi confiscado – queria comprar uma estante de livros nossa. O prefeito de Dölzchen não sabia que estou limitado ao perímetro urbano e não tenho o direito de utilizar o transporte público.³⁴⁶

Mesmo que os pronunciamentos oficiais não afirmassem as medidas contra os judeus, os boatos eram acessíveis e demonstravam grande circulação entre os alemães. Uma vez que Klemperer tinha contato com informações sobre o fuzilamento e os campos de concentração, é plausível que outros também tivessem acesso a essas notícias, caso elas lhes interessassem. O medo da repressão, no entanto, continuou atuando como restrigente na disposição de conversar sobre os boatos, principalmente caso eles sejam sobre as adversidades do exército ou sobre as mortes de judeus no leste europeu. O levante do gueto de Varsóvia, por exemplo, foi um assunto descrito por Klemperer como perigoso de ser transmitido, mesmo como

³⁴⁵ Em uma mesma passagem, Klemperer descreve dois casos nos quais indivíduos “arianos” desconheciam a proibição dos judeus de andar em bondes, sendo esta uma das primeiras e mais perceptíveis medidas aplicadas, como se observa no registro feito em 19 de abril de 1942, em KLEMPERER, p. 447. Até mesmo Annemarie, que seria mais próxima de Klemperer e possuiria mais contato com as dificuldades dos judeus, é descrita como incapaz de perceber a situação na qual os judeus encontravam-se: “Eva tentou chamar a atenção de Annemarie para esta emergência; sentiu-se constrangida de tocar no assunto diretamente e suplicar por ajuda. Retornou sem sucesso, indiretas não fazem nenhum efeito – os outros não conseguem imaginar nossa situação, não tem noção de tudo o que nos foi tirado, proibido, predeterminado.” Registro feito em 29 de maio de 1942, em KLEMPERER, p. 468.

³⁴⁶ Registro feito em 30 de janeiro de 1943, em KLEMPERER, p. 583.

boatos, mas que vários teriam informações em maior ou menor escala, e estariam todos igualmente receosos de confirmar ou fornecer detalhes.³⁴⁷

O conhecimento do extermínio, por sua vez, é complexo de ser determinado.³⁴⁸ Os boatos com os quais Klemperer teve acesso apontavam detalhes sobre a ocorrência de assassinatos em grande escala, assim como a propaganda utilizava termos que indicavam uma inclinação à morte dos judeus, mas não há registros que apontem o uso do gás nos campos ou a existência do sistema organizacional utilizado para o genocídio antes de 1945. Apesar de boatos existirem sobre fuzilamentos específicos, foi somente no final de 1944, em uma conversa, que Klemperer descreve ser informado da dimensão na qual o Holocausto foi caracterizado:

Acredita (segundo relatos de soldados) que foram todos assassinados antes da retirada dos alemães, que nunca mais veremos ninguém de novo, que de seis a sete milhões de judeus (dos cerca de quinze milhões existentes anteriormente) teriam sido massacrados (mais precisamente, fuzilados e mortos com gás).³⁴⁹

As transmissões estrangeiras de rádio foram as principais fornecedoras desse tipo de informação. Mesmo sendo ilegais, a escuta de tais frequências aparenta ter sido amplamente praticada devido à facilidade que Klemperer tem acesso às notícias envolvendo a guerra e o extermínio dos judeus. Ele descreve, em vários momentos, que pessoas lhe contam sobre o que ouviram nas rádios logo após os episódios descritos terem acontecido. Em janeiro de 1945, poucos dias depois da liberação de Auschwitz, Klemperer já registra uma conversa na qual lhe é dita a forma de extermínio e a capacidade do campo, o que até então não havia sido mencionado.³⁵⁰

³⁴⁷ O levante do gueto ocorreu durante um longo período, iniciando em janeiro e terminando em maio de 1943, com a destruição do local. Segundo Klemperer: “Levante dos poloneses e judeus, tanques alemães teriam sido destruídos por minas na entrada da cidade dos judeus, como consequência, o lado alemão teria fuzilado o gueto inteiro – incêndios durante dias e milhares de mortos.” Registro feito em 1º de junho de 1943, em KLEMPERER, p. 615.

³⁴⁸ A Solução Final não esteve presente nos anúncios oficiais e era censurada de qualquer menção na imprensa alemã com maior cuidado do que demais informações restritas. Como afirma Herf: “*Not a word appeared in the German press about the death camps and mass shootings involving millions of victims, hundreds of high-ranking officials, tens of thousands of offenders, and an unknown number of bystanders who were witnesses, over the entire period.*” (HERF, 2006, p. 140).

³⁴⁹ Registro feito em 24 de outubro de 1944, em KLEMPERER, pág. 733.

³⁵⁰ O campo de Auschwitz foi liberado pelos soviéticos em 27 de janeiro de 1945, sendo descoberto e divulgado o sistema existente de extermínio no local. Klemperer não se demonstra surpreso com a informação, e nem reflete sobre a possibilidade de ser verdade ou mentira. Mesmo sendo uma informação inédita, não houve alteração da sua perspectiva significativamente, podendo ser acomodada na noção existente de intencionalidade de morte do Nacional-Socialismo: “Mencionou – aliás, nem sempre à vontade com as palavras estrangeiras – um discurso de Thomas Mann; segundo o discurso, os alemães teriam assassinado um milhão e meio de pessoas e algumas centenas de milhares de judeus na câmara de gás, teriam triturado seus ossos e utilizado como adubo.” Registro feito em 29 de janeiro de 1945, em KLEMPERER, p. 753.

Níveis diferentes de conhecimento podem ser determinados na tentativa de identificar o que era possível de ser adquirido e em que maneira esta informação interferia na vida cotidiana dos alemães.³⁵¹ De acordo com os diários de Klemperer, e contra as intenções do partido, não era mistério que os judeus deportados para o leste tinham grandes chances de morrer. Mesmo que limitada, a divulgação das mortes ocorria tanto pelos meios oficiais quanto pelos boatos e pela rádio estrangeira, sendo que os dois últimos possuíam considerável presença e acessibilidade. Não era necessário saber de todo o processo de extermínio para identificar que os judeus morriam devido às ações intencionais do partido nazista.

A interpretação dessas poucas informações, no entanto, não necessariamente formaria a percepção do extermínio sistemático. Enquanto Klemperer considera ser óbvia a conclusão a partir desses elementos, não é possível determinar a inevitabilidade deste raciocínio. Como já observado, a propaganda era demasiadamente abstrata e frequentemente ignorada, assim como os boatos poderiam ser duvidados e inverídicos, além de serem ilegais de escutar e transmitir. Como Klemperer identifica, punições severas eram comuns sobre os alemães, incluindo a morte por escuta de rádio estrangeira, o que pode ter influenciado para que alguns não procurassem saber ou não demonstrassem, mesmo tendo o conhecimento.³⁵²

A disponibilidade da informação, dessa forma, não poder ser considerada como determinante no estabelecimento de bases interpretativas do que era conhecido ou não pela população. Além de poucas palavras de apoio ou algumas atitudes pontuais, indivíduos não tinham formas de ajudar os judeus sem arriscar expor a si mesmos à opressão violenta do partido. Com o decorrer da guerra e o acúmulo de problemas sociais e econômicos, todos possuíam suas dificuldades pessoais, havendo cada vez menos pessoas dispostas a arriscar-se na procura por informação e no fornecimento da pouca ajuda que poderia ser oferecida.³⁵³ Assim como visto nas atitudes de Klemperer, os anos finais do governo Nacional-Socialista

³⁵¹ Kershaw ressalta que é impossível identificar o que era conhecido e qual o grau de conhecimento do extermínio. O que poderia ser identificado, segundo o autor, é que os rumores forneciam dados suficientes para a interpretação dos acontecimentos: “*But what can be established beyond question is that widespread rumors were in circulation about the fate of the Jews, and that the information contained in the rumors was often explicit enough to provide an unmistakable contained indication that Jews were being killed in great numbers in the east.*” (KERSHAW, 2008, p. 141).

³⁵² Reconhecendo a intensificação da repressão nazista nos anos finais da guerra, Bankier afirma que: “*It goes without saying that threatening propaganda, which many interpreted as a confession of failure, was insufficient: it was coupled with as ever-more-ruthless use of the machinery of repression. Towards the end of August 1943, Himmler succeeded Frick as Minister of the Interior, thus bringing all the resources of party and state into action against every manifestation of subversive criticism. Publication of some of the numerous death sentences for relatively trivial offences provided cautionary examples.*” (BANKIER, 1996, p. 151).

³⁵³ Kershaw aponta que, dentre algumas reações de apoio e condenação, a maioria dos alemães demonstrou-se apática, como se identifica em: “*As we have already suggested, the fairly widespread knowledge of the mass shootings of Jews was also compatible with a spectrum of responses ranging from overt approval to blank condemnation, and above all with an apathetic shrug of the shoulders, the feeling of impotence, or the turning of the face from unpalatable truths.*” (KERSHAW, 2008, p. 147).

foram caracterizados pelo isolamento social dos indivíduos, cada um objetivando a própria sobrevivência e adequando-se às exigências crescentes do seu contexto.

6.6 O ÚLTIMO INSTANTE

Klemperer permanece cético da possibilidade de sobrevivência, mesmo com as notícias que afirmavam as derrotas militares da Alemanha. Com o conhecimento das mortes dos judeus e com a continuidade das deportações, ele acreditava na probabilidade de que ainda seria morto pelo nazismo com a proximidade do fim do governo.³⁵⁴ Sofrendo com a falta de comida, a possibilidade de deportação, os trabalhos obrigatórios e o medo constante da morte, a sua resposta à essa suposição permanece sendo a adaptação e a manutenção de seus estudos.³⁵⁵

Pressionado pelo objetivo de registrar e testemunhar, Klemperer altera a sua percepção entre a escrita de seu sofrimento pessoal e observação de seu contexto. A narrativa do cotidiano é pontuada por questionamentos e interpretações que formam a sua compreensão da guerra e do fim do Nacional-Socialismo, mas ainda focalizando o medo vivenciado diariamente e a busca por informações sobre o desenvolvimento dos conflitos e do extermínio dos judeus. Tentando continuar com certa normalidade da vida cotidiana, ele ainda foi submetido a novas experiências antes do fim definitivo.

O primeiro bombardeio que atingiu Dresden ocorreu em outubro de 1944, dando a Klemperer a sua primeira experiência real dessa guerra. Inicialmente, o toque de alerta das sirenes não foi levado a sério devido à pouca probabilidade da cidade ser o alvo. Até o momento, diversos locais na Alemanha haviam sofrido danos extensos, enquanto que Dresden permanecia intocada, contribuindo para que ele e os demais habitantes considerassem-se

³⁵⁴ O medo continuou presente, derivado da incerteza e da possibilidade de que o governo decidisse exterminar o restante dos judeus antes do fim da guerra: “O medo é o sentimento dominante, ao lado dele, a apatia. Ninguém consegue mais imaginar um fim.” Registro feito em 25 de agosto de 1944, em KLEMPERER, p. 713.

³⁵⁵ Klemperer afirma coletar as publicações do Nacional-Socialismo na possibilidade futura de realizar um estudo linguístico do discurso nazista. Esta reflexão da continuidade contribui para a distração e a alimentação da esperança, mesmo que pequena: “Olho para o futuro com pouca esperança e apatia. É duvidoso quando terminará a guerra (embora, no momento, as chances alemãs tenham diminuído novamente com a ofensiva do oeste parada e Budapeste perdida). E parece-me ainda mais duvidoso se conseguirei lucrar alguma coisa com a paz, pois, evidentemente, me encontro no fim da vida. De alguma forma, porém, não consigo conformar-me com a ideia da morte; não fui aquinhoado com nenhum consolo religioso ou filosófico. Trata-se apenas de manter a postura até o fim. O melhor meio para isso é afundar-me no estudo, fazer de conta que a coleta de material teria de fato alguma finalidade.” Registro feito em 31 de dezembro de 1944, em KLEMPERER, p. 744.

razoavelmente seguros.³⁵⁶ Com o choque desse primeiro impacto, percebe-se a intensidade do medo dos próximos bombardeios presente nas anotações imediatamente seguintes, mas em poucos dias houve o retorno da normalidade, na qual até mesmo os abrigos antiaéreos e a possibilidade de bombardeio são banalizados.³⁵⁷

Em 1945, outros ataques são descritos, mas com poucos detalhes e sem apresentar danos visivelmente extensos.³⁵⁸ Com isso, o medo da perseguição e da deportação dos judeus volta a ser o principal elemento nos diários de Klemperer, sendo que tais receios foram justificados no início desse último ano. No dia 13 de fevereiro, ele descreve a chamada para evacuação dos judeus aptos, sendo caracterizado como uma convocação para trabalhos externos. Klemperer, a princípio, estaria dispensado do trabalho por motivos de saúde e seria permitido ficar na cidade, mas ele não sabia qual das duas opções significaria a morte.³⁵⁹

A ele também recaiu a responsabilidade de notificar os judeus presentes na lista de chamada e a sua descrição das reações dos convocados demonstra que todos esperavam ser assassinados. Mesmo sem a convocação, Klemperer ainda tem dúvidas sobre a sua permanência, uma vez que os poucos judeus restantes seriam um grupo muito pequeno, constituído dos mais velhos e doentes, sem motivo claro para serem excluídos do transporte e do provável extermínio.³⁶⁰

O transporte, no entanto, não chegou a ocorrer. Na noite deste dia, Dresden sofre o maior bombardeio realizado na mesma cidade por uma única operação militar, o qual a destruiu em sua totalidade. Todavia, houve pouco ganho militar ou estratégico para o desenvolvimento do conflito, uma vez que as áreas que tinham importância não foram

³⁵⁶ Klemperer descreve como se direciona com relativa calma ao abrigo e leva um livro para ler enquanto aguardava o alarme passar, mas logo após a descrição das primeiras detonações ele apresenta uma cautela marcada pela relevância dessa experiência, no registro feito em 8 de outubro de 1944, em KLEMPERER, p. 728.

³⁵⁷ Klemperer descreve haver poucos ataques a Dresden em 1944 após este primeiro, mas não têm certeza dos danos e nem dos locais atingidos devido à sua limitação na locomoção e à ocultação das informações pelo governo. Mesmo assim, a cidade ainda parece ser poupada dos piores ataques, fazendo com que Klemperer registre: “O ataque do outro dia já caiu no meu esquecimento, no esquecimento de todos, e logo começa a esperança. Em geral, Dresden parece ser tabu. Mas um pouquinho do pavor ainda restou.” Registro feito em 2 de novembro de 1944, em KLEMPERER, p. 734.

³⁵⁸ A omissão de Klemperer é derivada da ausência de informações na propaganda nazista, que, nos casos de bombardeios, se encontrava em um posicionamento sem solução ideal. Como Kallis observa, se o governo transmitisse comunicados descrevendo a destruição das cidades alemãs, iria ocasionar na propagação do medo e em uma percepção da população de que o governo não estava sendo capaz de minimizar os danos sofridos (KALLIS, 2008, p. 162). Por outro lado, como Klemperer descreve, a ocultação dessas informações contribuía para o aprofundamento das críticas ao partido, e para a procura de rumores para satisfazer a necessidade de notícias: “Tudo é omitido, dependemos totalmente dos rumores, de coisas transmitidas oralmente, incontroláveis. Hoje é certo que desta vez Dresden foi atingida muito mais seriamente e em mais lugares do que em ataques anteriores.” Registro feito em 18 de janeiro de 1945, em KLEMPERER, p. 751.

³⁵⁹ Ver o registro feito no dia 13 de fevereiro de 1945, em KLEMPERER, p. 758

³⁶⁰ Registro feito no dia 13 de fevereiro de 1945, em KLEMPERER p. 760.

atingidas com igual proporção. Devido à ampla destruição, debates surgiram posteriormente sobre a validade e justificativa desse ataque, com críticas acusando as forças militares americanas e britânicas de, propositalmente, atingirem espaços civis. Taylor, na sua descrição da cidade e do bombardeio, afirma que:

Dresden, já tinha ficado claro algumas semanas após as incursões anglo-americanas, representou, em termos absolutos, o mais catastrófico ataque aéreo contra uma cidade alemã desde que a “operação Gomorra” devastou Hamburgo em julho de 1943. Números na casa das centenas de milhares de mortos em Dresden seriam encorajados pelos propagandistas nazistas e, mais de meio século depois, ainda são citados – embora principalmente por extremistas de direita tentando fazer conversões para a sua causa por meio da promoção da ideia de um “holocausto alemão” pior que Auschwitz. No entanto, o número aceito de mortos, tanto na época como hoje, está entre 25 mil e 40 mil. (TAYLOR, 2011, p. 408).³⁶¹

A descrição, realizada dez dias depois, narra o ataque sofrido e os danos observados por ele, assim como a busca por refúgio e por ajuda após o seu término.³⁶² Sua esposa removeu a estrela amarela de suas roupas, e ambos aproveitaram o caos e o grande número de refugiados para que pudessem adquirir novas identidades e escapar não somente da cidade destruída, mas principalmente do Nacional-Socialismo.³⁶³ A partir dessa data, os registros de Klemperer demonstram a sua fuga quase constante. Pelo medo de serem reconhecidos e denunciados, ele e a sua esposa escolhem continuar em movimento para longe de Dresden, e encontram destruição em todos os locais por onde passam.³⁶⁴ Conseguindo abrigo em residências de amigos, eles são bem-tratados e mantêm-se escondidos das autoridades do partido. Durante esse tempo, ele registra que a propaganda ainda procurava incentivar a resistência, incluindo com a utilização de ameaças de morte,³⁶⁵ e também informações que circulavam sobre as mortes no campo de Dachau. O que lhe foi mais surpreendente, nesse

³⁶¹ Pode-se mencionar também a entrevista dada pelo autor ao jornal Spiegel, na qual ele afirma: “*I personally find the attack on Dresden horrific. It was overdone, it was excessive and is to be regretted enormously. But there is no reason to pretend that it was completely irrational on the part of the Allies. Dresden had war industries and was a major transportation hub. As soon as you start explaining the reasons for the attack, though, people think you are justifying it.*” (HAWLEY, 2005).

³⁶² Registro feito entre os dias 22 e 24 de fevereiro de 1945, em KLEMPERER, p. 760.

³⁶³ Registro feito entre os dias 22 e 24 de fevereiro de 1945, em KLEMPERER, p. 764.

³⁶⁴ Com o grande número de refugiados que buscavam ajuda, muitos preferiram ignorar as dificuldades dos outros e recusaram-se a abrigar ou a oferecer comida. Mesmo com a propaganda buscando incentivar a solidariedade, aqueles que pouco tinham não estavam dispostos a sacrificar-se ainda mais pelos problemas de outros, como observado por Welch em: “*Complaints sent by refugee wives to their husbands serving on the fighting front revealed that, when it came to offering food and shelter to air-raid victims, many members of the so-called ‘national community’ simply turned their backs, wishing not to be inconvenienced.*” (WELCH, 2002, p. 145).

³⁶⁵ Em 1945, as afirmações da propaganda de resistência sem rendição demonstravam a perda do contato com a realidade, senão uma inclinação à insanidade. Até os últimos momentos do governo, o discurso Nacional-Socialista manteve a sua radicalidade, divulgando seus ideais antissemitas e instigando a ação na defesa do partido a qualquer custo (WELCH, 2002, p. 154). Já Kallis responde um dos questionamentos presentes nos diários de Klemperer ao afirmar que a propaganda era desacreditada, sendo que a utilização dos mesmos termos referentes às derrotas e aos recuos do exército falhavam em gerar os efeitos desejados de resistência aos invasores e lealdade ao partido (KALLIS, 2008, p. 169).

último caso, foi a capacidade desse conhecimento chegar até a pequena aldeia na qual estava, dando-lhe uma perspectiva sobre o alcance dos boatos e das transmissões de rádio.³⁶⁶

No dia 3 de maio, Klemperer recebe a notícia da morte de Hitler, sendo confirmada somente dois dias depois. Estando afastado dos centros urbanos, não foi perceptível para ele o fim da guerra e nem a ocupação militar, assim como não tinha certeza se era possível seu retorno a Dresden.³⁶⁷ No entanto, a mudança mais perceptível ocorrida com o suicídio do Führer foi a manifestação de vários indivíduos de seu posicionamento contra o Nacional-Socialismo. Klemperer não sabe se tais declarações são realizadas de acordo com a convicção ideológica genuína ou se seriam derivadas da procura de adequação ao fim do governo. Segundo ele: “O Terceiro Reich está praticamente esquecido, todos eram seus opositores, ‘sempre’ foram; e fazem as projeções mais absurdas a respeito do futuro.”³⁶⁸

Esse questionamento permanecerá com ele até o fim dos registros referentes ao período da segunda guerra. Em 21 de maio, ele inicia a jornada de volta à sua verdadeira casa em Dölzchen, encontrando diversas dificuldades com o deslocamento, abrigo e alimentação. Devido à excessiva quantidade de refugiados, o limitado funcionamento dos meios de transporte e a presença das forças militares aliadas, a viagem foi mais longa e cansativa do que ele esperava. Chegando à sua residência em 10 de junho, Klemperer ainda não tinha total conhecimento de que os doze anos do governo Nacional-Socialista na Alemanha haviam terminado, e de que ele, contrariando a suas próprias expectativas, conseguiu sobreviver a uma das maiores catástrofes presentes na história da humanidade.

Mais relevante do que isso, no entanto, é a sua capacidade de observar e registrar os acontecimentos presentes em seu contexto, fornecendo a possibilidade de estudo e análise da vida cotidiana a partir da perspectiva de uma das vítimas do nazismo. As perguntas feitas por ele estão presentes até hoje na tentativa de aprofundar a compreensão histórica desse período e, também de maneira semelhante, as respostas encontradas apontam para a pluralidade do contexto e para a variabilidade do comportamento dos indivíduos.

³⁶⁶ Sobre a resistência, Klemperer descreve ver uma matéria em um jornal sobre a execução de traidores em julgamentos sumários: “A morte ronda qualquer vacilação de resistência. Associe isso às deserções nos últimos dias de Dresden. Por quanto tempo pode-se manter na resistência um povo desesperado, apenas com a violência?” Registro feito em 22 de fevereiro de 1945, em KLEMPERER, p. 775. Já com relação aos campos, Dachau é mencionado juntamente com Terezin, fazendo com que ele disfarce o seu conhecimento desses locais para evitar ser identificado como judeu, como visto no registro do dia 21 de abril de 1945, em KLEMPERER, p. 801.

³⁶⁷ O suicídio de Hitler ocorreu no dia 30 de abril, sendo seguido pela rendição da Alemanha e o fim da guerra na Europa. A falta de meios de comunicação impossibilitou que Klemperer tivesse acesso à essa informação mais cedo e que também duvidasse dela quando a recebeu pela primeira vez. Ver os registros feitos nos dias 3 e 5 de maio de 1945, em KLEMPERER, p. 806.

³⁶⁸ Registro feito em 11 de maio de 1945, em KLEMPERER, p. 810.

Por mais inconstantes que possam parecer, suas reflexões ainda são derivadas das observações realizadas e da percepção que Klemperer tinha de seu contexto. Se elas apontam para uma sociedade de comportamento heterogêneo, cuja mentalidade agia e reagia aos diversos acontecimentos de formas singulares, então isto significa que não é possível a redução de uma pergunta complexa em uma resposta simples e abrangente, a não ser ao custo de negligenciar diversos elementos constituintes da subjetividade dos sujeitos na história.

A experiência de Klemperer é a de um homem que, enquanto indivíduo, demonstrou habilidade de pensar racionalmente até nos momentos cujos acontecimentos desafiavam a compreensão humana. Mesmo possuindo limitada capacidade de observação e estando inserido nos eventos que o afetavam diretamente, a sua tentativa de interpretar os poucos fragmentos disponíveis resultou em uma narrativa de sua vivência que possui poucos pares em dimensão e profundidade. Em seus diários são encontrados mais do que as observações da experiência pessoal, sendo possível também ressaltar o estudo da forma pela qual os sujeitos compreendiam o seu tempo, sofrendo e reagindo aos acontecimentos que, aparentemente, estavam fora de seu controle.

Klemperer possibilita identificar que, ao contrário do que determinadas análises levam a crer, a experiência na história é marcada por incertezas, por falhas e pela incapacidade de adquirir uma compreensão completa dos acontecimentos. Ainda assim, a persistência de seguir em frente em direção ao desconhecido também é uma característica humana e, apesar do medo, a capacidade de adquirir a resolução necessária para sobreviver. Acima de tudo, Klemperer demonstra que a simplicidade do indivíduo, quando observada nos momentos de maior aflição, pode ser transformada no extraordinário.

7 CONCLUSÃO: ENTRE PALAVRAS E EXPERIÊNCIAS

A continuidade da vida cotidiana durante o Nacional-Socialismo é percebida a partir da perseverante atividade da narrativa da experiência. Por mais limitadas que possam ser, as descrições realizadas por Klemperer permitem a observação de aspectos singulares fora do campo central da política e das decisões burocráticas do governo. No âmbito do antissemitismo, os diários apontam para os efeitos individuais provenientes das leis e da perseguição geradas pelo partido nazista, ressaltando as formas pelas quais essa ideologia foi percebida e sentida por uma de suas vítimas.

Enquanto que este estudo focalizou na visão de um indivíduo e nos seus questionamentos, foi evidente a limitação subjetiva derivada da natureza empírica. As interpretações descritas nos diários são reflexos de considerações pessoais, cujo valor não pode ser mensurado pela sua capacidade de abrangência. Pelo contrário, a sua importância fundamental é proveniente da possibilidade de alcançar um foco analítico sensível à excepcionalidade da experiência humana. Ao invés de tentar estabelecer parâmetros generalizantes, a perspectiva de análise se fundamenta na observação da particularidade e, principalmente, na vivência dos acontecimentos históricos no cotidiano social.

Em cada período estudado, Klemperer formou e buscou responder a questionamentos específicos que eram relacionados aos acontecimentos do momento em que vivia. Além das perguntas principais que guiaram a análise dos diários, outras menores surgiam ou eram reformuladas de acordo com a observação dos eventos. Diversos elementos, tais como o medo, a violência e a opinião popular, estiveram presentes em todo o período do governo Nacional-Socialista, demonstrando que, além da continuidade desses fatores na sociedade alemã, havia a incerteza sobre a fundamentação da interpretação construída em cada caso.

Klemperer falha na identificação de uma resposta definitiva às suas perguntas, e registra bases que suportam tanto um extremo quanto outro. Não somente sobre o apoio popular ao governo, mas também permanece inconclusiva a influência da propaganda na sociedade alemã e a sua inclinação à prática da agressão contra os judeus. Para ele, eventos contraditórios contribuem para o estabelecimento de um posicionamento indefinido. As práticas do Nacional-Socialismo eram identificadas como explicitamente criminosas e opressivas desde o início do governo, e ele não compreendia os motivos pelos quais era tolerada a sua permanência.

No primeiro capítulo, abordando de 1933 a 1935, foi observado como a principal questão é colocada constantemente durante todo o período analisado. De acordo com

Klemperer, a permanência do nazismo no poder foi incoerente com as demonstrações de violência, fazendo com que ele buscasse identificar as origens do apoio popular que permitiam a manutenção da estabilidade política. Enquanto salienta o medo e a propaganda como bases explicativas, ambas são, para ele, incompatíveis com diversos momentos nos quais houve a visualização de comportamentos contrários ao esperado.

Mesmo que não tenha identificado, a existência da incompatibilidade pode fundamentar uma interpretação coerente. Klemperer limita a sua reflexão na procura de identificação de extremos, nos quais ou havia ampla aceitação e suporte ao partido, ou a presença de insatisfação era extensa a ponto de gerar a insustentabilidade do governo. Ele varia o seu posicionamento entre uma justificativa e a outra, alterando-se na medida que é confrontado com informações opostas. Devido à situação na qual ele se encontrava, não há o reconhecimento de que a coexistência de comportamentos contraditórios possa ser reflexo da complexidade do contexto. O impacto do antissemitismo gerou mais do que uma única resposta, assim como as medidas implementadas pelo nazismo ocasionaram na formação de diversas tendências nos indivíduos separadamente. Algumas delas podem ser consideradas como inconciliáveis entre si, mas apenas ressaltam a heterogeneidade na qual a população era constituída.

A resposta neste primeiro período pode ser identificada na alienação política da população, que foi afastada pelos dois elementos identificados por Klemperer. O medo, logo nos primeiros dias de governo, foi proveniente da perseguição e da ameaça a qualquer oposição política ao Nacional-Socialismo. Essas características típicas de ditaduras foram pobremente compensadas com a doutrinação ideológica e a propaganda, sendo que, várias vezes, elas chegavam a causar o efeito oposto ao pretendido. Com alguma frequência, os discursos oficiais distanciavam a população pelo seu excessivo carregamento ideológico e pela desvinculação com problemas sociais mais imediatos.

Segundo os diários de Klemperer, o receio do partido atingia a todos igualmente devido à incapacidade de contenção de suas próprias atitudes, principalmente aquelas realizadas por agências como a SS e a Gestapo. O embasamento jurídico era desnecessário na justificação do seu poder e, muitas vezes, regulamentos abstratos e indefinidos foram estabelecidos na tentativa de dar uma ilusão de legalidade às suas práticas. Mesmo que presente com maior destaque no período de construção da estabilidade nazista, o medo e a propaganda influenciaram a formação de padrões de comportamento e modelos de atitudes que moldaram a sociedade durante os doze anos de governo Nacional-Socialista.

O conflito entre a normalidade do cotidiano e a radicalidade do antissemitismo foi o questionamento principal presente no segundo período, de 1936 a 1938. A vida cotidiana de Klemperer parece pouco abalada com o desenvolvimento do antissemitismo pelo nazismo, uma vez que ele mantém seus estudos, a sua identidade e até mesmo as suas posses, mesmo que a grandes custos. No entanto, esse comportamento não significa que havia pouco impacto das medidas estabelecidas ou que ele não identificava mais os elementos presentes e afirmados nos anos anteriores.

Pelo contrário, Klemperer esteve consciente e atento às alterações do seu contexto, identificando as mudanças nos discursos e na propaganda que anteciparam os jogos olímpicos e a Noite dos Cristais. A sua resposta foi justamente a manutenção da normalidade, que era descrita por ele mesmo como sendo essencial para se distrair dos seus problemas e da situação que não tinha capacidade de modificar. Mais do que isso, práticas como a realização de estudos e a direção do carro foram atitudes de resistência, uma vez que eram contra à intenção dos nazistas de retirar dos judeus a sua estabilidade, seus bens e até a sua dignidade. Mesmo que não descrito como tal neste período por Klemperer, o seu comportamento contrariava o objetivo do antissemitismo do Nacional-Socialismo, podendo ser classificado como uma oposição ativa.

Como exemplificação, é possível apontar os acontecimentos que o atingiam com maior gravidade e eram descritos como responsáveis por causar efeitos sobre ele piores do que as políticas antissemitas oficiais. O isolamento é um de tais elementos mais relevantes, uma vez que o afetava na sua vida particular e evidenciava aquilo que ele procurava afastar. A ênfase dos diários na descrição da humilhação e da depressão não deve ser considerada como um efeito menor das ações do partido contra os judeus. Tais consequências psicológicas do antissemitismo são tidas por Klemperer como sendo mais intensas e impactantes em sua vida cotidiana justamente pela sua constante presença.

A invasão da Polônia e a Noite dos Cristais podem ter sido os dois principais eventos que alteraram a sua percepção em todo o governo Nacional-Socialista. É visível a diferença na narrativa dos diários a partir de 1939, fazendo com que o terceiro período, que vai até 1942, seja um dos mais longos e detalhados dos seus registros. A sua reação ao início dos conflitos com as nações europeias e à demonstração da violência contra os judeus se constituem no questionamento principal da análise desses anos, cuja tentativa de compreensão racional chocava com algumas observações mais notórias.

O que se tornou evidente com a guerra é que a imagem construída pelo partido tinha poucos fundamentos reais, sendo facilmente perceptíveis os casos de mentiras e excessos. O

nazismo dedicou-se a manter uma falsa imagem de unidade e força nacional, estabelecendo parâmetros de comportamento e mentalidade ideais que tiveram pouco ou nenhum efeito prático. Ao identificar a incompatibilidade do discurso com a realidade, Klemperer menciona diversos momentos em que a propaganda não conseguia gerar apoio ou sequer ter a atenção da população.

Os exageros constantes da retórica nazista eram fortalecidos pela sua disseminada presença, que se inseria em todos os campos da cultura, entretenimento e informação. Poucas publicações restavam que não estivessem reproduzindo, em maior ou menor escala, a ideologia nazista em seu conteúdo. Klemperer identifica a saturação como motivador da resistência dos indivíduos à política como um todo, aumentando o espaçamento entre o partido e a população já ampliado anteriormente pela repressão.

Tanto com relação à guerra quanto ao antissemitismo, havia visível falta de informações mesclada com exageradas declarações. Klemperer descreve como a propaganda excessivamente ideológica pouco contribuía para transmitir qualquer fundamento de credibilidade ou de factualidade, mesmo quando a Alemanha se encontrava no período de vitórias militares. Os boatos, cuja circulação era crescente, preenchiam o espaço deixado pelos discursos oficiais, fornecendo as informações e quebrando o controle do governo sobre a formação de opinião com base na disponibilidade do conhecimento.

O antissemitismo seguiu essa mesma tendência, com limitada divulgação das medidas adotadas e a restrição da circulação dos judeus contribuindo para que houvesse pouco contato entre eles e os alemães. Mesmo com a maior radicalidade e com a implementação das medidas mais agressivas, como a mudança forçada de residência e o uso obrigatório da estrela amarela, Klemperer ainda observa reações apáticas ou que desconheciam a situação na qual os judeus alemães se encontravam. Ao mesmo tempo, demonstrações de simpatia não eram raras de ocorrerem, e relatos de outros judeus apontam para a frequência maior dessa prática em comparação com as ofensas antissemitas. Apesar dos grandes riscos envolvidos, Klemperer narra que muitos buscavam apoiar ou consolar os judeus com pequenos gestos ou poucas palavras, os quais conflitavam com as leis severas do Nacional-Socialismo e eram contrárias à doutrinação ideológica pela propaganda.

Tais reações sociais apontam para evidências que delimitam a influência que o partido possuía sobre a população alemã. Klemperer, por perceber a permanência do Nacional-Socialismo, superestimava a sua capacidade de dominação ideológica e interferência da propaganda sobre o comportamento das pessoas. No entanto, as maiores consequências das legislações contra os judeus foram percebidas, no âmbito social, através da predominância da

indiferença e, para Klemperer, a constante humilhação. Ele registra, nesse período, que a guerra e o antissemitismo foram recebidos com cautela e suspeita, reações distantes daquelas pretendidas e buscadas pela propaganda nazista. Através da compreensão das passagens dos diários, é visto que, quanto mais intensa a doutrinação era demonstrada, mais os indivíduos se afastavam das relações com a política. Ao mesmo tempo, o aumento da repressão aparenta influenciar o comportamento transgressor, com diversos casos de oposição e conflito ocorrendo regularmente. Apesar disso, ele não deixava de sentir o impacto do antissemitismo sobre si, mesmo que composto essencialmente pela depressão e pelo medo.

Com as derrotas militares iniciando em 1942, o último período aborda os anos finais do Nacional-Socialismo e a desesperada resistência do partido. Até a conclusão da guerra, o nazismo destinou os seus recursos e a sua preocupação principal na sua própria sobrevivência e na eliminação dos judeus. A propaganda ameaçava qualquer ato dissidente ou crítica ao governo com maior ênfase do que ressaltava mensagens heroicas de determinação e obstinação para a defesa da Alemanha. Com relação aos judeus, as deportações e os boatos de mortes no leste europeu formaram uma base que tinha solidez o suficiente para a interpretação do extermínio.

O conhecimento da sistematização, da existência das câmaras de gás ou da ordem explícita para a morte dos judeus eram irrelevantes para Klemperer. A sua interpretação foi desenvolvida utilizando somente os boatos e as deportações que observava para chegar à conclusão que os judeus eram assassinados em decorrência das atitudes do Nacional-Socialismo. Por mais que a dimensão do Holocausto ainda era inacessível naquele momento, ele facilmente relacionou as mortes com a política agressiva, construindo a compreensão de que havia a procura intencional na realização das execuções.

O antissemitismo e a guerra, todavia, geraram a mesma reação popular: indiferença. A apatia observada nos registros e a ignorância praticada voluntariamente podem ser derivadas do recolhimento das pessoas às esferas particulares, contribuindo para a permanência do governo tanto quanto para a tolerância de suas práticas abusivas. Assim como Klemperer, as pessoas adaptaram-se e mantiveram a sua vida cotidiana, evitando agir ou demonstrar comportamentos que alterassem a sua estabilidade. O medo dos assuntos relacionados à política e a aversão à ideologia Nacional-Socialista contribuíram para a formação da apatia social, da qual o próprio Klemperer compartilhou em determinados momentos.

Na medida em que o fim da guerra tornava-se inevitável e os discursos oficiais eram incapazes de ocultar a verdadeira situação militar alemã, os registros apontam para a preocupação principal voltada à sobrevivência, tanto nos judeus remanescentes quanto nos

alemães. Diversos fatores envolvendo a falta de suprimentos, os bombardeios das cidades e a ausência de notícias confiáveis contribuíram para que Klemperer identificasse pouco interesse dos civis nas medidas antissemitas. Para ele e para os demais judeus, juntamente com essas dificuldades, ainda havia a presença do perigo das deportações e da morte, alimentado pelo medo da Gestapo e da vigilância aparentemente ininterrupta do partido.

Mas a resistência à ideologia antissemita permaneceu sendo um assunto recorrente nos diários. Sendo restrita predominantemente à âmbitos menores e de pouca expressão, as atitudes dos indivíduos que confrontavam o partido foram constantes. Principalmente no comportamento cotidiano, numerosos casos de inconformidade eram perceptíveis para Klemperer, mas não relevantes ao ponto de provocarem o partido ou gerarem consequências que alterariam a estrutura da política. Devido à sua pequena dimensão, não é possível determinar a regularidade de sua prática, podendo apenas supor que era mais comumente realizada do que foi percebido por ele. Os registros mencionam a constante presença de atitudes pequenas e simples que refletiam a insatisfação popular, demonstradas na medida em que geravam pouco risco aos seus praticantes.

A oposição e o apoio ao Nacional-Socialismo foram exercidos através de atitudes menores e pequenas ações que não alteravam as políticas oficiais e nem interferiam nas práticas do partido de forma significativa, mas ainda assim eram constituídas de formas de resistência social à ideologia imposta. As numerosas manifestações de simpatia que são registradas fortalecem a interpretação da existência de uma oposição imperceptível, a qual equilibrava com a agressividade arbitrária do nazismo.

Klemperer descreve as políticas antissemitas como sendo “mil picadas de mosquito”, o que significa, para ele, que as medidas menores e os numerosos decretos afetavam-no mais a sua vida cotidiana do que as grandes ondas de agressividade explícita que ocorriam ocasionalmente. Essas pequenas provocações causavam-lhe a humilhação e geravam o medo que era sentido constantemente, levando-o e outros judeus ao desespero da ausência de esperança e da possibilidade da morte repentina.

As observações de suporte vindas de outros alemães também podem ser descritas com esta mesma característica. Assim como a prática do antissemitismo, elas não eram formadas de grandiosas atitudes e apresentava uma frequência maior de registro. Dessa forma, é possível a fundamentação de que a resistência popular à ideologia demonstrava a fragilidade do controle do partido sobre a população, seja com relação ao antissemitismo ou não. Por menores que fossem, ainda expressavam a incapacidade do Nacional-Socialismo de construir um apoio ideológico radical com base na propaganda e no discurso antissemita.

A insistência do partido na doutrinação confrontou com a resistência social aos fundamentos apresentados, mas isso não foi capaz de evitar a ocorrência do extermínio. As informações que circulavam possibilitavam a interpretação de que os judeus morriam em decorrência das deportações, como Klemperer rapidamente concluiu. Seja por gás, fuzilamento ou até mesmo fome, o desaparecimento dos judeus foi associado com a realização das medidas antissemitas que o partido implementava.

Ele não aborda em seus registros o que a população sabia dessas mortes, mas é possível considerar que outros também compartilhavam dessas suspeitas, da mesma forma que ele duvidava da veracidade de algumas notícias e boatos. Ao identificar as dificuldades em adquirir esse conhecimento, Klemperer salienta algumas peculiaridades tais como a ilegalidade de contato com qualquer meio de transmissão que não fosse controlado pelo governo. Os boatos, mesmo preenchendo o vácuo criado pela omissão da propaganda nazista, poderiam ser fundamentados ou não, e são questionados por Klemperer sobre o seu conteúdo com alguma regularidade.

Ou seja, a informação era disponível para quem estivesse disposto a buscá-la e acreditar nela. Diversos elementos contribuíam para a sua fundamentação, incluindo os próprios discursos oficiais, mas a simples mentalização da busca proposital de assassinar uma população inteira permanece, até hoje, como difícil de ser feita. O que foi claro e óbvio para Klemperer poderia não ter sido para outro indivíduo, uma vez que haviam diferentes acontecimentos e informações convergindo no final da guerra. Se os alemães adquiriram esse conhecimento e o interpretaram naquele momento como sendo a intencionalidade para o extermínio, é uma questão que não se encontra nos objetivos desse estudo responder, assim como não se procura cogitar as possíveis atitudes que poderiam ser tomadas partindo desse conhecimento.

Em uma perspectiva mais ampla, os pontos ressaltados neste estudo demonstram como, apesar da radicalidade do ambiente, as pessoas foram capazes de continuar com as suas rotinas e manter a normalidade. Afastando a interferência política, Klemperer registra as formas pelas quais foi possível conservar aspectos da vida corriqueira mesmo em um governo opressor. A estrutura social permaneceu, apesar de abalada, e possibilitou a coexistência com o medo e a opressão do nazismo. Mais especificamente, os diários contribuem para a percepção de que não havia conflito entre a estrutura da sociedade alemã e a excepcionalidade do Nacional-Socialismo, e sim a adequação de ambos na relação dos indivíduos com o partido.

Os mesmos pontos podem ser relacionados à repercussão do antissemitismo. Tanto Klemperer quanto os alemães conseguiram adaptar-se a ele e, até determinado limite, os judeus conviveram com a perseguição oficial. A tolerância das agressões pela população era derivada do medo da repressão e da influência que a propaganda exercia em excluir os indivíduos da ideologia nazista. Gerando uma conjunção entre a ignorância e a apatia, o antissemitismo nazista contribuiu para que, aos poucos, as pessoas desconsiderassem os efeitos sociais consequentes da sua prática.

O propósito deste estudo é a observação do antissemitismo no cotidiano de Klemperer. Partindo dos elementos presentes na narrativa, as diferentes formas de implementação do nazismo e os reflexos sociais existentes direcionaram a análise dos diários durante os doze anos de governo. Ao salientar a diversidade das reações encontradas, tanto de Klemperer quando a de outros descritas por ele, esta análise sustenta que a vida cotidiana era constituída, principalmente, de adaptações feitas pelos indivíduos na adequação ao contexto.

Mais do que uma derivação darwiniana, os diários fundamentam a capacidade humana de perseverar. Para Klemperer, os estudos e a escrita eram necessidades primordiais para que ele pudesse manter a sua racionalidade e escapar, mesmo que por breves momentos, dos perigos que o cercavam. Sustentando a sua dignidade, ele recusou-se a rejeitar a identidade alemã e a submeter-se à condição que lhe era imposta. O que pode ser considerado como teimosia ou orgulho excessivo, suas atitudes apresentam a capacidade de compreensão e resistência, sendo ambas constantemente reprimidas no contexto em que vivia.

Quando acreditava ser inevitável o seu fim, Klemperer esforçou-se para manter, no mínimo, o registro de sua experiência. A escrita do seu sofrimento cotidiano seria a sua contribuição na procura de compreender o Nacional-Socialismo. Mais do que um sistema de ordens e burocracia, o antissemitismo constituiu-se em atividades praticadas cotidianamente, na presença constante do medo e da incerteza e, acima de tudo, na desumanização de sujeitos que não conseguiam entender o que estava ocorrendo.

É o objetivo deste estudo salientar que as experiências desses indivíduos podem ser centrais no aprofundamento da análise desse e de outros temas. Por meio da alteração da perspectiva de abordagem metodológica, a visualização do cotidiano permite a consideração dos efeitos que as políticas e os eventos históricos tinham na vida das pessoas que os vivenciaram e, no caso de Klemperer, sofreram a partir delas. Enquanto inseridos em desespero, a sua escrita dava-lhe esperança de que, ao menos, outros conheceriam a sua experiência. Mesmo com a possibilidade de sua morte, ele acreditava que os registros permaneceriam, o que era o suficiente para dar sentido ao seu fim.

FONTES

KLEMPERER, Victor. **Tagebücher**. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1998.

_____. **LTI**: Notizbuch eines Philologen. Leipzig: Reclam Verlag, 1998.

_____. **Os diários de Victor Klemperer**: Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista, 1933-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **LTI**: A linguagem do terceiro Reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

REFERÊNCIAS

ASCHHEIM, Steven E. **Brothers and strangers**: the east european jew in german and german jewish consciousness, 1800 – 1923. Madison: University of Wisconsin Press, 1982.

_____. **Scholem, Arendt, Klemperer**: intimate chronicles in turbulent times. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

_____. Comrade Klemperer: communism, liberalism and jewishness in the DDR. The Later Diaries 1945-59. **Journal of Contemporary History**, v. 36, n. 2. California: Sage Publications, 2001.

_____. An unwritten letter from Victor Klemperer to Hannah Arendt and Gerhard Scholem. **New German Critique**, v. 39, n. 3. Durham: Duke University Press, 2012.

ASSMAN, Aleida. History, memory, and the genre of testimony. **Poetics Today**, v. 27, n. 2, Durham: Duke University Press, 2006.

BANKIER, David. **The germans and the final solution**. Blackwell, 1996.

BARKAI, Avraham. **From boycott to annihilation**: the economic struggle of German Jews, 1933 – 1943. London: University Press of New England, 1989.

_____. **Nazi economics**: ideology, theory and policy. London: Yale University Press, 1990.

BAUER, Yehuda. **Jews for sale?** Nazi-jewish negotiations, 1933 – 1945. London: Yale University Press, 1994.

BERNARD-DONALS, Michael; GLEJZER, Richard (ed.). **Witnessing the disaster**: essays on representation and the Holocaust. Madison: University of Wisconsin Press, 2003.

BERR, Hélène. **O diário de Hélène Berr**: um relato da ocupação nazista de Paris. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BIRKEN, Lawrence. Prussianism, nazism, and romanticism in the thought of Victor Klemperer. **The German Quarterly**, v. 72, n. 1. New Jersey: Wiley Publications, 1999.

BIRN, Ruth Bettina. Revising the holocaust. **The Historical Journal**, v. 40, n. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BROWNING, Christopher R. **Ordinary men**: reserve police battalion 101 and the final solution in Poland. New York: Harper Perennial, 1998.

BURLEIGH, Michael; WIPPERMANN, Wolfgang. **The racial state: Germany 1933 - 1945.** Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BYTWERK, Randall. **Julius Streicher: the man who persuaded a nation to hate jews.** New York: Cooper Square Press, 2001.

_____. The argument of genocide in nazi propaganda. **Quarterly Journal of Speech**, v. 91, n. 1. London: Routledge, 2005.

_____. (ed.). **Landmark speeches of national socialism.** College Station: Texas A&M University Press, 2008.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos.** v. 11, n. 21, Rio de Janeiro, 1998.

CAPLAN, Jane. Political detention and the origin of the concentration camps in Nazi Germany, 1933 – 1935/6. In: GREGOR, Neil (org). **Nazism, war and genocide: new perspectives on the history the third Reich.** Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

FELMAN, Shoshana; LAUB, Dori. **Testimony: crises of witnessing in literature, psychoanalysis, and history.** New York: Routledge, 1992.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank:** edição integral. 47. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FRIEDLÄNDER, Saul. **From anti-semitism to extermination: a historiographical study of Nazi policies towards the Jews and an essay in interpretation.** Jerusalem: Yad Vashem, 1976.

_____. (Org.) **Probing the limits of representation: nazism and the final solution.** Cambridge: Harvard University Press, 1992.

_____. Trauma, transference and "working through" in writing the history of the "Shoah". **History and Memory**, v. 4, n. 1. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

_____. **Nazi Germany and the jews: the years of persecution, 1933-1939.** New York: Harper Collins, 1998.

_____. History, memory, and the historian: dilemmas and responsibilities. **New German Critique**, n. 80. Durham: Duke University Press, 2000.

_____. **Nazi Germany and the jews: the years of extermination, 1939-1945.** New York: Harper Collins, 2007.

_____. **History and memory: lessons from the Holocaust.** Genève: Graduate Institute publications, 2014.

GARBARINI, Alexandra. **Numbered days: diaries and the Holocaust.** New Haven: Yale University Press, 2006.

GELLATELY, Robert; STOLTZFUS, Nathan. **Social outsiders in nazi Germany.** Princenton: Princeton University Press, 2001.

GELLATELY, Robert. Social outsiders and the consolidation of Hitler's dictatorship, 1933 – 1939. In: GREGOR, Neil (org). **Nazism, war and genocide: new perspectives on the history the Third Reich**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

_____. **Apoiando Hitler**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GERLACH, Christian. The Wannsee Conference, the fate of german jews, and Hitler's decision in principle to exterminate all european jews. **The Journal of Modern History**, v. 70, n. 4. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GREGOR, Neil (ed.). **Nazism, war and genocide: New perspectives on the history of the Third Reich**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

GRUNER, Wolf. **Jewish forced labor under the nazis: economic needs and racial aims, 1938-1944**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HARTIG, Christine. Conversations about taking our own lives – oh, a poor expression for a forced deed in hopeless circumstances! Suicide among german jews 1933-1943. **Leo Baeck Institute Yearbook**, v. 52, n. 1. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HAWLEY, Charles. Dresden bombing is to be regretted enormously. Interview with Frederick Taylor. **Spiegel Online**, 2005.

HEER, Hannes. **Im Herzen der Finsternis: Victor Klemperer als Chronist der NS-Zeit**. Berlin: Aufbau Verlag, 1997.

HELLBECK, Jochen. The diary between literature and history: A historian's critical response. **Russian Review**, v. 63, n. 4. Wiley Online Library, 2004.

HERF, Jeffrey. **The jewish enemy**. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

HILBERG, Raul. **Perpetrators victims bystanders: the jewish catastrophe, 1933 – 1945**. New York: Harper Perennial, 1993.

_____. The Goldhagen phenomenon. **Critical Inquiry**, v. 23, n. 4. Chicago: The University of Chicago, 1997.

HOFFMANN, Hilmar. **The triumph of propaganda: film and national socialism, 1933 – 1945**. New York: Berghahn Books, 1997.

HOUSDEN, Martyn. **Resistance and conformity in the Third Reich**. New York: Routledge, 2002.

HSIA, R. Po-Chia; LEHMANN, Hartmut. **In and out of the Ghetto: jewish-gentile relations in late medieval and early modern Germany**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HUTTON, Christopher M. **Linguistics and the third Reich**: mother-tongue fascism, race and the science of language. New York: Routledge, 2001.

JACOBS, Peter. **Victor Klemperer**: Im Kern ein deutsches Gewächs. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 2000.

JOHNSON, Eric A. **Nazi terror**: the Gestapo, jews and ordinary Germans. New York: Basic Books, 2000.

KALLIS, Aristotle. **Nazi propaganda and the Second Word War**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

KAPLAN, Marion A. **Between dignity and despair**: jewish life in Nazi Germany. Oxford: Oxford University Press, 1998.

_____. When the ordinary became extraordinary: german jews reacting to nazi persecution, 1933 – 1939. In: GELLATELY, Robert; STOLTZFUS, Nathan. **Social Outsiders in Nazi Germany**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

KATER, Michael H. **The twisted muse**: musicians and their music in the third Reich. Oxford: Oxford University Press, 1997.

KERSHAW, Ian. The persecution of the jews and german popular opinion in the third Reich. **Leo Baeck Institute Yearbook**, v. 26, n. 1. Oxford: Oxford University Press, 1981.

_____. **The “Hitler myth”**: image and reality in the Third Reich. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____. Hitler and the uniqueness of nazism. **Journal of Contemporary History**, v. 39, n. 2. California: Sage Publications, 2004.

_____. **Hitler, the germans and the final solution**. New Heaven: Yale University Press, 2008.

_____. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KIRWIN, Gerald. Waiting for retaliation: a study in nazi propaganda behavior and german civil morale. **Journal of Contemporary History**, v. 16, n. 3. California: Sage Publications, 1981.

KLUGER, Ruth. **Still alive**. New York: The Feminist Press, 2003.

KUHN-OSIUS, K. Eckhard. Making loose ends meet: private journal in the public realm. **The German Quarterly**, v. 54, n. 2. New Jersey: Wiley Publications, 1981.

LACAPRA, Dominick. **Writing history, writing trauma**. Baltimore: Johns Hopkins University, 2001.

LARGE, David Clay. **Contending with Hitler**: varieties of german resistance in the third Reich. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LAUB, Dori. On Holocaust testimony and its “reception” within its own frame, as a process on its own right: a response to “Between history and psychoanalysis” by Thomas Trezise. **History and Memory**, v. 21, n. 1. Bloomington: Indiana University Press, 2009.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LUCKERT, Steven; BACHRACH, Susan. **State of deception: the power of nazi propaganda.** Washington: U.S. Holocaust Memorial Museum, 2011.

LÜDTKE, Alf (ed.). **The history of everyday life: reconstructing historical experiences and ways of life.** Princeton: Princeton University Press, 1995.

MAIER, Clemens. The Jüdisches Nachrichtenblatt, 1938 – 43. In: MEYER, Beate; HERMANN, Simon; SCHÜTZ, Chana. **Jews in nazi Berlin: from Kristallnacht to liberation.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.

MEIRER, Albert. Berlin jews: deprived of rights, impoverished, and branded. In: MEYER, Beate; HERMANN, Simon; SCHÜTZ, Chana. **Jews in nazi Berlin: from Kristallnacht to liberation.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.

MEYER, Beate; HERMANN, Simon; SCHÜTZ, Chana. **Jews in nazi Berlin: from Kristallnacht to liberation.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.

MIEDER, Wolfgang. The 2000 Archer Taylor Memorial Lecture. "In lingua veritas" Proverbial Rhetoric in Victor Klemperer's Diaries of the Nazi Years (1933-1945). **Western Folklore**, v. 59, n. 1. Grass Valley, 2000.

MOMMSEN, Hans. Hitler's Reichstag speech of 30 January 1939. **History and Memory**, v. 9, n. 1/2. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

MOORE, Aaron William. The chimera of privacy: reading self-discipline in japanese diaries from the Second World War (1937 – 1945). **The Journal of Asian Studies**, v. 8, n. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

NOAKES, Jeremy. Leaders of the people? The nazi party and german society. **Journal of Contemporary History**, v. 39, n. 2. California: Sage Publications, 2004.

NOWOJSKI, Walter. **Victor Klemperer (1881 - 1960): romanist - chronist der Vorhölle,** Berlin: Hentrich und Hentrich, 2004.

PAPERNO, Irina. What can be done with diaries? **Russian Review**, v. 63, n. 4. Wiley Online Library, 2004.

PAXTON, Robert O. **The anatomy of facism.** New York: Vintage Books, 2005.

PEGELow, Thomas. Determining ‘people of german blood’, ‘jews’ and ‘mischlinge’: The Reich Kinship Office and the competing discourses and powers of Nazism, 1941 – 1943. **Contemporary European History**, v. 15, n. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PEUKERT, Detlev J. K. **Inside nazi Germany: conformity, opposition and racism in everyday life.** London: Penguin Books, 1989.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (ogs.) **História da vida privada, 5: Da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REINHARZ, Jehuda; SHAVIT, Yaacov. **Glorious, accursed Europe: an essay on jewish ambivalence**. Waltham: Brandeis University Press, 2010.

REISS, Hans. Victor Klemperer (1881-1960): reflections on his 'third Reich' Diaries. **German Life and Letters**, v. 51, n. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

REVEL, Jacques (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RÜSEN, Jörn. The logic of historicization: metahistorical reflections on the debate between Friedländer and Broszat. **History and Memory**, v. 9, n. 1/2. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

SAFRIAN, Hans. **Eichmann's men**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SCHLEUNES, Karl A. **The twisted road to Auschwitz: nazi policy toward german jews, 1933-1939**. Champaign: University of Illinois Press, 1990.

SCHULLE, Diana. Forced Labor. In: MEYER, Beate; HERMANN, Simon; SCHÜTZ, Chana. **Jews in Nazi Berlin: From Kristallnacht to Liberation**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

SINOR, Jennifer. Reading the ordinary diary. **Rhetoric Review**, v. 21, n. 2. Taylor and Francis Online, 2002.

TAYLOR, Frederick. **Dresden: terça-feira, 13 de fevereiro de 1945**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

TOOZE, Adam. **O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

TOZZI, Verónica. The epistemic and moral role of testimony. **History and Theory**, v. 51, n. 1. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

TREZISE, Thomas. Between history and psychoanalysis: a case study in the reception of Holocaust survivor testimony. **History and Memory**, v. 20, n. 1. Bloomington: Indiana University Press, 2008.

TRUMPENER, Katle. Diary of a tightrope walker: Victor Klemperer and his posterity. **Modernism/modernity**, v. 7, n. 3. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

TURNER, Henry Ashby Jr. Victor Klemperer's Holocaust. **German Studies Review**, v. 22, n. 3. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

_____. Two dubious third Reich diaries. **Central Europe History**, v. 33, n. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

UNGER, Aryeh L. The public opinion reports of the Nazi Party. **The Public Opinion Quarterly**, v. 29, n. 4. Oxford: Oxford University Press, 1966.

_____. Propaganda and welfare in nazi Germany. **Journal of Social History**, v. 4, n. 2. Oxford: Oxford University Press, 1971.

VAGO, Bela; MOSSE, George L. **Jews and non-jews in eastern Europe, 1918-1945**. New York: John Wiley & Sons, 1974.

WACHSMANN, Nikolaus. 'Soldiers of the Home Front': jurists and legal terror during the Second World War. In: GREGOR, Neil (ed.). **Nazism, war and genocide**: New perspectives on the history of the Third Reich. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

WELCH, David. **The third Reich**: politics and propaganda. New York: Routledge, 2002.

_____. Nazi propaganda and the Volksgemeinschaft: constructing a people's community. **Journal of Contemporary History**, v. 39, n. 2. California: Sage Publications, 2004.

_____. **Propaganda**: power and persuasion. London: British Library, 2013.

WIESEL, Elie. **Night**. New York: Hill and Wang, 2006.

YOUNG, James E. Interpreting literary testimony: a preface to rereading holocaust diaries and memoirs. **New Literary History**, v. 18, n. 2. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.

_____. Between history and memory: the uncanny voices of historian and survivor. **History and Memory**, v. 9, n. 1/2. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

_____. Toward a received history of the holocaust. **History and Theory**, v. 36, n. 4. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

YOUNG, John Wesley. From LTI to TQI: Victor Klemperer on totalitarian language. **German Studies Review**, v. 28, n. 1. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2005.